

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA
LINHA DE PESQUISA: CULTURA E MEMÓRIA**

NATÁLIA CONCEIÇÃO SILVA BARROS

**ARQUIVOS DA VIDA, ARQUIVOS DA HISTÓRIA:
AS EXPERIÊNCIAS INTELLECTUAIS DE JOAQUIM INOJOSA E OS
USOS DA MEMÓRIA DO MODERNISMO**

RECIFE
2012

NATÁLIA CONCEIÇÃO SILVA BARROS

**ARQUIVOS DA VIDA, ARQUIVOS DA HISTÓRIA:
AS EXPERIÊNCIAS INTELECTUAIS DE JOAQUIM INOJOSA E OS
USOS DA MEMÓRIA DO MODERNISMO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutor em História

Orientador: Prof. Dr. Antonio Paulo Rezende

RECIFE
2012

Catálogo na fonte
Bibliotecária Divonete Tenório Ferraz Gominho, CRB4-985

B277a Barros, Natália Conceição Silva.

Arquivos da vida, arquivos da história: as experiências intelectuais de Joaquim Inojosa e os usos da memória do modernismo / Natália Conceição Silva Barros. – Recife: O autor, 2012

241 f.: il., 30cm.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Paulo Rezende.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-graduação em História, 2012.

Inclui bibliografia.



ATA DA DEFESA DE TESE DA ALUNA NATÁLIA CONCEIÇÃO SILVA BARROS

Às 14h.30min. do dia 24 (vinte e quatro) de fevereiro de 2012 (dois mil e doze), no Curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, reuniu-se a Comissão Examinadora para o julgamento da defesa de Tese para obtenção do grau de Doutor apresentada pela aluna Natália Conceição Silva Barros intitulada “ARQUIVOS DA VIDA, ARQUIVOS DA HISTÓRIA: AS EXPERIÊNCIAS INTELLECTUAIS DE JOAQUIM INOJOSA E OS USOS DA MEMÓRIA DO MODERNISMO”, em ato público, após argüição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder a mesma o conceito “APROVADA”, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Antonio Paulo de Moraes Rezende(orientador), Antônio Jorge de Siqueira, Angela Maria de Castro Gomes, Anco Márcio Tenório Vieira e Francisca Zuleide Duarte de Souza. A validade deste grau de Doutor está condicionada à entrega da versão final da tese no prazo de até 90 (noventa) dias, a contar a partir da presente data, conforme o parágrafo 2º (segundo) do artigo 44(quarenta e quatro) da resolução Nº 10/2008, de 17 (dezessete) de julho de 2008 (dois mil e oito). Assinam a presente ata os professores supracitados, o Coordenador, Prof.Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho, e a Secretária da Pós-graduação em História, Sandra Regina Albuquerque, para os devidos efeitos legais.

Recife, 24 de fevereiro de 2012.

Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende

Prof. Dr. Antônio Jorge de Siqueira

Prof^a. Dr^a. Angela Maria de Castro Gomes

Prof. Dr. Anco Márcio Tenório Vieira

Prof^a. Dr^a. Francisca Zuleide Duarte de Souza

Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho

Sandra Regina Albuquerque

Dedico esta tese aos que constroem a vida e a escrita com leveza, beleza e inventividade, sem medo do esquecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Colégio de Aplicação da Universidade Federal pela possibilidade da qualificação em serviço, pela redução de carga horária e liberações para participar de todos os eventos acadêmicos no percurso deste doutorado. Agradeço a Diretoria de Cultura da Fundação Joaquim Nabuco, instituição a que estive vinculada de 2008 a 2011, o apoio e a confiança na conciliação das atividades acadêmicas e das responsabilidades institucionais assumidas e por me possibilitar transitar, estreitar diálogos e experimentar as pontes entre o pensamento reflexivo e as ações formativas no campo da História e da Cultura Contemporânea. Nestas instituições tenho amigos queridos que apoiaram de maneira variada e em diferentes momentos este doutorado. Cada um, do seu jeitinho, me fortaleceu, me estimulou, possibilitando que eu me mantivesse firme diante das tantas mudanças na vida pessoal e profissional nesses quatro anos. Muito obrigada!

Sou grata pela seriedade e disponibilidade dos servidores da Fundação Joaquim Nabuco, Instituto Ricardo Brennand, Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ) e Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), instituições onde realizei minhas pesquisas. Grata pela alegria e paciência de Carmen e Sandra, funcionárias do Programa de Pós-Graduação em História. No início deste doutoramento, o imprescindível trabalho de pesquisa dos amigos-assistentes Gleyce Heitor, José Brito e Susana Ploeg foi fundamental para as redefinições desta tese; Agradeço a Professora Rosângela Patriota Ramos (UFU) e aos Professores Bruno Bontempi Junior (USP) e Fernando Antonio Faria (UFF) por, em momentos diferentes desta pesquisa, possibilitarem a apresentação e discussão dos meus textos nos Simpósios Nacionais da ANPUH no período deste doutorado. Agradeço ao Professor e

historiador Lucas Victor pelo convite para socializar minha pesquisa ao heterogêneo público da Bienal do Livro de Pernambuco de 2011.

Sou grata pelo compromisso, competência e generosidade dos meus professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em História. Agradeço especialmente às professoras Regina Beatriz Guimarães Neto e Isabel Guillen e aos professores Antonio Torres Montenegro e Jorge Siqueira. A Jorge Siqueira, sobretudo, pela criatividade nos seus cursos, pelo cuidado no preparo dos materiais das aulas, pela amorosidade com que trata cada um de nós, tornando a sala de aula um espaço de construção de conhecimento e amizade. Aos colegas professores do Centro de Educação, José Batista Neto e José Luís Simões e todos os companheiros da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Pernambuco – ADUFEPE, por não deixarem que eu me “alienasse” na tese, sempre me convidando e estimulando a participação e formação política na nossa UFPE.

Ao meu orientador Antonio Paulo Rezende, as palavras de agradecimento são um pálido reflexo do que eu sinto e mesmo do que sou capaz de dimensionar nessa trajetória formativa que vem desde o mestrado. Ele diz que sou rebelde, “braba” e ansiosa demais. Eu sempre lhe digo que não é nada fácil ser sua orientanda. Com ele, mestrado e doutorado é poesia, é música, é prosa, é viagem, é blog e facebook, é uma grande alegria, é confiança, é amizade, é leveza. No entanto, o meio acadêmico, em sua maioria, tem dificuldade de aceitar e construir um conhecimento que liberte, que horizontalize, que transforme o mundo e as pessoas. Então, o mestrado e o doutorado com ele, às vezes, é dúvida, incerteza e inseguranças. Tenho aprendido sobre a História e sobre a vida com ele de maneira muito especial. Sou-lhe extremamente grata por confiar em mim, às vezes, mais que eu mesma. Com Antonio Paulo Rezende eu pude pensar ao longo desses seis anos de Universidade.

Em São Paulo, agradeço o apoio logístico, intelectual e afetivo da minha querida amiga Fabrícia Jordão, historiadora dedicada da arte experimental; Ao professor Francisco Alambert (História-USP) agradeço as parcerias na formação em arte contemporânea, a interlocução e provocação intelectual e amizade construída desde 2008; Ao meu amigo, Tiago Soares, da Universidade Federal de Uberlândia, agradeço por ter me ensinado que a vida e a escrita pedem paciência, por ter tornado tudo menos árido nesses últimos seis meses e por ter me mostrado que as distâncias e as dimensões somos nós que inventamos.

Aos professores Dilton Cândido Maynard (UFS), Flávio Westein (UFPE), Erinaldo Cavalcanti (UFPE) e a professora Carolina Ruoso sou grata pela leitura crítica e pelas sugestões bibliográficas fundamentais na elaboração desta tese. Agradeço também aos professores Anco Márcio (UFPE) e Francisco Alambert (USP) pelas críticas e sugestões na banca de qualificação, significativas para alguns redirecionamentos interpretativos que nos esforçamos para alcançar; Agradeço especialmente aos amigos Ana Cândida Duarte e Edson Falcão pelas traduções do resumo do inglês e francês desta tese; Agradeço a paciência dos meus alunos do Colégio de Aplicação e do Centro de Educação; Agradeço o apoio e interesse dos amigos Mayara e Lindembergue do Grupo de Estudos de História da Arte – GEHA da UFRPE; Sou muita grata ao professor Francisco Cavalcanti pela generosidade em me auxiliar na formatação final dessa tese e por tornar esses últimos dias de escrita mais leves. Agradeço as amigas Érica Barbosa e Mayara Tiné pelo reforço na digitação da bibliografia e anexo da tese.

Aos amigos e amigas queridos, sou grata pela abertura para o diálogo e para as trocas afetivas e intelectuais. Não gostaria de esquecer nenhum deles. Sintam-se representados nos nomes que seguem: Carolina Cahu, Janaína Guimarães, Letícia Detoni, Cristiana Tejo, Joana D’Arc, Herrisson Dutra, Cristina Almeida, Lavínia Ximenes, Aécio,

Adriano, todas as meninas do SOE e SOEP do CAp-UFPE, Elayne, Lindete, Kátia Aquino, Valdir Filho, Caio Lucas e Giane.

A minha família, pela tolerância e paciência com minhas ausências, isolamentos e conversa infundável sobre velhos e intelectuais. Agradeço o amor e companheirismo do meu pai, da minha mãe e da minha irmã Bernadete; A minha família de coração: Adriana Rosa, Batista, Ivan Gonçalves, Érica Patrícia, Carolina Ruoso, Marluce Vasconcelos, Carmen, Zuleide, seu Danilo, Aninha, Alexandre Valdevino, Ana Luzia e Andréia Bandeira agradeço todo amor, toda alegria, todo apoio, paciência e tolerância neste doutoramento.

Vida (Mário Quintana)

Não sei

O que querem de mim essas árvores

Essas velhas esquinas

Para ficarem tão minhas só as de olhar um momento.

Ah! Se exigirem documentos aí do Outro Lado,

Extintas as outras memórias,

Só poderei mostrar-lhes as folhas soltas de um álbum de imagens:

Aqui uma pedra lisa, ali um cavalo parado

Ou

Uma

Nuvem perdida,

Perdida...

Meu Deus, que modo estranho de contar uma vida!

RESUMO

Mesmo sem controle sobre a vida, alguns sujeitos são perspicazes o bastante para perceberem que podem controlar as narrativas sobre sua vida. Narrativas capazes de gerar representações, nomeações e percepções de sua trajetória para si e para os outros, lhes delimitando e instituindo lugares sociais, políticos e intelectuais. Joaquim Inojosa, com vasta experiência nos campos jurídico, jornalístico e político, emerge nesta pesquisa como um desses hábeis mágicos da palavra e inventores do eu. Entre as décadas de 1960 e 1980, no Rio de Janeiro, por meio de publicações de teor autobiográfico sobre sua atuação na imprensa e dos usos estratégicos da memória de sua participação no Movimento Modernista da década de 1920, construiu redes de sociabilidade e buscou reconhecimento e legitimação intelectual capazes de autorizá-lo a ocupar as Academias Literárias. Construiu-se como *Arauto do Modernismo no Nordeste* e *Polêmico Crítico do Regionalismo*, representando o papel de escritor e protagonista da cultura brasileira, identidade associada a sua atuação no Recife no período de 1922 a 1928; Na escrita de seu Diário – *Livro Íntimo* - mobilizou o lamento, a dor, a percepção e representação da velhice e do pressentimento da morte para representar-se como escritor isolado e incompreendido. Percebemos que procurou manter uma soberania interpretativa sobre sua trajetória. Controle interpretativo exercido na historiografia, circunscrevendo suas experiências à cidade do Recife, e sobre a compreensão de sua trajetória, ao doar o seu acervo para o *Arquivo-Museu de Literatura* da Fundação Casa de Rui Barbosa. Dialogando com a documentação levantada, propomos uma aproximação das experiências e da construção da escrita de si deste intelectual. Seguindo as travessias da vida, produzidas nos livros e diários deste homem, percorrendo temporalidades e espaços múltiplos, jogando com os tempos de Inojosa, apontamos a complexidade das relações dos intelectuais com a política e a cultura, e os limites das explicações que tentam defini-los. Teoricamente, o objetivo da nossa narrativa é romper com a identidade fixa e com o controle narrativo, instituidores de sentido, pretendendo que as incertezas, dúvidas e inquietações possibilitem o surgimento de outras narrativas, outras práticas, outros lugares e diferentes tempos para o intelectual. Como contribuição, compartilhamos as nossas tentativas de compreender esse intelectual que desestabiliza, com o poder da memória e da palavra, as fronteiras geográficas de sua atuação. Nesta tese, entendemos a História como um território largo, profundo, propício as aventuras, as rotas alternativas, lugar de tudo, inclusive, de recomeço e imprevisibilidade para Joaquim Inojosa.

PALAVRAS-CHAVES: Joaquim Inojosa, Historiografia, Memória, Modernismo.

ABSTRACT

Despite not being able to control their own lives, some people are clever enough to notice that they can control the narratives about their lives. Narratives which are capable to create representations, nominations and perceptions of their path to themselves and others, delimiting and instituting social, political and intellectual places. Joaquim Inojosa, with his vast experience in legal, journalistic and intellectual fields emerges in this research as one of those skilled word magicians and inventors of the self. Between the decades of 1960 and 1980, in Rio de Janeiro, through autobiographic contents publishings about his performance on the press and the strategic uses of his memories as a part on the Modernist Movement of the 1920 decade, he built sociability nets and looked towards intellectual recognition and legitimation capable of authorize him to occupy the Literary Academies. Building himself up as the *Herald of the Modernism in the North-East* and a *Polemic Critic of Regionalism*, playing the role of writer and leading man of Brazilian culture, identity associated to his part in Recife due 1922 and 1928; in the writing of his Journal – *Intimate Book* – he mobilized the lament, the perception and the representation of the old age and the presentiment of death to represent himself as an isolated misunderstood writer. We realize that he to maintain an interpretative sovereignty about his path, an interpretative control exercised in the historiography, circumscribing his experiences to the city of Recife and about the comprehension of his path, by donating his collection to the *Arquivo-Museu de Literatura* of the Fundação Casa de Rui Barbosa. In dialogue with the documentation raised, methodologically, we propose an approachment of the experiences and the writing of self construction of this intellectual. Following the crossings of life, produced in the books and diaries of this man, traveling temporalities and multiple spaces, playing with Inojosa's time, we intend to point the complexities of the intellectuals' relations with the politics and the culture, and the poverty of the explanations that tries to define them. Theoretically, the objective of our narrative is to break with the fixed identity and with the narrative control that institutes sense, wanting that the uncertainties, doubts and concerns may allow the appearance of other narratives, other practices, other places and different places and times for the intellectual. As a contribution, we share our attempts to understand this intellectual that destabilizes with the power of memory and of the word and geographical frontier of his action. In this thesis, we understand History as a large, deep territory, propitious to adventures, to alternative routes, place of everything, including resumption and unpredictability to Joaquim Inojosa.

KEYWORDS: Joaquim Inojosa, Historiography, Memory, Modernism.

RÉSUMÉ

Même sans avoir le contrôle sur la vie, certains sujets sont assez perpicaces et perçoivent qu'ils sont capables de contrôler les narratives sur leur vie. Des narratives capables de gérer des représentations, des nominations et des perceptions sur leurs propres trajets et aussi celui des autres, délimitant et instituant des endroits sociaux, politiques et intellectuels. Joaquim Inojosa, avec une vaste expérience dans les domaines juridique, journalistique et politique, émerge dans cette recherche comme l'un des ces habiles magiciens de la parole et inventeurs du moi. Entre les années 1960 et 1980 à Rio de Janeiro, grâce à un contenu autobiographique de publications sur son travail dans la presse et l'utilisation stratégique de la mémoire de sa participation au mouvement moderniste des années 1920, il a construit des réseaux de sociabilité et il a cherché la reconnaissance et la légitimité intellectuelle capables de lui permettre d'occuper les Académies Littéraires. Se contruisant comme un *Héraut de la Modernité dans le Nord-Est et Un Critique Polémique du Régionalisme*, jouant le rôle d'écrivain et protagoniste de la culture brésilienne, identité associée à ses activités à Recife dans la période de 1922 à 1928 ; dans l'écriture de son journal intime - Livre Intime – il a mobilisé la plainte, la douleur, la perception et la représentation de la vieillesse et le pressentiment de la mort pour se représenter comme un écrivain isolé et incompris. Nous reconnaissons qu'il a cherché à maintenir une souveraineté d'interprétation sur sa trajectoire. Contrôle interprétatif qu'il a exercé sur l'historiographie limitant ses expériences à la ville de Recife, et sur la compréhension de tout son trajet en faisant don de sa collection à l'Archive-Musée de la Littérature de la Fondation *Casa de Rui Barbosa*. Dialoguant avec la documentation soulevée, méthodologiquement, nous proposons d'aborder les expériences et la construction de l'écriture de soi de cet intellectuel. Suivant les traversées de la vie, produites dans des livres et des journaux de cet homme, en cheminant au cours de temporalités et dans des espaces multiples, jouant avec les temps de Inojosa, nous voulons souligner la complexité des rapports des intellectuels avec la politique et la culture, et la pauvreté des explications qui tentent de les définir. Théoriquement, l'objectif de notre récit est de rompre avec l'identité fixe et le contrôle narratif, fondateurs de sens, défendant que les incertitudes, les doutes et les inquiétudes permettent que d'autres récits, d'autres pratiques, d'autres lieux et des temps différents pour l'intellectuel émergent. En guise de contribution, nous présentons au lecteur nos tentatives pour comprendre cet intellectuel qui déstabilise par le pouvoir de la mémoire et de la parole, les frontières géographiques de son action. Dans cette thèse, nous comprenons l'histoire comme un territoire vaste, profond, propice aux aventures, aux routes alternatives, un lieu de tout, y compris le recommencement et l'imprévisibilité de Joaquim Inojosa.

MOTS CLÉS: Joaquim Inojosa, Historiographie, Mémoire, Modernisme

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Joaquim Inojosa ao bacharelar-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife.....	59
Figura 2. Joaquim Inojosa, à direita, tendo ao lado o escritor Jorge Amado, companheiro de Jornalismo, quando este dirigia a página literária do Jornal Meio-Dia (Rio – 1939/1942). Foto em 1977, na residência de Guilherme Figueiredo.	91
Figura 3. Memórias do Jornal Meio-Dia publicados no livro 60 anos de Jornalismo de Joaquim Inojosa.....	93
Figura 4. Diário íntimo marcas de leituras e releituras	98
Figura 5. Joaquim Inojosa, da tribuna da Assembléia Legislativa, agradece o título de “Cidadão do Estado da Guanabara”.	129
Figura 6. Joaquim Inojosa em homenagem aos 80 anos de Menotti del Picchia em São Paulo.	130
Figura 7. Grupo representando a visita de Guilherme de Almeida ao Recife.....	141
Figura 8. Pedro Nava, Joaquim Inojosa e Carlos Drummond de Andrade, foto de 1982.	161
Figura 9. Joaquim Inojosa e José Américo de Almeida em 1968	163
Figura 10. Ascenso Ferreira, Mario de Andrade e Joaquim Inojosa na Praia de Boa Viagem, Recife 1927.....	165
Figura 11. Diário	169
Figura 12. Livro Íntimo 1986.....	178

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. A história bem comportada: a historiadora, os historiadores e suas inquietações.....	16
2. A História Labiríntica: as narrativas do intelectual e as artes dos historiadores	30
3. Arquivos da Vida, Arquivos da História: experiências com as fontes e teorias na operação historiográfica	36
4. Veredas: Joaquim Inojosa e suas memórias nas páginas da História	43
CAPÍTULO 1: TEMPOS DE ESTUDANTE: <i>OUSADIA, ENERGIA E AMIZADES</i> NA CONSTRUÇÃO DO CAMPO INTELECTUAL	48
CAPÍTULO 2: O PASSADO BATE À PORTA: MEMÓRIAS (IM)PERTINENTES.....	86
CAPÍTULO 3: BATALHAS PELA MEMÓRIA: JORNALISMO, MODERNISMO E AS CONSTRUÇÕES DO TEMPO REFERENCIAL.....	122
3.1. O Movimento Modernista em Pernambuco, lugar de memória e de construção do tempo referencial	130
CAPÍTULO 4: O ÚLTIMO DIA: OS MORTOS, SEUS ARQUIVOS E DIÁRIOS. 145	
4.1 A morte domada	149
4.2 Os amigos e a Biblioteca	157
4.3 Joaquim Inojosa no Arquivo-Museu de Literatura Nacional	165
4.4 Livro Íntimo – As narrativas de si nos diários	172
CAPÍTULO 5: O MÍNIMO DO MUNDO DE JOAQUIM INOJOSA.....	180
AS POSSIBILIDADES DA HISTÓRIA: À GUIA DE CONCLUSÃO	220
FONTES E BIBLIOGRAFIA	228
1. INSTITUIÇÕES DE PESQUISA	228

2. FONTES DOCUMENTAIS	228
2.1 Biografias e Memórias	228
2.2 Publicações de Joaquim Inojosa	229
3. Livros, Artigos, Dissertações e Teses.....	230
Anexos.....	242

INTRODUÇÃO

1 A história bem comportada¹: a historiadora, os historiadores e suas inquietações

*Inventamos sentidos para não nos perdermos diante de tantas perplexidades. O sentido nos dá a dimensão do cosmo, nos livra do caos e do aparente absurdo que nos cercam.*²

A pesquisa para o nosso doutoramento inicialmente estava interessada na produção das narrativas sobre a Arte Moderna, mais especificamente sobre as Artes Plásticas em Pernambuco³. O objetivo era entender as disputas narrativas que haviam constituído a Historiografia do Modernismo⁴. Investigávamos um conjunto de publicações – revistas, livros, artigos de jornais e catálogos – pretendendo entender como diferentes sujeitos sociais quiseram contar a história da produção artística moderna no nosso Estado. Entre outras questões, procurávamos entender os espaços de produção e difusão da escrita sobre

¹ O subtítulo é a maneira carinhosa de agradecer aos ensinamentos, contribuições e provocações do professor Jorge Siqueira. Em 2009, na avaliação do artigo *Arte aqui é luxo: práticas artísticas e crítica na imprensa dos anos 1920*, trabalho final da disciplina Seminário de Tese, ele considerou que meu texto conseguia dialogar com a bibliografia de base e com a documentação complementar, *sendo bem feito, bem escrito, muito bem comportado para os cânones da historiografia*. Fiquei intrigada com essa expressão à época. O artigo analisava a emergência da crítica de arte no Recife por meio do estudo da revista *Crítica* (1929) e da coluna de arte do *Jornal A Província* (1930). No entanto, o professor me alertava para não ceder ao “provincianismo empobrecedor” e dizia “temem que jogar com muita dose de criatividade para não cair naquelas brigas entre Gilberto e José Inojosa (sic), entre regionalismo nordestino e modernismo paulista...essas coisas todas que medeiam os discursos modernistas e que me deixam de saco cheio.” Foram palavras recebidas com alegria, por um lado, e medo, por outro, pois colocava um desafio: *quero ver seu texto de tese com um bom ritmo de narração, com leveza estilística e, principalmente, com um enredo de tirar o fôlego*. Sem dúvida, um significativo retorno para minha formação e um horizonte na caminhada da historiadora.

² REZENDE, Antonio Paulo. *Ruídos do Efêmero: histórias de dentro e de fora*. Recife: Editora da UFPE, 2010. P. 25

³ *Narrativas em Disputas: Memória e História da Arte Moderna em Pernambuco* foi o Projeto de doutorado apresentado no 1º semestre de 2009 no Programa de Pós-Graduação em História, após reformularmos o projeto *A Luta Antivenérea em Pernambuco: políticas públicas, gênero e eugenia na década de 1920*. A mudança de tema não se configurou em virtude da ausência de documentação ou bibliografia, mas, sobretudo, pelo nosso interesse, fruto da vivência no campo artístico, que percebíamos, naquele momento, como desafiador, repleto de naturalizações, aberto e carecendo de novas abordagens temáticas e metodológicas. Dessa maneira, nos afastando da História da Saúde e das Mulheres construíamos nosso percurso no campo da História da Arte.

⁴ Entendida como a produção escrita que procurou compreender as práticas artísticas entre os anos 1920 e 1960 no Brasil. Normalmente, no campo das artes visuais parte-se da Semana de Arte Moderna de 1922 como parâmetro dessa historiografia.

artes plásticas, quais eram os lugares sociais dos autores, que práticas artísticas eram narradas e ainda quais eram os diálogos teórico-metodológicos e políticos estabelecidos entre a produção crítica local, a produção nacional e a internacional.⁵ Seguindo as proposições de Michel De Certeau, entendíamos as narrativas sobre as Artes Plásticas em Pernambuco como uma *prática*, articulada a lugares de produção, procedimentos de análises e com seus métodos de construir pertinências e, para compreendê-la, precisaríamos sublinhar as singularidades dessas produções discursivas.⁶

Nossa intenção era delinear a trajetória da produção crítica sobre a arte produzida em Pernambuco, pondo em destaque a diversidade dessa produção e suas fronteiras com a política, a economia, as relações internacionais e, de modo geral, com a cultura. A documentação – revistas, catálogos e livros – era considerada na dupla dimensão de lugar de fermentação intelectual, de produção de conceitos e valores sobre a arte produzida na cidade do Recife e, também, como espaço de sociabilidade, de construção de afinidades, disputas e projetos⁷. As publicações, pinturas e relatos orais que emergiam recorrentemente nos apresentavam sujeitos, sobretudo homens, que por meio de sua atuação no campo artístico procuravam elaborar um passado comum, no mais das vezes, harmonioso e linear referente à História da Arte em Pernambuco. Esse passado, quase sempre, remetia-se ao confronto vivenciado na década de 1920 entre modernistas e regionalistas, particularmente

⁵Nessa fase da pesquisa a nossa interlocução dava-se, sobretudo, no campo da crítica de arte. As leituras dos textos de Lisbeth Rebollo Gonçalves e AnnateresaFrabris fundamentavam nossas definições temáticas. GONÇALVES, Lisbeth Rebollo; FABRIS, Annateresa (org.) *Os lugares da crítica de arte*. São Paulo: ABCA, Imprensa Oficial do Estado, 2005; FABRIS, Annateresa. *Estratégias Modernistas*. In: BASTAZIN, Vera (org.) *A Semanade Arte Moderna: desdobramentos (1922-1992)*. São Paulo: EDUC, 1992; Além dessas autoras, nos aproximávamos da historiografia sobre a crítica de arte. BERTOLLI, Mariza; STIGGER, Verônica. (org.) *Arte, Crítica e Mundialização*. São Paulo: ABCA, Imprensa Oficial do Estado, 2008. O diálogo com a crítica Glória Ferreira foi muito profícuo nesse sentido: FERREIRA, Glória. *Crítica de Arte no Brasil: temáticas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Funarte, 2006; CONTRIM, Cecília; FERREIRA, Glória. (org.) *Escritos de Artistas. Anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

⁶DE CERTEAU, Michel. *A Operação Historiográfica*. In: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. P. 65-123.

⁷Concepções tributárias de SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. RENÉ, Remond (org.) *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

entre o sociólogo Gilberto Freyre e o escritor Joaquim Inojosa.⁸ No entanto, percebíamos um esforço de continuidade dessa polarização nas produções e discursos circulantes, no mais das vezes, em busca de genealogias num ou noutro destes campos estéticos e políticos. Percebíamos as batalhas discursivas que tentavam enquadrar os sujeitos nesses delimitados territórios identitários.⁹

Ao nos aproximarmos da proposta teórico-metodológica de Jean-François Sirinelli, passamos a definir jornalistas, professores, artista, escritores e críticos como *intelectuais*, ressaltando seus engajamentos e suas representações como atores, testemunhas ou consciência nos discursos e práticas artísticos na cidade.¹⁰ Nosso interesse teórico centrava-se no poder das narrativas desses sujeitos intelectuais como mediadoras e instituidoras de nossas percepções e representações sobre as práticas sociais do presente e do passado.¹¹

⁸SILVA, José Cláudio da. *Tratos da arte de Pernambuco*. Recife: Governo do Estado, Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, 1984; BARROS, Souza. *A década 20 em Pernambuco: uma interpretação*. Rio de Janeiro, s/e. 1972; AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984; REZENDE, Antonio Paulo. *Desencantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.

⁹A exposição Pernambuco Moderno e o texto curatorial do crítico carioca Paulo Herkenhoff emergem nesse âmbito de definir o que é e o que não é moderno, questionando se antes de 1922 havia ou não modernismo em Pernambuco. E, o que consideramos problemático, arvora-se em julgar, definir e medir a influência de Gilberto Freyre e de Joaquim Inojosa na produção artística local. Paulo Herkenhoff foi em 1998 o curador da XXIV Bienal de São Paulo, conhecida como a Bienal da Antropofagia, marcada pela centralidade na produção artística brasileira. Desde então circula em vários Estados do país, principalmente do Norte e Nordeste proferindo conferências sobre o modernismo. Conforme ele, seu projeto curatorial buscou uma questão de importância histórica na arte brasileira e procurava trazer essa discussão para o cenário contemporâneo. Diz assumir a Antropofagia como posição teórica: um projeto de emancipação cultural, autônomo, mediante a contribuição de outras culturas; um assunto transversal à história da cultura nacional, irredutível a uma única imagem. Consideramos suas abordagens, algumas vezes, tão cristalizadoras de identidades quanto as que pretende desfazer mostrando que havia modernismo nos Estados antes da Semana de Arte Moderna de 1922. Parece-nos mais um uso estratégico do provincianismo na ampliação de mercado do crítico. Cf. HERKENHOFF, Paulo. *Do Recife, Para o Mundo: O Pernambuco moderno antes do modernismo*. In: Pernambuco Moderno. Catálogo produzido pelo Instituto Cultural Bandepe. 2006.

¹⁰A pesquisa dialogava teoricamente com o texto de Jean-François Sirinelli. *Os intelectuais*. In: RENÉ, Remond (org.) Por uma História Política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. O entendimento da proposta teórico-metodológica desse autor foi mediado pelas leituras de alguns textos de Angela de Castro. GOMES, Angela de Castro. *As aventuras de Tibicuera: Literatura Infantil, História do Brasil e Política Cultural na Era Vargas*. Revista USP, São Paulo. N. 59. P. 116-133; Idem. *Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: o caso de festa*. Luzo-BrasílianReview. 41.1 (2204) P.80-106.

¹¹O entendimento teórico sobre as narrativas como prática cultural geradora de representações, nomeações e percepções sobre o mundo e sobre os sujeitos, emergiu durante a pesquisa e escrita da nossa dissertação de

Na fase inicial da pesquisa não consideramos pertinente a delimitação do recorte temporal, pois era necessária uma pesquisa ampla já que sabíamos do caráter lacunar, fragmentário e disperso das nossas fontes. A proposta de investigação inseria-se num movimento de crescente interesse por pesquisas e debates sobre a História e a Historiografia das Artes Plásticas em Pernambuco, fomentado por instituições de arte no Recife e por alguns críticos, curadores e artistas.¹² O nosso interesse por esse campo temático havia surgido em 2007 durante as pesquisas e os estudos para requalificação do acervo do Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães. Nosso grupo, naquela ocasião, percebia a predominância de um material impressionista e memorialístico sobre as artes plásticas em Pernambuco e a ausência de estudos sustentados pela pesquisa documental e teórica.¹³

No início de 2010, após as leituras sobre Crítica e Historiografia do Modernismo e avançando na leitura das fontes, circunscrevemos nosso objeto de pesquisa à produção textual do jornalista Joaquim Inojosa sobre o Modernismo em Pernambuco, buscando, por meio de sua produção escrita nos anos 1920, compreender menos o seu lugar de difusor do modernismo e mais a sua atuação como crítico e mediador cultural do gosto estético na cidade do Recife. Intencionando contribuir no campo da história dos intelectuais, buscávamos descobrir os itinerários, as redes de sociabilidade, o pensamento e os lugares

mestrado *As mulheres na escrita dos homens: representações de corpo e gênero na imprensa do Recife nos anos vinte*, sob orientação de Antonio Paulo Rezende. Nosso campo teórico construiu-se no diálogo com: DE CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002; DE CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano*. Vol. 1. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994; CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Difel: Lisboa, 2002; FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979; BAUDRILLARD, Jean. *A Troca Impossível*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002; DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

¹² A Diretoria de Cultura da Fundação Joaquim Nabuco, o Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães-MAMAM, o Museu Murillo La Greca e o Instituto Ricardo Brennand eram instituições fomentadoras de muitas palestras e cursos de formação sobre essa temática. A crítica e curadora de arte independente Cristiana Tejo, o pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco, crítico e curador Moacir dos Anjos e a historiadora e arte-educadora Joana D'arc de Souza Lima, dentre outros sujeitos, podem ser apontados como os principais articulares de um pensamento crítico e reflexivo nesse campo.

¹³ O grupo, de caráter interdisciplinar, iniciativa da diretoria do MAMAM, era formado por historiadoras, estudantes de artes plásticas, jornalistas, críticas de arte e um museólogo.

de difusão das ideias desse intelectual. Sabendo do caráter polissêmico e polimorfo da noção de intelectual, compreendendo a dificuldade de definir contornos e estabelecer coerência e homogeneidade a suas práticas, perseguíamos as experiências, as propostas estéticas e políticas desse indivíduo no Recife.¹⁴

Na década de 1960, Inojosa reuniu na forma de livros uma farta documentação composta de matéria de jornais, cartas, trechos de livros, fotografias, depoimentos sobre o modernismo. Entre 1968 e 1969 publicou o *Movimento Modernista em Pernambuco*¹⁵, coleção composta de três livros contendo um *arquivo* documental dedicado a quem chamava de *geração de sua mocidade*. Além desses livros, a edição fac-similar da carta literária *A Arte Moderna* de 1924, republicada em 1984, compunha a nossa documentação de base.

Nas memórias e na historiografia do modernismo e da cidade do Recife, na década de 1920, a figura de Joaquim Inojosa emerge como difusor do modernismo paulista e como crítico cultural, que por meio das revistas *Mauricéia*, *A Pilhéria* e do *Jornal do Comerciocombatia* o *passadismo*, personificado no *parnasianismo e regionalismo*.¹⁶ Os livros *Desencantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte* de Antonio Paulo Rezende e *Modernismo e Regionalismo* de Neroaldo Pontes de Azevedo, são produções historiográficas fundamentais que se debruçam sobre esse intelectual o inserindo nos embates, projetos estéticos e políticos que circulavam no Recife da década de 1920. Esses historiadores, com rigor documental e com seus posicionamentos teóricos, procuraram compreender as tensões entre Gilberto Freyre e Joaquim Inojosa, reconstruindo

¹⁴ SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, R. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003; NOVAES, Adauto (org.). *Os silêncios dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006; RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; ROLLAND, Denis (org.) *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

¹⁵ INOJOSA, Joaquim. *O Movimento Modernista em Pernambuco*. Rio-Guanabara: Gráfica Tupy, 1968-69. Doravante usaremos MMP para citarmos esses livros.

¹⁶ SOUZA BARROS, Manuel de. *A década 20 em Pernambuco: uma interpretação*. Recife: PCR, 1985; idem. *Um Movimento de Renovação Cultural*. Recife:

as práticas culturais e políticas da cidade, principalmente entre 1922 e 1928. Por meio do diálogo com essa historiografia, começamos a aprofundar e redefinir nossas questões, repensando nossas perguntas e nosso *objeto* de pesquisa.

Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco, de Neroaldo Pontes de Azevedo, publicado em 1984, propôs *reconstituir* a história da expansão do Modernismo da Semana de Arte de 1922 e a retomada do regionalismo nos anos 1920 em Pernambuco, tomando como fontes primárias os jornais e revistas que circulavam em Recife naquela década. A questão desse pesquisador era fornecer elementos que, segundo afirma, possibilitassem *uma compreensão exata das repercussões do modernismo* (grifo nosso), *bem como da pregação regionalista, particularmente no que diz respeito à atividade literária*.¹⁷ A investigação, no campo da história da literatura, inseria-se num projeto amplo de pesquisas de periódicos, iniciado na Universidade de São Paulo e com desdobramentos na Universidade Federal da Paraíba, que pretendia, conforme aparece na apresentação do livro, *definir as repercussões do modernismo no Nordeste*. O livro, originalmente uma tese de doutorado defendida em 1983 na Universidade de São Paulo, obteve o prêmio Othon Bezerra de Mello/83 da Academia Pernambucana de Letras.

A busca de uma verdade, a afirmação de neutralidade e a confiança nas fontes de pesquisa são pontuadas enfaticamente na apresentação do livro. Embora o pesquisador indique que não se trata de uma leitura ingênua do documento, seus posicionamentos são indicativos das abordagens teóricas e metodológicas que procuram a legitimação científica e obscurecem o teor interpretativo das análises: *“Cabe notar que não se trata aqui de submeter a um juízo crítico a literatura produzida em Pernambuco na década em estudo. Também não se trata de comprovar alguma hipótese, didaticamente preestabelecida. Trata-se, isto sim, de examinar, na medida do possível, através da consulta aos jornais e*

¹⁷ AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e Regionalismo*. João Pessoa, Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984. P. 13.

revistas da época, como se deu a expansão do modernismo em Pernambuco e o que significou a retomada da pregação regionalista no mesmo Estado, **numa busca constante de objetividade, mergulhado no documento, sem fazer ilações que este não autorize (grifo nosso).**¹⁸ O pesquisador se constrói como mediador dos debates entre Joaquim Inojosa e Gilberto Freyre, ressaltando que modernistas e regionalistas, em suas obras e depoimentos, tinham interesse em salientar o mérito de sua atuação e de seu grupo, em detrimento uns dos outros, no que chama de *enganos propositais e, sobretudo, omissões*. Nas conclusões do seu livro, depois de apontar para a complexidade das relações entre modernistas e regionalistas na década de 1920 e de seus envolvimento com os grupos políticos locais, apresenta sua conclusão: *Joaquim Inojosa é o importador do modernismo*.

A leitura do livro de Neroaldo Pontes nos causava inquietação não apenas pela pretensa neutralidade do pesquisador, por construir sua narrativa centrada na busca pela verdade do pioneirismo de Joaquim Inojosa como difusor do modernismo e sobre as influências do regionalismo ou do modernismo na literatura dos anos 1930, mas, principalmente, por percebermos as redes intelectuais de onde sua pesquisa pretensamente isenta emergia. Com uma leitura interessada em compreender os lugares da pesquisa, uma nota de rodapé despertou nosso interesse. Nela, o autor aponta os espaços de realização de sua pesquisa, descrevendo os arquivos onde construiu suas fontes. Como não lembrarmos as disputas entre os intelectuais da Universidade de São Paulo e o sociólogo Gilberto Freyre? A pesquisa de Neroaldo Pontes traria, nos anos 1980, marcas dessas disputas intelectuais entre os considerados intérpretes do Brasil?¹⁹

No entanto, o que intensamente aguçou nosso interesse foi a indicação do *Acervo de Joaquim Inojosa*, no Rio de Janeiro. Não deixava de ser um significativo dado por nos

¹⁸ AZEVEDO, Neroaldo Pontes. Op.Cit. P. 13.

¹⁹ Cf. MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1974; AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando Luís (org.) *Intérpretes do Brasil: Cultura e Identidade*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

apresentar Inojosa em outro espaço geográfico, vivo em 1983, e nos indicar sua participação na realização da pesquisa. Quais os sentidos da generosa abertura dos arquivos? Havia ao final da apresentação um agradecimento a esse escritor pela permissão de acesso aos seus arquivos e pelo apoio para a edição do livro. Percebíamos que o cruzamento dessas trajetórias, desse entrelaçamento de lugares sociais na década de 1980 poderia nos indicar mais sobre a historiografia do modernismo em Pernambuco e sobre o projeto de modernismo do crítico Joaquim Inojosa do que se mantivéssemos a delimitação da pesquisa circunscrita à cidade do Recife nos anos 1920.

A nossa proposta de História, diferente daquela dos anos 1980, de onde partia a pesquisa de Neroaldo Pontes, entende que as palavras não operam como representação mágica que ao ser enunciadas revela o conhecimento de forma clara e objetiva. Entendemos que a história e o historiador constroem sentidos, provisórios, precários e que, os objetos, as coisas, os seres só ganham significados mediante o estudo de suas práticas, de suas relações.²⁰ Dessa forma, *Modernismo e Regionalismo* não era apenas uma narrativa sobre as disputas entre regionalistas e modernistas na década de 1920, mas poderíamos significá-la como um indício ou marca de tensões mais recentes sobre a memória daqueles projetos dos anos vinte.

Afinal, com o historiador Antonio Paulo Rezende, autor de *(Des)encantos Modernos*, tese de doutorado em História, defendida na Universidade de São Paulo dos anos 1990, sob orientação da professora Maria de Lourdes Janotti, aprendíamos que *o historiador tem também um toque de imaginação no seu ofício. Não cabe a ele reproduzir o passado como ele realmente aconteceu, mas ele não é um ficcionista. Desenhamos*

²⁰ VEYNE, Paul. *Como se escreve a História: Foucault revoluciona a História*. Brasília: Ed. UnB, 1998; MONTENEGRO, Antonio. *História, Metodologia, Memória*. São Paulo: Contexto, 2010; REZENDE, Antonio. *Ruídos do Efêmero: histórias de dentro e de fora*. Recife: Ed. UFPE, 2010.

*ossos caminhos dentro de territórios múltiplos, de fronteiras móveis e frágeis.*²¹ A tese *Desencantos Modernos: história da cidade do Recife na década de vinte* foi publicada na forma de livro em 1997. A paixão pela cidade do Recife aparece como o motor da narrativa desse historiador, não há uma busca de verdades, de sentidos absolutos em seu texto, sua História é a que pretende estabelecer o diálogo com a Literatura. O Recife da década de 1920 emerge de suas páginas agitado, permeado dos encantos e desencantos da modernidade e da modernização, com as discussões intelectuais e também com as algazaras do cotidiano, dos populares. Além da imprensa, da literatura, dos memorialistas, sua história dialoga com a filosofia e, principalmente, com o seu lugar de historiador inserido no debate do pretense fim da história: *a nossa escolha está relacionada com trabalhos anteriores, mas, ao mesmo tempo, tenta enveredar por caminhos mais contemporâneos e polêmicos. (...) O nosso tempo está envolvido na crise da modernidade, preso as inquietações que chegam a admitir o fim da História. Mergulhamos no nosso tempo, nas questões que nos incomodam, nas suas relações com o tempo passado que já havíamos visitado, na busca de lutas e sonhos do movimento operário, das resistências cotidianas.*²²

O Joaquim Inojosa das páginas de *Desencantos Modernos* aparece envolto nos debates intelectuais da cidade. Tanto ele quanto Gilberto Freyre são homens debatendo ideias, propondo projetos, disputando espaços, entrecruzados pelos dilemas do antigo e novo. Antonio Paulo Rezende centra suas análises nos *contrapontos* dos espaços políticos e dos lugares intelectuais desses sujeitos. Não se preocupa com o pioneirismo de Inojosa, como Neroaldo Pontes nos anos 1980. Mas, procura em sua narrativa delinear a atuação desses sujeitos e compreender o que chama de “*ponte inicial entre Joaquim Inojosa e os*

²¹ REZENDE, Antonio Paulo. (Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997.

²² Idem. P. 14

modernistas da paulicéia” e o “tradicionalismo ao seu modo modernista ou modernista ao seu modo tradicionalista de Gilberto Freyre.

As análises de Antonio Paulo Rezende são construídas com base nos artigos produzidos por Joaquim Inojosa na década de 1920. Para o historiador, “*Joaquim Inojosa, pernambucano, nascido em 27-03-1901* (grifo nosso), *tem atuação destacada no meio intelectual recifense da década de vinte. Bacharel em direito e jornalista contribui com seus artigos e crônicas em vários órgãos da imprensa pernambucana como o jornal do Commercio, A Pihéria, Mauricéia, A Província, A Rua, Rua Nova entre outros.*”²³ Antes de construir suas interpretações, o historiador destaca: “*deixou uma obra importante para o estudo do modernismo, explorando e reunindo uma farta documentação composta de artigos de jornais e revistas, fotos, correspondências, registrando as polêmicas e transcrevendo trechos das obras de autores modernistas*” (grifo nosso). O historiador releu três artigos de Inojosa para tecer suas considerações sobre os *lugares do modernismo*: O que é Futurismo (publicado no jornal “A Tarde”, Recife, 30-10-1922), A Arte Moderna (Recife, 1924) e O Brasil Brasileiro (palestra realizada a convite da diretoria da Sociedade Foot-Ball Club, em Moreno, 8-8-1925). Os primeiros artigos foram publicados logo após o retorno de Joaquim Inojosa de São Paulo, local de sua passagem depois de participação nas Comemorações do Centenário da Independência no Rio de Janeiro e de encontro com os participantes da Semana de Arte Moderna. Da leitura de *Desencantos Modernos*, especificamente do capítulo dedicado a Joaquim Inojosa, duas questões despertaram nosso interesse: as fontes da pesquisa e as datas de nascimento dos indivíduos abordados.

²³ REZENDE, Antonio Paulo. Op. Cit. P. 167.

A documentação utilizada havia também sido disponibilizada por Joaquim Inojosa. Dessa vez, não era o arquivo pessoal que havia sido aberto, mas o *arquivoprovocado*,²⁴ ou seja, uma documentação da sua participação nos debates sobre o modernismo no Nordeste dos anos vinte. Percebíamos que eram livros publicados na década de 1960 e haviam se tornado fontes para os historiadores. Numa cidade em que os arquivos públicos não preservam de maneira adequada os periódicos, não organizam e disponibilizam de maneira conveniente seus acervos, numa época em que os doutoramentos eram feitos fora da cidade – Antonio Paulo Rezende escreveu sua tese sobre o Recife morando em São Paulo, onde estudava – e numa época em que os deslocamentos dos pesquisadores do Nordeste para arquivos no eixo Sul-Sudeste eram difíceis, devido aos custos com as viagens aéreas - a coletânea de documentos de Joaquim Inojosa era preciosa.

Mas, como destaca Elizabeth Rudinesco, todo o historiador é fascinado por arquivo. Como aquele arquivo havia sido formado? Onde estaria aquele acervo cuidadosamente organizado? Afinal, *não há como admitir que o arquivo (destruído, presente, excessivo ou apagado) é a condição da história*.²⁵ Que desejo de memória e história atravessaria a publicação dos volumes do *Movimento Modernista em Pernambuco*? Não era o olhar positivista dos historiadores de outrora que nos guiava, mas o debate sobre os deslocamentos analíticos dos historiadores, sobre as possibilidades de criação da história por meio das narrativas. Percebíamos aqueles livros como uma possível *experiência intelectual* tão relevante quanto a sua participação na cidade do Recife dos anos 1920 e percebíamos a potência daquelas narrativas que desde a década de 1960 circulavam nos campos da história e da literatura instituindo uma identidade a Joaquim Inojosa. Com o

²⁴Expressão tributária de BECKER, Jean-Jacques. *O Handicap do a posteriori*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.) Usos & Abusos da História Oral. Editora da FGV, 2006. P. 27-31. Nesse texto o historiador comenta sobre os limites das fontes orais e do perigo de elas se tornarem a única fonte para os pesquisadores. A expressão é para nos alertar do perigo de uma história de fonte única, pensamos que é pertinente no caso das publicações de JI sobre o Modernismo em Pernambuco.

²⁵ ROUDINESCO, Elizabeth. *A análise e o Arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. P. 9.

historiador Antonio Paulo Rezende, dialogávamos, não mais sobre o “Joaquim Inojosa, intelectual dos anos 1920”, mas sobre o “Inojosa narrador” de sua história, pois, entendemos que *querer narrar e não desistir de narrar assegura a continuidade dos tempos históricos. Podemos manter-nos vivos por meio da narrativa dos outros, como também reinventamos o mundo.*²⁶

Porém, estabelecíamos outro deslocamento interpretativo na história que nos apresentava Joaquim Inojosa no Recife dos anos 1920. Afinal, como destaca François Bédarida, *toda interpretação histórica depende de um sistema de referência subjacente e que, por conseguinte, qualquer análise de um “dado” remete à subjetividade do historiador. Em outras palavras, os “fatos” originam-se de uma escolha, pois já estão constituídos pela introdução de um sentido na “objetividade”, ainda que provenham de materiais oriundos das sombras dos arquivos e revelados pelo engenho do historiador.*²⁷ A data de nascimento, sutilmente apresentada, 27/03/1901, não poderia nos passar despercebida. Bem como as referências geracionais nos artigos inseridos no *MMP*:

*A literatura brasileira atravessa atualmente uma fase de descaso dominical. Os velhos, tendo trabalhado durante a semana, alapardam-se burguezmente a dormir o sono dos satisfeitos. Aos moços cabe romper contra a apatia e dar, a esses dias monótonos, em tons alegres de festa, de ânsias, de sonhos.*²⁸

Percebíamos que os *intelectuais* apresentados pela historiografia do modernismo em Pernambuco eram jovens, homens, de menos de trinta anos. Gilberto Freyre tinha 23

²⁶ REZENDE, Antonio Paulo. *Os Sinais da História*. In: Ruídos do Efêmero: histórias de dentro e de fora. Recife: Editora da UFPE, 2010. P. 27; É uma concepção de História e Narrativa assentada no pensamento de Walter Benjamin. A pesquisa e a escrita neste doutoramento dialogam intensamente com as perspectivas teóricas e políticas desse filósofo. Cf. BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas. Volume I. São Paulo: Brasiliense, 1994; BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única*. Obras Escolhidas. Volume II. São Paulo: Brasiliense, 2000.

²⁷ BEDARIDA, François. As responsabilidades do Historiador Expert. In: Passados Recompuestos. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/FGV, 1998.

²⁸ INOJOSA, Joaquim. Que é futurismo? (Carta ao Dr. Farias Neves Sobrinho). “A Tarde”. Recife, 30/10/1922.

anos e o Joaquim Inojosa que circulou nos ateliês e casa dos paulistas da Semana de Arte Moderna era um jovem de 21 anos de idade. Mário de Andrade, considerado a grande influência daquela agitada Semana de Arte, tinha 29 anos quando publicou *Paulicéia Desvairada*. Oswald de Andrade tinha 32 anos e Tarsila do Amaral, para nossa surpresa, era quase uma senhora para os padrões da época, tinha 36 anos. Significava que os principais debates políticos e estéticos da década na nossa cidade foram conduzidos por *rapazes*, expressão que emergia da documentação e não apreendíamos com tanta clareza, e *jovens*.

A frase até então solta no texto de *Jean – François Sirinelli* começava a fazer sentido: *o estudo dos intelectuais como atores do político é, portanto, complexo.*²⁹ Entender esses *modernistas* como jovens, estudantes, acadêmicos, nos lançava o esforço do deslocamento de sentidos e significados necessários ao ofício do historiador. Nossos arquivos subjetivos eram remexidos. Como esses jovens tinham se formado? Que autores liam? Além das tradicionais faculdades de direito e medicina, onde construíam seu repertório intelectual? Quais semelhanças e diferenças guardavam sua formação com a dos jovens da contemporaneidade? Investigar a formação desses rapazes, situando-os historicamente, puxando os fios de suas experiências intelectuais parecia uma possibilidade de nos afastarmos do anacronismo, considerado o pecado dos historiadores.

O livro de Maria Lúcia Palhares–Burke, *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos* delineia interessante parte da trajetória formativa de Gilberto Freyre. Aborda suas redes de formação acadêmica, apresenta suas relações com a leitura, a construção de sua biblioteca, as relações do futuro autor de *Casa-Grande & Senzala* com seus professores, colegas de universidade, suas inseguranças e projetos de carreira. Por meio de uma vasta documentação, principalmente, nos arquivos das universidades americanas, essa

²⁹ SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais: por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora da UF

historiadora constrói um Gilberto Freyre com cara de aprendiz, mesmo que já lhe rondassem os ares de mestre. Mas, certamente, a história de Palhares-Burke tem espaço para lacunas, hesitações, medos e dúvidas, sentimentos que, muitas vezes, assombram os jovens estudantes.³⁰

Do encontro com essa narrativa, começamos a nos inquietar não apenas com o Joaquim Inojosa fora de Pernambuco, mas também em compreender as experiências formativas e intelectuais daquele considerado o *rival intelectual* de Gilberto Freyre. Percebíamos como a vasta bibliografia sobre o sociólogo Gilberto Freyre contrastava com a exígua bibliografia que trata sobre seu *outro*.³¹ Portanto, além de compreender aquele *Guardião da Memória do Modernismo*, pretendíamos entender como o *Rival de Gilberto Freyre* havia se formado intelectualmente. Mas, como não aprisioná-lo ou reforçarmos lugares a - históricos?

Da leitura da historiografia, saíamos com muitas inquietações, inclusive sobre o poder das narrativas teorizado pelos historiadores, e com a vontade de *rachar as palavras*, investigando os significados elaborados em torno da trajetória desse sujeito.³² Percebíamos que a maioria das narrativas tangenciava apenas uma pequena parte da existência do indivíduo Joaquim Inojosa, mas tinham sido capazes de naturalizar e cristalizar territórios e traços identitários. Como conhecermos outras experiências desse indivíduo? Decidimos seguir com o filósofo e educador chileno Antonio Faundez, aceitando que *o início do*

³⁰ PALHARES-BURKE, Maria Lúcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.

³¹ Sobre a formação intelectual de Gilberto Freyre. REZENDE, Antonio Paulo. *Freyre: as travessias de um diário e as expectativas da volta*. In: GOMES, Angela de Castro (org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. P. 77- 92.

³² MONTENEGRO, Antonio. *Rachar as palavras: uma história a contrapelo*. In: *História, Metodologia, Memória*. São Paulo: Contexto, 2010; DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34. 1992.

*conhecimento é perguntar. E somente a partir de perguntas é que se deve sair em busca de respostas, e não o contrário.*³³

2 A História Labiríntica: as narrativas do intelectual e as artes dos historiadores

*Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro. Essa arte aprendi tardiamente.*³⁴

No exercício de situar os discursos, inclusive os da história, e entendê-los como uma prática,³⁵ inserido num lugar de produção, outras dimensões da vida do jornalista, advogado, industrial e escritor que viveu de 1901 a 1987, emergiram e consolidaram nossa proposta de tese. Além dos documentos referentes ao modernismo de 1920 em Pernambuco, os três volumes do *Movimento Modernista em Pernambuco* traziam muitas páginas com depoimentos, cartas, dedicatórias de livros, perfis biográficos, fotografias de vários escritores consagrados na literatura nacional como amigos e admiradores de Joaquim Inojosa, a exemplo de Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Peregrino Junior, Plínio Doyle, Assis Chateaubriand, insinuando uma atividade intelectual e política ativa na década de 1960. Que mapas de interesses e redes de sociabilidades Inojosa teria construído após a década de 1920? Como aquele jovem que era representado como polêmico e inquieto havia se posicionado no cenário cultural e político do país? Além dos

³³ FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. P. 46.

³⁴ BENJAMIN, Walter. *Infância em Berlim por volta de 1900: Tiergarten*. In: *Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 2000. P. 73.

³⁵ O conceito de prática remete às maneiras múltiplas de elaborar por meio da escrita significados. É pensar a palavras como fabricante do mundo e imbuída de poder. A historiografia como prática, como operação produtora de sentidos é uma herança do teórico Michel De Certeau. *Teorias da Arte de Dizer*. In: *A invenção do cotidiano*. RJ: Vozes, 1994. P. 109-169.

textos sobre o modernismo quais seriam seus outros temas de pesquisa e produção intelectual?

Em 1975, Joaquim Inojosa publicou *Os Andrades e outros Aspectos do Modernismo*, conjunto de crônicas veiculadas em jornais do Rio de Janeiro e São Paulo nas décadas de 1960 e 1970. Além de trazer registros sobre o Modernismo, importante movimento de renovação cultural ocorrido no Brasil e gerador de muitas polêmicas historiográficas, os arquivos produzidos por esse intelectual, nascido em Pernambuco, mas morador do Rio de Janeiro a partir de 1930, pareciam passíveis de serem analisados a partir de uma perspectiva autobiográfica, encarando tais documentos como um esforço de consolidação de uma identidade, de construção de uma escrita de si, empreendida pelo velho Joaquim Inojosa. Portanto, o que a pesquisa passava a nos informar era que o escritor não havia restringido sua atuação intelectual aos anos 1920, que as décadas de 1960 e 1970 foram para ele de intensa produção bibliográfica e que, diferentemente do que a historiografia nos mostrava, ele havia envelhecido.

Seguir as trilhas de Joaquim Inojosa, suas experiências de vida e de escrita em outros espaços geográficos e temporais, significou expandir os territórios e os métodos de nossa prática de pesquisa, nos confrontando com os avanços, limites e desafios do fazer historiográfico na contemporaneidade, marcado pela comunicação instantânea, mediada pelas novas tecnologias, pelas redes sociais, pela disponibilidade dos acervos digitais. Para elaborarmos o *nosso arquivo, o corpus documental* da tese, além dos deslocamentos geográficos para centros de pesquisas em São Paulo e Rio de Janeiro, o uso da WEB, sobretudo, dos sebos virtuais e do facebook³⁶, foi fundamental. Compartilhar a experiência

³⁶ Por meio da rede social *Facebook* foi possível localizar os familiares de Joaquim Inojosa em Pernambuco e no Rio de Janeiro, etapa necessária para termos acesso a documentação da FCRB. A instituição não possuía os contatos dos responsáveis pelo acervo que, segundo os funcionários é praticamente inexplorado pelos pesquisadores e não teve a catalogação concluída. Por telefone conseguimos a autorização e a promessa de

de construção do acervo dessa pesquisa é mantermos a discussão sobre a política de memória que permeia a obra e a trajetória de Joaquim Inojosa.

Atualmente, toda a produção bibliográfica de Joaquim Inojosa encontra-se esgotada e fora de circulação nas livrarias do país. Iniciamos a nossa busca nas bibliotecas da Universidade Federal de Pernambuco e da Fundação Joaquim Nabuco. Nestas instituições, localizamos: os livros referentes à temática do Modernismo em Pernambuco e aos confrontos com Gilberto Freyre: *Escritos Diversos: Críticas e Polêmicas* (1962); *Arte Moderna* (1924/1986), *Movimento Modernista em Pernambuco* (3 volumes. 1968;1969); *Um Movimento Imaginário* (1972), *Carro Alegórico: nova resposta a Gilberto Freyre* (1973); *Pá de Cal* (1978); *Sursum Corda* (1981); *Os Andrades e outros aspectos do Modernismo* (1975); o livro autobiográfico *Notícias bibliográficas de Joaquim Inojosa* (1975) e o texto biográfico *Presença de Inojosa*, de Enéas Athanásio (1985).

De maneira geral, a base documental das pesquisas anteriores sobre Joaquim Inojosa circunscreveu-se a este acervo construído a partir dos anos 1960 pelo escritor. Na nossa tese, essa documentação possibilitou uma primeira aproximação com as experiências de edição e construção da memória. Pensando com Pierre Nora, os livros acima foram entendidos como *lugares de memória*, ou seja, criações não espontâneas, portadoras de sinais de reconhecimento e de pertencimento desse indivíduo, construídos por meio de um diversificado conjunto de ações diretamente ligadas à escrita de si e à constituição de uma memória de si.³⁷

O diálogo com a historiografia que discute a escrita de si, campo de debate tradicional na literatura, porém relativamente recente no âmbito historiográfico, foi fundamental. A escrita de si abarca diários, correspondência, biografias, autobiografias,

ida da sobrinha Gina Inojosa a instituição de pesquisa, para atualização dos dados. Até o fechamento dessa tese, a família do escritor não procurou a Fundação Casa de Rui Barbosa.

³⁷ Cf. NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. Revista do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento em História da PUC-SP. 1981.

independente de serem memórias ou entrevistas de história de vida. Conforme Angela de Castro Gomes, uma escrita produzida não apenas por literatos ou políticos, mas mesmo por pessoas anônimas, demonstrando que é do espaço privado que avultam em importância as práticas de uma escrita de si. Por meio desse referencial teórico-metodológico, que insere a escrita auto-referencial ou escrita de si num conjunto de modalidades do que se convencionou chamar *produção de si*, levando em conta a relação que o indivíduo estabelece com seus documentos, começamos a investigar na produção intelectual de Inojosa as *estratégias e atos biográficos*.³⁸

Pensamos que investigar a identidade que Joaquim Inojosa construiu para si por meio dos seus documentos pode contribuir para compreendermos como a historiografia do modernismo o representou e como ele próprio controlou estas narrativas. Seguindo Antonio Torres Montenegro, entendemos que uma série de estratégias concorre para que determinadas práticas, alguns acontecimentos, lugares e pessoas produzam marcas e consolidem símbolos e significados que transcendem determinadas fronteiras, limites e espaços.³⁹ Quais as marcas produzidas por Inojosa? Quais suas estratégias de construção de auto-imagem? Percorrer essas questões implica, certamente, em ampliarmos as fronteiras temáticas e dialogarmos com outros campos de saberes. Pensamos que compreender os usos da memória do modernismo e as estratégias de construção da auto-representação desse escritor nos aproxima do campo da história política, uma vez que definimos como proposição inicial que a obra de Joaquim Inojosa foi a construção de sua memória, uma prática intelectual e política.

Assim como a elaboração da memória, a política não segue um desenvolvimento linear: *é feita de rupturas que parecem acidentes para a inteligência organizadora do real.*

³⁸GOMES, Angela de Castro (org.) *Escrita de si. Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

³⁹MONTENEGRO, Antonio. *Arquiteto da Memória*: nas trilhas dos sertões de Crateús. In: GOMES, Angela. Op. Cit. P. 309.

*O acontecimento introduz nele, inopinadamente, o imprevisível: é irrupção do inesperado, portanto do inexplicável, a despeito do esforço que os historiadores possam fazer para reabsorvê-lo e integrá-lo numa sucessão lógica. Há em política mais coisas nos efeitos do que nas causas, ou para sermos mais exatos, não se encontra nos antecedentes tudo aquilo que resultará deles; é o papel da contingência. Por certo, ela existe em toda parte, não é menor na ordem cultural.*⁴⁰ Portanto, dialogando com as proposições de RéneRémond e da historiadora Zélia Gominho, a política é considerada nessa tese como a *experiência social de articular, negociar, influenciar, confrontar, combater, conquistar, resistir; atitudes perceptíveis não só nos ambientes institucionais, mas na convivência cotidiana dos mais diversos lugares.*⁴¹

A ampliação do corpo documental da tese adensou as nossas percepções sobre os combates e confrontos políticos que perpassam a história da cultura e dos intelectuais, latentes nas lacunas, silêncios e dispersão das fontes. Depois de constatarmos que as principais livrarias do país (Livraria Cultura, Livraria Travessa, Livraria Saraiva) não disponibilizavam nenhum dos livros de Joaquim Inojosa, iniciamos a busca nos sebos virtuais (Estante Virtual).⁴² Uma bibliografia vasta e marcada pela diversidade temática emergiu da pesquisa, indicando outros campos de atuação do escritor: *Aval e Fiança* (1931), *República Socialista* (1933), *Diário de um estudante* (1959), *Diário de um turista apressado* (1960), *Discursos e Conferências* (1963), *Alguns aspectos do Direito* (1964), *O Direito e o Foro* (1965), *60 anos de Jornalismo* (1978) e *70 Atas Sabadoyleanas*(1980). Os livros foram localizados e comprados nas cidades de Petrópolis, Rio de Janeiro, São Paulo, Nilópolis, Campinas, Curitiba, Porto Alegre, Varginha (MG) e João Pessoa. Um

⁴⁰ RÉNE, Rémond. Do político. Op. Cit. P. 449.

⁴¹ GOMINHO, Zélia de Oliveira. *Cidade Vermelha: a experiência democrática no pós- Estado Novo* (1945-1955). Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em História. Recife, 2011.

⁴² www.estantevirtual.com.br . O site reúne virtualmente o acervo de *sebos* e *livreiros* de todo o Brasil. Disponibiliza para venda livros seminovos e usados.

espalhamento geográfico que consideramos significativo por não termos encontrado nenhum dos livros de Inojosa em livrarias ou sebos do Recife.

De posse desses vários livros escritos e publicados por Joaquim Inojosa, percebendo o predomínio do teor autobiográfico e os usos da memória que insinuavam, decidimos localizar os arquivos que geraram tais publicações. Da ampla bibliografia, o *Diário de um estudante* tornou-se imediatamente uma fonte preciosa. Trata-se de dois diários escritos nos anos 1920 e 1921 e publicados em 1959 com notas comentadas por Inojosa. É uma documentação que nos possibilita perceber dois momentos da vida desse indivíduo: os tempos de estudante, no início da década de 1920, período anterior ao encontro com os modernistas, e o homem de mais de cinquenta anos, morador do Rio de Janeiro, autor-editor de sua documentação particular. Ademais, a leitura desse material nos indicava a existência de outros diários e a prática do autor de guardar documentos relativos a sua produção intelectual. Onde estaria o acervo de Joaquim Inojosa?

Além de umas poucas correspondências na Fundação Joaquim Nabuco⁴³, não encontramos nada mais, com exceção dos livros já citados, nos arquivos de Pernambuco (Biblioteca Pública Estadual, Arquivo Público Estadual, Fundação Gilberto Freyre, Bibliotecas da Universidade Federal de Pernambuco). Em São Paulo realizamos pesquisa no Arquivo de Mário de Andrade e na Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo, localizando no *Acervo Mário de Andrade* um telegrama, um bilhete e três cartas de Joaquim Inojosa destinados a Mário de Andrade, na década de 1920. No *Acervo Fernando Azevedo*, uma carta datilografada, datada de 1973 enviada ao educador Fernando de Azevedo, parabenizando pelo livro de memórias que esse intelectual havia publicado. No Rio de Janeiro, inicialmente, por meio da internet, pesquisamos no Arquivo Nacional e na Fundação Getúlio Vargas, sem sucesso. Finalmente, em meados de

⁴³ Dois telegramas e uma carta endereçados a Ascenso Ferreira.

2011, a leitura do *Diário de Estudante*, indicando a extrema admiração de Joaquim Inojosa por Rui Barbosa, nos conduziu a esta instituição de pesquisa. Por meio da internet, localizamos o Arquivo Joaquim Inojosa no *Museu-Literatura* da Fundação Casa de Rui Barbosa. Nesta tese percebemos que não foi apenas a admiração por Rui Barbosa que conduziu a doação do acervo a este lugar de memória. É uma história mais densa, com as tantas narrativas que perpassam a trajetória desse indivíduo.

3 Arquivos da Vida, Arquivos da História: experiências com as fontes e teorias na operação historiográfica

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. (...) E certamente é inútil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxadada cautelosa e tateante na terra escura.⁴⁴

O encontro com o *Arquivo Joaquim Inojosa* permitiu que percebêssemos outro Joaquim Inojosa, em terras distantes do Recife, envolvido em outros empreendimentos, alguns até bem distantes do modernismo e dos tempos de estudante. Como ressalta o historiador Antonio Paulo Rezende, *o mínimo do mundo já é um abalo, desconcerta e assusta*.⁴⁵ Embora trouxessem notícias, como diz Certeau, do morto, sentíamos naquele acervo a vida que havia pulsado. Nos documentos riscados, nos textos corrigidos, nas contas a pagar, nos receituários médicos, nas fotos de amantes e familiares, nos discursos e conferências, percebíamos a passagem da vida de Joaquim Inojosa, um homem que foi

⁴⁴ BENJAMIN, Walter. *Escavando e Recordando*. In: Rua de Mão Única. São Paulo: Brasiliense, 2000. P. 239.

⁴⁵ REZENDE, Antonio Paulo. *Os arquivos da vida. Os arquivos da história*. In: www.astuciasdeulisses.com.br Publicado em 06/11/2011.

jovem, envelheceu, que viveu e guardou tudo, ou quase tudo, com muito apreço. Um homem que desejava ser lembrado!

O acervo, localizado na Fundação Casa de Rui Barbosa, tem mais de seis metros de comprimento. Além das fontes já citadas, constam cadernos de notas de pesquisas realizadas pelo escritor, blocos de anotações pessoais, recortes de jornais, correspondência passiva pessoal e familiar, jornais editados pelo intelectual, documentos de empresas fundadas por ele e impressionantes 23 cadernos contendo seu *Diário Íntimo*, com data de 1920 a 1986. Outras conversas, outras dimensões da vida de Inojosa, outras redes de sociabilidade e, sobretudo, a construção de outras percepções sobre a trajetória desse homem. Do silêncio da historiografia e das fontes, deparamo-nos com a eloquência do arquivo pessoal. O acervo possibilita inúmeras pesquisas não apenas sobre a trajetória de Joaquim Inojosa, mas sobre os variados temas da história política e cultural do país. Os passos desse homem foram espalhados, não seguiram um rumo só. Essa percepção ampliou o interesse e a intenção de dar visibilidade a essa documentação, procurando entender a dinâmica de sua construção e os significados da sua localização. No remexer dos arquivos começávamos a refletir sobre os projetos intelectuais e de auto-representação desse indivíduo: *Quem Inojosa quis ser? Quem Inojosa não quis ser? Quando começou a se interessar e construir sua memória?* Percebíamos que a documentação de teor autobiográfico publicada era só uma ínfima parte do desejo de memória desse escritor.

Dessa maneira, da amplitude da documentação, guiados pelo nosso interesse pela escrita íntima e pela história dos sentimentos, interessados em compreender as relações entre o mundo público e o mundo íntimo e as maneiras de inscrições de Joaquim Inojosa nos seus escritos, elegemos os diários como documentação complementar para construção das narrativas desta tese. Há uma lacuna de vinte anos nessa documentação íntima. Os diários das décadas de 1930 e 1940 não existem no arquivo. Alguns cadernos apresentam

registros de até três anos, suas anotações não seguem uma sequência linear, possuem uma média de trezentas páginas e muitas marcas de leitura, releitura e indícios de edição pelo autor. Diante da impossibilidade de digitalizar todos os cadernos do *Livro Íntimo*, fizemos uma seleção de trezentas e quarenta e oito fotografias (algo em torno de setecentas páginas) baseadas nos seguintes critérios: 1. Ano de publicação ou aniversário de publicação dos livros *Arte Moderna*, *Movimento Modernista em Pernambuco* e *Diário de um Estudante*; 2. Ano de efeméride da Semana de Arte Moderna (1962, 1972, 1982); 3. Fragmentos que nos possibilitassem compreender o que o historiador Antonio Paulo Rezende nomeia de *registros históricos do amor e da solidão*.⁴⁶ Construir sentidos e diálogos entre os livros publicados e os diários nos permite compreender a relação entre narrar e viver a vida.

Na construção de nossa história não dissociamos o conhecimento das experiências cotidianas da vida. Buscamos respostas para questões antes ausentes dos estudos da história, mas nunca ausentes do cotidiano dos sujeitos históricos. Nesta tese defendemos que as teias da teoria não estão longe das experiências da aventura cotidiana. A pesquisa em fontes cria um diálogo que anima as reflexões, materializa, concretiza, dá visibilidade.⁴⁷ O tema da experiência encontra-se enraizado no nosso modo de perceber e tentar compreender o mundo e a história. Nossa teia conceitual, fragmentária e eclética possibilita a busca e a tentativa de compreender as trajetórias intelectuais no passado e na contemporaneidade. Acompanhar as produções da memória de Joaquim Inojosa representa caminhar entre discursos, práticas, representações e temporalidades variadas. São relatos produzidos atendendo a interesses de momentos presentes e momentos representados temporalmente como passado em sua vida. Buscamos entender as experiências construídas

⁴⁶ REZENDE, Antonio Paulo. *Ruídos do efêmero: histórias de dentro e de fora*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

⁴⁷ Idem. P. 88.

como significativas para esse indivíduo, na sua busca por legitimação e reconhecimento intelectual. A emergência dessas experiências não implica em aceitá-las como naturais ou destituídas de sentido no jogo escriturístico de Inojosa. Parece-nos que não há espaço para a ingenuidade nesses textos. No diálogo com as fontes, geramos questionamentos, indicamos possibilidades investigativas, procurando romper com as narrativas que o circunscreveram a existir apenas na década de 1920 e em sua experiência com o Movimento Modernista no Brasil.

É importante pontuar que nosso conceito de experiência dialoga com a psicanálise de Sigmund Freud e a filosofia de Walter Benjamin.⁴⁸ Seja como evento isolado, seja ligada a outros eventos, a experiência é muito mais do que mero desejo ou percepção fortuita. É antes uma organização das experiências apaixonadas e atitudes persistentes no modo de encarar as coisas, e de realidades objetivas que jamais serão refutadas. Para o historiador Peter Gay, *além de ser um encontro do passado com o mundo, a experiência é também um encontro do passado como presente. O amor e o ódio, esses indômitos motores da história, tem também suas próprias histórias, longas e em boa parte secretas.*⁴⁹

Ao recorrermos ao historiador Peter Gay e a Freud não buscamos diagnósticos para o nosso indivíduo. Por mais que as aproximações entre a história e a psicanálise sejam possíveis, os historiadores, mesmo os versados nas *artes da psicanálise* tem um interdito intransponível: *não se pode psicanalisar os mortos.*⁵⁰ Nosso interesse é compreender as *atitudes*, os *atos* desse indivíduo, nos aproximando das experiências desse homem, assentando nossa investigação no pressuposto da complexidade do humano e de que as

⁴⁸ Além dos textos de Freud e Peter Gay, nos aproximamos dos textos de Certeau sobre história e psicanálise. DE CERTEAU, M. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011; DE CERTEAU, M. *As escritas freudianas*. In: A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

⁴⁹ GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

⁵⁰ GAY, Peter. Freud para historiadores. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1989. P. 147.

práticas dos sujeitos históricos possuem um duplo motor: o consciente e o inconsciente. Freud nos ensina que o racional mergulha no emocional, que a inteligência também é governada pelas paixões, que o conteúdo manifesto de uma ideia se ancora numa complexa rede de desejos e pensamentos.

Transitar no racional, nos atos controláveis e controlados de Joaquim Inojosa não implica em desprezarmos o inconsciente, região onde não prevalece o princípio da lógica, onde o tempo inexistente, onde os opostos coincidem, e onde o “pensamento” obedece aos mecanismos do “processo primário”, a condensação e o deslocamento, que engendram sonhos, lapsos, atos falhos e chistes.⁵¹ Aprendemos com Freud e a psicanálise a valorizarmos de maneira cuidadosa a natureza singular da experiência de Inojosa. Para interpretarmos a escrita do diário e no diário de Inojosa como *pulsão de vida*, as palavras do médico vienense de meados da década de 1920 são significativas: *o que se segue é pura especulação, que muitas vezes remonta ao passado longínquo e que cada um, de acordo com sua posição subjetiva, poderá levar em consideração ou desprezar. De resto, trata-se de uma tentativa, movida por pura curiosidade, de explorar uma ideia até o final, apenas para saber aonde ela pode nos levar.*⁵²

No diálogo com a psicanálise, entendemos que a consciência não é o atributo mais universal dos processos psíquicos, mas apenas uma função deles. A consciência fornece essencialmente percepções de excitações que provêm do exterior e sensações de prazer e desprazer que, para Freud, naturalmente só podem originar-se do interior do aparelho psíquico. Todos os processos de excitação que ocorrem noutros sistemas psíquicos deixam atrás de si traços duradouros que constituem o *fundamento da memória*. Esses traços são

⁵¹ FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Volume II. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

⁵² Idem. P. 149

restos de lembranças que nada tem a ver com o tornar-se consciente, pois, os traços mais intensos e duradouros são justamente aqueles que foram impressos por um processo que nunca chegou a alcançar a consciência.

Diferente do analista que sabe alcançar, par a par com seu analisando, essas recônditas lembranças, os historiadores só podem pressenti-las no confronto com práticas sociais e individuais que são racionalmente incompreensíveis. No entanto, elas também podem ser pensadas como indícios das tensões presentes na vida psíquica desse sujeito. Interpretamos a construção do arquivo e a escrita como experiências significativas do ponto de vista consciente e inconsciente para nosso intelectual. Ao lidarmos com trajetória de vida não podemos passar indiferentes aos *possíveis* que compõem a vida dos sujeitos. Pensarmos algumas das atitudes, intenções e ações do nosso sujeito como indícios dos conflitos do inconsciente é, sem dúvida, nos colocarmos nas fronteiras entre os saberes, nos movermos entre a história e a psicanálise, aceitando os limites teóricos, mas também as ousadias das possibilidades interpretativas que, no mais das vezes, significa apenas o formular perguntas, levantar questões e nos conformarmos com os silêncios das nossas fontes documentais. São as perguntas que geram o conhecimento. Se não o conhecimento dos nossos mortos, sujeitos de e noutros tempos, ao menos um pouco de nós mesmos.

Além de Freud, o diálogo com Walter Benjamin e de toda gama conceitual que adensa sua concepção de experiência e narrativa na modernidade (memória, esquecimento, tradição, choque, barbárie, história, etc) fundamentou todo o percurso deste doutoramento e de escrita da tese. Importante pensador do século XX no âmbito da filosofia, da crítica literária, da teoria da cultura, da comunicação, possui uma obra polifacetada perpassada por uma análise da crítica da cultura, da história e da política. Transpassando livremente as fronteiras das disciplinas, Benjamin cria uma imagem da Era Moderna fazendo a interação

entre filosofia, literatura, cinema, arquitetura, fotografia, psicanálise, desenvolvimento técnico e social – campos sobre os quais fez importantes reflexões em sua inextricável correlação.⁵³

Com Benjamin, procuramos construir a nossa pesquisa, a nossa escrita e a nossa História de maneira não linear, baseada na descontinuidade, valorizando o tempo da construção das fontes e dos entendimentos teóricos, tecendo narrativas nas fronteiras dos sentidos e dos saberes, nos afastando da sucessão simples de fatos e etapas. Benjamin ressalta a necessidade da distância para a configuração da experiência (*Erfahrung*).⁵⁴ A experiência da pesquisa e a pesquisa sobre a experiência foi tecida no tempo, na escuta e no silêncio. É importante ressaltar que esse autor diferencia a *experiência vivida (erlebnis)* que se situa num nível psíquico imediato, da *experiência (erfahrung)*, traço cultural enraizado na tradição, na vida coletiva quanto na vida privada, não consistindo em dados isolados, fixados na memória, mas sim em dados acumulados que se combinam às vezes inconscientemente. É da experiência de vida (*erfahrung*), com indefinições e imprevisibilidades que nossas narrativas se constituem. Afinal, *nos encontros dos mundos, a história se institui e segue adiante, se acrescenta nos muitos significados que vão sendo articulados, reunidos, reconhecidos.*⁵⁵

Portanto, após esses encontros com as fontes e a teoria, considerando Joaquim Inojosa como um intelectual responsável por mediar nossa percepção sobre o passado do

⁵³Há uma vasta produção bibliográfica sobre Benjamin. Indicaremos apenas alguns dos inúmeros comentadores desse alemão. GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 2005; GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever e esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006; MEINERZ, Andréia. *Concepção de experiência em Walter Benjamin*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008; GATTI, Luciano Ferreira. *Memória e Distanciamento na Teoria da Experiência de Walter Benjamin*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.

⁵⁴ BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

⁵⁵ REZENDE, Antonio Paulo. Ruídos do Efêmero. P. 104.

modernismo, um sujeito que disputa a memória do modernismo, e considerando a ausência de uma historiografia sobre sua atuação fora da década de 1920 ou que abordasse outros eixos de seu engajamento político e cultural⁵⁶, propomos nesta tese contribuir com narrativas que possibilitem romper com representações e discursos cristalizados sobre esse indivíduo, procurando construir aproximações que permitam a emergência da complexidade das experiências de Joaquim Inojosa. Mais especificamente, investigamos como a memória do Modernismo foi apropriada e mobilizada como maneira de Joaquim Inojosa definir-se e representar-se nas suas escritas de si e quais os seus interesses nas batalhas de memórias travadas em alguns momentos de sua vida.

4 Veredas: Joaquim Inojosa e suas memórias nas páginas da História

Vereda é um caminho estreito. A palavra é de origem latina e deriva de *veredus*, caminho por onde se viaja. As enormes surpresas e descobertas surgidas ao longo dessa pesquisa só podem nos conduzir a definir nossa tese como uma possível vereda, um leve deslocamento nos amplos territórios abertos por Joaquim Inojosa e suas memórias. As veredas simbolizam o percurso, as possibilidades de alternativas férteis ao caminhante, aos leitores das narrativas de Joaquim Inojosa e aos leitores das narrativas historiográficas que emergem deste doutoramento.

Nesta vereda, seguimos com Friedrich Nietzsche: *esse mau gosto, essa vontade de verdade, de “verdade a todo custo”, esse desvario adolescente no amor à verdade – nos aborrece: para isso somos demasiadamente experimentados, sérios, alegres, escaldados,*

⁵⁶Devemos indicar que uma pesquisa de mestrado sobre o Jornal Meio-Dia, de propriedade de Joaquim Inojosa e sua aproximação com o nazi-fascismo, nos anos 1930 e 1940, encontra-se atualmente em andamento. FANZOLIN, João Arthur Ciciliato. Joaquim Inojosa e o Jornal Meio-Dia (1939-1942). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de São Paulo-UNESP, sob orientação da professora Tânia Regina de Luca.

*profundos...Já não cremos que a verdade continue verdade, quando se lhe tira o véu...Hoje é para nós, uma questão de decoro não querer ver tudo nu, estar presente a tudo, compreender e “saber” tudo.*⁵⁷ Assumimos a interpretação e os possíveis deslocamentos analíticos como o método principal na escrita dos capítulos desta tese. Viver é interpretar. Contar a vida e a história é interpretar. Entendemos que escolher narrar como o velho Joaquim Inojosa quer contar sua história ou como deseja que contem sua história, é assumir os riscos das distâncias geracionais, temporais e geográficas que nos envolvem nas definições da escrita.

Porém, ouvimos uma voz próxima que nos diz: *as trilhas abertas pelas distâncias deixam sempre espaço para idealizações. O controle sobre o tempo, as surpresas, o lado mágico da vida tem marcas de incerteza, por mais racionalizações que se possa arquitetar.*⁵⁸ Portanto, a tese se propõe a (re)construir alguns dos itinerários de Joaquim Inojosa, tendo uma dupla intenção: 1. Entender e interpretar os lugares, os tempos e as estratégias de viver e construir os seus arquivos, fontes de sua obra intelectual; 2. Criar narrativas sobre Joaquim Inojosa, dando visibilidade a variadas dimensões de sua vida, refletindo sobre os limites e as possibilidades documentais e historiográficas, indicando as possíveis pesquisas sobre o mundo de Inojosa e sobre o mundo em que este indivíduo se inseriu. Os capítulos que seguem foram produzidos abordando a documentação como objeto e fonte e focalizando temporalidades e espacialidades diferentes. Cada capítulo, produzido em momentos diferentes da pesquisa, apresenta uma experiência de leitura da documentação e de construção de interpretações. Trata-se de uma escrita de aproximação, sendo possível ao leitor perceber que só no último capítulo somos capazes de tecer considerações mais precisas sobre os usos da memória e a trajetória desse intelectual. No

⁵⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. P. 14.

⁵⁸ REZENDE, Antonio Paulo. *Freyre: as travessias de um diário e as expectativas da volta*. In: GOMES, Angela. Op. Cit. P. 77

entanto precisamos ressaltar que nesta tese “*não há cais definitivo e fixo. Todos são nômades e flutuantes. A vida é uma travessia, não podemos deixar de narrá-la, nem tampouco de afetivamente reparti-la*”⁵⁹

Tempos de estudante: ousadia, energia e amizades na construção do campo intelectual analisa, por meio do *Diário de um Estudante*, as experiências do estudante Joaquim Inojosa nos anos 1920 e 1921 e seus deslocamentos entre Pernambuco e Paraíba. As narrativas do diário nos permitiram uma aproximação com a formação inicial do intelectual, as maneiras de estudar, os receios de jovem, os deslocamentos do interior para a cidade, os discursos de auto-representação, os dilemas com a escrita. É um capítulo que privilegia, sobretudo, o entendimento da construção da identidade de estudante e as pretensões de tornar-se intelectual. Por meio da trajetória do estudante, das leituras e redes políticas conseguimos compreender alguns dos posicionamentos posteriores desse indivíduo. A historiografia sobre o Recife dos anos 1920 e a sociologia que discute a formação do intelectual nas primeiras décadas do século XX no Brasil são basilares no capítulo. Nele pensamos mais as narrativas e as experiências que emergem do diálogo com o diário e menos os usos da memória ou o sentido da publicação do diário em 1959;

O Passado bate à porta: memórias (im) pertinentes é um capítulo que aborda o Joaquim Inojosa morador do Rio de Janeiro, com mais de cinquenta anos, escritor do diário e imerso em dilemas e indefinições sobre sua carreira e sua vida. É um homem de meia idade lembrando suas realizações passadas e procurando significar o passado. Percebemos um Inojosa que compartilha dimensões inexploradas de sua vida e nos insinua motivações singulares nos seus itinerários. É um texto que dialoga intensamente com a psicanálise. Nesse capítulo interpretamos que o autor do Movimento Modernista em Pernambuco é autor de uma obra muito mais ampla, incompleta e desconhecida. Apontamos a força dos

⁵⁹ Idem.

interesses particulares, tanto financeiros quanto subjetivos – medo do esquecimento, solidão, aposta na carreira de escritor como fonte de renda, maneira de distanciar-se da memória do Meio-Dia e sua associação com o nazi -fascismo -, nos usos de sua memória sobre o Movimento Modernista em Pernambuco. Nossa intenção é romper com a representação de uma trajetória linear, de uma vida inteira dedicada à divulgação do Modernismo, como o próprio Inojosa tentou construir a partir dos anos 1960 e como a historiografia continuou repetindo: *Inojosa o apóstolo do modernismo*;

Batalhas pela memória: jornalismo, modernismo e a construção do tempo referencial analisa como Joaquim Inojosa, a partir dos anos 1970, investe por meio das publicações autobiográficas na construção de uma auto-representação. Trata-se de um velho, morador do Rio de Janeiro, conquistando espaços de legitimação intelectual por meio da memória de sua carreira de Jornalista e divulgador do Movimento Modernista em Pernambuco. Seu apetite biográfico, sua vontade de construir uma carreira linear e relevante no campo da cultura brasileira são destacados ao abordarmos seus atos biográficos. Interpretamos que a década de 1920 será construída como o tempo referencial de Inojosa, ou seja, o momento de sua trajetória que é eleito como definidor de toda sua vida;

Os capítulos 4 e 5 foram construídos com a intenção de deslocar muitos dos sentidos construídos por Joaquim Inojosa nas suas memórias. São narrativas com um deslocamento analítico mais denso, com um afastamento da psicanálise e buscando construir um método de análise capaz de entendermos a escrita do diário de um velho intelectual. São capítulos que mostram as estratégias de memória e as tentativas de controle interpretativo de sua trajetória empreendidas por Joaquim Inojosa.

O Último Dia: os mortos, seus arquivos e diários procura compreender os significados da doação do acervo de Joaquim Inojosa a Fundação Casa de Rui Barbosa.

Por meio das redes de sociabilidades e das amizades construídas no Rio de Janeiro interpretamos esse ato biográfico. É um capítulo que cruza a trajetória do velho Inojosa e de outros velhos intelectuais do Rio de Janeiro da década de 1970. Perceberemos como práticas de dor pessoal emergem como estruturadoras da memória desse intelectual e como ele foi hábil e estratégico em seu objetivo de ser reconhecido como um importante escritor. Percorreremos alguns dos eixos de interesse, elaborados no pressentimento da morte, mostrou-se uma possibilidade significativa de construirmos outros significados sobre seu itinerário, as redes de sociabilidade, as ideias e interesses de Joaquim Inojosa, fundamentais para compreendermos suas estratégias de auto-representação;

O capítulo 5 **O Mínimo do Mundo de Joaquim Inojosa** construído no final da pesquisa, apresenta-se mais interpretativo, compreendendo com mais clareza algumas das experiências do escritor e procurando romper o controle narrativo de Joaquim Inojosa presente nos capítulos anteriores. Deslocar os sentidos da dor, do lamento e da miséria do corpo que emergiam da escrita do diário foi a estratégia metodológica adotada para interpretarmos seus usos e apropriações da memória. Propomos que no diário de velho, sentimentos como dor e medo da morte são estruturadores da memória. Dialogamos, sobretudo, com o Joaquim Inojosa que percebe sua finitude e resiste ao movimento da História. É um capítulo que representa os desafios, limites e possibilidades de construirmos narrativas no cruzamento da memória e da subjetividade. Nossa intenção foi elaborar uma narrativa ampla, expandindo as experiências de Joaquim Inojosa, tentando não aprisioná-lo em lugares identitários fixos e apresentando as possibilidades investigativas em torno de sua trajetória.

CAPÍTULO 1: TEMPOS DE ESTUDANTE: *OUSADIA, ENERGIA E AMIZADES* NA CONSTRUÇÃO DO CAMPO INTELECTUAL

Uma grande vontade de escrever me supera neste momento. A brisa que vem do jardim defronte à casa em que resido é agradabilíssima. Sinto-me contente pelo ter conseguido, neste mês de janeiro, refrear, de certa forma, os ímpetus eróticos do meu coração. E, todavia, continuo a amar com a mesma intensidade, convencendo-me, mesmo, de que o Amor é como certos corpos gasosos: quanto mais comprimidos, maior a sua força. A grande paixão que ora domina e que, aliás, sempre me dominou é a paixão pelos livros. Leio, estudo e escrevo o dia todo. À noite, uma ou duas horas. Pela manhã, quase sempre até às nove horas, escrevo. Às onze, 2ª interrupção de três horas para almoço, exercício e banho. Às duas horas da tarde recomeço a faina, até às cinco e meia. À noite, de 9 às 10 ou 11, conforme a predisposição de espírito. Às 6 horas, saio à rua para aborrecer-me com conversas ininstrutivas(sic) dos moços de minha terra espiritual. Nada se discute de aproveitável, e em muitas reuniões prefiro ficar silencioso horas a fio, presenciando asneiras, a emitir opiniões. Em tudo isso só aprecio a inércia da mocidade. E quanto mais inepta, mais presunçosa. Meu lema adotado hoje é este: Hei de vencer, porque trabalho.⁶⁰

O encontro de uma atmosfera propícia aos estudos, uma postura solene diante dos livros, a construção de uma rotina estudantil, uma maneira de colocar-se diante dos seus contemporâneos e a definição de um projeto de vida emergem no relato apresentado e insinuam, entre outros aspectos, como o indivíduo Joaquim Inojosa se representa no tempo, como se define em relação a um grupo e como constrói suas relações sociais e trajetória pessoal. O trecho acima foi escrito pelo jovem Joaquim Inojosa em 10 de janeiro de 1920 e compõe o “Livro Íntimo” redigido pelo autor entre 1920 e 1921. Segundo o próprio Inojosa, tratava-se de um “*livro de impressões da juventude*”, e ali iniciara um hábito que o acompanharia vida afora.⁶¹ Além dos registros diários de seu cotidiano escolar e profissional, o diário abriga as suas “*reflexões*” na forma de comentários sobre autores,

⁶⁰ INOJOSA, Joaquim. Livro íntimo. Diário de um estudante (1920-1921). Volume 1º. Rio de Janeiro: Editora Férias. 1959. P. 19. A partir de agora, utilizaremos DE para nos referirmos a essa fonte documental.

⁶¹ 24 volumes desses diários encontram-se sob guarda da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, localizados no Fundo Joaquim Inojosa. Destacamos a publicação de *Diário de um turista apressado*, com registros das suas viagens pela Itália, Argentina e Chile, entre 1953 e 1954. O livro foi publicado em 1960, contendo notas de atualização e esclarecimentos.

livros, política, religião e demais “*marcas de um espírito preocupado com o futuro*”. As 359 páginas publicadas em formato de livro tiveram a ortografia atualizada, e os trechos são acompanhados de notas explicativas redigidas pelo autor em 1959. Na introdução do *Diário de um estudante*, percebemos a necessidade do autor em reafirmar o teor original dos escritos trazidos à tona:

*Publico-o - este “livro íntimo” - sem alterar-lhe uma vírgula. (...) Claro que muitas expressões ou comentários me causam surpresa hoje em dia. Mas, estão escritos. Pertencem aos meus dezoito anos. Pertencem a minha vida.*⁶²

Essa escrita íntima ou escrita de si, possivelmente produzida e repensada em tempos distintos, carrega e aciona marcas de subjetividades, fragmentos de trajetórias, lembranças e esquecimentos, “*pedaços da vida*” cuidadosamente narrados por seu outrora protagonista e agora autor. Não cabe questionarmos sua falsidade ou veracidade. É mais produtivo entendermos essa documentação como mapas que indicam caminhos possíveis de compreensão e interpretação de uma trajetória intelectual, com seus projetos pessoais, estéticos e políticos.

Quando se pensa em diários íntimos, freqüentemente se tem a impressão de que tudo que está ali registrado foi feito tal qual o desenrolar dos fatos. No entanto, segundo Andrea Moroni, não se deve confundir a sinceridade do diarista com a veracidade do que está anotado. Como única versão dos fatos transcritos a partir de um intenso filtro de subjetividade, não há meio de garantir que o que se lê não seja trecho ficcional. *Esta possível falta de veracidade no registro dos fatos, no entanto, não necessariamente invalida o pacto de sinceridade que o diarista deve estabelecer para escrever. (...) Ele pode, conscientemente, relatar eventos não ocorridos ou idealizar o que se passou, sem que para quem leia o registro isso possa se distinguir dos acontecimentos presumidamente*

⁶² DE. P. 07.

*reais; o diarista pode descrever seus sonhos, seus anseios, ser irônico, compor um poema sem deixar de ser sincero para consigo mesmo, isto é, sem deixar de revelar seu pensar e seu sentir tão genuinamente quanto lhe aprouver - ainda que por vezes isso implique querer dissimular.*⁶³ Nesse posicionamento metodológico, seguimos ainda as considerações de Antonio Paulo Rezende ao destacar que, *nos diários, o público e privado terminam por se misturar, tornando claro o quanto é difícil delimitar as fronteiras entre o nosso eu e os outros, como é complexa a nossa identidade.* Segundo o historiador, *não há como procurar no diário a memória exata do que aconteceu, pois a história é uma interpretação do que sucedeu, não o fato em si, como fotografia de um autor anônimo onipotente, fixa e inalterável.* Nos diários, *o real e a fantasia acabam se misturando.*⁶⁴ Portanto, além do pacto de sinceridade, a questão temporal é outro aspecto fundamental que caracteriza um diário. O diário pode apresentar grande liberdade de formas, já que pode conter pensamentos, sonhos, ficções, comentários sobre si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo que lhe é conveniente, dentro da ordem e da desordem que quer o autor, comportando vários gêneros dentro de si. Conforme Moroni, no entanto, há um aspecto aparentemente pouco importante, porém a ser temido pelo diarista: deve-se respeitar o calendário. *Um diário se escreve com o passar do tempo; é muito diferente de todas as autobiografias, memórias e outros parentes próximos do gênero. A identidade do diário está desse modo, na temporalidade de sua escrita. Toda a liberdade de formas e conteúdos que pode assumir um diário - sonhos, trechos ficcionais ou lembranças do passado - deve obedecer a esse passar do tempo para que o continue sendo, o que não significa serem obrigatórias as entradas datadas dos registros.*⁶⁵

⁶³ MORONI, Andrea. A edição de diários íntimos e o caso de Anne Frank. Extraído em 10/02/2011. Disponível em www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005.

⁶⁴ REZENDE, Antonio Paulo. Freyre: as travessias de um diário e as expectativas da volta. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: FGV, 2004. P. 78/79.

⁶⁵ MORONI, A. p. 3.

Na introdução do *Livro Íntimo*, Joaquim Inojosa, já jornalista, escritor e advogado, destaca:

*Sou um homem de arquivo pessoal, e creio que foi o gosto por essa forma de guardar “pedaços da vida” que me fez ter em lugar seguro, por tanto tempo, cadernos ou fichas, em cuidadosa ordem cronológica, que constituem a delícia de ter vivido.*⁶⁶

De fato, nos vários livros publicados ao longo de sua vida notamos o gosto desse homem por colecionar “fragmentos da própria existência”. Além dos diários, depoimentos de amigos e colegas de profissão, cartas, fotografias, trechos de matérias de jornais e revistas constituem um rico e interessante acervo construído, conservado e, posteriormente, publicado por Inojosa. A documentação revela o interesse desse sujeito em legar para à posteridade uma narrativa sobre si, um desejo de memória e história extremamente forte, tornando, por isso mesmo, sua leitura tão fascinante quanto perigosa para os historiadores. Isso porque “*a perspectiva e as predileções do narrador moldam sua escolha e sua utilização dos materiais históricos, e as nossas determinam igualmente a escolha e utilização que deles fazemos. (...) Conhecer o futuro do passado força o historiador a moldar a sua narrativa de modo a fazê-la entrar em acordo com o ocorrido.*”⁶⁷ Portanto, é necessário acentuarmos que as fontes, narrativas e interpretações estão absolutamente envolvidas por diversas temporalidades e subjetividades, controladas no e pelo tempo histórico.

A leitura do *Diário de estudante* é envolvente e fascinante, com seus relatos do cotidiano, suas aventuras e infortúnios da mocidade e suas críticas e reflexões literárias. Como já destacamos, é presente nas páginas de abertura do livro o desejo de o tomarmos como um “livro íntimo”, quando de sua feitura nos anos vinte. No entanto, numa análise

⁶⁶ DE p.08.

⁶⁷ LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. In: Projeto História. 17. Novembro de 1998. P. 116.

atenta e crítica, notamos sutilezas que indicam o anseio de interlocução, não apenas direcionado às páginas em branco de seu caderno íntimo:

março – 13 Finalmente...chuva nesta cidade. Juno abriu as tetas úberes e o leite vitalizador cai em miríades de gotas. O clima bochornante que nos pesavaatenua-o a bênção hialínica (desculpem-me o termo) da Mãe-Natura.⁶⁸

O autor do *Diário* queria ser ouvido. Exercitando a escrita, jogando com as palavras, aprendendo e criando a língua (Inojosa tinha o hábito de criar neologismos, a exemplo de mozárticos, para se referir ao som do compositor Mozart), o jovem estudante atendia a sua vontade de escrever e investia no seu projeto de ser escritor. O *Diário* indica que logo cedo Inojosa entendeu a força da palavra escrita, o poder de materializar e guardar suas opiniões, críticas, dúvidas e percursos profissionais, intelectuais e afetivos. Suas páginas insinuam o quão insistente e decidido em ganhar visibilidade e respeito no meio cultural do país foi seu autor. Provavelmente, podemos situar a publicação do “Diário de um Estudante” na década de 1950 como mais uma das estratégias acionadas na produção de seu autorretrato, de uma “memória de si”. Percebe-se, em vários trechos, a insistência na representação de uma formação coerente e da construção de um homem destinado à intelectualidade, ou seja, fortes marcas de uma possível previsibilidade da vida.

Tendo isso em vista, nesta tese teremos um encontro não apenas com o estudante e suas ansiedades, angústias e vitalidade de jovem, com suas trilhas abertas na cidade e no mundo dos livros, mas, certamente, nos depararemos com as projeções do maduro Inojosa e com suas percepções e interpretações sobre si. Nosso esforço é evidenciar a diferença entre personagem social e percepção de si, tentando conhecer o ponto de vista de Inojosa

⁶⁸ DE p. 38

como produtor do diário e ao mesmo tempo seu editor. Tentamos apontar que a existência de outra pessoa em nós mesmos, sob a forma do inconsciente, levanta o problema da relação entre descrição tradicional, linear e ilusão de uma identidade específica, coerente, sem contradição, que não é senão o biombo ou a máscara, ou ainda o papel oficial de uma miríade de fragmentos e estilhaços.⁶⁹

Dialogando com os trechos e notas do *Diário de Estudante*, pondo em movimento os tempos de Inojosa, trazendo à tona suas escritas privadas e públicas, ressaltamos que as *narrativas do eu* analisadas nas próximas páginas são entendidas como construções sociais possíveis de nos guartanto nas redes de sociabilidade e formação intelectual, política e cultural do jovem Joaquim Inojosa e de sua geração quanto nas estratégias de leitura e interpretação do passado e na fascinante teia da memória tecida pelo já maduro escritor. Entendemos, dessa forma, *que o passado relembado é tanto individual quanto coletivo e que a memória também transforma acontecimentos públicos em experiências pessoais idiossincráticas.*⁷⁰

A percepção e o olhar de Inojosa sobre o mundo e sobre si foram construídos a partir dos livros e das redes sociais, pois esse sujeito captava as mudanças ao seu redor e era simultaneamente impregnado por elas. O cenário de sua formação, de suas escolhas e hesitações movia-se rapidamente. Suas experiências, ou seja, o encontro da sua mente com o mundo, de seu passado com o presente, dar-se-ão em uma época tão rica quanto complexa em termos de transformações nos planos econômicos, políticos, sociais e culturais. Inserido nas primeiras décadas do século passado, movendo-se num cenário de transição, ele construíra suas necessidades, seus objetos de desejo, suas ansiedades,

⁶⁹ Abordagem aqui tributária dos estudos de Levi, Giovanni. Usos da biografia. In: Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaína. Usos & Abusos da história oral. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. P. 173.

⁷⁰ Idem. P. 70.

vocabulário e gramática próprios para se expressar e se representar.⁷¹ Mas, qual era mesmo o palco das práticas de formação e inscrição social do moço Joaquim Inojosa?

As primeiras décadas do século XX acompanharam a transição de uma economia predominantemente agrária para uma economia marcadamente industrial, provocando no país a transferência dos centros de decisão para as cidades. As forças políticas se deslocavam da área rural para a urbana, embora os partidos políticos mantivessem sua formação nas famílias de origem agrária, definindo os governos locais e garantindo o predomínio destas sobre sua região. As lavouras cafeeiras gradativamente substituíam em importância o açúcar na pauta da economia brasileira, provocando novos rumos no país. O século XX surgia trazendo novas alternativas políticas na área urbana, não apenas com a ampliação do número de partidos e facções políticas, como também com o surgimento de grupos que representavam as aspirações dos trabalhadores ligados aos novos tipos de atividades que a indústria e o processo de modernização traziam à tona. O século passado trazia ainda a onda modernizadora que tomara conta das grandes cidades do mundo com o avanço do capitalismo. As cidades passavam por transformações significativas, para atender aos sonhos progressistas e facilitar o avanço da “verdadeira civilização”. O Brasil não estava excluído das aventuras de modernidade, no seu lado de concretização das mudanças urbanas que influíam no traçado das cidades, nos seus hábitos de higiene, nos seus desejos de consumo.⁷²

Em Pernambuco, o período que decorria entre o fim da Primeira Grande Guerra (1918) e a Revolução de Trinta, do ponto de vista econômico, era muito dinâmico, com o aumento do movimento do Porto do Recife apesar das grandes oscilações nos preços dos produtos de exportação. A modernização do porto provocava um grande impacto sobre a

⁷¹O conceito de experiência que permeia esse capítulo é tributário dos estudos de Peter Gay. A educação dos sentidos: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Vol. 1.

⁷²Rezende, Antonio Paulo. Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: Fundarpe, 1997. P. 31/32.

fisionomia urbana do bairro em que se situava o Recife antigo, com a abertura de ruas mais largas e a construção de edifícios de dois e três andares, que serviam de sede a instituições dinâmicas, como a Associação Comercial de Pernambuco, os bancos e algumas empresas de maior capital. Observava-se também grande crescimento dos grupos ligados ao comércio, tanto de importação como o de exportação, que passavam a ter uma participação maior na vida econômica e política do Estado.⁷³

A década de vinte, de aprendizado e de parte da atuação intelectual do jovem interiorano⁷⁴, não foi de mudanças apenas políticas e econômicas, foi também de renovações em outros setores. A cidade do Recife se orgulhava de ser a quarta do Brasil em população (aproximadamente 238. 843 habitantes⁷⁵) e de se apresentar aos visitantes como uma cidade limpa e acolhedora. Conforme Flávio Teixeira, a cidade que finalmente desponta na segunda metade dos anos 20 compunha, com certeza, um cenário adequado aos padrões modernos. Nela transitava um número sempre crescente de automóveis, a uma velocidade também crescente, resultando nos igualmente crescentes acidentes e atropelamentos. Seus homens e suas mulheres elegantes podiam vestir-se segundo a última moda inglesa e francesa, respectivamente, com uma desconcertante facilidade. Podiam ir assistir à chegada de mais um aventureiro voador a cruzar o oceano. Também lhes era possível – exclusiva a uma ou duas cidades fora o Recife – deleitar-se com uma audição da Rádio Club. Ou – o que era do mesmo modo raro, quiçá mais até – poder, além de frequentar os cinemas e acompanhar as sucessivas produções cinematográficas, fazer, eles mesmos, os seus filmes.⁷⁶

⁷³ Andrade, Manuel Correia de. Pernambuco Imortal: os caminhos da modernidade. Vol. 10. Recife: Jornal do Commercio, 1995. P. 13.

⁷⁴ Joaquim Inojosa de Albuquerque Andrade Lima nasceu em 27 de março de 1901, na Vila de São Vicente Ferrer, antigo povoado de Timbaúba, no Estado de Pernambuco, hoje município de São Vicente Ferrer. Mais informações em Notícia biobibliográfica de Joaquim Inojosa. Rio de Janeiro: Editora Meio – Dia, 1975.

⁷⁵ Dado recolhido em Rezende, A. Op. Cit. P. 32.

⁷⁶ TEIXEIRA, Flávio Weinstein. *As Cidades Enquanto Palco da Modernidade: O Recife de Princípios do Século*. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 1994. Departamento de História.

A feição moderna e o ritmo frenético do século XX já se delineavam alguns anos antes no Recife. Quando chegou à cidade em 1915, como interno do Ginásio Aires Gama, Inojosa encontrou ruas calçadas, luz e bondes elétricos, inaugurados em 1914, teatros e cinemas atuantes desde fins do século XIX, uma rede de esgotos que seria inaugurada naquele mesmo ano pelo engenheiro Saturnino de Brito, além de uma biblioteca pública. Deslocava-se o moço da paisagem marcada pelos *canaviais verdejantes, bananeiras em cachos soberbos, coqueirais sombrios, laranjais copados e bambuais esguios*⁷⁷ para conviver com o circuito das diversões modernas. Segundo a historiadora Sylvia Couceiro, os circuitos das consideradas “diversões modernas” passavam pelos cinemas, teatros, competições esportivas – sobretudo de futebol, turfe e remo -, as danças, festas nos clubes, exposições de pintura, concertos musicais, conferências e recitais de poesia, confeitarias, excursões, passeios ao ar livre, temporadas nas praias e banhos de mar, o footing pela Rua Nova, piqueniques, corridas de automóvel e motocicletas, parques de diversão, entre outros.⁷⁸

Era a cidade grande acolhendo o estudante, e seu repertório literário marcado pelas leituras de *História de Carlos Magno* e dos livros de José de Alencar e Castro Alves. A permanência no Recife, entre 1915 e 1917, período da educação secundária no *Aires Gama* e posteriormente no *Ginásio do Recife* (como semi- interno), além de possibilitar a amplitude dos estudos formais (gramática, latim, história, geometria e trigonometria), da formação de laços de amizade que perdurarão por longos anos⁷⁹, da atuação como líder

⁷⁷ Expressões do próprio Inojosa no Elogio da Terra onde Nasci. In: DE. P. 212.

⁷⁸ Couceiro, Sylvia Costa. Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920.

⁷⁹ A exemplo do romancista José Lins do Rêgo e Manuel Onofre de Andrade.

estudantil, criando a *Sociedade Literária Álvares de Azevedo* e o jornal *A Paz*, certamente educou a maneira de o jovem transitar no espaço urbano e criar seus próprios mapas.⁸⁰

Valdemar de Oliveira, seu contemporâneo, aluno também do Ginásio Aires Gama no mesmo período, nos traz indício dos estranhamentos dos jovens recém-chegados ao ensino secundário:

A rapaziada me chocou. Eu vinha de outro clima e caía em cheio entre meninos ensinados, que falavam nas amas de casa, diziam nomes feios, fumavam escondidos e se masturbavam. Sentia-me deslocado e confundido. Nada me ficou daquele tempo, salvo a brincadeira do professor de Latim, um Bandeira de Melo, que mandava dizer “Socratrês” em lugar de Sócrates, e a beleza da esposa de Alfredo Gama. Diziam que os dois tinham sido o mais belo par de noivos do Recife.⁸¹

Diferentemente de Valdemar de Oliveira, o início da vida literária, a greve de fome contra a comida ruim do internado Aires Gama, a reprovação em geometria e trigonometria e o início de sua carreira jornalística afluem no mar de memórias de Inojosa. No recôndito dos esquecimentos ficaram suas impressões sobre a inserção nos ginásios do Recife, uma rápida passagem, aliás, pois a conclusão do ensino secundário foi realizada na Paraíba, no Liceu Paraibano.

Aos dezenove anos, Joaquim Inojosa morava sozinho na cidade de Itabaiana, na Paraíba, numa casa de propriedade de Flávio Ribeiro Coutinho, chefe político local. Não pagava aluguel. Em face das dificuldades financeiras do pai, que havia deixado a cidade e ido morar com a família na sua fazenda Umari⁸², havia dispensado a mesada e estudava às próprias custas, advogando e fazendo jornalismo. Era estudante da Faculdade de Direito do

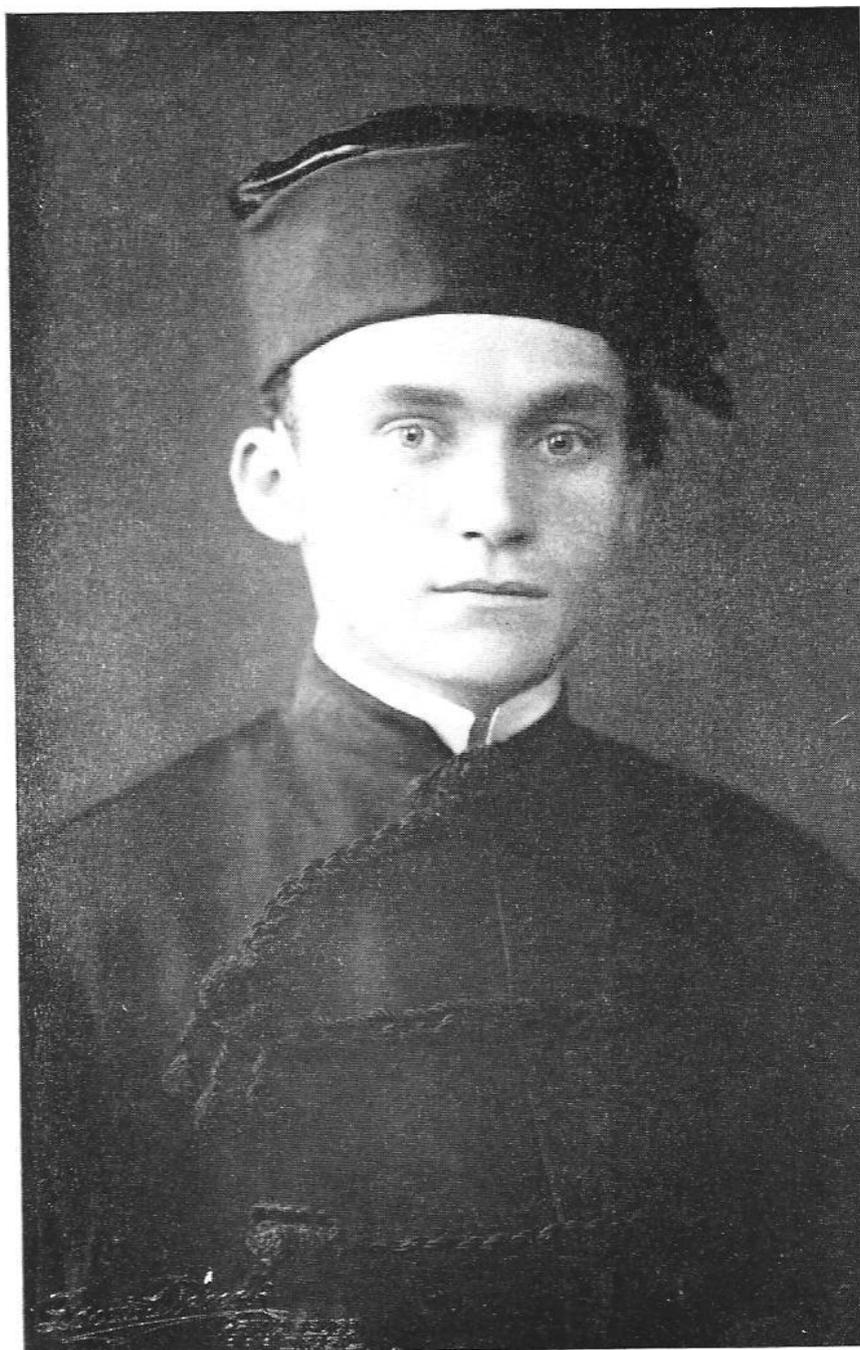
⁸⁰ As informações colhidas para construir a descrição acima estão presentes em Notícia Biobibliográfica de Joaquim Inojosa. Rio de Janeiro: Editora Meio-Dia, 1975.

⁸¹ Oliveira, Valdemar. Mundo submerso: memórias. 3ª edição. Recife: FCCR, 1985.

⁸² A fazenda Umari estava situada no município de Umbuzeiro, no Estado da Paraíba. Além da crise econômica, a família havia se envolvido nas disputas políticas locais, forçando sua saída da cidade.

Recife e por isso suas idas e vindas a Pernambuco eram constantes⁸³. Era uma prática comum entre as famílias abastadas ou de chefe de família escolarizado encaminhar os filhos para cidades maiores onde pudessem seguir uma carreira na Faculdade de Direito do Recife ou a Faculdade de Medicina da Bahia, seus tradicionais caminhos. Em pensões, morando sozinhos ou em casa de algum parente, os jovens tinham nessas ocasiões, na maioria das vezes, suas experiências mais significativas e fundantes com o conhecimento, com as rotinas de estudo, a iniciante vida profissional e as relações de amizade. Saindo da casa dos pais, muitas vezes com a responsabilidade de alcançar uma condição social, econômica ou política melhor que a do progenitor, os jovens se deparavam com a necessidade de adaptação ao meio urbano, com as exigências dos professores e de matérias mais complexas e a urgência de se tornarem (ou se tornarem mais) disciplinados e autônomos para os estudos.

⁸³ Em 1919, ingressou na Faculdade de Direito do Recife, bacharelado-se em 1923.



Joaquim Injosa ao bacharelar-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife (15-12-1923).

Se voltarmos à citação do início deste capítulo, notamos a disciplina espartana, quase militar do jovem Inojosa. Horário de estudos, atividade física e conversa com amigos absolutamente cronometrados. Uma relação matematicamente organizada com o conhecimento e com o tempo era construída. Relação de prazer, mas, algumas vezes, de tensão:

Não sei por que um imenso torpor invade-me o ser. Acordo sempre cedo, levanto-me sem fadiga, mas ao abrir o livro e fixar nas páginas a vista, sinto uma revolta íntima dominar-me, abstraindo-me por completo do assunto, avessas as faculdades assimiladoras a qualquer esforço prolongado. Que será? Variações do clima? Não. Doenças? Não. Pensamento voltado para alguma deidade? Também não. É a alma enfasiada, revoltada contra a confusão atual de estudos que lhe não permitem especialização; é a dúvida no espírito vacilante, vendo diante de si vários caminhos a seguir e com o imperioso dever de segui-los todos. Prejudica-me sobremodo o não poder rumar a inteligência por um ponto só, vendo ao longo o escopo a atingir. (...) Há dias até em que odeio os livros e ao vê-los sinto um ódio por todos, sem uma página que me possa tirar desse abatimento, desse estado d'alma que não compreendo. São os naturalíssimos momentos de transitórias doenças do espírito.⁸⁴

O *fastio da alma* mencionado pelo estudante acentuava-se ainda mais por sua permanência numa cidade como Itabaiana, que não oferecia o clima cultural dos teatros, livrarias e cafés do Recife, onde, normalmente na rua do Imperador, em companhia do irmão Aluísio e dos amigos José de Assis, Arnaldo Lélis e Cussy Júnior, “discutia-se, conversava-se e divergia-se”. Não havia em Itabaiana “o progresso correndo nas veias da cidade, vida, muita vida”, nem os encontros importantes como os que teve com Mário Melo, “vibrante jornalista”. Foi no Recife que assistiu à conferência do “grande estadista” Nilo Peçanha, durante campanha presidencial, e era em Olinda, nas suas praias, que podia encontrar-se com a mocidade recifense para ouvir música, namorar e passear praia afora.

⁸⁴ DE p. 277

Em vários trechos do *Diário*, reclamava do *calor caniculante*, da poeira insuportável, da monotonia de vida e do *rotineirismo* “audaz” e evolutivo da cidade. A escrita no *Livro íntimo*, inclusive, era mais frequente nos períodos em que estava nesse município, incitando o registro de seu convívio com jovens, políticos ou autoridades locais. Dividido entre as aulas da Faculdade de Direito, que pouco frequentava devido a sua precoce atuação profissional em Itabaiana como defensor público⁸⁵, as muitas leituras curriculares exigidas e suas predileções literárias, o jovem, no mais das vezes, deixava suas queixas nas páginas do seu “*bom amigo*”:

*Nada, porém, de anormal na minha vida. Continua sempre calma: procuro aproveitar as horas do dia; e se não o faço por completo é porque o especializar é-me impossível. Hei de acingir-me, atualmente, a ler e estudar muitas matérias para dar conta dos exames. Sinto mesmo essa falta em meu tirocínio, falta preenchida no dia em que formar-me e colocar-me.*⁸⁶

Havia pouca afinidade entre Inojosa e os lentes da Faculdade de Direito. A “distinção” nos exames orais nem sempre era alcançada. Suas queixas eram dirigidas à cultura enciclopédica, livresca, memorialística e sem teoria dos docentes e de alguns bacharelados:

Novembro – 26. Presto exames orais. Resultado: distinção em Direito Internacional e Direito Civil; plenamente em economia política. Por que plenamente em Economia? Pelo fato seguinte: o lente é um homem sem teorias. Num ano adota Gide; noutra Beaulieu. No que adota o primeiro, segue dele a escola, as opiniões; no em que o segundo, deste aceita todos os conceitos. Sustentar o contrário é arriscar-se a reprovação ou nota baixa. Este ano, por exemplo: todos os que se acingiram a Beaulieu foram bem galardoados. Eu é que me não deixo levar por injunção de

⁸⁵ Em 1920, na cidade de Itabaiana, onde passou a residir desde 1918, foi nomeado advogado dos presos pobres da prefeitura municipal.

⁸⁶ DE p. 258

*professores. Prefiro deixar de sair com melhor nota a tolher minha consciência perante homens sem diretriz de consciência. Aí está por que tirei plenamente em Economia...*⁸⁷

Conforme Souza Barros, não se pode desconhecer a função da Faculdade de Direito do Recife como centro de cultura jurídica e o fato de ter chamado a si, de forma exagerada, a interpretação da cultura filosófica pela falta de diversidade do ensino superior. Acrescia ainda uma tendência mais característica para a cultura de letras que para a ciência, muito comum aos países de tradição rural, ainda não ajustados então a uma linha do processo industrialista.⁸⁸ De toda forma, apesar dos desencontros com os mestres, do embate entre a cultura dos moços e dos velhos da época, a Faculdade de Direito do Recife era um espaço privilegiado não só de instrução formal, mas, principalmente, de aprendizado político e de construção de afinidades e diferenças entre os jovens dos anos vinte. Além de lugar da realização de exames e da audição de *enfadonhas* aulas, era a Faculdade o palco de muitas das rivalidades políticas dos anos vinte na cidade, das quais muitos dos estudantes não se furtaram em assumir como suas. Até porque, muitos eram “filhos de algo”, oriundos das famílias dominantes da região Nordeste, que valorizavam o bacharel como homem necessário para tratar dos interesses da administração e da economia, no que tocava aos seus aspectos legais e de estrutura.

A Faculdade de Direito exercia, portanto, na época, uma função não só de fastígio intelectual, mas de assegurar o status de uma cultura em que o bacharel ainda era, além de homem da lei, o sociólogo. Para Durval Muniz de Albuquerque, o “intelectual regional”, o “representante do Nordeste”, começa a ser forjado quando filhos dos grupos dominantes nos Estados convergiam para o Recife para estudarem na Faculdade de Direito e no

⁸⁷ DE p. 98

⁸⁸ BARROS, Manuel de Souza. A década 20 em Pernambuco: uma interpretação. Rio de Janeiro: Editora Acadêmica, 1972.

Seminário de Olinda, locais destinados à formação bacharelesca, das várias gerações dos filhos de abastados rurais. Observa esse historiador que nesses espaços se sedimentava uma visão de mundo comum, onde figuras influentes em nível nacional, bem como os futuros dirigentes dos Estados e localidades se conheciam, sedimentavam amizades, trocavam ideias acerca de política, economia, de cultura e de artes. Essas instituições funcionavam como centro intelectual de aglutinação, em torno de temas políticos e econômicos que ultrapassavam os limites de suas províncias ou Estados.⁸⁹

De toda forma, ressaltamos que, ao que parece, a Inojosa não bastava a sua permanência nos quadros discentes da Faculdade para assegurar sua posição no meio intelectual. Seu projeto de “vencer na vida” era pautado no que denominou *trilogia eugênica*:

*Comigo isso dá-se, que procuro em tudo, educar a vontade, sobretudo não fumando, não jogando, não bebendo, os três vícios da humanidade, calculemos os que não educam sua vontade!*⁹⁰

Autonomia, determinação, *diretriz de consciência* são sentimentos valorizados e ressaltados tanto nas descrições do cotidiano quanto nas reflexões deixadas aos domingos no diário. Além das horas em casa dedicadas às leituras e à escrita, a sua estratégia de formação incluía ainda a aquisição de muitos livros. Embora se queixasse *das dificuldades financeiras para se manter*, o jovem não perdia a oportunidade de circular e comprá-los nas livrarias do Recife e da Paraíba. Sua escrita íntima, os relatos de estudantes marcados nas páginas do caderno de anotações, denotam uma maneira de relacionar-se com os estudos muito próxima da ideia de batalha, travada dia a dia, com cada passo

⁸⁹ ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. Recife: FJN, Ed. Massangana; SP: Cortez, 2001. P. 71

⁹⁰ DE p. 358

meticulosamente planejado e cotidianamente estimulado. Suas reflexões aos domingos deixam bem essa impressão:

Quem não ousa, se não heroiciza. Não quero chegar a tanto, mas terei o prazer de realizar o ideal de moço.⁹¹

(...)

Se não lutar, não venceremos. A luta é condição essencial da vitória na vida. É ânsia de adquirirem-se sem falta as pétalas com que se soldará o cálice da felicidade. É já o prenúncio da objetivação de ideais que existem. Duas forças, sobretudo, requer: energia e força de vontade. Pela força de vontade, caminha-se; pela energia de vontade, levanta-se a cabeça; pela energia, impõe-se o que ela pensa. A felicidade, nesse caso, é sempre o que se procura.⁹²

Seus registros e reflexões delineiam diferenças e constroem traços identitários para esse sujeito do *mundo das letras*:

A paciência é uma qualidade que sempre traz bons resultados. É o trabalho metódico duma obra qualquer, é a leitura paulatina de um livro, a confecção de uma obra, o desejo de vencer sem pressa. Resultado de estudo, da reflexão. (...) Um paciente é um resignado. Não se parece com esses rotineiros ignorantes que passam a existência em otimismo degenerado; conforma-se, mas dentro dos limites da razão, no campo vasto da verdade. (...) Os verdadeiros pacientes são os verdadeiros instruídos. (...) São os únicos que possuem a glória de vencer pela meditação. São os únicos que se immortalizam pela força de vontade.⁹³

Coragem, razão, paciência, disciplina, determinação, energia, vontade e força são vocábulos recorrentes nas reflexões sobre o estudar e constroem um perfil do estudante de direito, amante das letras, atento à cultura e à política da sua época. Emerge a figura do

⁹¹ DE p. 44

⁹² DE p. 101.

⁹³ DE p. 138

sujeito que traça seu próprio destino, que dita o ritmo e as circunstâncias do viver e que, claro, não descuida de registrar cada tomada de decisão na construção de seu percurso:

Levantei cedo, recordando-me das palavras de Rui Barbosa, mais ou menos estas: “O amanhecer do trabalho deve antecipar-se ao amanhecer do dia. Curtos se fizeram os dias para que os duplicássemos, madrugando.”⁹⁴

A percepção deixada sobre o *ser estudante* reforça a ideia do sujeito devotado a uma causa: ser intelectual. Estão por toda parte no diário as marcas sobre a construção desse sujeito no mundo e da delimitação das suas diferenças e estranhamentos com os *outros* e com esse próprio mundo. A relação com os livros e o seu encontro com o pensamento científico do período permitem que construa suas próprias lentes para *esquadrinhar* o cotidiano. Nos poucos registros deixados sobre a vivência em família, sobre as idas a Umari, no município de Umbuzeiro, percebemos os embates e maneiras de percepção de si e da gente do interior mediados pela leitura de Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões* e de *Contrastes e Confrontos*:

O que presenciei, o que deduzi, o que estudei e esquadrinhei quanto pude foi mais ou menos isto: ali agrupados se achavam vinte ou mais homens, espíritos broncos, sem nenhuma instrução, a falarem a salgallhada duma linguagem sem nexos, para quem aquela festa constituía o grande prazer. Alguns vizinhos, outros de longes plagas, irmanados, sem conhecerem do mundo maiores vastidões, mussulmanamente(sic) rotineiros, sem ideal, resumindo a vida no quadro tracejado de quejandos divertimentos. Têm o que comer e vivem satisfeitos. Uns, com o rosto ensanguentado das disparadas no implexo dos matagais; outros vestidos de couro, e outros rotos dos galhos de marmeleiros no perseguir dos novilhos bravios. A tez bronzeada de todos revelava bem o andar o dia todo ao sol, irresistíveis, indomáveis, abnegados. Lembrava-me das páginas ciclópicas de

⁹⁴ DE p. 224

*Euclides, que começava por chamar o sertanejo, antes de tudo, um forte, para depois alcunhá-lo, com precisão e justeza de Hércule-Quasímodo. Ali todos representavam o primeiro, porque todos queriam vencer. Eram estúpidos, porém eram homens, para os demais, heróis, valentes, leoninos...Naquela vaquejada não havia homens: eram animais perseguindo animais.*⁹⁵

Ressaltamos que a leitura de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha direciona o olhar de muitos jovens da geração de Inojosa. Um pouco da formação e atuação desse escritor nos indicam os valores, alguns até contraditórios, que circulavam na cultura intelectual que envolvia e mediava a juventude da década de vinte. Euclides encarna, por sua formação e tomada de posição, o ideal republicano que pretendia reformar a pátria. Na Escola Militar, havia recebido um ensino positivista de Benjamim Constant. Suas preocupações de engenheiro acomodavam-se bem com o cientificismo reinante. É em virtude dessa sensibilidade que ele vai ser levado a dar conta dos acontecimentos da Revolta de Canudos. *Os Sertões*, obra publicada em 1902, rapidamente esgotada e publicada novamente, colocava o drama de jagunços, grupos religiosos, sertanejos pobres, frente à jovem República e diante da consciência da nação. Esse livro vai fascinar e comover muitos brasileiros.

Conforme Mario Carelli, marcado pelo pensamento de Taine, Euclides da Cunha atribui uma grande importância ao determinismo geográfico e climático nas mentalidades e estava impregnado pelas teorias evolucionistas darwinistas e pelas concepções de hierarquia das raças. Nessa obra, em que fundiu o conjunto de seus artigos de correspondente de guerra, revela sua crença no progresso histórico e na passagem inelutável da barbárie à civilização.⁹⁶

⁹⁵ DE p. 228.

⁹⁶ CARELLI, Mario. *Culturas Cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994. P. 156

O historiador Nicolau Sevcenko destaca que Euclides da Cunha possui igualmente vivos em si, com o mesmo calor, exatamente os dois mundos que se negavam um ao outro, de forma tão inexorável que um só poderia subsistir à custa da morte do outro. *Eram dois tempos, duas idades que se opunham pela própria raiz da sua identidade: século XIX literário, romântico e idealista; e o século XX, científico, naturalista e materialista.*⁹⁷ Muitos dos autores e obras lidos nas primeiras décadas do século XX no Brasil, principalmente os nacionais, trarão essa marca de homens formados em tempos de transição de modelos de pensamento, de cenários urbanos e de regimes políticos.

Uma eclética biblioteca emerge das páginas do Diário de Joaquim Inojosa. Além de Euclides da Cunha e Rui Barbosa, o repertório intelectual de Inojosa era formado por muito outros autores, nacionais e estrangeiros. Alguns dos nomes mais citados no diário são: Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Emilie Zola, Stuart Mill, Arthur Schopenhauer, Coelho Neto, Gorki, Shakespeare, Faguet, Planiol, Ribas, Gide, Renan, Eça de Queiroz e Oliveira Lima. Livros técnicos de direito, história e filosofia, além de literatura, figuravam na sua rotina de estudos. Eram lidos e consultados, na maioria das vezes, de forma simultânea, sem o compromisso de uma conclusão de leitura datada. Seguia, talvez sem saber, as indicações de Francis Bacon, em *Of Studies*: “*Alguns livros são para serem experimentados, outros para serem engolidos, e alguns poucos para serem mastigados e digeridos*”⁹⁸

Seguindo as entradas dos registros diários, notamos como a leitura de certos autores arrastava-se por vários meses, era abandonada pelo caminho ou não era mais digna de ser registrada. As leituras não eram direcionadas apenas à formação do bacharel e escritor, a uma formação, digamos, exclusivamente profissional. Nas suas andanças pelos textos,

⁹⁷ SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Companhia das Letras. 2003. P. 159

⁹⁸ Citado in PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos. São Paulo Editora Unesp, 2005. P. 103

Inojosa buscava motivação e força nos livros. Maria Lúcia Pallares-Burke, analisando a vida do Gilberto Freyre estudante, observa também como esse contemporâneo de Inojosa, apenas um ano mais velho, se relacionava de maneira intensa com os livros: “No que lia, o estudante recifense parecia buscar não só conhecimento, mas também orientação para o que ler, como ler e, até mesmo, como encarar a vida. É reveladora dessa disposição a frase de Bacon, sublinhada pelo jovem universitário num dos primeiros livros que leu em Baylor para o curso do prof.: “*Abeunt studia in mores*” ou “*studies change into character*” (os estudos transformam-se em caráter), como traduz Freyre ao pé da página”.⁹⁹

De toda forma, devemos ressaltar que, oferecendo-se a uma leitura plural, o texto se torna uma arma cultural, uma reserva de caça e toda leitura modifica seu objeto, sendo o livro um efeito do leitor. Dessa forma, a leitura é uma prática autônoma, e o leitor um produtor inventivo.¹⁰⁰ Inojosa, Freyre e tantos outros estudantes da época se apropriaram dos saberes circulantes nos livros e construíram, cada um a sua maneira, suas trilhas intelectuais.

O historiador Michel de Certeau nos apresenta elucidativas metáforas sobre os leitores: *longe de serem escritores, fundadores de um lugar próprio, herdeiros dos servos de antigamente, mas, agora trabalhando no solo da linguagem, cavadores de poços e construtores de casas, os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los. A escritura acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar e multiplica sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não tem garantias contra o desgaste do tempo (a gente se esquece e esquece); ela não conserva ou conserva mal a sua posse, e cada um dos lugares por onde*

⁹⁹ Op. Cit. P.92

¹⁰⁰ Concepções tributárias de CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Vol. 1. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

*ela passa é repetição do paraíso perdido.*¹⁰¹ Nas leituras e escritas de Inojosa, percebemos posturas que indicam a construção de princípios geradores e unificadores das práticas e ideologias de um grupo, nesse caso, da profissão intelectual. Emerge nos trechos do Diário de Estudante, a relação íntima com os livros, a devoção do moço aos autores e mesmo a atribuição de personalidade às publicações:

*Os únicos amigos destituídos de hipocrisia são os livros – em que se reflete nosso estado d'alma, desanuviando-a das escuras nuvens que a envolvem nos dias de inevitáveis aborrecimentos. Até neles há bons e maus. Eu reputo boa a leitura que me desperta sempre sensações novas, traz-me luzes ao espírito, ou corresponde ao estado emotivo do meu ser. Considero má a leitura inútil: fica a critério do leitor discerni-las.*¹⁰²

Entre os bons livros, certamente não estariam ausentes de sua lista os de Ernest Renan e as biografias de homens ilustres escritas por Samuel Smiles. Esses autores são apropriados pelo jovem Inojosa, educam seu olhar e direcionam seus posicionamentos sobre o mundo. Ao longo de suas reflexões registradas aos domingos, notamos como um autor como Samuel Smiles repercutiu no jovem estudante. Biografias e livros de aconselhamento se uniam na obra desse inglês vitoriano, um dos conselheiros de maior público. Sua obra *Self-Help*, traduzida no Brasil como *O Poder da Vontade*, respondeu a muitos dos anseios e ansiedades de Inojosa. Conforme Peter Gay, *Self-Help*, sermão mais influente de Smiles, vendeu cerca de vinte mil exemplares nos primeiros doze meses, e cento e cinquenta mil em trinta anos. Era fundamentalmente coleção de anedotas sobre os grandes homens, às vezes, minibiografias, concebidas para ilustrar o argumento fundamental de Smiles: os recursos necessários para o sucesso na vida estão no nosso interior. Smiles exemplificava com frases admiráveis e histórias extraordinárias da vida

¹⁰¹ Idem. P. 270.

¹⁰² DE p. 110

dessas pessoas o trabalho duro, a autoconfiança, o domínio das paixões, o controle racional sobre o uso do tempo e do dinheiro.¹⁰³ As impressões do jovem sobre o livro ficaram registradas:

Termino a leitura do “Poder da Vontade”, de Samuel Smiles. É um livro admirável, de moral acessível. Todo ele parece resumir-se no conceito de Stuart Mill, que o autor cita na primeira página: “Se bem refletirmos, reconheceremos que a valia de um Estado provém da valia dos indivíduos que o compõem”. A perseverança de Palissy e a vida de São Francisco Xavier são admiráveis pela constância, pela resignação e força de vontade. As biografias todas são exemplares. Quem compreender, assimilar Smiles, e lutar, vencerá na vida. O Oscar Lira, em conversa, disse não apreciar por ser moralista demais. É que o amigo está ainda compenetrado dos sentimentos burgueses da atualidade. Apreciei muito e muito aprendi nesse livro. E é uma das obras que pretendo reler em breve, para renovar a impressão de hoje.¹⁰⁴

Leitor exigente e crítico, Inojosa deixa registros de suas predileções e críticas nas páginas do “*bom amigo*”. Demonstra certa impetuosidade e mesmo arrogância diante de escritores já consagrados, e as leituras realizadas são, em sua maioria, seguidas de comentários e impressões sobre os autores e os livros. É importante destacar que a crítica literária será exercida por Inojosa na imprensa durante a maior parte de sua vida e atuação profissional e mesmo algumas de suas publicações posteriores na imprensa dos anos 1920 serão alimentadas por suas *reflexões*. Seus *usos* de alguns autores, as marcas deixadas por algumas das leituras, além de suas considerações sobre a cultura intelectual, estão no *Diário*:

¹⁰³ GAY, Peter. O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. P. 181.

¹⁰⁴ DE p. 22

Desobrigado da tarefa de exames, sinto-me como que remoçado no impulso para amenas leituras e passatempos agradáveis como o escrever. Bem sei que constitui um dos erros da mocidade atual esse medo, essa fuga aos estudos da ciência; mais assim o exige o século, e nós somos por ele feitos. A ciência hodierna que se mais impõe é a ciência social, ou melhor, são as ciências sociais. Na Faculdade de Direito a principal, portanto, é Economia Política.¹⁰⁵

Afirma Renan que o homem pertence ao século em que vive: nesse caso, abracemos a febre ardente de riquezas que constitui a doença do século XX. Transformemos o casamento em questão econômica, o sentimento de amizade em interesse, a dignidade precintemo-la pela faixa versicolor do utilitarismo. Ó tempos, ó costumes!¹⁰⁶

Até que afinal conheci Inocência, de Taunay. Devorei-a com os olhos. Foi uma leitura rápida, tal qual a ânsia de terminar.¹⁰⁷

Ressaltamos que a leitura, a compra de livros, a escrita, a apropriação e criação do pensamento pelo jovem Inojosa, antes de ser uma estratégia singular de formação, tornam-se condição de inserção no campo social e na profissão intelectual. Suas errâncias e inventividades, seus encontros e desencontros com os autores, seus *usos* dos textos nos indicam como esse sujeito aprende e apreende princípios de um estilo de vida e do gosto das camadas intelectuais da década. O estudante circulava no espaço urbano e nos ambientes de formação onde o capital cultural e intelectual começava a ganhar maior importância no jogo das trocas políticas e profissionais.

Conforme o sociólogo Sergio Miceli, se na Primeira República o recrutamento dos intelectuais se realizava em função da rede de relações sociais que eles estavam em condições de mobilizar e as diversas tarefas de que se incumbiam estavam quase por completo a reboque das demandas privadas ou das instituições e organizações da classe

¹⁰⁵ DE p. 99

¹⁰⁶ DE p. 78

¹⁰⁷ DE p. 48

dominante, a cooptação das novas categorias de intelectuais depende do capital das relações sociais, mas passa cada vez mais a sofrer a mediação de trunfos escolares e culturais, cujo peso é tanto mais quanto mais se acentua a concorrência no interior do campo intelectual.¹⁰⁸

Joaquim Inojosa dispunha de variadas moedas para negociar sua inserção e permanência no campo intelectual da década de vinte. Além do capital cultural construído com *ousadia e energia*, dispunha de uma ampla rede de amigos influentes em cargos políticos e nas redações dos jornais. Ousadia, energia e amizades alicerçaram a construção de sua atuação profissional. Graças às relações de amizades, algumas delas herdadas da família, pôde o jovem manter seus estudos dividindo-se entre Pernambuco e Paraíba, hospedando-se muitas vezes na casa de amigos e familiares; graças aos bons contatos, conseguiu aos 20 anos o cargo de promotor público e muito cedo deu início a sua atuação nos jornais e revistas dos dois Estados, publicando crônicas, críticas, resenhas e contos. Apenas a almejada educação no Rio de Janeiro figura como um dos poucos objetivos não atendidos por sua rede de contatos. No início de 1920, havia o jovem escrito carta ao doutor Antonio Pessoa Filho, conterrâneo que morava na capital do país, solicitando um emprego no Rio de Janeiro e expressando seu desejo de estudar nessa cidade. Foi dissuadido pelo amigo, que ressaltou:

Quando se quer estudar, quando se tem desejo verdadeiro de se instruir, não é somente aqui no Rio ou em S. Paulo que isso é possível. Os espíritos que aqui brilham, aqueles que aqui se destacam, de ordinário chegam aqui formados e na sua grande maioria vêm do Norte. Não será preciso grande esforço de memória para citar uma dezena deles.

No Diário, talvez como consolo, escreve Inojosa:

¹⁰⁸ MICELI, Sérgio. Intelectuais à brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. P. 79

*Fala o espírito nortista de verdade. Nortistas são Eptácio Pessoa e Rui Barbosa, Coelho Neto e Hermes Fontes; foram-no Silvio Romero, Tobias Barreto, Veríssimo, Sousa Bandeira, Castro Alves e milhares de brilhantes estrelas. Nortista é Clóvis Bevilacqua.*¹⁰⁹

Mas, ao terminar a leitura de “A Conquista”, de Coelho Neto, em que o autor relembra os tempos de boemia no Rio de Janeiro com Aluísio e Artur Azevedo, Guimarães Passos e Olavo Bilac, entre outros, Inojosa, em meio às críticas ao livro e até mesmo às construções de português desse escritor, deixa escapar:

*Ao terminá-la senti-me com pruridos de realizar um grande e elevado ideal, que me persegue de há muito: habitar o Rio de Janeiro. Hei de fazer, pois, só em meio adiantado como esse poderei acendrar ao espírito, pela convivência com os homens de talento e incentivo do ambiente em que vivo.*¹¹⁰

Possivelmente, o jovem tinha poucos motivos para reclamar de suas relações sociais. Oriundo de família empobrecida, por meio dos estudos, da mobilização do capital social, da “reconversão social”, na expressão de Miceli, Inojosa consegue transitar nas camadas dirigentes e poderosas do Recife, Paraíba e Itabaiana, construindo na profissão intelectual um terreno de refúgio, se livrando das ameaças de rebaixamento social, se desgarrando do seu ambiente de origem, mas guardando nos seus escritos a experiência peculiar de distanciamento em relação a sua classe.¹¹¹

Além da ansiedade de deslocar-se para o Rio de Janeiro, da vontade de se desvencilhar das matérias da Faculdade de Direito, do desejo de poder especializar-se e

¹⁰⁹ DE p. 27

¹¹⁰ DE p. 33. Sua transferência definitiva para o Rio de Janeiro se dará em 1930, segundo o escritor, por motivação política relativa aos acontecimentos da Revolução de 30 em Pernambuco.

¹¹¹ Idem.

seguir seus próprios interesses intelectuais, o jovem Inojosa convivia com a incerteza de publicar seus escritos em forma de livros, o que o afligiu durante meses em 1920. Não foram poucos os esforços e as dificuldades para publicar *Tentames*, contendo 16 contos e um posfácio, escritos, segundo o escritor, entre os 15 e 18 anos. Em 1975, o maduro Inojosa assim define sua obra de entrada na literatura:

Poder-se-á afirmar (...) que Tentames definia, sobretudo em questões político-sociais, as aspirações da juventude que entre 1917 e 1920 começava a inquietar-se com aquelas modificações sopradas da guerra de 1914 na direção de todo o mundo. No conto “A Deputada”, elevava o autor a mulher à categoria de parlamentar, na defesa de um “feminismo que triunfará”; em “Altivez de Um Operário”, defendia os ideais que hoje poderiam parecer subversivos, mas que naqueles idos se discutiam livremente, como de uma greve provocada pelo operário Luís (...).¹¹²

Até 1920, o mercado editorial no Brasil apenas se esboçava. Uma forte característica centralizadora marcava o campo literário, cujas principais agências se concentravam na Rua do Ouvidor no Rio de Janeiro. Essa situação vigoraria até o incremento do surto editorial nos anos 20, em São Paulo, tendo à frente o escritor Monteiro Lobato.¹¹³ Mesmo na década de vinte, o movimento editorial no Recife e na Paraíba não era grande. Alguns títulos de autores pernambucanos foram editados em Paris. Não só Joaquim Nabuco, que viveu fora do país, como outros, radicados na terra, a exemplo de Faria Neves Sobrinho. Em geral, os escritores tratavam, eles próprios, de suas edições. Mario Sette imprimiu na Tipografia Nery da Fonseca, na Rua do Apolo, *Senhora de Engenho*, o mesmo ocorrendo com *João Carneiro*, de Raimundo Paes Barreto, *Os Irmãos Marçal*, de Olívio Montenegro, e quase toda a obra de Araújo Filho. A Livraria Ramiro

¹¹² Notícia biobibliográfica de Joaquim Inojosa. Rio de Janeiro, Editora Meio-Dia, 1975. P. 6.

¹¹³ SANTANA, João Carlos Barreto de. A construção do discurso científico de Euclides da Cunha. In: O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2002. P.229

fazia edições de livros de curso primário (tabuadas, cartas de ABC e cartilhas), mas estas eram impressas no Rio e mesmo em Portugal.¹¹⁴ O mercado editorial era dominado por editores franceses ou portugueses. Francisco de Paula Brito foi o único editor brasileiro, de finais do século XIX até 1919.

Conforme Sérgio Miceli, em fins do Império e ao longo da primeira década republicana uma parcela considerável das obras de escritores brasileiros era impressa na França e em Portugal.¹¹⁵ Portanto, numa época de mercado editorial reduzido e de elevados preços para publicações, com as típicas edições dos autores praticamente autofinanciadas, a mobilização do capital social do estudante tornou-se fundamental para a realização de seus intentos editoriais.

Os contos foram enviados a João da Mata Correia Lima, intelectual da Paraíba do Norte, que, como a maioria dos homens de letras da época, atuava na imprensa, no jornal Correio da Manhã. O jovem solicitava urgência na leitura e crítica imparcial, além de uma apreciação como prólogo. Apesar de decidido a publicar o livro, em várias entradas do diário o jovem condiciona esse fato a sua condição econômica:

Antolha-se-me grande dificuldade: o Batista quer me tirar 500 volumes por 600\$000; a “Torre Eiffel”, por 800\$000. Ora, cara assim a impressão, já não é tão fácil a publicação. O dr. Flávio, dias há, me ofereceu o que precisasse. Se necessário for, servir-me-ei da oferta do lealdoso amigo, a quem o dedico.¹¹⁶

Recebi carta de João da Mata comunicando estar pronto o “Tentames”. Surge-me sempre à mente a dificuldade de publicação pela exorbitância de preço. O Olívio Lira há pouco me disse que estaria pronto para auxiliar no que fosse preciso. É mais uma prova de dedicação do

¹¹⁴ BARROS, Manuel de Souza. A década 20 em Pernambuco: uma interpretação. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Acadêmica, 1972. P. 206/207.

¹¹⁵ MICELI, Sérgio. Intelectuais à brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 141.

¹¹⁶ DE. P. 36.

*lealdoso amigo. O Oscar Lira o quer ler ou ouvi-lo para externar-se pela “A Notícia” com antecedência. Quem não ousa, se não heroiciza. Não quero chegar a tanto, mas terei o prazer de realizar um ideal de moço.*¹¹⁷

Além de indicar o quão essencial foi a contribuição dos “lealdosos amigos” para a publicação do primeiro livro de Inojosa, os trechos acima, complementados pelas notas do autor, dão conta da sua rede de relações. Algumas delas foram fundamentais para a sustentação da sua condição de estudante, quando de suas idas ao Recife para prestar exames na Faculdade, comprar livros e se socializar com os jovens de sua idade. Outras para sua projeção no campo profissional e para a legitimação de sua condição de jovem escritor.

No Recife, recorrentemente ficava na casa da família de Antonio Paredes, natural de Timbaúba, compadre de seu pai, ou então se hospedava na casa de Francisco Trindade, magistrado, rico e seu primo. A situação de “forasteiro audaz”, de beneficiário de favores de amigos e familiares denota a situação de “posição em falso”, para usarmos a expressão de Miceli, comum aos sujeitos nas décadas iniciais da República que almejavam a mudança de lugar social por meio dos estudos. Em alguns trechos do Diário as tensões que permeavam essas relações emergem:

Junho – 9. Como se vê, quase ando em peregrinações. Aqui pretendo demorar-me alguns dias. Hoje, na capital, tive ocasião infeliz de olhar mais uma vez o perfil odioso desse magistrado magriço que é o dr. Francisco Trindade, meu primo (!). Conheço a vida privada desse homem, um monstro na acepção social da palavra, que possuindo grande fortuna ---dizem que mais de 400 contos ---vive passando necessidade, vestindo-se mal, amasiado com uma tal D. Ana, boa mulher de quem esse bacharel suga o sangue por todas as formas. Vive em casa dela para não pagar aluguel, nem luz, nem água e ter quem ponha retalhos novos em

¹¹⁷ DE p. 44.

*calças velhas. (...) Sobre a vida de dr. Francisco Trindade, hei de escrever um dia sob a epígrafe “Um monstro social” ou “O avarento.”*¹¹⁸

Diferentes, mas, não menos ambivalentes, eram seus contatos na Paraíba:

*Marco – 3. À tarde segui à Usina São João, do dr. Flávio Ribeiro, onde dormi. Visitei-a toda; chupei muita cana; o banho é esplêndido, imortal: a água cai em abundância de uma altura regular, em massa compacta. Na usina trabalham as máquina dia e noite: são cerca de 700 braços humanos na faina estupenda do fabrico do açúcar. É admirável. O socialista revolta-se ante a diferença do patrão e do operário: este trabalha dez vezes mais e ganha vinte vezes menos.*¹¹⁹

*Junho – 9. Saio da casa desse homem [Francisco Trindade] e me hospedo no “Engenho Central”, em casa de Flávio Ribeiro, alma superior, espírito nobre, inteligência lúcida e, sobretudo, amigo sincero, caráter intangível. Até aqui tem-se-me ressumbrado sem falha na intimidade em que privamos. (Engenho Central).*¹²⁰

Seu “maior amigo”, Flávio Ribeiro Coutinho, era chefe político em Itabaiana e gerente da Usina São João. Em 1959, quando da publicação do Diário, era o então governador da Paraíba. Olívio de Andrade Lima, “bom e querido amigo” era comerciante na época, e em 1959, desembargador do Estado do Espírito Santo. O coronel Manuel Joaquim de Araújo, “amigo dos mais corretos” que conheceu, era prefeito de Itabaiana e proprietário do jornal semanário “A Notícia”. Além de oferecer-lhe em certa ocasião a oportunidade de dirigir o jornal, foi responsável pela sua nomeação como advogado interino no município de Itabaiana, possibilitando que o jovem “se atirasse na vida pública”. No quadro que emerge das páginas do Diário, figuram como mecenas do jovem estudante.

¹¹⁸ DE p. 56/57

¹¹⁹ DE p. 36

¹²⁰ DE p. 57

Além de financiar o “ideal de moço”, Flávio Ribeiro desempenhava importante papel na inserção de Inojosa nos círculos sociais e políticos do Estado da Paraíba. O amigo sempre era apresentado a uma ampla rede de profissionais (engenheiros, jornalistas, médicos) e autoridades (coronéis, deputados, governadores e até mesmo candidatos à presidência do país), levado a passeios de automóveis (raridade no início da década), excursões ao interior do Estado, almoços e toda sorte de eventos sociais. Flávio Ribeiro possibilitava ao estudante outra formação, não a livresca, mas a da experiência.

É óbvio que não podemos deixar de ressaltar os méritos do jovem na manutenção dos laços construídos, mas, sem dúvida, ter essa espécie de preceptor foi fundamental para seu bem-sucedido trânsito na elite política e intelectual local e na posição que posteriormente ocupará nesse sistema de relações. Rebeca Gontijo, ao analisar a relação de amizade entre Capistrano de Abreu e Paulo Prado, ressalta que *a ajuda financeira faz parte da relação de amizade, desde que não seja explicitamente guiada pela lógica da prova (de amizade), do dever (para com o amigo) ou da troca de procedimentos valorizados socialmente. Na intimidade, pedidos e favores devem ser gratuitos ou justificados como se o fossem, sendo o saber receber tão importante quanto o saber dar.*¹²¹ A historiadora Ângela de Castro Gomes também indica em suas análises das relações entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre como era comum a mobilização mútua de serviços, de trocas de favores e pedidos como conselhos, livros emprestados, cartas de recomendação e apresentação de amigos.¹²² Essas redes de amizades, portanto, nos mostram como os sujeitos mobilizam seu capital cultural, social e político para a concretização de seus ideais. Com o nosso estudante não era diferente.

¹²¹ GONTIJO, Rebeca. “Paulo Amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). Escrita de si: escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. P. 175.

¹²² GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre.

Não resta dúvida de que Inojosa admirava João da Mata, que confiava no talento do amigo, “*críterioso, sincero e algo estudioso*”, que se dedicava “*com afã à nossa língua, procurando conhecer-lhe todos os meandros*”. No entanto, muito provavelmente a posição profissional de Mata, editor de Jornal, “*brilhante espírito da Paraíba*”, partícipe da camada dirigente, teve um peso decisivo na escolha feita pelo estudante. Ressaltamos que muitas vezes os registros do moço davam conta de sua convivência nas redações dos jornais do Recife e da Paraíba. Eram ocasiões não apenas de conversas sobre a política da época, sobre a ciência e a literatura, mas, em muitos casos, a possibilidade de ser ouvido, de demonstrar e comparar seu repertório cultural e, sobretudo, a oportunidade de “cavar” alguma posição profissional ou mesmo um espaço de publicação numa coluna de jornal ou revista:

Outubro – 25. Conheci pessoalmente o dr. Mário Melo, por meio de uma carta de apresentação do dr. Cruz Ribeiro. Conversamos cerca de 15 minutos, e como referisse que muito o admirava como jornalista vibrante, respondeu-me: - Eu sei apenas um pouco de história e geografia; e nada mais. A minha carta tratava de ver se conseguia por seu intermédio publicar alguma coisa no “Diário”. A este respeito afirmou faria o possível, certo de que o “Diário” era “uma porta fechada a pessoas estranhas; abri-la seria difícil.”¹²³

Estive no “Correio da Manhã, onde me demorei uma hora – 12 às 13 – em conversa com João da Mata. Este, com o tracejar luminoso de seu espírito, me disse ter colocado no correio uma carta para mim. E mais, que lia o “Tentames” e o paraninfaria, se tanta era a minha insistência. Delongou-se em considerações sobre Rui Barbosa, chamando-o de maior cabeça pensante do mundo atual. Citou trechos diversos, que os sabe de memória, do gênio de Haia. Referi-me a Álvares de Azevedo, pu-lo acima de todos os escritores da época romântica. Mata o aceitou.(...). Fiquei contente por ver que quase todos os pensamentos que ele exteriorizava se já achavam explanados no “Tentames” (...).

¹²³ DE p. 291

*Prometi mandar, às quintas-feiras, um artigo para sair publicado aos domingos no “Correio da Manhã”.*¹²⁴

Conforme afirma Ângela de Castro Gomes, *não é tanto a condição de intelectual que desencadeia uma estratégia de sociabilidade, e sim ao contrário, a participação numa rede de contatos é que demarca a específica inserção de um intelectual no mundo cultural.*¹²⁵ Inojosa estava envolvido em um círculo de sociabilidade que ao mesmo tempo o situava no mundo cultural e lhe permitia interpretar o mundo político e social do seu tempo. Marcar por meio da escrita, sua inserção no mundo da cultura e da política foi a estratégia definida pelo estudante.

Em meio a toda a mobilização para a publicação de “Tentames”, os registros no Diário são comprometidos. De 26 de agosto até 9 de outubro de 1920, o “*bom amigo*” foi deixado de lado. As leituras e exames do curso de Direito, as obrigações como promotor público, os arranjos para publicar seu livro e mais o compromisso assumido de publicar semanalmente no Correio da Manhã podem ter contribuído para a suspensão das entradas. Após esse intervalo de tempo, os registros diários voltam, e o estudante compartilha com seu “*íntimo amigo*” a recepção de seu livro, já publicado.

Na Paraíba, no Recife e mesmo em Timbaúba, críticas foram publicadas na imprensa. As dos jornais da Paraíba foram todas “as mais agradáveis possíveis”, exortando o jovem a não desprezar o caminho das letras. O “Jornal do Comércio”, por sua vez, ressaltou a sua “grande vontade de escrever”, mas observou tratar-se de temas “gastos e banais”. A crítica foi feita por seu futuro companheiro Austro-Costa, nesse momento desconhecido de Inojosa. “A Serra”, de Timbaúba, deu uma *pequena notícia*, segundo o

¹²⁴ DE p. 35/36.

¹²⁵ GOMES, Ângela de Castro. Op.Cit. p .51.

jovem, “na qual se bem antevê a pontinha de despeito do deusinho de lá, o diretor do mesmo jornal.” Tratava-se de Jáder de Andrade, chefe político da região.

O tom dos registros sobre a realização do grande sonho do jovem, a publicação de seus escritos, seu primeiro livro, não é tão entusiástico quanto se pode imaginar. Parece que o estudante, um pouco frustrado por não ter sido recebido com maior calor pela crítica, estrategicamente recorda sua condição ainda de aprendiz, reservando nas suas memórias um lugar humilde e confortável para essa primeira aventura no mundo das letras:

Eu, intimamente falando, se bem refletisse não teria publicado o tal livro. Por não ter resultado prático, por evitar, mais adiante, pequenas falhas em que, involuntariamente, incorri e, sobretudo, pela conveniência de firmar meu nome nas letras após determinada cultura e razão mais bem envolvida. Já que esta, aos seus dezoito anos, me não auxiliou em tomar tal resolução, consinto que o meu filho vá por aí fora vagabundando, sujeito ao apêdo de uns e a benevolência acolhida de outros, sofrendo até o dia em que mais forte irmão lhe venha amparar, se para tanto não me faltarem as imprescindíveis energias. Meu bom amigo: conserva em tuas páginas esta confidência sincera; não a reveles a ninguém, sob pena de inimistarmo-nos fidalgamente.¹²⁶

As frustrações e decepções do estudante podem ser sentidas nas suas reflexões do mês de outubro. Tematiza sobre ilusões, derrotas, fala de homens fracos, de inveja e, talvez, marcado pelo pessimismo de Arthur Schopenhauer, um dos seus autores preferidos, exalta o infortúnio e a dor:

É no infortúnio, portanto, que se conhece o valor do homem; nunca na riqueza, nunca na ociosidade, nunca nos prazeres. Na dor, sim; na dor é que ele mostra o que realmente é, porque ela é a mais elevada expressão do reconhecimento da dignidade humana. Aquele que na dor sucumbe, é que no prazer era um fraco. Não desanime o que sentir um dia superado

¹²⁶ DE p. 66

*por inesperado abatimento moral. Lute e vença, que assim poderá chegar à objetivação de todos os seus ideais.*¹²⁷

Mas, por que tanta tristeza pela morna recepção do seu livro na imprensa? Que “resultados práticos” aguardava Inojosa? Para entendermos sua reação, precisamos compreender que a imprensa, na República Velha, era um mecanismo de consagração e legitimação de escritores e literatos, um espaço necessário a ser ocupado e dominado para uma trajetória de sucesso. Não apenas um instrumento de visibilidade, mas, concretamente, um lugar de intervenção social, uma verdadeira arena de interesses, onde intelectuais e classe dirigente atuavam. Além disso, ao almejar e se mobilizar para alcançar o reconhecimento como escritor, Inojosa empreendia a busca pelo capital social necessário para se mover na ausência do capital financeiro não herdado de sua família. Suas ansiedades deveriam ser enormes, pois, oriundo de uma família de cinco filhos, o jovem traçava não apenas sua trajetória profissional, mas também a dos seus irmãos:

*E os esforços dos nossos pais serão galardoados. Eu, a realizar uns tantos ideais, pretendia ver assim colocados: eu e Jessé dedicar-nos-íamos à política, às letras, à advocacia, à magistratura; Assis, à agricultura; Antonio, à criação ou à indústria e Aluísio ao comércio.*¹²⁸

Ao analisar a trajetória de alguns intelectuais no Brasil das primeiras décadas do século XX, Sérgio Miceli tece considerações sobre os lugares e posições desses sujeitos e suas relações com a imprensa e o poder político. Conforme aponta, não havendo na República Velha posições intelectuais autônomas em relação ao poder político, o recrutamento, as trajetórias possíveis, os mecanismos de consagração, bem como as demais condições necessárias à produção intelectual sob suas diferentes mobilidades, vão

¹²⁷ DE p. 68

¹²⁸ DE p. 223

depender quase por completo das instituições e dos grupos que exercem o trabalho de dominação. Nestas condições, toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais.¹²⁹

Os ressentimentos do estudante Joaquim advinham não apenas de sua estreia nas letras, mas, possivelmente, dos muitos compromissos políticos, intrigas e posições em falso a que estava submetido por suas redes de compadrio. Embora no *Diário de Estudante* sua escrita procure delinear a imagem de um indivíduo autônomo e individualista, que por seus próprios méritos realiza seus objetivos e distancia-se dos sujeitos em seu entorno, em termos práticos, as condições históricas e as contingências de uma vida de estudante pobre nos mostram outros terrenos por onde esse indivíduo transitava. Inojosa estava enfronhado na política de Itabaiana e Paraíba, e sua íntima relação com Flávio Ribeiro nem sempre era bem vista pelos parentes de Epiácio Pessoa, então na Presidência da República e “*mandachuva*” da política paraibana. Por isso, em 1920, ao ser indicado por seu amigo como representante de Itabaiana para receber Sólon de Lucena, eleito governador da Paraíba, vindo do Rio de Janeiro para tomar posse do cargo, não obteve também o reconhecimento e saudações que esperava.¹³⁰

A representação de estudante recluso e imerso no mundo dos livros, que à primeira vista surge no *Diário de Estudante*, se esvai gradativamente ao acompanharmos a trajetória de Inojosa no meio urbano. Intensa e recorrente era sua presença nos eventos políticos da cidade, uma prática social fundamental na sua formação, haja vista entendermos como aponta Renato Janine Ribeiro, o intelectual como o sujeito da ágora, do mundo

¹²⁹ MICELLI, Sergio. Op. Cit. P. 21.

¹³⁰ Sua frustração ocorreu no encontro com o sobrinho do presidente da República, Joaquim Pessoa. O encontro está registrado em 10 de outubro. DE. P. 68.

público.¹³¹No entanto, mapeando as andanças do moço no mundo da política, encontramos no diário a maneira como constrói suas representações assentadas nos sentimentos de angústias e limites impostos pela rede na qual estava inserido:

De viagem a Campina Grande passou o dr. J. J. Seabra, sendo condignamente recepcionado pelo meu colega Eugênio Carneiro. A oposição, finalmente, aderiu. Acompanham ao governador da Bahia o desembargador Heráclito e outros próceres. Houve brindes, discursos, cumprimentos. Senti quão é triste viver-se agrilhoado às conveniências. Não tenho credo político, mas dedico amizade e represento quase os chefes locais – “bernardistas”. Tenho minhas simpatias por Nilo Peçanha; e pudera, ter-me-ia iniciado na luta política, batalhando na campanha. Solteiro, cheio de esperança e força de vontade, por que não acompanhar Seabra pelo Brasil afora, realizando destarte o meu ideal? Prende-me amizade particular ao dr. Flávio Ribeiro; além da valiosíssima circunstância de a oposição tornar-se dissidente, pois nunca a apoiei. Contudo, mantenho minha independência de caráter; manifesto opinião favorável aos aliados, ao contrário de certos politicastros correligionários a quererem solidariedade com a simples abstenção de festas a homens de valor. Os mesmos que, ontem, pertenciam ao partido oposto e hoje, vira-casacas sem escrúpulos, o atacam e o censuram. Pensam que o caráter em política seja simples conveniência e o não possam manter em ocasiões urgentes.¹³²

Inojosa procurava se representar como um sujeito em busca por um lugar próprio. Onde encontraria a página em branco onde pudesse construir e gerir seus próprios quereres? Pensando com Certeau, seria na escrita que buscaria um lugar “*desenfeitiçado das ambiguidades do mundo*”? Entrecruzado por diferentes práticas e discursos, se posicionando em diversos contextos e representando os papéis colocados pelas condições sociais e políticas do momento, Joaquim Inojosa se formava intelectualmente, construía

¹³¹ RIBEIRO, Renato Janine. O cientista e o intelectual. In: NOVAES, Adauto (org.). O Silêncio dos intelectuais. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. P. 141.

¹³² DE p. 262.

sua gramática cultural, encontrava-se com o mundo e elaborava sua maneira própria de mediar os valores éticos, estéticos e políticos do presente e passado. Com a formação de bacharel e exercendo profissionalmente a carreira de advogado, parece-nos que a escrita será o artefato e, às vezes, arma para edificar seu lugar próprio na paisagem cultural do Brasil.

CAPÍTULO 2: O PASSADO BATE À PORTA: MEMÓRIAS (IM) PERTINENTES

Janeiro de 1954 trouxe dias quentes e um calor quase insuportável para os moradores da cidade do Rio de Janeiro. Jornalistas, políticos, empresários, boa parte da classe média carioca procurava refugiar-se das altas temperaturas na região serrana do Estado do Rio de Janeiro. Os primeiros dias do ano também eram quentes em assuntos de política. As conversas sobre a sucessão ao governo de São Paulo e à Presidência do Brasil eram recorrentes e envoltas num clima de expectativas e apreensões. Depois de um governo marcado por radicalizações nacionais-estatistas, a sucessão de Getúlio Vargas, eleito pelo voto popular em 1950, viria acompanhada de muitas tensões, com desfecho surpreendente e ainda desconhecido nesses ensolarados dias de janeiro. A política durante esta experiência democrática contava com o apoio dos trabalhadores e de sua máquina sindical, dos setores nacionalistas das forças armadas, sobretudo do exército, dos setores nacionalistas do empresariado e da intelectualidade, e do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), criado por Vargas ainda antes da deposição em 1945. A oposição vinha principalmente dos liberais, que se tinham oposto ao Estado Novo, agrupados no principal partido de oposição, a União Democrática Nacional (UDN), dos militares anticomunistas, alguns deles sob a influência norte-americana recebida durante a guerra e, finalmente, de parte do empresariado brasileiro ligado ao capital internacional, representado pelas grandes multinacionais do Petróleo¹³³.

¹³³ Lembrando que 1953 foi o ano de criação da Petrobras, corporificando a luta pelo monopólio estatal da exploração e refino do petróleo. Para um quadro mais denso das relações políticas no período recomendo: DELGADO, Lucília Neves; FERREIRA, Jorge. (org.) O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excluyente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. ALBERTI, V; GOMES, A; PANDOLFI, D. (org.)

*Guerra Fria, petróleo e política sindical e trabalhista foram exatamente as causas dos principais enfrentamentos políticos. Em torno destes três cavalos de batalhas alinharam-se amigos e inimigos do presidente.*¹³⁴ Nas conversas em voz alta, nos sussurros ou nas páginas dos diários, os debates políticos fizeram-se presentes durante janeiro. Nesse mês típico de férias, o subir e descer a serra em busca de ar refrescante, de silêncio para leitura, escrita e uma boa conversa com os amigos, era algo comum na vida de alguns moradores do Rio de Janeiro. Não era diferente com Joaquim Inojosa. Aos 53 morava sozinho em seu apartamento em Copacabana e também costumava ficar sozinho em sua casa em Quitandinha, bairro nobre de Petrópolis. Na serra, seu sono era tranqüilo e podia organizar sua rotina de leitura e escrita:¹³⁵

Quitandinha, 2.1.1954

*Dia de repouso, como ontem. Abro correspondência vinda do Rio. Leio os jornais. Continuo a leitura de “Memória” de Von Papen. Procuo por todas as formas quebrar a monotonia de estar só. Meu apartamento é de casal, amplo, e parece que está sempre a exigir a presença de uma companheira. Choveu durante todo o dia. É curioso: adoro o campo quando chove. A chuva representa um tônico para meu espírito, uma proeza para minha alma. Na cidade, detesto-a. É estúpida e impertinente. Mas na montanha, ouvindo-se o seu tamborilar nas folhas das árvores, que maravilhosa dádiva da natureza! Sobretudo para dormir. Não sei o que é insônia, mas estou certo de que, se sofresse desse mal, o curaria sempre dormindo no campo em noite de chuva...Quitandinha resumiu-se para mim, hoje, no que está descrito.*¹³⁶

A República no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. 14ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. P. 85-200.

¹³⁴ CARVALHO, José Murilo. Idem. P. 128.

¹³⁵ Os cenários, as conversas e demais descrições desse tópico são construções narrativas ancoradas em trechos dos diários da década de 1950 escritos por Joaquim Inojosa.

¹³⁶ Diário Íntimo. 1954.

Rio, 3.1. 1954

A manhã toda escrevi em Quitandinha. À tarde, depois de almoçarmos no Restaurante Lago, descemos para o Rio, Dario Magalhães, Sra e eu, no carro desse amigo. Bom e gentil amigo, mas de uma prudência tal, que quase leva duas horas de Quitandinha à Praça Mauá. Pudera! É mineiro! Apesar de haver chovido pouco durante o dia, o calor está fortíssimo, e não sei como vá dormir.

Os trechos supracitados nos aproximam de hábitos, de gostos e de incompletudes deste homem de meia idade, seus deslocamentos geográficos, perfis de seus amigos e algumas de suas idiossincrasias. Quitandinha era uma tentativa de quebrar a monotonia de uma vida solitária, era o ambiente favorável a escrita, o lugar de encontrar os amigos e de fugir do calor do Rio de Janeiro. Por meio destes registros conhecemos as leituras realizadas nesses dias de janeiro e conseguimos nos deslocar por itinerários, algumas vezes, ofuscados pelo nosso protagonista, no entanto, fundamentais para compreendermos seus retratos e auto-retrato, posteriormente construídos. As “Memórias”, citadas no Livro Íntimo, são do alemão Franz Von Papen, vice-chanceler de Adolf Hitler. Qual o interesse de Inojosa pela vida desse indivíduo? Apenas o gosto por biografias cultivado desde a juventude? Seria a concepção de biografia como chave histórica para compreender os acontecimentos mais recentes no mundo?

No início de 1954, os Diários de Joaquim Inojosa indicam um intenso interesse tanto pela política brasileira e italiana, quanto por leituras sobre a Alemanha e a Segunda Guerra Mundial, o que chamou de *historia do hitlerismo...visto depois da guerra*. L’Allemague de l’Occident, de Alfred Grosser, é registrado pelo leitor como “*um interessante estudo sobre a Alemanha de 1945/1952*” e estava sendo lido simultaneamente com o livro “*Sur la scène internationale: ma figuration auprès de Hitler 1933-1945*, de

Paul Schimidt, intérprete do ditador alemão. Curiosamente, Inojosa tinha a edição francesa e a inglesa, para “*em caso de dúvida, ver quem melhor traduziu...ou traiu*. Quando concluiu a leitura deste último livro, em fevereiro, registrou suas conclusões de leituras e transcreveu vários trechos. Algumas de suas conclusões merecem destaque:

Rio, 3.2. 954

Pelo livro de Paul Schimidt Sur la scène internationale, que estou lendo, a duas conclusões, desde logo, podemos chegar: 1º, que Hitler não queria a guerra, e só invadiu a Polônia pelas seguranças que lhe dava Ribentrop de que tanto a Inglaterra quanto a França se manteriam alheias. (...) 2º que Hitler era um homem generoso para com os adversários vencidos. Todo seu pensamento antes da guerra, era ligar-se com a Inglaterra. Depois, chegou a declarar que, mesmo vencida esta, sua participação na ordem internacional, era indispensável. Com a França teve sempre atitudes de benevolencia. Sente-se, através do livro que a “aza negra” de tudo foi Ribentrop, o verdadeiro autor de uma guerra que os maiores do nazismo receiavam.

Estas leituras e comentários nos apresentam Inojosa como um atento observador de seus tempo e como mais um dos tantos indivíduos que tiveram suas experiências de vida entrecortadas pela Segunda Grande Guerra, à procura de entender o turbilhão de eventos e ações desse período histórico. Entretanto, talvez, o que singularize este interesse pelo hitlerismo se encontre ali mesmo no Diário Íntimo e alhures. Seu anti-semitismo, configurado em chistes e comentários sobre judeus, registrados no Diário, e as intrincadas relações do Jornal Meio-Dia, de sua propriedade, com agências de propaganda e notícias alemães e italianas, vistas por alguns como nazi-fascistas, explicariam estas leituras?¹³⁷

Aproximarmo-nos um pouco da história desse periódico e dos posicionamentos tomados por Inojosa na transição da década de 1930 a 1940 torna-se significativo para entendermos

¹³⁷Geneton Moraes Neto e Joel Silveira, no único trabalho publicado sobre o vespertino, analisam o Meio-Dia e sua campanha favorável à Alemanha nazista. In: Hitler/Stalin: o pacto maldito. Rio de Janeiro: Record, 1990.

os estratégicos silêncios e esquecimentos na construção de sua memória como um projeto intelectual:

Meio-Dia surgiu para cumprir um destino – o de servir ao povo. E tais foram as demonstrações de simpatia com que o receberam, ontem, tal a rapidez com que se esgotaram os exemplares lançados ao público, que desde logo sentimos que o povo o elegera o jornal dos seus sentimentos. Se é exato que não se governa nem é governado, em nossos dias, sem a imprensa; se é certo que no regime atual do Brasil se atribui à imprensa função de caráter público, como afirmaram, nas saudades enviadas ao Meio-Dia, essas duas inteligências de escol que são os srs. General Góes Monteiro e ministro Francisco Campos, não menos certo é que a imprensa exercitará sempre um postulado livre – o da estreita comunhão com o povo, que forma dentro do Estado organizado, a sua forma elementar. Meio-Dia integrou-se neste pensamento. Prestará ao povo, isto é, ao Brasil, os serviços essenciais de sua organização, sintetizados na mais simples e mais expressiva de todas as frases, a que lhe precede o título meridiano: Um jornal para o povo.¹³⁸

O Meio-Dia circulou durante os anos de 1939 a 1942, sob direção de Joaquim Inojosa. O periódico tornou-se notório por apoiar causas defendidas pela Alemanha nazista, em um contexto no qual a maioria dos órgãos da grande imprensa, então amordaçada pelo duplo controle do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e do Conselho Nacional de Imprensa, apoiava incondicionalmente a causa aliada. O *Meio-Dia* circulou em pleno Estado Novo e segundo Franzolin, contou, durante sua tumultuada existência, com vários colaboradores importantes: Oswald de Andrade, que escrevia a coluna “Banho de Sol” e “De Literatura”; Jorge Amado, encarregado da página “Letras-Artes-Ciências”, além de Joel Silveira, já na época um expoente do jornalismo carioca. Sua edição inaugural foi efusivamente saudada por várias personalidades políticas e jornalísticas da época, como o ministro da Justiça Francisco Campos, autor da carta constitucional de 1937, o diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP),

¹³⁸ Meio-Dia. Rio, 2 de março de 1939. Editorial de Joaquim Inojosa.

Lourival Fontes, Assis Chateaubriand, dono da cadeia dos Diários Associados, Herbert Moses, então presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Pouco depois da estréia, chegou mesmo a receber uma mensagem de congratulação de Getúlio Vargas.¹³⁹



Jornalistas da Modernismo – Joaquim Inojosa, à direita, tendo ao lado o escritor Jorge Amado (E), companheiros de jornalismo, quando este dirigia a página literária do jornal *Meio-Dia* (Rio – 1939/1942) dedicada às ciências, letras e artes. – Foto de uma recepção, em 1977, na residência de Guilherme Figueiredo – Rio.

Figura 2. Joaquim Inojosa, à direita, tendo ao lado o escritor Jorge Amado, companheiro de Jornalismo, quando este dirigia a página literária do Jornal Meio-Dia (Rio – 1939/1942). Foto em 1977, na residência de Guilherme Figueiredo.

Conforme Franzolin, para entendermos a expressiva colaboração de nomes da esquerda que, a princípio, atuaram no vespertino, como Jorge Amado e Oswald de Andrade, deve-se ter em vista o pacto germano-soviético e seu impacto sobre as lideranças comunistas no Brasil (e também em todo o mundo), que os colocou, momentaneamente, ao lado de simpatizantes do fascismo. Assim, até junho de 1941, quando os nazistas invadiram a União Soviética, os mesmos foram vistos pelos comunistas de todo o mundo, e mesmo dentro da própria URSS, enquanto “aliados” e “parceiros”, o que eliminava

¹³⁹As intrincadas relações do nosso personagem com a política brasileira dos anos 1930 e 1940 e aproximação do “Meio-Dia” com a política nazi-fascista são objetos da dissertação de mestrado desenvolvida por Franzolin, João Arthur Ciciliato. Joaquim Inojosa e o Jornal Meio-Dia (1939-1942). Em andamento no Programa de Pós-Graduação em História (mestrado) da Universidade Estadual de São Paulo-UNESP. Agradecemos a generosidade do pesquisador em socializar conosco os dados de sua pesquisa.

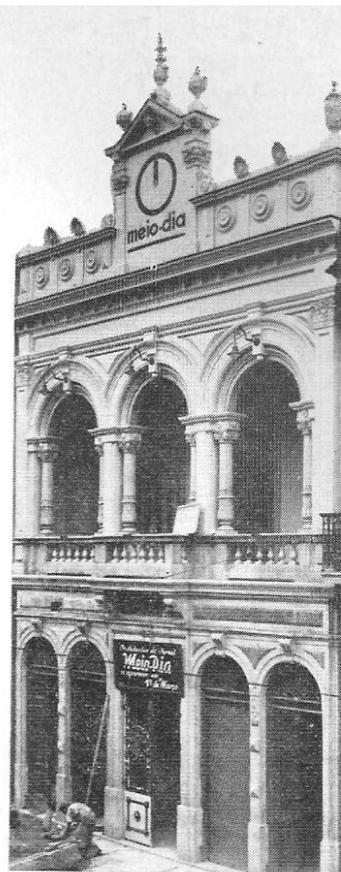
qualquer possibilidade de crítica, por parte da esquerda brasileira e mundial, então aliada da Alemanha nazista e de Hitler.

Maria Helena Capelato destaca que, a partir de 1942, o quadro político alterou-se significativamente, uma vez que a batalha no interior do círculo governista brasileiro acabou sendo vencida pelos defensores dos Aliados, devido à opção brasileira pelos Estados Unidos, o que implicou em mudanças significativas, como exemplifica a saída de Lourival Fontes da direção do DIP, famoso por sua defesa pró-Eixo. Com a ascensão do Major Coelho dos Reis à direção do órgão, o controle exercido tornou-se cada vez menos estrito, isso porque a situação externa desenhava-se cada vez menos favorável ao regime que, de fato, caiu em outubro de 1945. Em relação à Guerra, estudos recentes demonstraram que órgãos importantes da grande imprensa como o Correio da Manhã e O Estado de S. Paulo, se colocaram a favor dos Aliados. Todavia, alguns periódicos de menor circulação, como o Jornal Meio-Dia, destoaram e manifestaram apoio explícito à Alemanha nazista¹⁴⁰.

¹⁴⁰ CAPELATO, Maria Helena Rolim. Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas: papirus, 1998; CAPELATO, M. H. R.; PRADO, Maria Lígia. O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de São Paulo”. São Paulo: Alfa Omega, 1980.

Em março de 1939, fundou Joaquim Inojosa o jornal *Meio-Dia*, que haveria de revolucionar os meios gráficos e jornalísticos brasileiros. Tratava-se de um vespertino que fugia do simples noticiário comum em voga na imprensa desse gênero para aproximar-se dos matutinos, através de editoriais, sueltos, colaborações de rodapé, como a de Oswald de Andrade e página literária como a dirigida por Jorge Amado. Em 1942, decidiu o *Meio-Dia* suspender a circulação, para uma reformulação redacional e administrativa. Ao tentar voltar à circulação foi impedido por um ato arbitrário do famigerado DIP, através do Conselho Nacional de Imprensa, composto de diretores de jornais concorrentes.

— Mostra o clichê a fachada do prédio da Rua da Constituição, N.º 38 (Rio), onde funcionavam redação, oficinas e demais instalações do *Meio-Dia*.



Joaquim Inojosa (de branco) E) festeja a saída do jornal *Meio-Dia*, nas suas oficinas, em 1.º de março de 1939 (Rio de Janeiro), entre operários, visitantes e companheiros de redação e administração. O 1.º à direita, Raymundo Silva, responsável pelas inovações gráficas do jornal.

Figura 3. Memórias do Jornal *Meio-Dia* publicados no livro *60 anos de Jornalismo de Joaquim Inojosa*.

Distanciaremos-nos do debate trazido por Fanzoline e Geneton Moraes Neto, pois, nosso interesse não é ainda focalizar a trajetória de Inojosa e sua atuação jornalística no contexto da Segunda Guerra. Queremos uma aproximação com o velho Inojosa e sua maneira de mediar, negociar seu passado. No livro *Notícia Biobibliográfica de Joaquim Inojosa*, o Meio-Dia emerge das memórias de seu proprietário como *um marco de revolução gráfica e processo jornalístico novo, sobretudo no que se refere à inovação de aproximar o vespertino do matutino*. O periódico aparece como fundado e dirigido *dentro do mesmo espírito nacionalista da conferência de 1925 sobre o Brasil Brasileiro, isto é, uma pátria livre de influências estrangeiras*.

Percebe-se a estratégia de ressaltar um tipo de nacionalismo deliberadamente associado ao espírito dos anos 1920, constroi-se mesmo uma linhagem modernista do jornal. As causas literárias - como a polêmica travada com Cassiano Ricardo em torno de parecer sobre o prêmio que a Academia Brasileira de Letras viria a consagrar Cecília Meirelles pelo livro de poesias *Viagem* - e as causas sociais, como a defesa, em 1939, da instituição do salário mínimo, são as lembranças escolhidas por Inojosa para definir seu periódico. Em 1942 o jornal foi suspenso para *uma reorganização técnica e administrativa*, mas ao anunciar a volta à circulação, sofreu a negativa do DIP, através de uma decisão do Conselho Nacional de Imprensa CNI). Para Inojosa, um CNI composto de representantes de jornais concorrentes, obviamente, o desfavorecendo.

As polêmicas sobre o posicionamento político do vespertino são habilmente resolvidas pelo narrador. Conforme as memórias, o periódico carregou as marcas do oficialismo reinante: *o apoio irrestrito a uma das facções durante a 2ª guerra mundial foi incentivado pelo Diretor da DIP, Lourival Fontes, em conselho (fichado) peremptório: “O Presidente (Vargas) quer que a imprensa se mantenha dividida, em face das incertezas da guerra*. Ao explicar o fechamento do jornal como um *golpe de concorrência, oficializado*,

neste texto autobiográfico, de 1975, Inojosa não aciona suas leituras históricas sobre Hitlerismo para contextualizar ou mesmo problematizar seus posicionamentos políticos. Na sua explicação do passado, onde aparece como narrador de sua própria vida, prefere construir-se como uma suposta vítima dos interesses do governo brasileiro, no contexto da guerra:

Acrescente-se a isto que, como toda a matéria distribuída aos jornais pelas agências telegráficas ou aceita de colaboradores passasse pela censura do mesmo DIP, pode-se considerar este como o maior responsável da sua divulgação. Existindo, todavia, no Rio, 3 vespertinos, todos de apoio aos aliados, J. Inojosa – à parte a grande admiração desde a juventude, pela cultura alemã, seus gênios e sábios -, procura atender ao numeroso público contrário, que não dispõe de jornal da tarde – circunstância responsável pelos incontestáveis êxitos de circulação, além de sua feição jornalística renovadora. Seria, talvez por isto mesmo, vítima de um golpe de concorrência, oficializado.¹⁴¹

Nesta primeira narrativa, o germanismo é sutilmente mencionado, porém, ressalta predominantemente o posicionamento do Meio-Dia como uma imposição do governo. Acompanhar os escritos de Inojosa destacando as atitudes deste intelectual diante de seu passado, é perceber estas narrativas como mediadoras dos diferentes tempos de Inojosa, mas elas próprias com uma história. Não estamos tratando aqui de narrativas extáticas. Portando percepções de seu criador e produzindo elas mesmas nossas percepções sobre este indivíduo, estas narrativas que focalizam cenas do nosso protagonista foram escritas e reescritas:

Penso escrever futuramente a história do jornal Meio-Dia, quando então narrarei a ideia da fundação, esta e o golpe fatal do Conselho Nacional de Imprensa, do

¹⁴¹ INOJOSA, Joaquim. Notícia Biobibliográfica de Joaquim Inojosa. Rio de Janeiro: Editora Meio-Dia, 1975. P. 44

famigerado DIP, composto de concorrentes, espantados com o prestígio popular do bravo vespertino e prontos para liquidá-los na primeira oportunidade. Antevejo que o leitor esteja a raciocinar sobre a orientação de guerra, em que, entre dois fogos, com um Brasil neutro, apoiou o jornal o grupo que iria perdê-la. Será este um assunto especial da história futura, mas desde logo declaro que a circunstância de o Meio-Dia haver-se orientado no sentido da causa do chamado Eixo resultou de fatores jornalístico um e oficialesco, outro. Pouco depois de inaugurada a minha empresa jornalística, sofri um revés de profunda repercussão na experiência industrial, que me levou a dispensar vários companheiros e reduzir em muito as despesas com o jornal. Já se estava em guerra, quando me suspenderam os serviços telegráficos internacionais por falta de pagamento de alguns faturas. Dirigi-me a uma das agências, creio que a France-Press, cujo diretor era das minhas boas relações pessoais, e pleiteei abertura de um crédito razoável, o que me foi negado, fechando-me as portas de qualquer agência telegráfica estrangeira. Eis que recebo o oferecimento de telegramas e correspondência grátis partido de uma agência alemã – Transocean. Prontamente aceitei, sem pensar em me comprometer-me com sua orientação política.¹⁴²

Quando em 1978, cinco anos depois de *Notícias Biobibliográfica*, Inojosa publica *60 anos de Jornalismo*, sua narrativa sobre o Meio-Dia ganha outros elementos explicativos, apresentando não apenas argumentos políticos, mas também argumentos econômicos e editoriais. Significativo é percebermos que havia a intenção do autor de escrever ele mesmo a história do seu jornal. Por que não o fez? Na política da memória engendrada por nosso personagem, gradativamente perceberemos como o Meio-Dia perde importância nos seus discursos. Talvez, o distanciamento dos anos de guerra e a consolidação da opinião pública sobre Hitler tenham contribuído para este silenciamento. Ressaltamos que no Arquivo de Inojosa, sob guarda a Fundação Casa de Rui Barbosa, não há nenhum diário relativo aos anos 30 e 40. A vida prática teria distanciado nossa personagem da prática da escrita íntima? Seria a ausência desses diários mais uma das

¹⁴² INOJOSA, Joaquim. 60 anos de jornalismo (1917-1977). P. 72/73

estratégias de construção de uma imagem pública? A família de Inojosa assegura não possuir nenhum outro documento desse indivíduo.

O germanismo e as opiniões sobre os judeus também serão diligentemente lapidados no “Lívro Íntimo”, ou seja, nos diários que produziu ao longo de décadas. O acesso aos diários de Inojosa delineia um sujeito que lia, relia, retocava seus registros diários e chegou mesmo a datilografar muitas de suas páginas. Sintoma de seu apetite autobiográfico?

Era homem zeloso com as possíveis interpretações dos futuros leitores. Em mais de um diário encontramos interditos, silêncios, desejo de esquecimento, configurados em recortes sobrepostos sobre as palavras escritas noutros tempos de Inojosa.

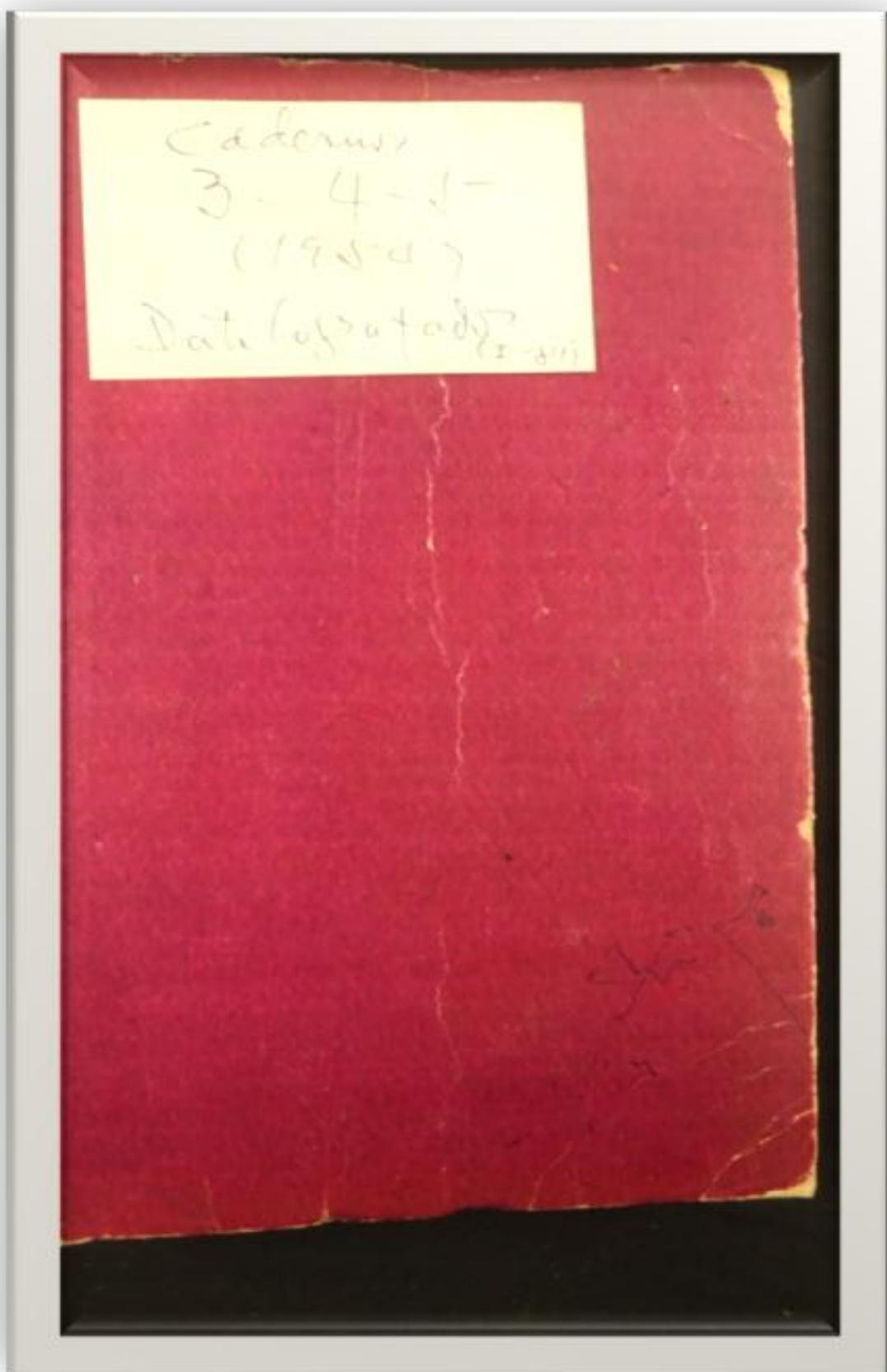


Figura 4. Diário íntimo marcas de leituras e releituras

Nos tempos desse diário, Inojosa havia voltado recentemente de viagens feitas a Roma, Buenos Aires e Santiago do Chile. A primeira viagem internacional realizara-se em 1950, quando visitou a Argentina e o Chile na ocasião. A experiência foi tão proveitosa que no ano seguinte fundou a *Mundial-Turismo*, descrita em sua memória como uma *tentativa de contribuir com o nascente turismo nacional*. A empresa sobreviveu até 1960 e nesse período o proprietário foi duas vezes à Europa, procurando atrair turistas ao Brasil. O gosto por voar remontava aos tempos de jovem jornalista no Recife, quando foi destacado em 1923 para assistir à chegada de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, pioneiros das travessias transatlânticas, que sobrevoaram a capital pernambucana num monomotor. Quando em 1925 desembarcara em Recife o aviador francês capitão EtienneLafay, trazendo, no próprio navio em que viajara, pequeno avião de um motor e um passageiro, o “Santos Dummond”, e cobrando duzentos mil réis por vôo sobre a cidade, Inojosa foi um dos poucos jornalistas que aceitou sobrevoar o Recife, como gostava de lembrar, *uma novidade, uma ousadia e uma proeza* que poucos se arriscavam à época.¹⁴³

Era uma amante das viagens e gostava de ser turista. Nas suas descrições de *turista apressado*, registrava:

Cada pessoa tem sua maneira de viver...ou de viajar. A primeira coisa que faço ao chegar a uma cidade desconhecida e onde exista turismo organizado, é integrar-me em grupos de excursões programadas – meio fácil de conhecer panoramicamente o lugar, deixando para depois aquelas visitas de maior interesse. (...) O turista é um superficial por excelência: agrada-lhe aquele “rapide coup d’oeil” de que fala Jean Cocteau; mas é um sensível, cujo sentimentalismo se exalta diante do belo imprevisto, sobretudo nas coincidências entre a realidade e aquilo que a literatura, a crítica ou a história lhe ensinaram nos bancos escolares.

¹⁴³ As descrições acima se alimentam dos registros publicados em: INOJOSA, Joaquim. Diário de um turista apressado. Rio de Janeiro: Editora Livros Organização Simões, 1960. P. 10

Além do prazer pelas viagens aéreas, aprazia-lhe sobremaneira a oportunidade de conviver com os amigos, de ficar horas e horas a conversar sobre a política brasileira e as conjunturas internacionais. Em Quitandinha isso sempre era possível. Desde dezembro de 1953 que procurava articulação com João Cleofás em Pernambuco, do Partido União Democrática Nacional (UDN), para sair candidato a deputado federal e seu irmão Assis Inojosa, candidato a deputado estadual. As conversas sobre política com Oswaldo Queiroz, proprietário das antigas oficinas dos “Diários Cariocas” e secretário do PTN (Partido Trabalhista Nacional) e do ex-governador do Rio de Janeiro Moysés Lupeon foram também recorrentes. Havia até mesmo a possibilidade de ser Inojosa o estruturador do PTN em Pernambuco¹⁴⁴. Diariamente escutava e lia notícias políticas e não se furtava a registrar no Diário Íntimo considerações sobre os rumos políticos do país e de traçar o perfil de destacados líderes políticos. Considerava-se um político amador. Embora nos últimos meses houvesse cogitado entrar formalmente na política, suas dúvidas não eram poucas:

*Ao deixar Recife, a 30.12.53, ficou combinado que meus irmãos acertariam com João Cleofas o caso de minha candidatura a Deputado Federal Pela UDN de Pernambuco, a de meu irmão Assis a Dep. Estadual. João Cleofas foi a Recife, onde passou 8 dias. Creio que regressou ontem. Até este momento, nem uma só notícia sobre o assunto. Eu desconfiava, é claro, de que a “especial consideração” do caso era só com a minha presença...Depois que importa quem está no Sul...gozando a vida? Vivo na dúvida- devo entrar na política, ou devo, antes, viajar, instruir-me, ver mundo, tratar-me, e depois voltar ao jornalismo, e, em seguida, se quiser, se quiser, ingressar na política? Começar sendo, como diria o Pereira Lira, um “homem internacional”?*¹⁴⁵

Aparentemente consolidado financeiramente, nessas conversas também lhe eram apresentadas possibilidades de negócios no ramo jornalístico. Oswaldo Queiroz pretendia

¹⁴⁴ O PTN obteve em 1946 seu registro definitivo e iniciou no início da década de 1950 uma verdadeira estruturação, dividindo sua atuação por regiões, promovendo cursos de doutrinação política e se reunindo semanalmente. Hugo Borghi e Emílio Carlos eram os principais líderes do partido em São Paulo. Pelo PTN, Jânio Quadros foi eleito governador de São Paulo e depois presidente do Brasil em 1960.

¹⁴⁵ Diário Íntimo. Fevereiro, 1, 1954.

que ele comprasse 50% das ações das oficinas gráficas, que à época devia mais de três milhões de cruzeiros ao Banco Brasil, e assumisse a administração geral da empresa. Era um ramo de negócios em que tinha muita experiência. Além do Jornal Meio-Dia, havia fundado no ano de 1948 o semanário *A Nação*, durante o governo de seu *amigoparticular* o General Eurico Gaspar Dutra.

Homem de imprensa. Homem de Política. As relações entre jornalismo, intelectualidade e política na história de Inojosa - âmbito da vida desse sujeito ainda a ser explorado - e de muitos outros homens de letras no Brasil são marcantes¹⁴⁶. A imprensa era arena dos debates políticos e campo de intervenção intelectual. Em suas narrativas autobiográficas de juventude e maturidade, mesmo procurando delinear uma posição autônoma no tocante ao campo político, percebemos seu constante e intenso envolvimento com a política, ora como observador, ora como comentarista, algumas vezes como coadjuvante e mesmo como protagonista de debates e embates. Se acreditarmos no velho Inojosa quando olha em retrospecto sua trajetória na imprensa, o trânsito na política por meio da escrita jornalística seria *uma oportunidade ajustada de dar expansão ao seu temperamento de contestador irrequieto*.¹⁴⁷

Irrequieto e contestador é a maneira como Inojosa constrói o jovem de vinte e um anos que estréia sua atuação em 1922, na redação do *Jornal do Commercio do Recife*. Havia colaborado anteriormente no *Jornal do Recife*, graças a uma apresentação do colega de turma José Lins do Rego a Philemon de Albuquerque, secretário do jornal. Publicava semanalmente rodapés, pequenas crônicas sociais e crítica literária. No entanto, nas memórias que emergem no seu texto autobiográfico *60 de jornalismo*, o Jornal do

¹⁴⁶ RIDENTI, M; BASTOS, E; ROLLAND, Denis(org.) *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006; SIMÕES JÚNIOR, A; CAIRO, L; RAPUCCI, C.(org.). *Intelectuais e Imprensa: aspectos de uma complexa relação*. São Paulo: Nanquim, 2009; LUSTOSA, Isabel (org.) *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: FCRB, 2008.

¹⁴⁷ INOJOSA, Joaquim. *60 anos de jornalismo (1917-1977)*. Rio de Janeiro: Editora Meio-Dia. 1978. P.32.

Commercio figura como o marco de entrada profissional no jornalismo, escolha absolutamente ancorada nas suas experiências políticas e sociais.

Naqueles anos 1920, o Jornal do Commercio, de propriedade de João Pessoa de Queiroz e o Jornal do Recife, eram palco de acirradas disputas políticas. Segundo Neroaldo Pontes de Azevedo, a oligarquia local estava dividida entre o “borbismo” e o “pessoísmo”. A *facção política*, liderada pelo senador Manuel Borba, que havia sido governador de Pernambuco, lançara a candidatura do usineiro José Henrique Carneiro da Cunha, com o apoio de Rosa e Silva, das bancadas estaduais e do professor e advogado Joaquim Pimenta. Os “pessoístas”, liderados pela família Pessoa de Queiroz, com o apoio de Dantas Barreto, de Estácio Coimbra, da bancada federal do Estado, além da retaguarda do presidente da República, Epitácio Pessoa, defendiam a candidatura do Coronel Eduardo de Lima Castro.¹⁴⁸

A família Inojosa, morando em Timbaúba, havia sofrido perseguições políticas do grupo Vicente de Andrade, ligado ao governo de Manuel Borba, tendo que se mudar para Itabaiana na Paraíba, razão pela qual o jovem Joaquim escreve carta ao proprietário do Jornal do Commercio solidarizando-se com a campanha que estava sendo feita contra o ex-governador de Pernambuco. A carta de Inojosa é publicada pelo Jornal do Commercio sob o título “Um moço de caráter deixa o Jornal do Recife” e o *Jornal do Recife*, “borbista”, publica nota lamentando a atitude de seu colaborador. Como de costume na época, cartas vêm e vão nos jornais. Em suas memórias, Inojosa elege o artigo “O Homem do Momento”, como o texto de estréia de sua carreira. Tratava-se de texto publicado no *Jornal do Commercio* sobre o prefeito Eduardo Lima Castro, candidato da Coligação – Pessoa de Queiroz. O velho Inojosa, considerando a atitude de jovem uma “vingançazinha que o filho de cumpadre injustiçado considerava oportuna”, destaca: *Entrava rijo na*

¹⁴⁸ AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984. P. 22.

política, ao lado de João Barreto de Menezes, filho de Tobias Barreto, tribuno e poeta, em discursos de praça pública, num dos quais, o célebre Praça João Alfredo, na Madalena, próximo da residência de Borba, a bala que devia atingir-me no momento da discursão, foi matar uma criança que inocentemente se embevecia com o espetáculo...

Narrando estas experiências da juventude, Inojosa escolhe os episódios que entrelaçam posicionamentos políticos e práticas profissionais. O Jornal do Commercio é representado como *as portas para os decisivos passos da vida de jovem* e a atividade jornalística como a maneira de identificar-se com os meios social, político e intelectual da capital pernambucana. Cessada a luta política, continua escrevendo crítica literária, um editorial e quatro *sueños* por dia, atividade que mantém paralela à de jovem advogado formado nos quadros da Faculdade de Direito do Recife. A trajetória de Joaquim Inojosa é marcada pelo entrelaçamento da atuação como advogado, jornalista e industrial. As angústias, dilemas e benesses de ser um homem dividido entre as urgências e contingências do mundo material e o necessário isolamento e introspecção da produção intelectual permeiam as lembranças e serão matérias-primas na elaboração de seus relatos de si.

Mas, os dias quentes de janeiro de 1954, acolhendo as lembranças e esquecimentos do intelectual e registrando as possibilidades de sua entrada na carreira política, trouxeram mais que imagens do passado, presenciaram um encontro inesperado na vida de Joaquim Inojosa. Encontro que mereceu registro no seu Diário e que veio acompanhado de profunda reflexão sobre os rumos que sua vida havia tomado nos últimos anos. Os tons leves e rápidos dos registros transmutaram-se numa escrita mais íntima, de avaliação de trajetória e de construção de projetos. Entendemos que as dúvidas sobre viajar, entrar na política ou investir na carreira de escritor podem ter sido dirimidas após a inesperada conversa travada com um *conterrâneo* no Hall do Hotel Ambassador.

Era noite de 27 de janeiro de 1954, Inojosa, como de costume, havia se hospedado em um quarto de hotel, fugindo do calor insuportável do seu apartamento. Ao descer para o jantar, surpreendentemente cruza com três conterrâneos, intelectuais conhecidos do Recife, saindo do bar do hotel: Olívio Montenegro, Antiogenes Chaves e Sylvio Rabello. O primeiro, segura o braço de Inojosa e sentencia: *Você, quando era pobre, criou nome. Hoje, depois que enricou, só os velhos amigos o conhecem. Ninguém mais sabe quem é Inojosa...*¹⁴⁹ Seria o fantasma do esquecimento assombrando o maduro Inojosa? Para um homem de “arquivo pessoal”, que cuidadosamente coleciona fragmentos de sua vida, que nos insinua o quão valoriza a lembrança, quais teriam sido os impactos de tais palavras? Acompanhar o longo registro do Diário possibilita uma aproximação com os sentimentos que visitaram nosso personagem após o encontro:

Respondo-lhe que é porque estou viajando bastante, para conhecer o mundo. Depois do que, pretendo voltar à vida jornalística, tirando o meu velho “Meio-Dia”.

-Sim, já é interessante e lhe daria muito prestígio...

Em parte Sylvio, digo, o Olívio tem razão. Desde que deixou de circular o “Meio-Dia”, fiquei na encolha: veio o desquite, vieram as dificuldades financeiras; um certo desanimo.

Esta a verdade. Perdi boas oportunidades de reaparecer, no jornalismo, ou através da política. Resta-me agora somente isto: viajar e prosperar. Porque não conto com ninguém, e sem dinheiro nada posso fazer. Inclusive, preciso, antes de tudo, formar o meu “pé-de-meia”, para a velhice, pois vou fazer 53 anos, não tenho função pública, e devo estar preparado para o pior.

(...)

Não tenha dúvida o meu amigo Olívio Montenegro, que hoje ou amanhã, reaparecerei. Com o mesmo ímpeto e com a mesma independência de outros tempos.

¹⁴⁹ Diário Íntimo. 27/01/1954.

No registro do Diário, Inojosa mostra sua reação ao encontro com Olívio Montenegro, com o despertar do desejo de reaparecer, de reativar seu ímpeto e independência, apresenta a maneira como este intelectual se situa no presente, como avalia o passado e projeta seu futuro. Pois, *os homens vivem o presente como que ingenuamente, sem conseguir apreciar seus conteúdos; primeiro precisam se distanciar dele, ou seja, o presente precisa ter se transformado em passado caso se queira tirar dele pontos de referência para o juízo sobre o futuro.*¹⁵⁰ É a escrita no diário, esta portadora de diversos tempos, que envolve o sujeito que narra, que o conduz pelos terrenos da memória e reacende sentimentos e gera tensões. As páginas do diário do intelectual, lugar de abrigo de suas memórias próximas e distantes, abrigam as tensões produzidas no confronto dos tempos de Inojosa e presenciam como estas mesmas memórias são cuidadosamente elaboradas. Não esqueçamos que a memória é uma elaboração:

*A memória resulta como uma construção tensa, entre o que você traz como lembrança – e desse modo, informa a maneira de perceber, de compreender – e o que se configura diante dos seus sentidos do presente, transformando, modificando, interagindo com a memória. Daí que esta é uma elaboração, uma aprendizagem contínua, ininterrupta, entre o que se carrega como marcas do passado e do presente.*¹⁵¹

As práticas dos sujeitos são múltiplas e variadas, suas ações no tempo e espaço apresentam variadas configurações, seus lugares sociais são fluidos. Como afirma o teatrólogo Luigi Pirandello, *somos um nenhum cem mil*, as percepções que temos de nós mesmos nem sempre coincidem com as das outras pessoas e nossas próprias percepções sobre nós mesmos variam e se transformam com o tempo. De maneira impressionante, a percepção de Olívio Montenegro – Inojosa quando pobre era conhecido, hoje ele é rico e

¹⁵⁰ FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011. P. 36.

¹⁵¹ MONTENEGRO, Antonio. Revista Saeculum.

desconhecido pelas novas gerações – aparentemente coincide com a do próprio Inojosa. Ou terá sido o encontro que já alterou esta percepção? No entanto, não temos elementos para avaliar se o ponto que Inojosa escolhe como referência no registro do Diário – O jornal Meio-Dia e a carreira de jornalista – seria o tempo referido por seu conterrâneo. De toda forma, o homem de mais de cinqüenta anos pinta seu retrato e as percepções de sua vida, de si mesmo: Sem o jornal Meio-Dia, vive na *encolha*, tem problemas financeiros, é um homem sozinho depois do desquite, desperdiçou oportunidades no jornalismo e na política, preocupa-se com o futuro por ser um profissional liberal e sente a velhice se avizinhar. Um quadro sombrio, não fosse, nas últimas linhas, o pulsar do desejo de reaparecer, a força de sua auto-definição, de uma identidade que pretende estabelecer: *com o mesmo ímpeto e a mesma independência de outros tempos*. Um quadro de preocupações com a vida bem diferente do período de 1943 a 1948, quando se afasta do jornalismo e *num silêncio de seis anos se dedica a pesquisas de livros futuros*¹⁵².

Talvez, o registro do encontro com os conterrâneos no Hall do Hotel Ambassador informe menos sobre os conflitos reais de Joaquim Inojosa e aponte mais sobre suas batalhas mais íntimas, interesses particulares, conflitos de auto-representação, de como analisa sua trajetória no tempo e negocia passado e presente. Afinal,

a função fundamental da memória, por conseguinte, não é preservar o passado, mas sim adaptá-lo a fim de enriquecer e manipular o presente. Longe de simplesmente prender-se a experiências anteriores, a memória nos leva a entendê-las. Lembranças não são reflexões prontas do passado, mas reconstruções ecléticas, seletivas, baseadas em ações e percepções posteriores e em códigos que são

¹⁵² INOJOSA, Joaquim. 60 anos de jornalismo (1917-1977). Rio de Janeiro: Editora Meio-Dia, 1978. P. 92

*constantemente alterados, através dos quais delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo à nossa volta.*¹⁵³

Temos apenas traços fragmentários destas disputas íntimas e por isso mesmo tudo nos parece tão interessante e tão potente para compreender a construção do projeto intelectual escolhido e construído por Inojosa depois dos seus cinquenta anos. Os fragmentos do eu trazidos pelo diário mostram as teias do cotidiano, as contingências da vida que envolvem este intelectual. Os registros simultaneamente dão conta da historicidade e da complexidade da trajetória deste indivíduo, rompendo com a idéia da previsibilidade da vida e da coerência das escolhas intelectuais. Quando escrevem textos públicos, normalmente, os intelectuais não revelam estes traços de dúvidas, incertezas, arrependimentos e se constroem como sujeitos imunes às mudanças lentas e profundas dos desejos, das gratificações e frustrações persistentes do ser humano. No entanto, por meio da escrita de teor autobiográfico dos intelectuais podemos entender as correlações entre o conteúdo exposto, o dizer, de um lado, e a existência de redes, o pertencimento da geração, a adesão a uma escola, o período e suas problemáticas, de outro. Afinal, as ações e representações são dimensões da vida social interdependentes e nos mostram como a história dos intelectuais é um campo de pesquisa que não se fecha em si mesmo, permitindo um diálogo intenso e um cruzamento com as histórias política, social e cultural.

154

Mas, teria Olívio Montenegro se referido ao Inojosa da época do Jornal Meio-Dia ou estaria ele se referindo ao jovem Joaquim Inojosa, agitador cultural dos anos 1920 no Recife? Na década de vinte, nos anos de sua estréia na carreira jornalística, Inojosa além

¹⁵³ LOWENTAL, David. Como conhecemos o passado. In: Projeto História. (17) 1998. P. 103.

¹⁵⁴ Sobre a história dos intelectuais: SIRINELLI, Jean- François. Intelectuais. In: RÉMOND, RÉNE. Por uma história política. (org.) Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996. P. 231-269. PERLATTO, Fernando. História dos intelectuais: um balanço historiográfico.

das polêmicas políticas nas quais se envolveu, foi responsável por mergulhar a cidade no debate sobre o modernismo no Brasil, uma das polêmicas mais interessantes presenciada no Recife desse período:

*A Victoria, no caso, pertence à Arte Moderna. Para consegui-la – guerra aos preconceitos artísticos. Liberdade e Alegria. Guerra aos códigos literários, às formulas preestabelecidas. Guerra ao parnasianismo, ao gagaismo, ao academicismo, ao naturalismo da prosa, ao virtuosismo, ao conformismo, ao copismo, ao dicionarismo. Guerra aos “almofadinhas do soneto”, aos gramáticos “ápteros”, aos regionalistas systemáticos. Guerra ao passadismo inactualisavel. Guerra à esthetica absoluta, a arte official, à pintura de copia. Guerra ao belo como fim da arte.*¹⁵⁵

Conforme Neroaldo Azevedo, *a década de 20 em Pernambuco foi agitada por suas vertentes de ideias destinadas a sacudir, quer na época em que existiram, quer nas suas conseqüências, a vida cultural do Nordeste. De São Paulo chegavam às sugestões do movimento modernista, tornado público na Semana de Arte Moderna de 1922, ao mesmo tempo em que se intensificava, fazendo eco a uma preocupação generalizada no Brasil, a pregação em torno do regionalismo.*¹⁵⁶ As discussões sobre modernismo e regionalismo marcaram bastante a década de vinte, tendo em Gilberto Freyre e Joaquim Inojosa um interessante contraponto.¹⁵⁷ Olívio Montenegro, bacharel em direito, jornalista, professor de história e crítico literário acompanhou as disputas intelectuais e políticas entre Freyre e Inojosa. Sua atuação e suas relações de amizade estabeleceram-se no campo do regionalismo. Era amigo íntimo de Gilberto Freyre e José Lins do Rego. Estas redes de amizades são significativas e nos levam a crer que pode ter sido aos embates modernistas e não ao Jornal Meio-Dia que Olívio fazia referência. Ademais, em 1941, publicara Gilberto Freyre o livro *Região e Tradição*, onde analisa a inserção do modernismo em Pernambuco

¹⁵⁵ INOJOSA, Joaquim. A Arte Moderna. Recife. 5/07/1924. Edição Fac-similar. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1984.

¹⁵⁶ AZEVEDO, Neroaldo. Modernismo e regionalismo (os anos 20 em Pernambuco). P.12

¹⁵⁷ REZENDE, Antonio Paulo. Desencantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. P. 90

e reserva um papel secundário à atuação de Inojosa, e em 1952, publicara *O manifesto regionalista* como texto que havia sido publicado em 1923 durante o 1º Congresso Regionalista do Recife.

No entanto, é menos pertinente o ponto de referência do interlocutor e mais emblemático o marco escolhido por Inojosa: a atuação na imprensa por meio do Jornal Meio-Dia. No *Fundo Joaquim Inojosa*, na FCRB, estão os primeiros *cadernos de anotações*, com registros de pesquisas sobre o modernismo no Nordeste, com data de 1944, indicando que quando Inojosa menciona que no interregno da vida de jornalismo, de 1943-1948, esteve envolvido com pesquisas para livros futuros, era sobre o modernismo que ele pesquisava. Por que então o Meio-Dia como ponto de referência de visibilidade? Teria sido a percepção de que na história do modernismo o lugar que lhe foi reservado era apenas o de co-adjuvante? A lembrança da recepção morna ao seu livro *Tentames*, escrito aos 19 anos, seria um interdito ao projeto de vida como escritor? Do ponto de vista da concretude da vida, podemos pensar que quando esgota a possibilidade de sucesso por meio da atuação na imprensa como negócio, como proprietário de jornal, como industrial, Joaquim Inojosa assumirá a vida de escritor como projeto principal de sua vida, será o momento de escolha das polêmicas travadas contra o regionalismo e contra Gilberto Freyre como as mais importantes de sua trajetória. Afinal, tratava-se da busca pelo protagonismo numa história que ele mesmo resolveu escrever. Provavelmente, quando o investimento nas viagens internacionais não lhe dar o retorno esperado e quando se percebe isolado política e socialmente, a carreira de escritor, mais particularmente de memorialista do modernismo, ocupará sua rotina.

No entanto, como intrusos narradores, devemos aceitar que tudo aqui são possibilidades interpretativas. Queremos compreender suas escolhas. O nosso personagem,

nas suas escritas íntimas, também procura entender os caminhos tomados. Construindo-se como um sujeito entre o arbítrio e a fatalidade, apresenta-se como alguém que a vida inteira esteve afastado de seu “verdadeiro destino”: ser escritor. Ao aceitarmos seu ponto de vista, teríamos que o investimento nas publicações sobre o modernismo não se tratava de construção de uma carreira alternativa nas últimas décadas de vida, mas, um reencontro com uma vocação relegada por anos a fio. É um retrato interessante. Mas, muitas tintas e pinceis foram necessários para delineá-lo:

Rio, 7.4.67

(...)

Sinto que me desviei – culpada a vida prática- da verdadeira tendência do meu ser – Escrever, escrever, publicar...Agora mesmo revejo provas do “Mov.Mod. em Pern.” Meus olhos brilham, de alegria. Sinto que tudo se transforma naquele instante, neste instante, no momento em que sento para ler e corrigir ...Ah! se não tivesse adotada a imprevidência como norma, a trabalhar mais por terceiros do que por mim!...não me preveni, pelo que não posso realizar o que sempre desejei: ter alguma renda, escrever e publicar...Hoje, vejo beneficiários lá por cima, até com vergonha de dizerem que lhes dei o ponto de partida! ...em tempos idos...Temperamento é temperamento e não hei de corrigir-me nunca!

(...)

O recebimento das provas do livro sobre o Modernismo produziu alegria no sexagenário, despertou um intenso processo de auto-análise, de ponderações sobre as atitudes diante da vida. Indicava-lhe o caminho a seguir: *escrever, escrever, publicar*. Mostra-o como *ponto de partida* de outros sujeitos, insinua os seus “desvios”. Um “postulado” maior se insinua: a vida prática não é para o escritor. Escrever é outra categoria de viver. É noutra dimensão que se pode escrever e publicar. No seu diário, Inojosa prossegue construindo, repetindo insistentemente alguns destes postulados,

certamente, necessários para amenizar o julgamento que tinha sobre seu próprio passado. Dá-se ao determinismo como chave explicativa e se esquece de tantos e tantos escritores, alguns seus amigos, que construíram toda uma produção literária imersos no caos da vida. O desejo de “ter uma renda”, como fonte de independência ou a ideia de que a vida de escritor deveria ser afastada do mundo, nos parece até ecos de Arthur Schopenhauer, um dos seus autores preferidos na juventude. Nas suas notas autobiográficas o filósofo alemão registra:

Querer o menos possível e conhecer o mais possível, eis a máxima que conduziu minha trajetória de vida. (...) pois trago em mim um tesouro infinitamente mais valioso do que quaisquer bens exteriores; trata-se apenas de desenterrá-lo, para o que as primeiras condições são formação espiritual e ócio total, portanto, independência. A consciência disso, no princípio obscura e vaga, tornou-se, ano após ano, cada vez mais clara e foi suficiente para sempre fazer de mim uma pessoa prudente e parcimoniosa, isto é, para dirigir o meu cuidado para a manutenção de mim mesmo e de minha liberdade e não para algum bem exterior. (...) Por conta disso também gozei do direito de zelar para que o sustento proveniente de minha herança paterna – que por tanto tempo me manteve e sem o qual o mundo jamais teria tido algo de mim- durasse até minha idade avançada. Se minha vida real tivesse sido a coisa principal em minha existência e a fonte dos meus prazeres, teria de bom grado me esforçado para casar; mas como ao contrário, minha vida foi algo ideal, intelectual, não me permiti o matrimônio, pois uma das duas coisas tem de ser sacrificada em favor da outra.¹⁵⁸

Parece-nos que Inojosa quer mostrar a si mesmo que as lições do mestre alemão: parcimônia, independência e prudência, não foram bem assimiladas e vividas na juventude e na vida madura. A misantropia e rigidez da vida postuladas por Schopenhauer, *por temperamento*, não combinaram com nosso personagem? Se antes dos 50 anos Inojosa se afasta dos ensinamentos do filósofo, neste exercício de amplificação de sua auto-percepção aos 66 anos, ele procura de diversas maneiras “*conhecer a si mesmo*” e, em

¹⁵⁸ SCHOPENHAUER, Arthur. A Arte de conhecer a si mesmo. São Paulo: editora Martins Fontes, 2009. P.5-6.

algumas passagens percebemos sua maior aproximação aos ensinamentos de Schopenhauer:

Minha vida literária era intensa, vibrante mesmo, na vida solitária de solteiro. Um dia, casei, e o que se chama de “necessidade de manter o lar decentemente” me desviaria por completo o curso da carreira literária. Enveredei pela advocacia, em que também me destaquei; a indústria seduziu-me, e foi um desastre; fundei um jornal, tudo se foi...fábrica, jornal e lar. Dezessete anos com uma mulher; e depois, dez anos com outra. Em nenhuma encontrei incentivo às atividades literárias: a primeira pelo espírito burguês, a segunda, por falta de espírito. Para mim, o “isolamento”, de que fala Fernando Pessoa, constitui a força de produzir. Não se tivesse quebrado ritmo, em 1927, ou, depois, em 1956, e talvez não vivesse, como vivo ainda hoje, sob o impacto da indiferença geral-inclusive de parentes e amigos- sobre tudo quanto escrevo e publico...O meu normal teria de ser mesmo o ressaltado pelo poeta português: “contínua sensação incompatibilidade profunda com as criaturas que me cercam”.¹⁵⁹

A auto-análise acima é feita no mesmo dia que recebe os originais do Movimento Modernista em Pernambuco. O trecho citado, de Fernando Pessoa, está na carta do poeta português ao amigo Armando Cortes Rodrigues. Trata-se de uma carta de gênero psicológico, escrita em janeiro de 1915, inserta no livro *Página de Doutrina Estética*, presente na biblioteca de Inojosa. É uma longa carta. Nosso personagem transcreveu vários trechos no seu Livro Íntimo, indicando a significação de sua leitura. O tema de Fernando Pessoa é sua incompatibilidade consigo e com os outros e a dificuldade de lidar com sua alma posta a nu. É uma carta de angústia, de mergulho na alma, de querer entender o que move sua produção estética, de sentir-se solitário na jornada da vida. Inojosa se transfere e

¹⁵⁹ Diário Íntimo. 1967.

se coloca no lugar de Fernando Pessoa, escolhe minuciosamente trechos que indicam o quão sua vida estava sendo posta em xeque, por ele mesmo, naquele momento:

A crise de incompatibilidade com os outros - não, entenda-se desde já, uma incompatibilidade violenta, como a que resultasse de divergências declaradas, nítidas, de ambas as partes. Trata-se de outra cousa. A incompatibilidade é sentida por mim, dentro de mim, e é comigo que está o peso todo da minha divergência de aqueles que me cercam. O facto de eu estar agora vivendo só (...) vem agravar este estado de espírito, por me deixar a nu com a minha alma, sem afeições e interesses familiares próximos a desviar de mim a minha atenção.

(...)

Em ninguém que me cerca eu encontro uma atitude, para com a vida que bata certo com a minha íntima sensibilidade, com as minhas aspirações e ambições, com tudo quanto constitui o fundamental e o essencial do meu íntimo ser espiritual. Encontro, sim, quem esteja de acordo com actividades literárias que são apenas dos arredores da minha sinceridade. E isso não me basta.¹⁶⁰

Inojosa, por meio do texto de Fernando Pessoa, reflete mais uma vez sobre a possibilidade do casamento. Ou melhor, constata, junto com o poeta português, que o casamento perturba o pensamento. Nas reflexões destes homens distanciados pelo tempo, constrói-se a ideia do escritor como missionário, do trabalho intelectual quase como atividade religiosa. Mas, a relação entre casamento e vida intelectual não se revolverá tão cedo para nosso personagem.

Entre livros e cartas com reflexões filosófico-sentimentais, naquele dia a busca pelos brasões dos “Inojosa” e dos “Andrade Lima” outra preocupação do sexagenário. Aos leitores imaginários, explica a história do seu nome, herdado do tio, irmão de sua avó paterna. Uma longa história dos sobrenomes de família é apresentada e também a notícia de tempo e dinheiro dedicados a tal empreendimento genealógico. Receava que os parentes

¹⁶⁰ FERNANDO PESSOA. Carta a Armando Cortes Rodrigues.

lhe considerassem um *bobo*. Porém, muito rapidamente, desfaz este possível lugar na percepção alheia e volta a se auto-definir: *sentimental; nada mais do que um homem destruído pelo sentimentalismo, vendo crescerem os sobrinhos a olharem para o “velho” distante, sorrindo de suas bobagens...Pergunto, porém: eu, que sou bobooou eles, que são uns ~~estúpidos~~ tolos?*

Inojosa estava à procura de Joaquim Inojosa. Queria encontrá-lo. Onde ele estaria? Nos tempos do Jornal Meio-Dia? Nos embates com os regionalistas? Relendo as cartas trocadas entre amigos comuns se reconheceria? Em carta de 1935, de Mario de Andrade a Ascenso Ferreira anota trechos no seu diário, busca estímulos em tempos idos, em conversas do passado:

Relendo as cartas de Mario de Andrade a Ascenso Ferreira, anoto este pensamento: “você se queixa desse ramerão da vida que está levando aí, não ponha a culpa disso senão em você mesmo. Não existe monotonia na vida, a monotonia vem de nos mesmos. Sempre senti que falta pra você aquela espécie de entusiasmo amoroso com que a gente agarra a vida com mãos, pés, braços e dentes, morde ela, dá nela, e faz coisas que não se dizem com ela. Vida é feminina, Ascenso, ingratidão, traição, doçura, irregularidade, bondade e delícia.”¹⁶¹

Na carta a Ascenso, Mário de Andrade recomenda ao amigo que se alguma coisa o desgosta ali, *busque outras terras*. Inojosa se reconhece em Ascenso. Estava, naquela altura da vida, melancólico e sentindo que sua alma estava doente: *sofro do mal- e de há muito que ele me persegue – de olhar tudo sem alegria – nostalgia, tristeza ou melancolia: sentimentos que se confundem na alma do “doente”*. Leitor-caçador, construtor de sentidos, Inojosa sente-se impactado com as palavras do seu *herói modernista* e registra: *jamais li palavras que falassem tão perto de mim mesmo*. Repete no Diário: *“Se alguma coisa o desgosta você aí, busque outra terra.”* Inojosa considera o conselho sábio e lamenta não o ter lido noutros tempos: *se alguém deveria ter seguido este alguém se*

¹⁶¹ A carta de Mário de Andrade a Ascenso Ferreira é de 20.1.1935 e foi enviada de São Paulo. Está inserta em Diário Íntimo, 1967.

chamaria Joaquim Inojosa. Registra sua insatisfação com o outrora querido Rio de Janeiro, seu arrependimento por não ter se mudado daquela cidade. É quase uma condição de exilado mal-sucedido que emerge. Em que sua permanência no Rio de Janeiro contribuiu para esta ressaltada melancolia? Neste Diário Íntimo que comporta e transmuta-se num livro de variados gêneros literários e povoado de diversos personagens e tramas, Joaquim Inojosa nos insinua alguns referenciais, sentimentos e desejos que devem ser levados em conta ao analisarmos seu projeto intelectual:

Desde vinte anos atrás, o mais acertado teria sido mudar-me do Rio de Janeiro, “procurar outras terras.” Ainda hoje seria o correto...faltam-me forças, porém, isto é, elementos materiais, sobretudo. Ascenso, também, não saiu do Recife. E de lá mesmo se foi para outro mundo...Por ora sinceramente me contentaria em vencer os prolongados dias melancólicos, que me vão consumindo alma e corpo.

No Diário Íntimo, nesta escrita particular, embora pulsante por um leitor, Inojosa compartilha dimensões inexploradas de sua vida e insinua motivações tão singulares nos seus itinerários. Parece-nos que o autor do Movimento Modernista em Pernambuco é autor de uma obra muito mais ampla, incompleta e desconhecida. Parece-nos que sua produção sobre o modernismo em Pernambuco deve ser pensada também como o projeto de um indivíduo em *busca de outras terras*. Ao apontarmos as possibilidades, a força dos interesses particulares, tanto financeiros quanto subjetivos – medo do esquecimento, solidão, aposta na carreira de escritor como fonte de renda, maneira de distanciar-se da memória do Meio-Dia e sua associação com o nazi -fascismo -, pretendemos romper com a representação de uma trajetória linear, de uma vida inteira dedicada à divulgação do Modernismo, como o próprio Inojosa tentou construir a partir dos anos 1960 e como a historiografia continuou repetindo: *Inojosa o apóstolo do modernismo*. Quando publica

seus textos sobre o movimento modernista, o autor tenta afastar os interesses particulares, esconde seu desejo de autopromoção, deslocando o empreendimento para o campo da justiça da memória dos participantes dos acontecimentos da década de vinte:

Para que não desapareçam os vestígios dos participantes da mocidade pernambucana em tão importante movimento, ponto de partida do Brasil de hoje, é que escrevo este livro. (...) Publicando-o nada reivindico para mim. As ideias modernistas, estou certo, atingiriam Pernambuco de qualquer forma, e eu apenas as teria antecipado, pela coincidência de contatos com o grupo de São Paulo, em 1922.¹⁶²

O lugar de homem-memória, de guardião da memória dos modernistas da 1ª Geração, não se trata só de um empreendimento coletivo, público, legitimado por um grupo de intelectuais e artistas. Também o desejo individual, essa necessidade de sair da melancolia, provavelmente, impulsionaram Joaquim Inojosa. Possivelmente, uma enorme necessidade de continuar partícipe da história do país, de reescrever sua própria história ou mesmo uma maneira de alimentar sua imensa vaidade e vontade de ser escritor. Nos prefácios de seus livros, Inojosa esconde suas motivações, no entanto, estas aparecem sutilmente nos registros posteriores à publicação do Movimento Modernista em Pernambuco: *o ano foi bom para mim, sobretudo no que se refere meu nome Brasil a fora. O que culminou com o artigo do querido Nilson Patriota, e Natal, exaltando-me atividades de jovem. “O grande e bravo Joaquim Inojosa!” como isso é benéfico, com soa bem aos ouvidos...*¹⁶³ É preciso termos como horizonte o caráter autobiográfico das publicações sobre o Modernismo realizadas por Inojosa e desconfiarmos da coerência de seu relato, da seqüência de acontecimentos com significado e direção aparentemente lineares, não nos conformarmos com a *ilusão retórica*¹⁶⁴ do nosso personagem/autor/narrador e,

¹⁶² INOJOSA, Joaquim. O Movimento Modernista em Pernambuco. P 32.

¹⁶³ Diário Intimo. 31.12. 1979.

¹⁶⁴ Sobre a ilusão biográfica nos ancoramos em Bourdieu, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.) Usos & Abusos da História Oral.

principalmente, inserirmos estes escritos como uma estratégia de busca de uma auto-estima intelectual e afetiva.

Portanto, nosso interesse não é construir uma História do Movimento Modernista em Pernambuco, reconstituindo a participação de Joaquim Inojosa, sua ligação com os paulistas ou seus embates com Gilberto Freyre, nosso interesse reside na maneira como Inojosa se apropria deste passado a partir dos anos 1960, queremos entender como interpreta seu passado e o de sua geração e como aciona estratégias de memória para se inserir na história cultural do país e nas suas redes de sociabilidades intelectuais¹⁶⁵. Trata-se de romper com uma historiografia que deu ouvidos apenas ao jovem de vinte anos, difusor do modernismo e que não investigou quem era aquele ancião que o conduzia como um guerreiro incansável, porém a-histórico e atemporal.

Além de amenizar seu medo do esquecimento, em 1968, quando publica o 1º volume do Movimento Modernista em Pernambuco, Inojosa se insere, tardiamente, num movimento maior de construção da memória do modernismo de 1922 que vinha se estabelecendo na crítica e na historiografia da arte desde meados da década de 1940. Alguns autores afirmam mesmo que os modernistas, desde a primeira hora, foram astutos o bastante para serem seus próprios críticos e historiadores, argutos publicistas de suas ações.¹⁶⁶ No entanto, o crítico Sergio Milliet já percebia em 1943 significativas mudanças no panorama cultural brasileiro, indicando a eclosão de uma nova estética defendida pelos moços de 25 a 30 anos, detectando uma ruptura histórica alicerçada na crítica aos intelectuais modernistas de 1922. Com humor anota no seu *Diário Crítico: A geração de 22 falou francês e leu os poemas. A de 44 lê inglês e faz sociologia*. Conforme Silvano

¹⁶⁵ Para acompanhar o debate entre modernismo e regionalismo, indicamos: REZENDE, Antonio Paulo. *Desencantos Modernos*; AZEVEDO, Neroaldo Pontes de.

¹⁶⁶ FABRIS, Annateresa.

Santiago, *os novos, defendendo um ideário estético engajado, cutucam para poder aparecer e dar seu recado, os velhos reagem positivamente a este ideário para não serem varridos do mapa e excluídos da História.*¹⁶⁷ Sérgio Milliet e Silviano Santiago fazem referência ao chamado confronto das gerações modernistas de 1922 e 1945, um momento em que as poéticas simbolista e parnasiana são retomadas e que o regionalismo amplia sua presença na literatura. A escrita da história e a produção da memória sobre o movimento modernista de 1922 foi uma das estratégias empreendidas, uma arma contra um possível esquecimento coletivo dos intelectuais e artistas que atuaram nos anos 1920 no cenário cultural do Brasil.

Conforme Francisco Alambert, *quase toda a historiografia sobre o Modernismo e a Semana de 22, até bem recentemente, havia sido escrita, reescrita e disputada por seus próprios artífices. No geral, foram eles mesmos que decretaram o que se deveria lembrar ou não do fato.(...) Essa é a primeira grande característica da memória que se construiu em torno do evento. Mais do que qualquer outro fato da nossa história cultural, a Semana de Arte Moderna foi, desde o início, recriada, de acordo com os interesses de seus artífices, que se tornaram participantes, porta-vozes e, depois, historiadores – eventualmente, críticos – de seu próprio movimento*¹⁶⁸. Na produção de Inojosa perceberemos, portanto, o entrelaçamento dos interesses individuais e coletivos, sendo os três volumes do Movimento Modernista em Pernambuco um significativo lugar de memória, campo de construção de genealogias, representações e inscrições do intelectual na história.¹⁶⁹ Conforme Pierre Nora, *os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso*

¹⁶⁷ SANTIAGO, Silviano. Sobre Plataformas e Testamentos. In: ANDRADE, Oswald. Obras Completas: Ponta de Lança. São Paulo: Globo, 2004. P. 13

¹⁶⁸ ALAMBERT, Francisco. A semana de 22: a aventura modernista no Brasil. P. 101.

¹⁶⁹ Sobre lugar de memória nos sustentamos em NORA, Pierre.

*manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.*¹⁷⁰

Nos textos de Inojosa sobre o modernismo, particularmente no Movimento Modernista em Pernambuco percebemos como a memória constrói vínculos entre os sujeitos lembrados. Trazendo restos, vestígios de seu acervo, Inojosa aciona testemunhas de outro período de sua vida e cria uma ilusão de eternidade para si e para os outros:

*Não é intuito do autor deste livro fazer a crítica literária do movimento modernista realizado em Pernambuco. Mesmo porque lhe coube – permitam a imodéstia – desencadeá-lo e dirigi-lo, sob a inspiração e o incentivo dos “klaxistas” da Semana de Arte Moderna de São Paulo. Limitar-se-á a relatá-lo, para que se não perca, pela inclemência do tempo ou propósitos suspeitos, a notícia de um acontecimento que o A. considera decisivo na vida intelectual de seu Estado.*¹⁷¹

Inojosa quer acreditar que a publicação do conjunto de documentos e sua narrativa introdutória, dividida em tópicos intitulados “roteiro”, “senha”, “desafio”, “adesões”. “colaboradores”, “repercussão”, não constitui uma crítica do movimento. Reveste-se de modéstia e representa-se como relator de uma notícia, mas logo em seguida perde a modéstia ao instituir o movimento que desencadeou e dirigiu como o *acontecimento decisivo na vida intelectual de seu Estado*. Seu propósito é combater a *inclemência do tempo ou propósitos suspeitos*. As narrativas que davam conta da importância do movimento regionalista e da atuação de Gilberto Freyre na década de 1920 são os propósitos suspeitos combatidos pelo autor.

Cartas inéditas, artigos e matérias de imprensa, documentos diversos serão, conforme afirma Inojosa ainda na introdução, *a prova da amplitude daquela rebeldia que arregimentou uma plêiade de brilhantes intelectuais – Recife 1922 a 1930 -, interessados*

¹⁷⁰ NORA, PIERRE.

¹⁷¹ JOAQUIM, Inojosa. O Movimento Modernista em Pernambuco. P. 31. Doravante MMP.

em arrasar o “passadismo” e implantar uma nova ordem de coisas nos domínios da inteligência, da literatura, das artes e até mesmo da política. Do movimento da história, ele arranca um *momento de história*. Pensamos, portanto, com Pierre Nora, que como um *lugar de memória* os três volumes do Movimento Modernista em Pernambuco constituem um apego visceral a um momento histórico, mantendo um grupo de intelectuais como devedores do passado que engendraram e que os engendrou¹⁷². Seguindo as considerações de Claudia Farias, podemos afirmar que a coleção *Movimento Modernismo em Pernambuco* é ainda um trabalho de “enquadramento da memória”, realizado através da seleção, celebração e eternização de determinados feitos e fatos colecionados que alçados à categoria de “prova” da veracidade do seu relato, alimentam e forjam de forma subjetiva e intencional a construção de imagem positiva de Inojosa, consolidando seu reconhecimento e legado pessoal pelas gerações seguintes.¹⁷³

Entendemos assim que as narrativas acionadas por Joaquim Inojosa, em que aparece como autor, narrador e protagonista, são mais significativas para entendermos o sexagenário que se performatiza em *mnemon*¹⁷⁴ dos modernistas, e talvez de si mesmo, que sobre o estudante entusiasta de 1922. Não pretendemos criar dicotomias, apenas enfatizar que entendemos a escrita de si como um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto, criando-se através dele, um autor e uma narrativa¹⁷⁵. Nos diversos discursos, vozes e sujeitos mobilizados na produção de Inojosa sobre o modernismo, é possível reconhecer as diversas tessituras temporais superpostas na trama discursiva da memória, espaço ficcionalizado por procedimentos narrativos, onde o

¹⁷² Sobre os lugares de memória: NORA, Pierre.

¹⁷³ FARIAS, Claudia Maria. Entre lembranças e silêncios: reflexões sobre uma autobiografia feminina. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. Vol. 22, nº 43, janeiro-junho de 2009. P.238-257

¹⁷⁴ Na mitologia e na lenda, o *mnemon* é o servidor de um herói que o acompanha sem cessar, para lembrar-lhe uma ordem divina cujo esquecimento traria a morte. O *mnemon* é uma pessoa que guarda a lembrança em vista de uma decisão de justiça. Sobre estes funcionários da memória, consultar: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. P. 432/433.

¹⁷⁵ GOMES, Angela de Castro. P. 16

passado é lembrado sempre a partir das imposições do presente conjugadas, de forma cambiante, às expectativas de futuro, condição da “impureza do testemunho”, mas também da sua singularidade, dinâmica e complexidade.¹⁷⁶

¹⁷⁶ Para acompanhar este debate sobre testemunhos e narrativa autobiográfica, indico: FARIAS, Cláudia Maria. *Idem*.

CAPÍTULO 3: BATALHAS PELA MEMÓRIA: JORNALISMO, MODERNISMO E AS CONSTRUÇÕES DO TEMPO REFERENCIAL

Combater ao lado de um companheiro é muito mais bonito do que lutar sozinho: ganha-se em coragem e conforto, e o sentimento de ter um inimigo e de ter um amigo se fundem num mesmo calor¹⁷⁷.

Existe, sim, a boa imprensa. É aquela que coopera com princípios e ideais para progresso da humanidade. É aquela que aconselha os governos, educa o povo, reprovava a dissolução dos costumes, prega a moral, a sã política, ensina administração, legisla, sanciona e vela, porque traduz a consciência popular ao passo que nela se reflete. E ela tem, sobretudo, uma missão educadora; a de levar aos lares, às escolas, às fábricas, às casernas, das capitais às cidades menores, o sopro dos ideais modernos, clareando as Inteligências materializadas pelo trabalho e fazendo vibrar as pilhas elétricas dos nervos humanos, ao eclodir dos pensamentos que estavam adormidos no subconsciente, à espera da varinha mágica que os despertasse.¹⁷⁸

Acreditava Joaquim Inojosa, e muitos intelectuais e artistas da década de 1920, que a imprensa exercia uma ampla influência no “pensamento da humanidade”. Num período distante da WEB 2.0, dos *blogs*, *twitters* e *redes sociais*, meios de rápida e dinâmica difusão e produção de informações e conhecimentos por qualquer cidadão, ao alcance de todos, considerava-se os impressos, particularmente jornais e revistas, como veículos privilegiados onde determinados sujeitos poderiam pensar e agir. Ainda distantes da televisão e do nosso mundo virtual, onde se pode ter acesso às últimas notícias até mesmo via celular, percebia-se que aquela era uma época em que as pessoas preferiam ler o jornal a comparecer às praças públicas para ouvir os políticos, um período de declínio do

¹⁷⁷ CALVINO, Ítalo. O Cavaleiro Inexistente

¹⁷⁸ INOJOSA, Joaquim. Imprensa e jornalistas. In: 60 anos de jornalismo (1917-1977). Rio de Janeiro: Editora Meio-Dia, 1978.

prestígio da voz sonora, metálica e entusiasmada por determinada causa. Sentia-se o empobrecimento da oralidade, do relato de experiência que passava de pessoa a pessoa, assistia-se então à entrada da informação, dispersa, aligeirada, explicativa, como a forma de comunicação por excelência dos *tempos modernos*, expressão recorrentemente presente entre os contemporâneos de Inojosa.¹⁷⁹ Acreditava-se, naquele momento, que o *artigo pensado, meditado*, significava e instruía mais do que o *discurso recitado ao capricho da fantasia*. Jornalistas e jornais, conforme o pensamento da época, impulsionariam e educariam o povo, além de convencerem e dirigirem governos.

Para Inojosa, a missão da imprensa era ampla: educar, conscientizar, clarear as inteligências, erguer multidões e dirigir governos. No artigo *Imprensa e Jornalistas*, publicado em janeiro de 1925, além de descrever a missão da imprensa, conforme citamos acima, o escritor determina o papel dos jornalistas: *os deveres do jornalista são, assim, os de um apóstolo. Apenas ele pensa no gabinete ao invés de sair de casa em casa; mas a sua voz será ouvida por pobres e ricos, bons e maus, justos e injustos. É que o jornalista, como o apóstolo, deve estar sempre ao lado da verdade.*

Originalmente publicado no Jornal do Commercio do Recife e no Jornal Flama do Rio de Janeiro, o artigo citado reaparece em 1978 no livro *Joaquim Inojosa: 60 anos de Jornalismo (1917-1977)*, uma edição da Editora Meio-Dia, de propriedade do próprio Inojosa. Além dos artigos produzidos, desde os seus 17 anos, em jornais de Pernambuco, Paraíba, Rio de Janeiro, São Paulo e Belém, acompanhados de um texto de apresentação do autor, no livro foram publicados os discursos proferidos por Inojosa e companheiros de carreira, autoridades políticas e intelectuais, na efeméride dos 60 anos; uma *fortuna crítica* composta de memórias, cartas, mensagens, discursos, notícias e fotografias dando conta de

¹⁷⁹ Sobre o declínio da arte de narrar, da oralidade e do empobrecimento da experiência nos orientamos por: BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994. P.197-221.

sua atuação como jornalista e das repercussões de suas *críticas e polêmicas* ao longo da carreira.

Poderíamos pensar esse conjunto documental como o esforço de reavivar o *apostolado* do já maduro intelectual? Seria um acerto de contas de suas convicções como jornalista, um atestado de missão cumprida? Questões que se diluem e perdem densidade quando, do confronto entre as produções do jovem e do maduro autor, da forma como organiza, edita e publica a documentação que carrega as marcas de sua vida profissional, percebemos os ecos dos aprendizados, das atitudes políticas e estéticas vivenciadas e não tão coerentes e lineares como, parece, pretendeu-se construir. Ao trazer à tona seus escritos de seis décadas na imprensa, Joaquim Inojosa nos possibilita cercar suas experiências como intelectual, de conhecermos as “campanhas” em que se empenhou, de entendermos seu exercício de mediador cultural, além de apontar as crenças e valores de uma geração que pretendia modificar política e esteticamente o Brasil. Suas experiências na imprensa são aqui consideradas como fundamentais na criação dos seus interesses e paixões, permite vislumbrar a emergência do confronto e da colaboração entre a reflexão consciente e a necessidade inconsciente, a mescla de lembranças e anseios mutáveis e inacabados na construção da vida pública.¹⁸⁰

Além de escrever na imprensa como jornalista e repórter, Inojosa fundou jornais e revistas no Recife e no Rio de Janeiro, e, em 1939, quando já morava na capital do país, criou a Editora Meio-Dia. Dentro das comemorações da carreira de 60 anos, publica em 1977, em texto chamado “Jornalismo por Ideal”, o que considera “as raízes” de sua

¹⁸⁰ É importante destacar que nossa abordagem da experiência, levando em conta o amor, a agressão, os conflitos, como elementos básicos da dimensão social dos sujeitos, ancora-se em Freud, particularmente na leitura freudiana da história feita por Peter Gay. Nesse sentido, para darmos um “salto analítico”, sem descuidar do rigor documental, procuraremos pensar os significados latentes dessa mesma documentação produzida por Joaquim Inojosa, tanto na juventude quanto na maturidade. Nossa narrativa tentará ser sensível às possíveis condensações de desejos, fantasias e medos imersos nos escritos desse intelectual e que são partes fundamentais da experiência humana, pois, são sentimentos e percepções construídos em momento histórico e social específicos.

carreira, suas influências literárias e pessoais e comenta algumas das “campanhas” que o mobilizaram:

O jornalismo que exerço há sessenta anos (seis, apenas de profissional: 1922/1927), tem suas raízes fincadas num ideal de meninice, que atravessou a juventude e atingiu inato aos dias de hoje. Assumi ou assume, por vezes, aspectos polêmicos, dentro da liberdade sadia que deve disciplinar e conduzir a imprensa, para que ela se impunha perante o público como força de cultura e de equilíbrio social. (...) Podia enumerar algumas das campanhas em que me empenhei. Seria, porém, delongar-me sem maior interesse, salvo para futuros pesquisadores de história da imprensa. Cito, contudo, sem pormenores, os entrecosques políticos de Pernambuco, em 1922, o movimento modernista no Nordeste (1922-1930); a defesa da instituição do salário mínimo; a eleição presidencial de 1937; a pregação em favor do divórcio, pelo O Jornal, no ano de 1933; a de democracia orgânica para o Brasil, quando cheguei a escrever, enfaticamente, que “a civilização de hoje não se constrói com oratória, mas com o trabalho” e que “o Brasil precisa de abelhas e não de patativas”. Foi isso publicado em 17 de outubro de 1940 (Meio-Dia) e não vejo como pensar diferentemente nos dias atuais, quando, mais do que nunca, podemos observar que somente as abelhas constroem uma nação. Que a boa imprensa contribua para isso...¹⁸¹

Se pensarmos que a escrita não apenas comunica ou exprime, mas impõe um “para além da linguagem” que é ao mesmo tempo a História e o partido que nela se toma¹⁸², podemos começar a dimensionar a publicação dos artigos de Inojosa, as memórias do início da carreira, as concepções de imprensa e as percepções do país, no seu presente e no seu passado, como o exercício simultâneo de busca por uma “genealogia”, por um passado singular e linear e, ao mesmo tempo, a construção dessas mesmas aspirações por meio da escrita que indica, reivindica, alardeia esse lugar na história da imprensa, do modernismo, das lutas políticas e sociais no país. Ao tecer suas memórias, Inojosa, no trecho citado,

¹⁸¹ INOJOSA, Joaquim. Jornalismo por Ideal. Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 29/04/1977. In: 60 anos de Jornalismo. Rio de Janeiro: Editora Meio-Dia, 1978.

¹⁸² BARTHES, Roland. O grau Zero da Escrita. São Paulo: Martins Fontes, 2004. P.3

tenta frisar sua autonomia, mostrando que apenas de 1922 a 1927 atuou profissionalmente, no período em que foi empregado do Jornal do Commercio. Ainda nos escritos do Diário de Estudante, suas reflexões insinuavam o temor de “ter patrão”, de ser “empregado público”, de perder sua *consciência livre*:

Um dos maiores prazeres para o homem que estuda e sobretudo para o que escreve, é a independência de espírito. (...) eu prefiro perder dez bons amigos a deixar de dar ao meu espírito a necessária independência, a fim de pregar o que assimilou, pairando sempre às regiões da sinceridade, livre, completamente livre, sem variações simuladas nem negação vulgar. (...) O homem que não tem a consciência livre, não tem independente o caráter. Assim, um empregado público que costume, como quase todos em geral, viver sob a autoridade moral do patrão, guiando-se por seus passos, rastejando-lhe à sombra, vê-se, pela adaptação ao sinecurismo, obrigado a não “proceder como pensa” para não contrariar o superior hierárquico. Não tem livre vontade e muitas vezes foge do dever, receoso de exteriorizar acertada opinião.¹⁸³

Nas escritas do moço e do velho, delineia-se uma concepção do *homem das letras*, do *douto*, do *intelectual*¹⁸⁴ como aquele que pelo exercício da cultura, da distinção pelos estudos, adquire uma autoridade e influencia nos debates públicos, um sujeito que se diferencia socialmente e que, paradoxalmente, deve ser “livre” para ser “engajado”, em busca deste universal que é “a verdade”; sujeito que é polêmico, independente e, principalmente, que tem na escrita sua maneira própria de intervir na sociedade. As escritas do estudante e do experiente jornalista, do reconhecido escritor, delineiam seu horizonte, verticalizam suas posturas políticas e individualizam sua relação com o meio cultural e intelectual do país, seus compromissos e seus combates em 60 anos de imprensa. No entanto, essa escrita também ofusca trajetórias e escamoteia certas escolhas, melhor dizendo, essa escrita escolhe, toma partido na história e na memória do seu sujeito-autor.

¹⁸³ INOJOSA, Joaquim. 13/02/1921. Diário de Estudante. P. 142.

¹⁸⁴ Expressões presentes na documentação analisada.

Em *60 anos de Jornalismo*, o então Presidente da *Ordem dos Velhos Jornalistas*¹⁸⁵ e acadêmico da Academia Carioca de Letras¹⁸⁶, apresenta sua vida profissional dividindo-a em cinco períodos, delimitando as respectivas influências na sua “paixão pela vida de imprensa”. Segundo descreve, uma *1ª fase* durou cinco anos: da estreia, em 14 de abril de 1917, até fins de 1921, quando, em outubro, publicava o último artigo em jornal da Paraíba, transferindo suas colaborações para a imprensa do Recife; seguiu-se uma *2ª fase*, de 1922 a 1930, na capital pernambucana; uma *3ª fase*, já no Rio de Janeiro, quando inicia em março de 1931 sua colaboração em *O jornal e Diário da Noite* (pertencente aos Diários Associados); a *4ª fase* de 1939, com a fundação do jornal *Meio-Dia*, até outubro de 1942; a *5ª fase*, de novembro de 1942 até aos dias de hoje (ou seja, 1977), voltando em 1968 para o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Inojosa teve passagem também pelo semanário *A Nação* e pelo então Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*. Ao descrever e delimitar sua própria vida em fases ligadas ao exercício profissional, Inojosa, de certa forma, define-se e indica o forte desejo de que sua vida fosse alvo de interesse póstumo.

É importante ressaltar que em 1975 ele publicou pela Editora Meio-Dia, *Notícias Biobibliográficas de Joaquim Inojosa*. Com 92 páginas, narrado em 3ª pessoa, o livro traz uma *síntese da vida desse escritor, do ano de nascimento até os dias atuais*. Na seção *Iconografia*, a obra apresenta retratos das várias fases de sua vida, ao lado de estudantes, recebendo condecorações e homenagens, discursando e na convivência com autoridades intelectuais e políticas do Brasil, a exemplo de Tarsila do Amaral, José Américo de Almeida, do cônsul italiano Sotero Cosme e do General Eurico Gaspar Dutra; a seção *Oferendas* traz imagens de contracapas de livros dedicados a Inojosa por importantes nomes da literatura nacional e da crítica, como Menotti Del Picchia, Mario de Andrade,

¹⁸⁵ Localizada no Rio de Janeiro, à época Estado da Guanabara, da qual Inojosa foi um dos sócios fundadores.

¹⁸⁶ Em 1975.

Guilherme de Almeida - seus companheiros na difusão do modernismo no Brasil-, Alceu Amoroso Lima, Carlos Drummond de Andrade e Mario da Silva Brito. *Notícias biobibliográficas 60 anos de jornalismo* trazem índices cronológicos da atuação do escritor, com listas de artigos, livros e discursos publicados.

Quais eram os anseios do Inojosa de mais de 70 anos ao publicar esses livros em meados da década de 1970?

Na apresentação da contracapa do livro *Notícias Biobibliográficas*, logo acima de um retrato de Inojosa em frente a um microfone, com papéis em punho, provavelmente numa tribuna, encontramos um indício desses anseios: *Esta notícia biobibliográfica mostrará em resumo o que tem sido a vida de Joaquim Inojosa, ora como advogado, ora como empresário, mas sempre jornalista e escritor, atividades que jamais abandonou desde as estréias de 1917 e 1920.* A escolha da palavra “notícias” no título do livro não deixa de ser pertinente, de chamar a atenção por se valer de um vocábulo próprio do meio jornalístico, razão mesma da existência dos meios de comunicação, o que mobiliza um jornalista e que torna o seu trabalho interessante. A notícia é uma busca, mas também, uma construção do jornalista. Podemos pensar que ao ressaltar suas “campanhas”, ao enumerá-las e publicá-las na forma de livros, reunindo os artigos de diferentes momentos de sua vida, Inojosa constrói-se como a própria notícia, ele é o *fato*.



Joaquim Inojosa, da tribuna da Assembléia Legislativa, agradece o título de “Cidadão do Estado da Guanabara”.

Figura 5. Joaquim Inojosa, da tribuna da Assembléia Legislativa, agradece o título de “Cidadão do Estado da Guanabara”.

No entanto, nenhuma das campanhas o mobilizou tanto como a recepção e difusão do Modernismo no Brasil. Desde 1922, quando do seu encontro com os Andrades, Mario e Oswald, Tarsila do Amaral, Guilherme de Almeida e outros jovens paulistas, organizadores da Semana de Arte que chocou São Paulo, Inojosa dedicará muita energia, palavras e ações na construção de um lugar destacado e singular no que, segundo ele

próprio, representou “a maior revolução cultural brasileira de todos os tempos.”¹⁸⁷ Ele publicou muitos livros, documentos, artigos na imprensa contando o que considerava “a verdade” sobre o Modernismo em Pernambuco, tentando “desmascarar” uma possível ascendência de Gilberto Freyre e do Movimento Regionalista no Recife da década de vinte. No entanto, entendemos que o esforço de construir sua identidade como o *arauto do modernismo no Nordeste*, foi ao mesmo tempo um remédio e um veneno as suas pretensões biográficas, pois entendemos que houve um congelamento da sua imagem, dificultando um entendimento mais denso de quem era esse sujeito fora do enquadramento determinado por ele mesmo.



Ao completar 80 anos de idade recebeu o escritor Menotti del Picchia a homenagem, na capital paulista, de um grande banquete, promovido pela *Sociedade Amigos de São Paulo*. Para saudá-lo foi especialmente convidado Joaquim Inojosa. Representa a foto: E) Menotti del Picchia e Joaquim Inojosa. D) Joaquim Inojosa em discurso de saudação, vendo-se, ao lado, a escritora Maria Rosa Moreira Lima e o Dr. Augusto Benedito Galvão Bueno Trigucirinho, Presidente do Instituto Genealógico.

Figura 6. Joaquim Inojosa em homenagem aos 80 anos de Menotti del Picchia em São Paulo.

3.1. O Movimento Modernista em Pernambuco, lugar de memória e de construção do tempo referencial

Em setembro de 1984, aos oitenta e três anos Inojosa estava exultante de felicidade.

Havia recebido os exemplares da edição fac-similar do seu livro “A Arte Moderna”,

¹⁸⁷ INOJOSA, Joaquim. Nota do autor. In: Os Andrades e outros aspectos do modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

lançado há sessenta anos no Recife, cidade que foi palco de sua formação intelectual e de suas ousadias e aventuras de juventude na década de 1920. Na programação das comemorações, uma série de viagens às cidades de Recife, Natal, João Pessoa, São Paulo, Santos, Blumenau e Rio de Janeiro foram realizadas pelo octogenário, contrariando as indicações médicas que lhe recomendavam repouso e a lembrança de sua idade. A Semana de Arte Moderna realizada em 1922 na cidade de São Paulo e, principalmente, seu papel de difusor do modernismo no Norte e Nordeste foram os temas das conferências, mesas-redondas, palestras e debates que mobilizaram esse senhor de saúde frágil a ponto de deixar as percepções sobre esse momento registradas em seu diário íntimo: *“É o ano de minha consagração intelectual. Prefiro morrer dentro dela a olhar indiferente esses 60 anos, os que me recordam a juventude mais fogosa..”*¹⁸⁸

Rapsodo era o nome dado a um artista ou cantor que, na Grécia Antiga, ia de cidade em cidade recitando poemas. O *rapsodo* não é acompanhado de qualquer instrumento e além de declamar, podia representar. Levava uma vida itinerante, indo de cidade em cidade em busca de audiência. Os gregos acreditavam que o poeta-rapsodo era um dos escolhidos pelos deuses que lhe confiavam os acontecimentos passados e lhe permitiam que visualizasse a origem dos seres e de todas as coisas. Os deuses assim faziam para que o poeta pudesse transmitir aos humanos os fatos verdadeiros. *Modernos rapsodos* foi o termo encontrado pelo poeta Ronald de Carvalho para se referir aos jovens artistas promotores da Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo em 1922:

é dos modernos rapsodos de S. Paulo que eu falo, agora. Eles são os bandeirantes de uma cruzada única, por enquanto no Brasil. Diante deles estava uma terra cansada, esgotada, empobrecida: terra de letras nacionais. Os canteiros de sonetos repolhudos, os talhões de baladas e madrigais indefectíveis, as hortas de vilancetes e redondilhas

¹⁸⁸ INOJOSA, Joaquim. 15/09/1984. Diário Íntimo. Caixa _____. Fundação Casa de Rui Barbosa.

*infatigáveis, cobriam monotonamente o solo, em todas as direções. Eles trouxeram sementes novas e as lançaram, cantando, no chão fatigado. E o chão se abriu, de repente, em floradas impetuosas, e uma folhagem, picada de flores, de frutos virgens, se alastrou por toda a parte.*¹⁸⁹

O que os deuses teriam confiado a estes modernos rapsodos? O que desejavam declamar pelas cidades do Brasil? Quem seriam estes escolhidos dos deuses e portadores de fatos verdadeiros? Contemporâneo e participante da Semana de 1922, Ronald de Carvalho destaca o papel construtivo e o espírito renovador dos poetas, músicos, pintores e escultores que participaram no Teatro Municipal entre os dias 13 e 17 de fevereiro de uma série de apresentações culturais buscando a renovação da linguagem artística, a experimentação, a liberdade criadora e a ruptura com o passado. O evento desde seu início e até hoje continua a gerar polêmicas e embates, sendo alvo de uma série de representações, algumas mais genéricas sobre o próprio acontecimento, outras mais específicas sobre alguns dos seus principais protagonistas, a exemplo de Oswald e Mario de Andrade, Tarsila do Amaral, Heitor Villa-Lobos, entre outros. Alvo de disputa também tem sido a repercussão e difusão do modernismo de 1922 no Brasil, sendo recorrentes os embates sobre a influência ou não dos paulistas no desenvolvimento do modernismo em outros estados brasileiros.

No trecho citado acima o poeta reveste seus colegas de um caráter desbravador e difusor de novas e frutíferas ideias Brasil afora. Além de *rapsodos*, *bandeirantes* e *cruzados* são outras representações construídas e difundidas nas memórias e histórias sobre os artistas e intelectuais participantes da Semana de Arte Moderna de 22. Joaquim Inojosa desempenhará um papel significativo na construção de muitas destas representações:

São Paulo. Fins de setembro de 1922. Pregando feminismo na Escola Normal, diante das paulistanas jovens e belas...Procurando, nas redações

¹⁸⁹ CARVALHO, Ronald. “Os independentes” de S. Paulo, “O Jornal”. Rio de Janeiro, 26/12/1922.

dos jornais, colegas de profissão...(...) Subo as escadas do “Correio Paulistano”. Encontro Menotti Del Picchia: primeiro contato com um modernista. Instantes depois, ambarafusta Oswald de Andrade, “tipo espadaúdo e forte”. Conversa longa, como se de longamente nos conhecêssemos. Enquanto Menotti continua na redação, saio com Oswald a passear pelas ruas de São Paulo, até madrugada. Nos dias seguintes: chá das cinco no atelier de Tarsila do Amaral, presentes vários modernistas, inclusive Anita Mafalitti, Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, Rubens Borba de Moraes, e pose para que as duas pintoras de tendências divergentes – Tarsila e Anita – fixassem na tela a carantonha do meio encabulado “matuto” nordestino; visita ao escritório de Guilherme de Almeida; reunião na rua Lopes Chaves, residência de Mário de Andrade, onde me sagrariam ...porta-voz autorizado do movimento modernista lá pelo Nordeste...tudo descrito em várias crônicas deste livro. Recebo luvas para desafio: livros e exemplares de “Klaxon” – a senha da renovação. E parto de regresso a Pernambuco...”bandeirante da Arte Moderna” (Ronald de Carvalho), depois de haver manifestado aos jovens de S. Paulo, os desencantos da minha terra.¹⁹⁰

O texto acima descreve o encontro do jovem de 21 anos, em 1922, com os principais articuladores da Semana de Arte Moderna de São Paulo. Um jovem em busca de novas experiências, um pouco enfasiado da sua terra natal, envolvido com as ideias feministas e querendo se integrar no meio jornalístico do país. Seu sonho era morar no Rio de Janeiro e nesta época já havia publicado seu primeiro livro de contos, “Tentames”. São Paulo se considerava moderna e progressista no plano material, mas não admitia transformações substanciais no terreno da cultura e do pensamento, mas o jovem do Recife não poderia perceber isto, o cosmopolitismo da cidade, a experiência de viajantes dos que encontrou por lá foram percepções mais fortes. Foi acolhido por um grupo de homens e mulheres de diferentes idades, tão insatisfeitos com o país quanto ele. Pôde frequentar salões, cafés e ateliers da cidade grande. Deve ter esquecido completamente que voltava do Rio de Janeiro das Comemorações do Centenário da Independência, efeméride duramente

¹⁹⁰ INOJOSA, J. O Movimento Modernista em Pernambuco. Vol. 1. P. 44

criticada pelos organizadores da Semana de Arte Moderna¹⁹¹. Expressa seu desencanto com o Recife e imediatamente integra-se ao grupo paulista, como repetirá exaustivamente em suas representações de si: *ingressa nas fileiras como combatente de primeira hora*.

A narrativa de Joaquim Inojosa lembra a de Rambaldo de Rossiglione, aspirante a cavaleiro, um dos personagens criados por Ítalo Calvino, no livro Cavaleiro Inexistente. Insatisfeito com o isolamento do acampamento de guerra do Imperador Carlos Magno e cansado da solidão dos campos de batalha, mergulhado num mundo de ambigüidades e incertezas, suas esperanças retornam quando, inesperadamente, durante uma batalha sangrenta, consegue o apoio de um cavaleiro desconhecido, que sai em seu socorro e os dois duelam lado a lado contra os sarracenos:

agora estão lado a lado, Rambaldo e o cavaleiro desconhecido. Este continua fazendo da lança uma pá de moinho. Dos dois inimigos, um tenta uma finta e gostaria de sacar-lhe a lança da mão. Mas o cavaleiro pervinca, naquele momento, pendura a lança no gancho da garupa e dá uma estocada. Lança-se sobre o infiel; duelam. Rambaldo, ao ver com que leveza o salvador desconhecido aplica seus golpes, quase se esquece de tudo e ficaria ali parado só olhando. Mas é um instante: agora se atira contra o outro inimigo, com um grande choque de escudos. Assim ia combatendo ao lado do pervinca. E toda vez que os inimigos, após um novo assalto inútil, retrocediam, um começava a combater o adversário do outro, com uma troca rápida e assim os desnorream com suas perícias variadas.¹⁹²

Cavaleiros, batalhas e muita belicosidade. As narrativas sobre o Movimento Modernista no Brasil se aproximam muito do cenário construído por Ítalo Calvino. Como lembra Francisco Alambert, a história e a memória do modernismo, como disputas culturais e políticas estarão presentes em diversos momentos, tornando-se efeméride nacional. Os protagonistas dos eventos de 1922 e dos seus desdobramentos nos outros

¹⁹¹ Para Maria de Lourdes Eleutério, a Semana de Arte de 22 foi uma contracomemoração do Centenário da Independência.

¹⁹² CALVINO, Ítalo. O Cavaleiro inexistente. P. 44

Estados brasileiros ora se representarão como guerreiros ora como apóstolos, sujeitos portadores da boa nova, salvadores da arte e da nação. Joaquim Inojosa explorará ao máximo esta ambigüidade de seu lugar, guerreiro e apóstolo:

Recebi de Pernambuco um folheto escrito pela juventude alegre de Joaquim Inojosa. É uma corajosa profissão de fé futurista. O autor não vacila ante a burguesia mental do seu Estado; atira à luta com grande energia e prega abertamente as ideias modernas. O seu estilo possui a claridade convincente dos iniciados...A onda está crescendo de um modo tempestuoso e dentro de pouco tempo tudo se afogará sob as águas conquistadoras da nova arte. Veremos depois boiando nesse mar, os destroços dos poemas, das baladas, dos sonetos e de outras formas velhas do pensamento. É o dilúvio que vem aí, não dando tempo para que o Noé do classicismo construa a sua arca. Mestre Guanabario precisa aprender a nadar.¹⁹³

(...) Jornalista, escritor, era natural que o Sr. Inojosa procurasse os colegas paulistas; e de apresentação em apresentação, foi cair entre alguns perigosos componentes do perigoso grupo “futurista”, que deram com ele em casa de Mario de Andrade,, no atelier da Sra. Tarsila do Amaral, na redação de Klaxon, em todos os antros onde se tramavam hediondos atentados à educação artística e ao bom gosto do nosso povo. Foi o diabo...Recife desabou na cabeça do Sr. Inojosa. Mas o Sr. Inojosa é cabra sarado: agüentou firme, entrou com o jogo dele e sapecou a paulada pra cima do pessoal. Deu neles que nem gente grande. Pancada a bessa. Pancada de criar bicho. Dois anos depois, todo mundo em Recife é “futurista”. É o resumo dessa campanha e de seus resultados e é também um histórico da explicação do movimento que Sr. Inojosa tenta nesta plaqueta. (...) Não se pode contestar a utilidade dessa tentativa do sr. Joaquim Inojosa, e do louvável esforço com que ele procura fazer Pernambuco acompanhar a evolução intelectual do Rio e de São Paulo...Mas a qualidade do Sr. Inojosa, o que faz dele um escritor de real merecimento, é a confiança, a coragem, a tenacidade, o entusiasmo com que ele entrou no movimento e vem sustentando a campanha. Está seguro de si. Mais do que isso: está seguro de todos os novos. Essa

¹⁹³ SILVEIRA, PAULO. Cacos de Vidro. “O País” – Rio de Janeiro. 2.11.1924

*invejável certeza de que muitos poucos poderão se gabar, seria bastante por si para assegurar ao Sr. Inojosa um bom papel no modernismo.*¹⁹⁴

Os trechos acima são de Paulo Silveira e Prudente de Moraes Neto e se referem à publicação de “A Arte Moderna” texto publicado em 1924 por Joaquim Inojosa. Originalmente publicado como “Carta literária dirigida a Severino Lucena e S. Guimarães, diretores da Revista “Era Nova”, da Paraíba do Norte”, convidando os editores a transformarem esta numa “Klaxon Paraibana”, aderindo portanto, ao Modernismo, segundo o jovem Inojosa, já em marcha avançada em Pernambuco:

*Não podem desconhecer-se intelectualmente dois Estados vizinhos, que tem para exigir e assegurar o paralelismo de sua marcha, as conquistas da história e a glória do passado. Paraíba e Pernambuco não se separam senão para melhor se desenvolverem: deram-se sempre as mãos na objetivação dos seus ideais, na política, na administração, e nas artes. (...) Há, nos arraiais da inteligência, atualmente, e como sempre houve em todas as épocas, uma nova geração que anseia por ideais novos. Sobretudo já ergueu os olhos para a meta entresenhada, em São Paulo, no Rio, Recife e Pará. A Paraíba não fugirá ao apelo que lhe faço de acompanhar – nos nesse esforço gigantesco e nessa luta sem tréguas para desapressar-se das velhas formulas da arte, num combate cavalheiresco, e, se necessário, desapiadado à geração antiga. Os rapazes daí acompanhar-nos-ão, de certo, nessa renovação artística necessária a que os zoilos chamam de “futurismo”, denominação marinetica inaceitável entre nós, projétil nas mãos dos que não tem base para discutir. O movimento acha-se vitorioso no Rio e em São Paulo.*¹⁹⁵

Na memória e na historiografia do modernismo, “A Arte Moderna” aparecerá como um marco na segunda fase do modernismo. Seu autor, quando publica a edição fac-similar em 1984, no aniversário de 60 anos do texto, insere logo abaixo do título: “60 anos de um Manifesto Modernista Recife 05/7/1924- 5/ 7/1984 O manifesto que originou a 2ª

¹⁹⁴ MORAIS NETO, Prudente de. A Arte Moderna. Estética. Rio de Janeiro. Nº 3. Abril-Junho, 1925.

¹⁹⁵ INOJOSA, J. A arte moderna. P .6

fase do Modernismo.” Para o jornalista Paulo Silveira seria o texto uma “profissão de fé futurista” e o jovem Inojosa um “pregador das ideias modernas”. Já Prudente de Moraes Neto, que havia fundado em 1924, com Sérgio Buarque de Holanda, *Estética*, importante revista modernista de São Paulo, apresenta em sua crítica o que consideramos a “narrativa fundadora”, ou seja, o encontro de Inojosa com o grupo dos paulistas e o seu destino doravante decretado: difundir o modernismo no Nordeste. Mostra Prudente de Neto que, como todo missionário, Inojosa enfrentou muitas adversidades, mantendo-se firme na sua missão e sendo, inclusive, mais confiante que muitos dos “apóstolos” que seguia. A narrativa do editor de *Estética* acolhe “A Arte Moderna” como fruto dos embates do modernismo em Pernambuco, institui a vitória deste projeto e, por fim, legitima o texto como “explicação” do modernismo em Pernambuco.

No entanto, devemos observar que as narrativas apresentadas até aqui, são entendidas como narrativas fundadoras, instituidoras de um passado e instituídas em diferentes tempos, não são construções naturais. Foram/são repetidas exaustivamente. Na década de 1920 e nas décadas posteriores foram construídas, reconstruídas e atuaram em prol de determinados interesses dos intelectuais envolvidos. Como ensina Roland Barthes, toda escrita é instituição. Ela desvenda passado e escolhas, dá uma história, escancara uma situação, engaja-se sem precisar dizê-lo¹⁹⁶. Acreditamos que as escritas, de diversos tempos, de variados sujeitos, de múltiplos tons trazidas por Inojosa, remetem a cumplicidades, potências e impotências. Neste sentido, o posicionamento de Prudente de Moraes Neto deve ser entendido num contexto de trocas e solidariedade intelectuais importantes para este jovem e para Inojosa. De registro de uma crítica, de uma acolhida, como Inojosa o deseja ao publicá-lo no 1º volume do MMP, o texto de Prudente Neto, ao ser colocado em diálogo com outros documentos publicados no 2º volume mostra as

¹⁹⁶ BARTHES, Roland. O grau zero da escrita. P.24

complexas redes de divulgação das ideias modernistas e das relações e interesses pessoais subjacentes as estratégias de divulgação do movimento.

O pernambucano havia se tornado em 1924 representante da Revista Estética no Estado. Teria recebido 10 exemplares do 1º número da revista modernista trimestral para ser colocada nas livrarias e o pedido de que conseguisse assinantes. A incumbência era posta pelo próprio Prudente, numa carta enviada do Rio de Janeiro, a qual se inicia assim:

Meu caro Inojosa (...) Apresento-me: sou o Prudente de Moraes, neto, e com Sérgio Buarque de Holanda acabo de fundar uma grande revista modernista trimestral, a “Estética”, que tem colaboração de todo o grupo modernista daqui e de São Paulo (...).¹⁹⁷

Prudente Neto ainda pede que Inojosa mande notícias sobre o modernismo em Pernambuco e que publique uma nota sobre “Estética” no Jornal do Commercio onde trabalhava Inojosa. Tudo isto pede *com a maior sem-cerimônia do mundo*. Coloca-se na condição de *um amigo sempre às ordens*.

Alguns meses antes da publicação elogiosa sobre “Arte Moderna”, o jovem havia novamente escrito a Joaquim Inojosa, agora agradecendo a colaboração do novo amigo. A carta, um pouco mais longa, dá conta de algumas intimidades do ainda estudante Prudente Neto, apresenta ao novo amigo de Pernambuco a dinâmica e dificuldades enfrentadas para manterem a revista e expressa seu enorme reconhecimento pelo excelente trabalho feito por Inojosa:

Rio, 24-1-1925

Caro Inojosa

Desculpa o atraso com respondo a tuas cartas

¹⁹⁷ PRUDENTE DE MORAIS NETO. 19.11.1924. Carta Publicada No 2º volume do Movimento Modernista em Pernambuco. P. 358

A primeira me achou em vésperas de exames. Dias depois destes, vim pra cama e ainda cá estou estirado. Felizmente estou bem melhor e conto poder me levantar na semana que vem. Por ora, com um pouco de paciência e boa vontade, posso escrever aos amigos, mas aqui do berço, com uma letra muito discutível.

Francamente, não sei como te agradecer. Por mais que os amigos de S. Paulo me tivessem falado a teu respeito, tua gentileza excedeu tudo que eu podia esperar.

Muito obrigado Inojosa. E...toque aqui: somos amigos.

Tua opinião sobre a “Estética” me deu um grande contentamento. Um pouco otimista demais a meu respeito, mas não posso te querer mal por isso...

(...)

A “Estética” durou apenas 4 números, mas a amizade e a troca intelectual entre Inojosa e Prudente de Moraes Neto permaneceram até este último morrer em 1977. No entanto, o que gostaríamos de aqui destacar ainda não é a amizade e os laços de cumplicidade. É pensarmos que subjacente a este discurso ou por meio desta construção de amizades realizava-se a difusão do modernismo no Brasil e a instituição e legitimação dos sujeitos considerados capazes de *acompanhar a evolução intelectual de São Paulo*, como destaca na sua carta Prudente Neto. Ademais, ressaltamos que se trata de jovens desejosos de ocupar espaços de legitimação intelectual, de intervirem no mundo e serem ouvidos. Unem-se e se reconhecem em torno do Modernismo. Constroem uma linhagem comum que se pretende imutável ao longo das décadas seguintes e que, a partir dos 1960, será acionada por Joaquim Inojosa na constituição de seu projeto intelectual. Ao rememorar este período de sua vida pública, Inojosa estabelece uma comunicação consigo mesmo e com os outros, construindo discursivamente um ponto de vista sobre si e sobre os acontecimentos vividos que contribuem para seu auto-conhecimento, sua auto-explicação e auto-justificação, num esforço contínuo de elaborar sua reconciliação com o passado, sua redenção no presente e projetar também sua visão de futuro para a cultura brasileira.

Os livros publicados por Joaquim Inojosa, particularmente, a edição fac-similar d’ *A Arte Moderna*, nas comemorações dos 60 anos de sua publicação, e os três volumes do

Movimento Modernista em Pernambuco são particularmente significativos para compreendermos como tessituras de tempos e representações e percepções sobre um passado individual e coletivo são construídas. No entanto, a lembrança de Jorge Luis Borges deve nos acompanhar aqui, pois *já se sabe: para uma linha razoável ou uma correta informação, há léguas de insensatas cacofonias, de confusões verbais e de incoerências. (Sei de uma região montanhosa cujos bibliotecários repudiam o supersticioso e vão costume de procurar sentidos nos livros e o equiparam ao de procurá-lo nos sonhos ou nas linhas caóticas da mão...* Tanto A Arte Moderna como os volumes do Movimento Modernista em Pernambuco nos parecem uma infindável biblioteca, *Uma Biblioteca de Babel* ou um impressionante *Jardim de veredas que se bifurcam*. Ao percorrermos as mais de mil páginas publicados sobre o Modernismo em Pernambuco, nos sentimos como aquele bibliotecário que descobriu a lei fundamental da Biblioteca:

todos os livros, por diversos que sejam, constam de elementos iguais: o espaço, o ponto, a vírgula, as vinte e duas letras do alfabeto. Também alegou um fato que todos os viajantes confirmaram: ‘Não há na vasta Biblioteca, dois livros idênticos’. Dessa premissas incontrovertíveis deduziu que a Biblioteca é total e que suas prateleiras registram todas as possíveis combinações dos vinte e tanto símbolos ortográficos (número, ainda que vastíssimo, não infinito), ou seja, tudo o que é dado expressar: em todos os idiomas. Tudo: a história minuciosa do futuro, as autobiografias dos arcanjos, o catálogo fiel da biblioteca, milhares e milhares de catálogos falsos, a demonstração da falácia desses catálogos falsos, a demonstração da falácia do catálogo verdadeiro, o evangelho gnóstico de Basilides, o comentário desse evangelho, o relato verídico de tua morte, a versão de cada livro em todas línguas, as interpolações de cada livro em todos os livros, o tratado que Beda pôde escrever (e não escreveu) sobre a mitologia dos saxões, os livros perdidos de Tácito.

Como caminhante que percorre uma biblioteca infindável e um jardim infinito, imersa num labirinto de tempos e símbolos percebemos que as obras de Joaquim Inojosa, todo tempo, confrontam passado e presente, jovens e velhos protagonistas, carregam

sussurros de outros tempos e brados do seu agora. Como um fio que liga tempos distintos, o texto original *A Arte Moderna*, com menos de 20 páginas aparece entre citações e comentários de 1924 e de 1984:

*60 anos são passados e esse fogaréu de palavras de papel impresso e bate-boca ao vivo vai ganhando a paz dos arquivos e muitos dos seus protagonistas já se encaminham para o jazigo. Mas, ainda recentemente, Jânio Quadros, no “Curso Prático de Língua Portuguesa” ressaltava a repercussão sobretudo polêmica do Modernismo no Nordeste. Claro. Aí atuou Joaquim Inojosa, pena fogaosa em riste, indicador doutrinário na mesma posição. Pois, quem não sabe, se acautele: aos 20 anos como aos 83, Inojosa é o Modernista que não deu baixa e um dos poucos que não caiu em exercícios findos. Nas reuniões de sábado na Biblioteca de Plínio Doyle, em Ipanema, sempre confesso aos companheiros este temor: que o garoto-problema Joaquim Inojosa acabe tombado pelo Juiz de Menores e internado na FUNABEM.*¹⁹⁸

Além de muito bem-humorado, com a espontaneidade de caracteriza as relações de amizade, Homero Homem ao mesmo tempo que define o amigo Joaquim Inojosa, o aprisiona, retira toda a história de vida que transforma, que altera posicionamentos, escolhas, pensamentos, apaga suas incertezas e hesitações. Inojosa torna-se o outro, sempre o outro. Mas, quem seria este outro? Parece-nos que aquele jovem fascinado por Mário de Andrade, Oswald, Graça Aranha, Menotti Del Picchia. Aquele rapaz de vinte e poucos anos, “garoto-problema, chamado Joaquim Inojosa, é o outro do senhor Joaquim Inojosa. Literatos, jornalistas, artistas e críticos constroem retratos de Joaquim Inojosa. No mais das vezes, os discursos produzem imagens coladas àquele passado de euforia do modernismo, instantâneos de um tempo que teima em continuar nas narrativas do velho Inojosa.

A diagramação do livro e seus elementos gráficos são significativos para nos aproximarmos das características deste que se torna um lugar de celebração, à primeira

¹⁹⁸ HOMEM, Homero. Joaquim Inojosa e a Modernização do Brasil. In: *A Arte Moderna*. P. 84.

vista, do Governo de Pernambuco, como maneira de tomar parte nas Comemorações dos 60 anos da Semana de Arte Moderna e reafirmar a presença do modernismo no Estado, e mais simbolicamente do próprio Inojosa, ao reforçar o seu papel de *representante* autorizado dos paulistas.



Grupo representando a visita de Guilherme de Almeida ao Recife, em pregação modernista, atendendo a um convite de Joaquim Inojosa; E) sentados: Austro-Costa, Guilherme de Almeida, Joaquim Inojosa e Araújo Filho. De pé: José de Góes Filho, Anísio Galvão, Oswaldo Santiago; Amauri de Medeiros e Dustan Miranda — Recife, Novembro de 1925.

Figura 7. Grupo representando a visita de Guilherme de Almeida ao Recife.

A Arte Moderna, edição fac-similar, foi publicado pela editora Cátedra em 1984 e apresenta na capa a significativa foto do jovem Inojosa, texto em punho, ladeado por seus amigos dos tempos de mocidade. A primeira página do livro, com o título “*O Autor*”, abriga uma curta biografia e “*algumas de suas atividades intelectuais*”. Limita-se a apresentar os ambientes de formação escolar, na infância e juventude, destacando o ingresso na Faculdade de Direito do Recife e a nomeação como promotor público da capital pernambucana, em 1924. As atividades intelectuais destacadas cronologicamente estão fixadas entre 1915, quando aos 13 anos Inojosa, como interno do Colégio Aires Gama, funda a *Sociedade Literária Álvares de Azevedo* e 1922, quando participa no Rio de

Janeiro do 1º Congresso Internacional de Estudantes, quando vai a São Paulo, entra em contato com os modernistas da Semana de Arte Moderna e regressa ao Recife, dando início a campanha modernista. O texto é finalizado nos seguintes termos: *estava lançada a semente da renovação estética do Nordeste e Norte do País. Criava-se o ponto de partida da segunda fase do modernismo brasileiro.*

Nas páginas seguintes o leitor encontrará “*as principais obras do autor*”. A lista inicia-se com *Tentames*, livro de contos, publicado em 1920, quando ainda era estudante da Faculdade de Direito do Recife e morava em Itabaiana, na Paraíba, e termina com o livro *A tragédia da Rosa dos Alkmins*, com crônicas publicadas em 1984. Entre 1968 e 1981, com a temática do modernismo, foram publicados dez livros, incluindo edições fac-similar de textos dos anos vinte, conjunto de críticas jornalísticas na forma de livro, documentos da década de 1920 e polêmicas com Gilberto Freyre (*No Pomar Vizinho* (1969), *Um Movimento Imaginário* (1972), *Carro Alegórico* (1973), *Pá de Cal* (1978), *Sursum Corda* (1981). Na intensa produção editorial, o observador atento perceberá que entre 1933 e 1955 Joaquim Inojosa não publicou nada. É um período de mais de vinte anos imerso em atividades industriais e comerciais.

De 1934 a 1939, por exemplo, Inojosa teve o controle acionário de uma indústria de tecidos situada em Juiz de Fora, Minas Gerais. A Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira chegou a ser a maior do Estado durante sua administração e outras experiências industriais ligadas ao meio jornalístico também foram freqüentes nas décadas de 1930 e 1940, como o seu *Jornal Meio-Dia*. No entanto, em 1984, mesmo o *Meio-Dia*, que no encontro com o Olívio Montenegro aparecia como a possibilidade de retorno ao prestígio social dos tempos passados, desaparece. Inojosa silencia sobre as tantas outras experiências profissionais e intelectuais que em se envolveu ao longo da vida. Como

destaca Fábio Bertonha, as memórias de algumas pessoas se organizam em torno de um “tempo referencial”, aquele em que a pessoa vive seu momento chave, especial e a partir do qual todas as suas experiências posteriores são comparadas e avaliadas¹⁹⁹.

Os livros são a ínfima parte de um arquivo construído por décadas e de um esforço de pesquisas no momento em que decide publicá-los. No *Fundo Joaquim Inojosa* na Fundação Casa de Rui Barbosa encontramos os vários cadernos de anotações que nos mostram um Inojosa pacientemente leitor de revistas e jornais que traziam notícias de um passado que já havia sido seu presente, do maduro Inojosa em busca de referências, entrevistando seus companheiros de geração. Parece – nos que o período de difusão do modernismo em Pernambuco, de 1922 a 1928, constitui-se no tempo referencial de Joaquim Inojosa. Sua trajetória, permeada por outras instâncias de interesses, é enfaticamente rememorada e circunscrita a partir do Movimento Modernista em Pernambuco. Para entendermos esse “enquadramento” da memória, feito pelo próprio Inojosa, precisamos puxar outros fios da vida desse indivíduo e nos imiscuirmos em dimensões de sua vida, atravessarmos os labirintos, entrarmos em outras veredas.

¹⁹⁹ BERTONHA, Fábio.

CAPÍTULO 4: O ÚLTIMO DIA: OS MORTOS, SEUS ARQUIVOS E DIÁRIOS

*Que a terra há de comer.
Mas não coma já.
Ainda se mova
Para o ofício e a posse.
E veja alguns sítios
Antigos, outros inéditos.²⁰⁰*

Ao sentir a morte se avizinhar numa madrugada fria de outubro de 1974, anotou Joaquim Inojosa no *Livro Íntimo* suas “últimas vontades”. À moda jurídica, sob a forma de cláusulas, instruiu os parentes sobre o destino de sua produção intelectual e dos seus bens materiais:

Rio, 4. 10. 1974

1h. Manhã meio fria. Sinto violenta dor no pé esquerdo. Há três dias que isso vem assim. Agora, pior, com ameaças de cólicas. Se isto sobe ao coração, estou frito. Infarto? Sei lá. Simplesmente desgraça.

Se qualquer coisa de grave acontecer, tomem nota:

1º Devem os meus arquivos literários, livros, toda a biblioteca, ser entregues à Fundação Casa de Rui Barbosa, para o seu Museu-Arquivo de Literatura, inclusive todos os exemplares deste meu Diário e originais de livros, que ela poderá publicar em todo tempo, com o pagamento de direitos autorais ao Sindicato dos Escritores no Estado da Guanabara. Se a Fundação, entanto, não os publicar dentro de 5 anos (cinco anos), qualquer editor poderá fazê-lo, com a mesma condição.

2º Caem em domínio público todos os meus livros publicados até agora, com a mesma obrigação de pagamento de direitos autorais ao Sindicato referido na claus. anterior;

3º Com a mesma condição da claus. anterior, caem no domínio público todos os artigos de jornal ou revista publicados até à presente data (4.10. 1974);

3º Determino que o apartamento em que moro- Rua Barata Ribeiro, nº 105-apº 604-, passe à propriedade em usufruto durante a sua menoridade e administração da mãe, dos menores Lincoln e Laércio, filhos de Maria do

²⁰⁰ ANDRADE, Carlos Drummond. *Os últimos dias*. In: Antologia poética. Rio de Janeiro: Record, 2002. P.48.

Carmo de Souza Mota, residente na Ilha do Governador e que estão sendo, há já quase 10 anos, educados por mim, desde que o pai os abandonou; e que isto seja supervisionado pelo Sr. juiz de menores. Com a maioridade, o apartamento passará à propriedade definitiva dos menores, mas terão de manter o usufruto para a mãe, enquanto esta viver;

4º - A minha casa no Lote nº 96, e mais os lotes 96-A e 98-A, e os lotes ns 56, 57, 58, 59 e 60, e piscina natural (a de adulto e a de criança) existente(s) entre os lotes 58 e 59, eu os destino ao Sindicato dos Escritores do Estado da Guanabara, para que este neles – nos de ns 96 e 96-A -, construa a Casa do Escritor, explorando essa piscina e demais lotes como melhor entender. Compreende-se que a atual casa existente no lote nº 96 já passa a denominar-se Casa do Escritor, com imediata posse, domínio e exploração por parte do Sindicato (Retiro do Ribeirão Grande);

5º - Os lotes de Ns 99 a 123 do loteamento Retiro do Ribeirão Grande em Itaipava, passarão a Fundação Casa de Rui Barbosa, para que, vendendo-os, possa com o seu produto – que a isto exclusivamente se destina, direto ou em renda – publicar este Diário (“Livro Íntimo”), que já vai neste vol. nº17, e mais um pequeno vol. (em parte) do ano de 1925 e cerca de 300 fichas, tudo aqui no Rio ou no cofre existente no salão de minha Biblioteca na casa de Itaipava;

6º Para o cumprimento dessas obrigações, nomeio o meu amigo Plínio Doyle Silva, advogado e atual Pres. do Sindicato dos Escritores no Estado da Guanabara.²⁰¹

Essa atitude diante da morte, talvez, uma tentativa de *domá-la*, de esperá-la a sua maneira, remete aos rituais medievais, de que fala o historiador PhililipeAriés. Pensarmos sobre a relação dos homens com a morte pode ser uma maneira de nos aproximarmos desse momento tão íntimo e ritualisticamente registrado no diário. Não se trata de construir linearidade ou marcar diferenças, mas como possibilidade de compreendermos essa atitude de Joaquim Inojosa numa abordagem metafórica.

Conforme Ariés, tanto os cavaleiros medievais quanto os piedosos monges exerciam relativo controle sobre a morte. Não se morria sem se ter tido tempo de saber que se iria morrer. O excepcional era a peste ou a morte súbita, mas, normalmente, o homem

²⁰¹ INOJOSA, Joaquim. Diário Íntimo. 04.10.1974.

era avisado. Os cavaleiros não morriam sem serem advertidos. Os piedosos monges não se conduziam diferente. O aviso era dado por signos naturais ou, ainda, com maior frequência, por uma convicção íntima, mais do que por uma premonição sobrenatural ou mágica. Com sua abordagem ampla, o historiador explica que era algo simples e que atravessa momentos históricos, algo que reencontramos ainda em nossos dias, ao menos com uma sobrevivência no interior das sociedades industriais. Algo de estranho tanto ao maravilhoso quanto à piedade cristã: *o reconhecimento espontâneo. Não havia meio de blefar, de fazer de conta que nada se viu.* Sabendo do fim próximo, o moribundo tomava suas providências. *E tudo vai ser muito simples.* O lamento, uma evocação triste, mas muito discreta, dos seres e das coisas amadas, uma súplica reduzida a algumas imagens, a nostalgia, e o perdão dos companheiros, dos assistentes, sempre numerosos rodeiam o leito do moribundo.²⁰²

Como um aparente moribundo, Inojosa relatou o desconforto físico, imaginou sua *causa-morte*, um possível infarto, e na ausência física de seus companheiros ou assistentes, construiu sua cerimônia na escrita, acompanhado por seu *leal amigo* diário. Seu ritual remete não só aos moribundos medievais, mas os verbos “*cumpra-se, ordeno, determino*”, lembra-nos as práticas de exercer o poder, de posicionar-se diante do mundo e das pessoas similares a daqueles homens da política com quem havia convivido em sua juventude. Joaquim Inojosa, aos setenta e três anos seria um homem poderoso? Como aquele jovem advogado saído do Nordeste construiu sua carreira no Rio de Janeiro? O que significa reencontrá-lo na hora da morte com seu diário íntimo, nele construindo seu “testamento”?

²⁰² ARIES, Philippe. História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Ediouro, p. 23

Pensemos que um testamento remete à ideia de bens doados, de acúmulo de uma fortuna, um ato recorrente entre pessoas que construíram um patrimônio ao longo de sua vida. Qual o espólio que deixa esse moribundo aparentemente poderoso? Arquivos literários, livros, biblioteca, exemplares dos diários, originais de livros, um apartamento, casa e terrenos. Joaquim Inojosa teria se tornado um profícuo e bem-sucedido escritor? Um testamento também remete à ideia de herdeiros, de divisão de bens e, às vezes, de brigas por esses bens. Quem ansiava pelo patrimônio de Joaquim Inojosa? Parece que, neste caso, não haveria disputas entre os herdeiros, o moribundo se precatava de possíveis batalhas. A Fundação Casa de Rui Barbosa, o Sindicato dos Escritores da Guanabara e os filhos de Maria do Carmo de Souza Mota, *moradora da Ilha do Governador*, são os definidos herdeiros. Duas instituições e uma mulher, que não morava com ele. Estaríamos reencontrando um escritor solitário?

Dessa “súmula” de bens e herdeiros, inserido num diário de 1974, localizado no *Museu-Literatura* da Fundação Casa de Rui Barbosa, emergem alguns signos possíveis de construir representações sobre esse moribundo. A dimensão da produção intelectual legada, aparentemente vasta, a existência de bibliotecas e cofres nos dois lugares de residência, obras inacabadas, preocupação com direitos autorais, relações com instituições ligadas à imprensa e a vida literária seriam significativos “dados” para delinear a trajetória desse indivíduo? As práticas, interesses, espaços físicos, a aparente vida solitária, ao menos sem filhos, sem esposa e morando sozinho na hora da morte, podem ser pensados como sinais da realização dos anseios intelectuais do jovem estudante dos anos 1920 e 1921? Teria Inojosa “vencido na vida” como desejava nos tempos de estudante? O interesse em doar sua produção intelectual à Fundação Casa de Rui Babosa e a

permanência desse acervo hoje naquela instituição, representariam a relevância de uma trajetória, por nós desconhecida até então?

4.1. *A morte domada*

Ele *domou* a morte em 1974 ou, como fez com o cavaleiro medieval do cineasta Ingmar Bergman, esta lhe permitiu apenas o tempo de mais uma jogada? Pensarmos em cavaleiros, batalhas, mortes e espólios pode ser uma maneira interessante de seguirmos nesse reencontro com o *escritor* Joaquim Inojosa. O seu “testamento” pode ser significativo por indicar o que considerava importante, o que mais o mobilizava numa hora tão angustiante como a expectativa de um infarto e mesmo da morte: A confiança no amigo Plínio Doyle; seu compromisso com o Sindicato dos Escritores da Guanabara; o cuidado com os filhos da “amiga” Carminha (Maria do Carmo de Souza Mota) e, principalmente, o interesse e zelo na preservação e manutenção da sua produção intelectual.

Percorrer alguns dos eixos de interesse, elaborados no pressentimento da morte, parece uma possibilidade significativa de construirmos outros significados sobre seu itinerário, as redes de sociabilidade, as ideias e interesses de Joaquim Inojosa, fundamentais para compreendermos suas estratégias de auto-representação. Porém, ainda parece-nos que podemos situar esse documento de encontro com a possível morte, esse registro de expectativa de finitude que mobiliza a escrita do escritor, como uma maneira de exercer o poder. É no diário e no “testamento” que se autoriza a interpretar-se como um sujeito que poderia deixar um legado e *determina, ordena* uma série de atos biográficos, de inscrições de memória. Joaquim Inojosa viveria ainda mais treze anos depois desse registro no seu *Livro Íntimo*.

Aproximarmo-nos pacientemente do conceito de arquivo construído por Jacques Derrida pode ser uma maneira interessante de entendermos as tramas da memória de Inojosa. Em 1994, numa conferência no *Freud Museum de Londres* sobre os arquivos da Psicanálise e os arquivos de uma maneira geral, Derrida lembra que, na Grécia Arcaica, *Arquivo* remetia no sentido nomológico ao *arkhê*, designando começo e comando, princípio físico, histórico ou ontológico e princípio de lei, onde os homens e os deuses comandam. É no *arkhê* que se exerce a autoridade, é nesse lugar a partir do qual a ordem é dada. Da Grécia também vem a palavra *arkheion*, que designa o domicílio dos magistrados superiores, dos arcontes, aqueles que comandavam. Aos cidadãos que detinham e assim denotavam o poder político reconhecia-se o direito de fazer ou representar a lei. Levada em conta sua autoridade publicamente reconhecida, era em seu lugar, nesse lugar que era a casa particular deles, que se depositavam então os documentos oficiais. Os arcontes foram então os seus primeiros guardiões. Não eram responsáveis apenas pela segurança física do depósito e do suporte. Cabia-lhes também o direito e a competência hermenêuticos. *Tinham o poder de interpretar os arquivos.*²⁰³

Ao representar-se no pressentimento do infarto, num possível duelo com a morte, que autoridade e comando eram buscados por Joaquim Inojosa por meio da doação de seus arquivos? Por que a Fundação Casa de Rui Barbosa? Quais eram os anseios do velho Inojosa ao legar a outrem suas memórias íntimas e as reminiscências da sua trajetória e dos diversos grupos sociais que ancoraram suas práticas e experiências? Que imagem de si conduz esta decisão?

Não deixa de ser significativo figurar como primeiro item do seu “testamento” esse ato de aparente renúncia de toda sua produção intelectual, inclusive de seus diários. É

²⁰³ DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2001. P.9-13.

importante pensarmos que vivos ou mortos, os devotos de *Mnemosines* são pessoas que desafiam com suas palavras e práticas os deslocamentos dos significados construídos e resistem aos questionamentos da ordem dos arquivos por eles instituídos, princípios dos devotos de *Clio*.²⁰⁴ Ambos são esforçados e persistentes trabalhadores.²⁰⁵

A documentação que constitui o Arquivo Joaquim Inojosa (FJI) foi doada à Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) em 1974, no mesmo ano do registro no diário, pelo sobrinho Evaldo Inojosa, como consta na ficha de identificação deste fundo, com esclarecimento de que a formalização da doação já constava anteriormente em testamento. Se Joaquim Inojosa continuou vivo por que ele mesmo não formalizou a doação de seu arquivo? Ademais, buscando os possíveis significados dessa doação, sabemos que a FCRB não era uma instituição distante de Joaquim Inojosa. Cruzando um pouco a história desta instituição com a de alguns de seus diretores encontramos alguns nomes presentes no *Livro Íntimo*, no cotidiano do velho Inojosa e que nos parecem significativos para compreendermos como constituiu suas relações intelectuais no Rio de Janeiro e como o lugar de *guarda* de seus arquivos não deve ter sido um ato tão espontâneo no pressentimento da morte.²⁰⁶

²⁰⁴ Para os gregos arcaicos, Mnemosineera a deusa da memória. É a mãe das nove musas, entre elas Clio, a musa da história e da criatividade, que ela procriou no decurso de nove noites passadas com Zeus. Mnemosinelembra aos homens a recordação dos heróis e de seus feitos. Cf. LE GOFF, Jacques, *Memória e História*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003. P. 432.

²⁰⁵ São muitos os debates em torno do par memória e história. Historiadores e filósofos trazem suas reflexões nos mostrando como ambas são construções elaboradas, campos de disputa e em disputa. Acompanhamos os debates e vamos construindo nosso entendimento, entre outros, com: RICOEUR, Paul. *A Memória, a história, o esquecimento*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007; LE GOFF, Jacques, *Memória e História*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003; BERGSON, Henri. *Memória e Vida*. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. São Paulo: Martins Fontes, 2011; BENJAMIN, Walter. *Magia, Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas*. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994; NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados e do Departamento de História. PUC-SP, 1981; LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado?* In: *Projeto História*. (17). Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados e do Departamento de História. PUC-SP, novembro de 1998; Além de BANN, Stephan. *As invenções da História: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: Editora da UNESP, 1994.

²⁰⁶ As memórias de Plínio Doyle e as informações nos sites institucionais da Fundação Casa de Rui Barbosa (www.casaruibarbosa.gov.br) e da Academia Brasileira de Letras (www.academia.org.br) nos auxiliaram a delinear as trajetórias desses intelectuais que Inojosa representa como amigos. Sabemos que Isabel Lustosa e Homero Lucena publicaram entrevista com Américo Jacobina Lacombe. No entanto, aqui não pretendemos

A *Casa de Rui Barbosa* foi criada em 1928 pelo então presidente Washington Luís, constituindo-se como um *Museu-Biblioteca*. Em 1939, por indicação do Ministro Gustavo Capanema, Américo Jacobina Lacombe, advogado e professor de história, depois de ter atuado como secretário do Conselho Nacional de Educação foi nomeado como diretor desta instituição, permanecendo neste cargo até 1967. Durante sua gestão foi criado o Centro de Pesquisa, em 1952. Na década de 1960, o então Ministério da Educação e Cultura transformou a *Casa de Rui Barbosa* em *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Lacombe permaneceu à frente da instituição, no entanto, como Presidente, mantendo suas atividades até 1993.²⁰⁷ Em 1972, a Fundação Casa de Rui Barbosa criou o *Arquivo-Museu de Literatura Brasileira*, em atividade nos dias atuais, que preserva documentos literários, iconografia, correspondência e originais de escritores brasileiros.

O patrono Rui Barbosa, era amigo da família de Lacombe e sua avó materna, inclusive, possuía parentesco com este que é considerado um dos mais brilhantes intelectuais e homem público na transição do século XIX para o XX²⁰⁸. Por sua ativa participação na II Conferência de Paz em Haia, em 1907, Rui Barbosa ficou conhecido como *Águia de Haia*. Em 1934, Lacombe reuniu, prefaciou e anotou as correspondências deste intelectual e publicou *Mocidade e exílio*. Lembremos que nos tempos de juventude de Inojosa, era Rui Barbosa um de seus autores preferidos e, sobretudo, admirado por ser baiano, ou melhor, um nordestino que abrilhantava o Rio de Janeiro. A admiração por Rui Barbosa, ou melhor, a memória em comum que construíam em torno desse intelectual

aprofundar as trajetórias desses intelectuais só apontar essa sutil ligação em torno da memória de Rui Barbosa e pontuar as diferenças na atuação desses homens no Rio de Janeiro. Nosso interesse é compreender a inserção de Joaquim Inojosa nesse círculo tão seletivo de intelectuais cariocas.

²⁰⁷ Entre 1959 e 1960, Lacombe se afastou da direção da FCRB para assumir interinamente o cargo de Secretário de Educação e Cultura do antigo Distrito Federal. Veja a trajetória de Lacombe em www.academia.org.br.

²⁰⁸ É extensa a bibliografia sobre Rui Barbosa e suas mais variadas facetas de jurista, jornalista, estadista, orador, escritor. No site da FCRB é possível ler alguns artigos, dissertações e teses sobre o patrono, além de documentos variados produzidos pelo próprio Rui Barbosa.

poderia ter aproximado Lacombe de Joaquim Inojosa, no Rio de Janeiro. Mas, parece que foi outro homem que aproximou as vidas destes *amantes de Rui Barbosa*.

O *Arquivo - Museu de Literatura Brasileira* da Fundação Casa de Rui Barbosa, espaço onde atualmente encontra-se o Arquivo Joaquim Inojosa, foi idealizado pelo advogado e bibliófilo Plínio Doyle, sujeito que emerge como o *amigo-arconte* nas memórias do nosso escritor. Conhecer um pouco a trajetória de Doyle pode ser um caminho para compreendermos essa amizade que parece tão significativa. Entre 1935 e 1960 esse *amigo dos livros* trabalhou como advogado da Livraria José Olympio. Teriam eles construído sua amizade por meio da prática jurídica ou haveria Doyle cuidado dos direitos autorais de algum livro de Joaquim Inojosa?

É importante lembrar que José Olympio, entre as décadas de 1930 e 1970 foi o editor de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Gilberto Freyre, Guimarães Rosa, Raquel de Queiroz, José Américo de Almeida e muitos outros.²⁰⁹ Nas suas memórias, Doyle gosta de ressaltar que *nunca houve nenhuma ação para cobrança de direitos autorais, porque a firma cumpria rigorosamente suas obrigações*.²¹⁰ Foi na sua prática de advogado, que conheceu e teceu amizades com a maioria desses autores, com quem costumava se encontrar e *conversar muito nos almoços de quarta-feira (depois sexta-feira)*. O velho de mais de noventa anos que preferiu escrever sobre sua vida a narrá-la à historiadora Isabel Lustosa e ao jornalista Homero Senna,²¹¹ lembra da vida harmoniosa nos tribunais e das boas relações e amizades conquistadas com

²⁰⁹Sobre a relevância dessa *Casa Editorial*, como era conhecida na época, e a trajetória de seu proprietário, indicamos: HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil – sua história*. São Paulo: Edusp, 2006; VILLAÇA, Antonio Carlos. *José Olympio: o descobridor de escritores*. Rio de Janeiro:Thex, 2001. BORELLI, Dario Luís. *José Olympio, editor de Guimarães Rosa*. Revista Estudos Avançados. Vol. 20, n. 58. São Paulo. Sept/dez, 2006; SILVA, Márcia Cabral da. Correspondência de Raquel de Queiroz com José Olympio. Texto apresentado no I Seminário Brasileiro Sobre Livro e História Editorial. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004. Disponível no site: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/marciacabral.pdf>

²¹⁰ DOYLE, Plínio. Uma vida. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999. P.43

²¹¹ Isabel Lustosa e Homero Senna haviam insistido para gravar os relatos de Doyle, em 1993, quando fizeram algo semelhante com o escritor e historiador Américo Lacombe, ex-diretor da Fundação Casa de Rui Barbosa.

seu “*jeitão de viver e tratar os demais*” fazendo com que sua vida nos tribunais transcorresse harmoniosa: “*conversa com todos, almoçava quase sempre no “Jesus está chamando”, o restaurante do Foro, na Rua Dom Manuel, onde se comia às carreiras, mas bem, apesar do apelido. Tinha prestígio pessoal de todo lado.*”²¹²

O prestígio do jovem advogado seria reafirmado nas décadas seguintes, mas não apenas pela prática jurídica. Esse homem disponível para a construção de amizades e leitor voraz de Machado de Assis, em 1938, já possuía uma vasta biblioteca, construída desde a época de Faculdade de Direito, onde havia ingressado em 1927. A busca de um livro que era referendado naquele que estava lendo, e não só o amor aos livros, segundo conta, foi o método de construção da coleção que o tornou conhecido como um dos maiores bibliófilos do país.²¹³ Parte de sua vida foi dedicada à *caça* de livros raros e a colecionar e preservar os livros comuns. Adentrar no mundo de Doyle, ouvindo suas histórias de leituras e livros, é interessante para entendermos como se representa nos seus tempos de juventude e como velho:

*Sempre gostei muito de ler e sempre fui amigo dos livros. Minha primeira leitura, assim como a de várias gerações de brasileiros, foi o Tico-Tico, que me deliciava às quartas-feiras com as histórias do Reco-Reco, Bolão e Zé Macaco e as ilustrações a cores de J. Carlos, Storni e muitos outros. Com o tempo, fui lendo muitos livros que meu pai tinha, misturados aos seus de matemática, doados à Escola Politécnica quando ele faleceu. Lia tudo o que encontrava. Não havia muita variedade, mas havia Machado, que eu naturalmente li – sem entender. O hábito da leitura sempre existiu e com a entrada na Faculdade, onde encontrei muitos intelectuais, esse hábito aumentou pela convivência, pois era quase forçado a ler as novidades para poder participar das conversas*²¹⁴.

²¹² DOYLE, Plínio. Op. Cit. P. 47.

²¹³ Em 1988 a coleção era de 25 mil volumes, composta de livros, jornais e revistas. Naquele ano, a FCRB comprou a Biblioteca de Plínio Doyle. Em suas memórias, o bibliófilo destaca que vendeu sua coleção em decorrência das limitações de sua saúde, pois não seria possível continuar a “*tratar dos livros com o cuidado e atenção que sempre mereceram (e merecem), resolvi vendê-los a uma entidade sediada no Rio de Janeiro, para que não saísse daqui.*” In: Doyle, Plínio. P. 104.

²¹⁴ Op. Cit. P. 62

Percebemos como Doyle constrói sua relação de amizade com os livros e o meio intelectual de uma maneira que podemos considerar despreziosa. Nesse fragmento de suas memórias e percorrendo o seu texto, de maneira geral, sentimos um representar-se meio constrangido, como se pensasse, como advogado dos escritores e bibliófilo, que as luzes deveriam ir para outros. No entanto, percebemos em vários trechos como inteligentemente entrelaça sua história, a história dos livros e a história encontrada nos livros. É uma leve e rica escrita de si, ritmada pela modéstia, descontração e sagacidade bem humorada. No trecho acima, Doyle admiti o tempo do entendimento de suas leituras e como, algumas delas, eram realizadas de maneira estratégica, uma forma de inserir-se entre os nomeados *intelectuais da Faculdade*. São os códigos da prática intelectual dos jovens acadêmicos emergindo de suas memórias? Possivelmente, leituras e conversas, muitas vezes, definidoras de perfis e chaves para inserção em certos grupos. Porém, ele ainda pontua a genealogia do seu gosto ao ressaltar a prática de leitura e de construção de biblioteca pelo seu pai, professor de matemática, mas também funcionário público, tendo sido amanuense da Diretoria Geral de Estatística, nomeado pelo Ministro Aristides da Silveira Lobo, em 1889 e posteriormente designado chefe do Departamento do Recenseamento, realizado em 1920.

Conhecermos esse *amigo-arconte* de Joaquim Inojosa, ouvindo suas histórias de estudos dos tempos da Faculdade de Direito, na Rua do Catete, pode não nos levar ainda a ligação entre o doador do arquivo e seu guardião, mas possibilita que conheçamos um pouco da formação daqueles *intelectuais*, outrora jovens do Rio de Janeiro, e de como se constituíram como um grupo de amigos:

A turma do primeiro ano era de 182 alunos, claro que nem todos iam às aulas, pois seria então uma balbúrdia, já que as salas não tinham espaço para tanto. No curso, terminado em 7 de setembro de 1931, quando colamos grau, tivemos doze

matérias. (...) Logo no primeiro ano fizemos um bloco de verdadeiros colegas como Aroldo Azevedo, Américo Lacombe, AntonioGalotti, Otávio de Faria, Chermont de Miranda, Latelba Rodrigues de Brito, Milton Haddad (...) e vários outros, fundamos um centro de estudos que passou a se chamar CAJU. Uma parte desse grupo queria dar o nome de Centro Acadêmico Jurídico Universitário, que não foi aceito pela maioria, passando o nome a ser Centro Acadêmico de Estudos Jurídicos, mas o CAJU continuou para todo o sempre. O Centro, daqui em diante chamado CAJU, causou muita sensação na Faculdade, pois se tratava de um grupo de estudos. Foram criadas comissões para cada cadeira do primeiro ano (Romano, Administrativo, Civil) e cada comissão elaborava determinado ponto, que era discutido em reunião e levado depois à assembléia geral, para apreciação final. Esse ponto, uma vez aprovado, era datilografado e distribuído pelos membros do CAJU. Assim tornava-se muito mais fácil o estudo, pois bastava ler cada ponto, já elaborado e discutido.²¹⁵

Por meio desse fragmento de memória, Plínio Doyle reconstrói suas práticas de estudante e elege a união por meio dos estudos, o trabalho coletivo, a discussão do pensamento jurídico e os laços de solidariedade dos estudantes como maneira de superar as dificuldades de um curso que, segundo ele, possuía professores fracos e aulas com sérios defeitos.²¹⁶ Emerge de suas lembranças o compromisso com a formação acadêmica e o direito como fio de ligação entre os colegas. Encontramos Américo Lacombe como colega de turma e de estudos de Plínio Doyle, indicando a longevidade dos laços de amizade entre esses homens que, em 1974, representavam institucionalmente a Fundação Casa de Rui Barbosa. Américo Lacombe não seguiu, como Doyle, a carreira jurídica, seguiu na vida como pesquisador de História do Brasil professor e, como vimos, funcionário público federal.

Como a trajetória desses homens formados na então Capital do Brasil, dedicados alunos de direito, filhos de uma camada média urbana e escolarizada, e nos anos 1970, servidores públicos federais, se cruza com a de Joaquim Inojosa? Os silêncios,

²¹⁵ DOYLE, Plínio. Op. Cit. P. 32.

²¹⁶ Idem. P. 30

esquecimentos e, talvez, apagamentos em torno da vida desses homens e de Joaquim Inojosa, entre as décadas de 1930 e 1960, não nos permitem uma aproximação segura para afirmar se construíram suas redes de amizade assentadas na convivência nos tribunais, foros, escritórios de advocacia ou nos encontros nas livrarias e editoras do Rio de Janeiro. No entanto, o que podemos afirmar é que a partir de 1964, outro homem, também funcionário federal, morador do Rio de Janeiro, oriundo de Minas Gerais, com o gosto pela pesquisa e *domador* de palavras entrelaçou as trajetórias de Inojosa, Lacombe, a sua e de tantos outros *velhos amigos* na Biblioteca de Plínio Doyle, na Rua Barão de Jaguaribe, nº 62, em Ipanema.²¹⁷ Mineiro que numa crônica de 1972 lançou a ideia do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, no mesmo ano concretizada por Plínio Doyle e Américo Lacombe. Das memórias dos velhos amigos de Doyle, Carlos Drummond de Andrade emerge como a figura responsável por dar novos significados à Biblioteca de Plínio Doyle. Raul Lima, Joaquim Inojosa, Plínio Doyle e Homero Senna contam as *origens* dos encontros aos sábados, o *sabadoyle*, e de como nessa biblioteca a conversa era permitida, ao menos algumas.

4.2. *Os amigos e a Biblioteca*

Era 25 de dezembro de 1964. Enquanto algumas pessoas se preocupavam com a ceia de Natal e outras passavam em revista os últimos acontecimentos do ano, que não

²¹⁷Apresentaremos em linhas gerais o Sabadoyle, encontros aos sábados na Biblioteca de Plínio Doyle. Nossa intenção, ao menos nessa tese, não é discutir e analisar essa confraria intelectual. Apenas situarmos essas relações os escritores cariocas, procurando construir os significados da doação do acervo a FCRB. Além da biografia de Plínio Doyle, construímos nosso entendimento sobre Sabadoyle por meio das atas publicados por Joaquim Inojosa, do livro de Homero Senna. INOJOSA, Joaquim. *70 Atas Sabadoyleanas*. Rio de Janeiro: Edições Sabadoyles, 1980; SENNA, Homero. *O Sabadoyle: histórias de uma confraria literária*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000. O dissertação de mestrado de Rosângela Florido Rangel é referência acadêmica sobre o tema: RANGEL, Rosângela Florido. *Sabadoyle: uma academia literária alternativa?* Dissertação de Mestrado. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro: 2008.

eram insignificantes no Brasil, já que meses antes o sistema político democrático havia sido interrompido pelo golpe civil-militar, o escritor Carlos Drummond de Andrade, aposentado desde 1962 do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, decidiu visitar o amigo Plínio Doyle, para consultar livros, revistas ou alguma coleção em busca de elementos para suas crônicas. A visita que se repetiu por décadas, sempre aos sábados, iniciada às 15 horas, depois de muitas conversas e o cafezinho de Esmeralda, esposa do anfitrião, era encerrada às 17h, pois, Dolores, a esposa do poeta, na Rua Conselheiro Lafaiete, o esperava para irem ao cinema, que ficava no fim da Avenida Copacabana.

É bonita a história dessa amizade, construída por meio de crônicas e poemas, lidos e doados, iniciada com um singular pedido de autógrafo de Doyle a Drummond, cinco anos antes. Embora já conhecesse e admirasse o poeta, cruzando com ele nas livrarias e na Editora José Olympio, em 1957 Doyle reuniu num volume encadernado certo número das crônicas de Drummond publicadas no *Correio da Manhã*, escreveu um bilhetinho: *merecerá este volume um poema do cronista ou uma crônica do poeta?* e deixou na mesa de José Olympio.

Saudação

*Ó canhestras e vagas croniquetas,
 Quem vos salvou da poeira das gazetas?
 Cada manhã, da minha 2.000 Hermes
 Íeis saindo, pássaros inermes,
 E voando ao sol e à chuva, meio às tontas,
 Quem vos punha reparo, enfim das contas
 Talvez algum caixeiro de quitanda,
 Ou vendedor de velas para Umbanda,
 A dissolver meu drummoniano orgulho,
 Vos convertesse em material de embrulho.
 Senão, dançarináveis pela praia
 Ou pela rua, nesta sorte ingaia*

*De papel atirado aos quatro ventos,
De que a chuva não lê os argumentos,
E o gari vai varrendo com a vassoura
Como quem varre casca de cenoura.
Esquecidas, pisadas...Quando muito
(...)*

*Mas, surpresa: que vejo?Estas vestidas
De roupa de domingo, e tão garridas
Neste álbum passeais a graça nova
(...)*

*Saudai-o, crônicas:
É Plínio Doyle. Improvisai sinfônicas
Orquestrações, e gratos dós de peito
Em honra desse mágico perfeito.*

(Carlos Drummond de Andrade. Rio, 24. IX. 1957)

O poema *Saudação* foi a maneira de Drummond, surpreendido com a existência daquele volume, que protegia seus escritos da consumação do tempo, agradecer e retribuir a admiração de Plínio Doyle. Dali em diante, nasceu o que o bibliófilo nomeia de *amizade respeitosa e muito agradável*, mantida até 1987, quando da morte do poeta, com telefonemas quase diários, muitas visitas e idas juntos a três posses na Academia Brasileira de Letras.²¹⁸

Os encontros habituais aos sábados, desses amigos da prosa e da poesia, despertaram a atenção de outros escritores e homens de letras. O segundo a comparecer às tardes de sábado foi Américo Lacombe. Não para conversar sobre livros e passar o tempo do sábado. Segundo Plínio Doyle, Lacombe pretendia publicar as *Obras Completas* do patrono da Casa Rui Barbosa e pretendia obter de Drummond um prefácio para o volume de poesias:

²¹⁸ DOYLE, Plínio. Op. Cit. P. 97.

Levou o volume em últimas provas, apresentou-o ao Drummond e fez o convite, que o poeta ficou de examinar. Passado oito dias, conversamos nós três e a resposta não veio; mas no outro sábado, Drummond disse que não podia escrever o prefácio, pois em se tratando de uma edição oficial, ele não poderia dizer que as poesias eram ruins, mas também não poderia elogiá-las porque, na verdade, são fracas; a obra foi finalmente editada em 1971, com prefácio do próprio presidente da instituição²¹⁹.

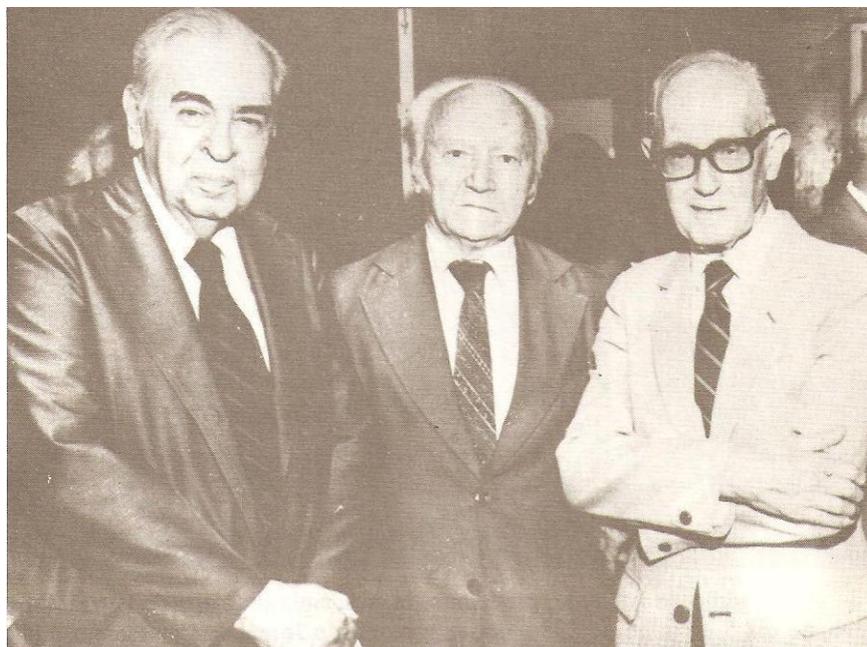
Este depoimento sobre a aproximação de Lacombe nos interessa, sobretudo, por insinuar os múltiplos significados e interesses que permeiam o chamado *sabadoylee* as diferentes atitudes dos participantes. Percebemos um Lacombe em busca de um escritor que legitimasse sua produção e Drummond como um crítico ético. Em suas memórias, Plínio destaca vários episódios que demonstram um Drummond sincero, simples, modesto e avesso à fama e ostentação da carreira literária, inclusive rejeitando em 1965, episódio acontecido em sua biblioteca, a indicação ao Nobel de Literatura pela Academia de Estocolmo, apesar da mediação de Antonio Houaiss e Paulo Rónai. No entanto, das memórias de Doyle e tantos outros que participaram desses encontros percebemos outros homens menos modestos e interessados no que podemos chamar de uma *espetacularização da amizade*, com a figura do poeta sendo mobilizada como estratégia de legitimação intelectual no meio carioca dos anos 1970.

Joaquim Inojosa, em 16 de Novembro de 1968, participou pela primeira vez desse grupo de amigos da Biblioteca de Doyle.²²⁰ A partir daí temos fragmentos do cruzamento de sua trajetória com Américo Lacombe, Plínio Doyle, Drummond e outros intelectuais do Rio de Janeiro. No relato de Doyle, Inojosa aparece como integrante do primeiro grupo formado ao lado de Drummond. Além de Lacombe e ele, Peregrino Júnior, Aurélio Buarque de Holanda, Ciro dos Anjos, Afonso Arinos, Luís Viana Filho, Wilson Martins, Raul Bopp, Murilo Mendes, Mário da Silva Brito emergem como componentes dessa

²¹⁹ Idem. P. 107

²²⁰ INOJOSA, Joaquim. *70 Atas Sabadoyleanas*. Rio de Janeiro: Edições Sabadoyle. 1980.

interessante e complexa *confraria literária*, regada ao cafezinho de Esmeralda e à laranja de Idalina, doméstica do bibliófilo.



Pedro Nava, Joaquim Inojosa e Carlos Drummond de Andrade. Inojosa “levou o Modernismo para o Norte”, enquanto Drummond o introduziu em Minas Gerais, acompanhando-o Pedro Nava.

Foto de 1982

Figura 8. Pedro Nava, Joaquim Inojosa e Carlos Drummond de Andrade, foto de 1982.

Até 1972, quando Doyle comprou um apartamento ao lado do seu, para melhor comportar seus livros e amigos, a informalidade era a marca dos encontros. A partir daí, “instituiu-se” a criação de uma ata semanal, para registro dos acontecimentos do dia. Joaquim Inojosa, na história do Sadoyle, aparece como o *maiorataeioe* autor da ata mais extensa redigida em 1973 em homenagem a José Américo de Almeida, autor de *A Bagaceira*:

Muita coisa aconteceu no Sadoyle durante o ano de 1973. O fato mais importante, porém, foi a homenagem prestada, no dia 14 de julho, a José Américo de Almeida, pelos 45 anos de publicação do romance A Bagaceira, aparecido em 1928. Nessa tarde reuniram-se na biblioteca de Plínio Doyle nada menos de 15 modernistas da década de 1920, a saber: Afonso Arinos, Cândido Mota Filho, Carlos Drummond de Andrade, Edmundo Lyz, Henrique de Resende, Joaquim Inojosa, José Américo de Almeida, Martins de Almeida, Murilo Araújo, Pedro Nava, Peregrino Júnior, Prudente de Moraes Neto, Raul Bopp. Renato Almeida e Teixeira

*Soares. Foi uma reunião histórica, tendo cabido a Joaquim Inojosa redigir a ata, que ganhou título especial – “Reunião de Modernistas da primeira hora” e consumiu várias páginas do livro respectivo. Nessa ata, dirigiu Inojosa uma saudação ao grupo modernista ali reunido, no que chamou o “Ano Cinquenta e Um da Independência Cultural do Brasil”.*²²¹

Por meio dessa citação podemos perceber como o Sadoyle poderia ser tanto um lugar de legitimação intelectual, reunindo um grupo de escritores reconhecidos nacionalmente quanto um lugar de memória, espaço para apropriações e usos da memória, nesse caso, do movimento modernista. Numa ata de 6 de janeiro, publicada em 1980, no livro *70 atas sadoyleanas*, Joaquim Inojosa definia o *sadoyle*: *academia de bom – humor, centro socialista da inteligência – que todos se julgam iguais sem cerimônia -; tempo bíblico da cultura brasileira, em tudo quanto Plínio Doyle sabe recolher, conservar, interpretar.*²²² Participar do Sadoyle, atividade que fez até o fim da vida, seria igualar-se a Drummond e José Américo de Almeida e demais escritores brasileiros, possivelmente.

²²¹ SENNA, Homero. *O Sadoyle: Histórias de uma Confraria Literária*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000. P. 30.

²²²INOJOSA, Joaquim. Rio de Janeiro, 06 de janeiro de 1973. In: *70 atas sadoyleanas*. Rio de Janeiro: Edições Sadoyle.1980. p. 27



Joaquim Inojosa lê para José Américo de Almeida, na residência deste, no Rio, uma entrevista que o mesmo concedera sobre o modernismo na década de 20 entre Pernambuco e Paraíba (*O Movimento Modernista em Pernambuco* – JI – Rio 1968).

Figura 9. Joaquim Inojosa e José Américo de Almeida em 1968

É importante lembrar que em 1975 Inojosa publicou o livro *Os Andrades e Outros Aspectos do Modernismo*, reunindo as crônicas publicadas no *O Jornal*. Na nota de abertura do livro destaca o autor que a sua única pretensão era esclarecer pontos ainda obscuros do movimento modernista brasileiro, ressaltando o aparecimento de obras a ele direta ou indiretamente vinculadas, *simples pormenores que as pesquisas revelam adormecidos, todavia essenciais à compreensão dos acontecimentos que definiram, a partir de 1922, a maior revolução cultural brasileira de todos os tempos.*²²³ Entre as crônicas publicadas, a de 12 de março de 1969 chama a nossa atenção. O título é *Os Andrades do Modernismo*. A crônica trata de Carlos Drummond, Mario e Oswald e Guilherme de (Andrade) Almeida:

²²³INOJOSA, Joaquim. *Os Andrades e outros aspectos do Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL, 1975.

Não falarei de todos. Na verdade ostentam Andrade vários dos principais arquitetos do modernismo brasileiro. Deixarei de lado os menores, para citar apenas os que destes se distanciaram pela imortalidade de suas obras literárias.(...) Registra a história literária os nomes destes quatro Anjos (Cavaleiros) do Apocalipse: Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Guilherme de (Andrade e) Almeida e Carlos Drummond de Andrade. Falo do apocalipse porque lhe encontro, na leitura, versículos que bastante se lhes ajustam às atitudes nas batalhas modernistas e ao perfil moral de cada um deles.²²⁴

Para entendermos o sentido estratégico dessa publicação devemos saber que o autor se chama Joaquim Inojosa de Albuquerque **Andrade** Lima. Possivelmente, a escrita mobilizada em torno da memória do movimento modernista e de seus célebres participantes pode ser interpretada como maneiras de construção de uma genealogia, de enquadramento de um lugar relevante na história cultural do Brasil. Por meio dessa rápida passagem pelo sabadoyle e da participação de Joaquim Inojosa nessa confraria literária, percebemos como estrategicamente entrelaça sua trajetória a de Plínio Doyle, Carlos Drummond, José Américo de Almeida, Mário e Oswald de Andrade e tantos outros homens de grande visibilidade e prestígio no Rio de Janeiro.



Fotografia dos arquivos de Mário de Andrade, publicada por Telê Porto Ancona Lopez, na *Revista do Instituto dos Estudos Brasileiros* (SP-1972) — E) Ascenso Ferreira, Mário de Andrade, Joaquim Inojosa, na Praia de Boa Viagem, Recife, em 1927.

Figura 10. Ascenso Ferreira, Mario de Andrade e Joaquim Inojosa na Praia de Boa Viagem, Recife 1927.

²²⁴ Idem. P. 19

4.3 Joaquim Inojosa no Arquivo-Museu de Literatura Nacional

Inserir-se, por meio de seus documentos, no Museu da Fundação Casa de Rui Barbosa era, provavelmente, construir mais uma das genealogias intelectuais às quais procurou ser associado. Sua atitude pode ser pensada como uma estratégia de dupla legitimação. Construiu seu lugar de autoridade e instalou-se na identidade que procurou minuciosamente instituir: escritor e líder destacado tanto no Nordeste da década de 1920 quanto no Rio de Janeiro dos anos 1970.

Pensamos suas práticas como a de um lapidário, ou seja, um sujeito que se utiliza de equipamentos para modelar, lapidar, pedras brutas. É o lapidário que dá brilho e fascínio às pedras que a natureza produz. Sem o trabalho do lapidário a pedra não teria um centésimo do brilho que vemos. Embora, não possamos esquecer que, lapidar não é apenas destacar a beleza não revelada, dar brilho aos encantos escondidos, é também esconder as falhas, as fissuras, as imperfeições.

É uma possibilidade entendê-lo como um lapidário de si²²⁵, pois, a escrita constrói e delimita sua trajetória como intelectual modernista e como jornalista, crítico, polêmico e atento à paisagem cultural do país. A escrita é seu equipamento. A sua produção bibliográfica, enfatizando principalmente o Modernismo no Brasil e a carreira de jornalista, são pedras brutas que merecem o empenho e contínuo esforço em busca do brilho. *O Movimento Modernista em Pernambuco*, a cartaliterária *A Arte Moderna* e os livros *Notícias Biobibliográfica de Joaquim Inojosa* e *60 anos de Jornalismo* são pedras raras, polidas e brilhosas, narrativas que inserem o autor como destacado protagonista do cenário cultural e político brasileiro, particularmente no Recife e no Rio de Janeiro.

²²⁵ O termo lapidário é tributário da leitura de MATTOS, Hebe Maria; GRINBERG, Keila. Lapidário de si: Antonio Pereira Rebouças e a escrita de si. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.) Escrita de si. Escrita da História. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004. P. 27-50.

Pelo caráter fragmentário de nossa documentação, gostaríamos de ressaltar que este projeto pode ter sido construído, algumas vezes, de maneira espontânea e pouco planejada. É necessário pontuarmos o imprevisível da vida e o não controle sobre o rumo de algumas escolhas tomadas nas trajetórias dos indivíduos. Vivemos, muitas vezes, prestando pouca atenção aos caminhos que escolhemos e seguimos e só na fase mais madura de nossa vida, quando o ritmo do corpo é mais lento e o da mente mais acelerado, conseguimos fazer balanços, avaliações e, algumas vezes, redefinirmos os rumos tomados até então. Pensamos junto com Peter Gay que,

*o homem não vive apenas de um planejamento centrado sob ele mesmo. (...). Os historiadores exploram desejos que, trazidos racionalmente em plano de ação, somam-se ao interesse privado de indivíduos ou de grupos, lidam com manifestações conscientes. Mas esses programas organizados de desejo são um resultado, o vetor de muitas forças, tanto palpáveis quanto obscuras.*²²⁶

No entanto, mesmo sem controle sobre a vida, alguns sujeitos são perspicazes o bastante para perceberem que podem controlar as narrativas sobre a vida. Narrativas capazes de gerar representações, nomeações e percepções de sua trajetória para si e para os outros, delimitando e instituindo lugares sociais²²⁷. Antonio Montenegro, ao pesquisar a atuação de bispos e religiosas no Nordeste do Brasil no período do regime militar, confrontou-se com um desses habilidosos homens de *memória muito organizada*.²²⁸ Embora diferente de Dom Frágoso, que organizava a memória não apenas por gosto pessoal, mas por estar inserido numa *política de memória* da diocese de Crateús, parecemos que Inojosa, com formação e vasta experiência nos campos jurídico, jornalístico e

²²⁶ GAY, Peter. Freud Para Historiadores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

²²⁷ Michel De Certeau, Roger Chartier e Michel Foucault são fundamentais para esse debate. DE CERTEAU, M. A Invenção do Cotidiano: as artes de fazer. Vol. 1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994; CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. 2ª Ed. Lisboa: Difel: Rio de Janeiro: Bertrand, 1990; FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

²²⁸ MONTENEGRO, Antonio Torres. Arquiteto da Memória: nas trilhas dos sertões de Crateús. História, Metodologia, Memória. São Paulo: Contexto, 2010. P.101-132.

político, era um desses hábeis artesãos da palavra e *arquiteto da memória*. Aos oitenta e seis anos, poderia não saber o que tinha sido sua vida, mas, certamente, sabia muito bem o que gostaria que ela fosse depois de sua morte:

Viveu, lutou, atuou. Isto ninguém poderá negar. Mas isto em evocações fugidias...Contudo, não morrei anônimo!

*(...) Figuro assim – que alegria!- entre Mario de Andrade, Menotti Del Picchia, Oswaldo de Andrade, Graça Aranha, Ronaldo de Carvalho, Manuel Bandeira, outros que formam a grande elite de renovadores da década de 1920 – a gloriosa década brasileira.*²²⁹

É o medo do esquecimento que mobiliza sua escrita? É a busca de legitimação e prestígio? Parece-nos que é a vontade de controlar as interpretações sobre sua vida que emergem no *Livro Íntimo* e alhures. Ao construir a década de 1920, ressaltando a rede de escritores com papel de destaque na Semana de Arte Moderna em 1922, Inojosa se autoriza a ser um desses intelectuais que considera como renovadores. Doente e perto da morte, fora de espaços de poder e atuação, suas lembranças agem instituindo no presente um confortável papel de protagonista da história cultural no país. Mesmo frágil fisicamente, sentimos o desejo de soberania interpretativa na construção de suas representações. Entendemos que pode ter sido essa mesma lógica de busca de legitimação, reconhecimento e controle interpretativo de sua trajetória que o mobilizou a doar o seu acervo para Fundação Casa de Rui Barbosa em 1974.

Por meio de seus Diários Íntimos e de suas publicações autobiográficas aproximamos e tentamos compreender o trabalho de construção de uma escrita de si e de uma imagem pública, ritmado pelo itinerário da vida, dos encontros e as escolhas de Joaquim Inojosa. Uma vida longa e intensa, que nos seus relatos procurou representar como marcada pelo empreendedorismo profissional, pelo envolvimento nos debates

²²⁹ INOJOSA, Joaquim. Diário Íntimo. 31.10.86.

intelectuais e políticos do século XX no Brasil, construída seguindo os ímpetos da vontade. No entanto, como teimosos intérpretes, podemos dizer que também são narrativas das quais emerge um indivíduo resistente e inconformado com a incompletude e o dinamismo da vida.

Mocinha! Mocinha! Mocinha! Joveninha! 6

Janeiro, 1, 1926
Sexta-feira, 8 horas da manhã

Mocinha!

é a primeira palavra que escrevo ao iniciar-se o ano de 1926. Foi também a primeira palavra que pronunciei, ao despertar, e bem baixinho, para não perturbar o sono das arvores que avisto do meu quarto. Dizem que se fica fazendo durante o ano aquilo que se fez no dia 1º de janeiro: eu quero, assim, escrever e pronunciar, durante todos os doze meses que estão estendidos em minha frente, o nome querido de Mocinha, de Joveninha.

Já hoje não tenho dúvidas sobre a sua amizade, sempre sincera e expressiva. Por isso, deixo-a, neste livro que são páginas evocadas de uma vida entusiasta, deixo-a

minha noiva espiritual.

Figura 11. Diário Íntimo 1926

Joaquim Inojosa de Albuquerque Andrade Lima, nascido em 27 de março de 1901, construiu-se como principal articular e difusor do Modernismo no Nordeste. Com uma produção intelectual em que se configura como crítico, mediador cultural e educador do gosto estético nos anos 1920 e uma produção posterior, gestada a partir da década de 1960, em que se personifica como historiador do Movimento Modernista em Pernambuco, considerava-se um polemista inveterado e ficou mais conhecido no meio cultural e na historiografia pelos muitos duelos intelectuais travados com o sociólogo Gilberto Freyre²³⁰. No entanto, das páginas de seu arquivo particular emergem outras redes de relações pessoais e intelectuais que constituíam seu dia-a-dia, que nos revelam o fluxo caótico e aleatório que impregna uma vida.

Correspondência pessoal e familiar, cadernos de notas, documentos pessoais, diários, originais de livros, artigos de imprensa, filmes, fitas sonoras, produção intelectual de terceiros, constituem o *Arquivo Joaquim Inojosa*. Conversas entre amigos, admiradores e mesmo rivais, conspirações políticas, miudezas do cotidiano, escolhas intelectuais e afetivas, dores e amores, fofocas de família, vantagens e reveses econômicos, viagens reais e imaginárias, um labirinto constituído por documentos que mostram os caminhos e encruzilhadas, os desejos e apreensões, as ousadias e recuos, a força e a fragilidade do indivíduo Joaquim Inojosa. Porém, não se limita a isso.

O acervo que cobre praticamente todo século XX, nos mais diferentes suportes escolhidos por seu produtor, como todo arquivo, condensa não apenas relatos, fatos,

²³⁰ Não é nosso interesse avançar no embate entre Gilberto Freyre e Joaquim Inojosa. Nosso interesse é apontar, mostrando outras narrativas sobre esse indivíduo, como esse debate certamente foi uma construção estratégica do velho Inojosa. É mostrar que essa oposição foi construída historicamente e não vem linearmente dos distantes anos 1920. Para o debate no campo historiográfico são fundamentais: REZENDE, Antonio Paulo. *Desencantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997; AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984. O conjunto de textos de Inojosa sobre a ascendência do modernismo sobre o regionalismo no Nordeste é imenso, mas destacamos os seguintes:

indícios de uma trajetória individual, mas possibilita nos imiscuirmos nas histórias e memórias de diferentes grupos sociais, em aspectos da cultura brasileira emblemáticos do século XX, em momentos históricos significativos da história nacional e mesmo mundial. Histórias, memórias e impressões do moço, do homem maduro e do velho Joaquim Inojosa que nos trazem indícios das atitudes desse indivíduo diante da vida e nos insinuam seus posicionamentos intelectuais, afetivos e políticos. Produzido sob a lógica da acumulação, o arquivo configura os investimentos na memória empreendidos por esse intelectual ao longo de sua vida e pode ser concebido como um tipo de testemunho, em que escolheu e construiu, por meio da acumulação documental, do arquivo provocado, uma visão de sua própria história.²³¹

A preocupação com a doação do arquivo informa sobre o sentido autobiográfico desta ação e a lógica da acumulação em arquivos privados, pessoais, pois

a produção de uma imagem é fruto tanto do que se exhibe quanto do que se esconde. Nesta operação participam tanto o círculo familiar do arquivador quanto as instituições de memória. Só doa arquivo quem supõe que seus documentos vão configurar para a história o que o titular enquanto ator foi para sua época. É difícil imaginar o gesto de doação sem o espírito de notabilização. Do ponto de vista da memória não se exhibe o que não se releva; não se expõe, conscientemente, o que não seja rentabilizável como preservação de imagem. O gesto de doar neste caso está sendo tomado como ato deliberado de vontade. (...) Doar uma coleção cerca-se por certo de indagações, receios, pressupõe relações de confiabilidade que apontam um consenso sobre o caráter relevante dos papéis doados.²³²

²³¹ Orienta-nos neste debate BECKER, Jean-Jacques. O Handicap do a posteriori. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadoras). Usos & abusos da História Oral. 8ª Ed. RJ: Editora da FGV, 2006. P.27-31.

²³² VIANNA, Aurélio;LISSOVSKY, Maurício;MORAES DE SÁ, Paulo Sérgio. A vontade guardar: lógica da acumulação em arquivos privados. Arquivo e Administração, Rio de Janeiro. 10-14 (2), jul-dez, 1986. *Apud*: FARIAS, Claudia Maria de. Entre lembranças e silêncios: reflexões sobre uma autobiografia feminina. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol. 22, nº 43, janeiro-junho de 2009, p- 238-257.

Não deixa de ser significativa a maneira como ele se define na relação com os cadernos, fichas e demais papéis que guardou, *por tanto tempo*, em *cuidadosa ordem cronológica: sou um homem de arquivo pessoal* (grifo nosso)²³³. A posse do arquivo o define e, no nosso entendimento, esta atitude é tributária da desmedida energia investida na construção, manutenção e conservação do seu arquivo pessoal, transmutando-se todo esse investimento numa pulsão de existir por meio da inscrição e da escrita da memória. As medidas desse pulsar, as dosagens dessa vontade de existir são tão intrigantes quanto complexas no nosso sujeito. Insistindo o olhar, criando e deslocando outras (im) pertinências para essa “narrativa de si” podemos interpretá-la tanto como “*pulsão de escritura: como se dizer alargasse o ser*”²³⁴ quanto como vontade poder, de controle sobre a narrativa histórica.

4.4 Livro Íntimo – As narrativas de si nos diários

Que “lembranças esquecidas” estariam latentes nas narrativas de si de Joaquim Inojosa, particularmente nas que deslizam nas páginas do *Livro Íntimo*? Enquanto fenômeno, as palavras do jovem, do homem maduro e do velho não deixam de carregar as sensações de prazer e desprazer geradas nas relações com os outros e com o mundo, figurando as tensões da vida social. Ao longo dos anos, Joaquim Inojosa, sujeito autor-narrador-personagem do diário refez radicalmente o pacto com sua escrita íntima. Se antes - acordo do primeiro diário - ela era um registro da vida, portadora de suas experiências com o tempo e com o mundo, condicionada ao âmbito do privado – *que só eu posso ler* – ao encontrarmos o diário de 1986 percebemos uma latente frustração por não ter publicado o conjunto de *livros íntimos*:

²³³ INOJOSA, J. Diário de um estudante.

²³⁴ HOLANDA, Lourival. O espelho convexo: literatura e imaginário social. In: Trama de um cego labirinto: ensaios de literatura e sociedade. P. 13-14.

Não sei se continuarei a escrever estas impressões ou se aqui as encerro. Pretendia publicar todo este “diário”. Agora, porém, já sem esta hipótese, que vale continuar? Será mais um volume a dormir sono das coisas sem resultado. O silêncio dos arquivos perpétuos. Rio, Domingo, 2 de novº de 1986 Joaquim Inojosa.

Será que uma narrativa sobre a vida poderia se tornar condição da própria existência? Como as incertezas da vida se impregnavam na escrita? Recuar a escrita no diário poderia significar um recuo na vontade de viver? Por que os diários são agora renomeados de “coisas sem resultado”? Por que “fragmentos da existência”, “pedaços da vida” são considerados de uma maneira tão dura. Que resultado esperava Joaquim Inojosa? Que resultados não satisfizeram Joaquim Inojosa?! O que silenciava ao não publicar seus diários? E o que desejou silenciar ao publicar apenas os diários de 1921 e 1922? Que tensões estão em jogo na decisão de não escrever mais o diário? Como interpretarmos o colecionar fragmentos da vida por meio do processo de escrita e as tensões sobre o tornar visíveis suas experiências de escrita e na escrita?

Ao interpretarmos a escrita do diário não só como registro das experiências do intelectual Joaquim Inojosa, como parte de um conjunto documental que nos traz fragmentos e representações do passado desse sujeito, mas também como expressão da pulsão, ou seja, da força, do desejo de existir por meio da escrita e na escrita, consideramos a decisão de não escrever mais o *Livro Íntimo* como atitude significativa e representativa das tensões entre o viver e morrer (pulsão de vida versus pulsão de morte) que habitam o humano e que foram iluminadas pela psicanálise. Deixar de escrever, “deixar de desejar” a escrita do diário, “deixar de desejar” a publicação dos mesmos são atitudes que podem ser interpretadas como *pulsão de morte*, energia que pode paralisar o EU e conduzi-lo ao retorno do estado inanimado, que o impele ao não querer viver. É que Inojosa queria viver e morrer à sua maneira. Mas, pode-se viver e morrer muitas vezes.

É interessante que o autor em 1959 insista em sua indiferença, talvez mesmo certo desprezo, pelo leitor, mesmo que se justifique a esse previsível ausente sobre a pertinência dessa partilha do passado:

*Naturalmente estou a ver a cara do leitor a perguntar a quem interessa a publicação deste livro. Ao leitor, possivelmente, nada. A mim, porém, muito. Somente poderá julgar do alcance sentimental de publicações dessa natureza, quem as tiver possuído, como fragmentos da própria existência, colecionados carinhosamente, sem qualquer preocupação de publicidade.*²³⁵

Será que ele interessava a Inojosa por levá-lo novamente aos seus tempos de jovem intelectual ou que aspirava assim ser considerado? O que esse retorno ao passado por meio da publicação desse livro conta sobre o Inojosa de quase sessenta anos que estava mergulhado na vida de proprietário de uma empresa de turismo? Além de mergulhar nessas questões sobre o sentido dessa publicação após duas décadas de vida como industrial e empresário, a citação acima apresenta uma interessante definição de seu *Livro Íntimo*. Trata-se de uma *coleção de fragmentos da própria existência*. Aponta, inclusive, um método de construção dessa coleção: *o carinho*. Será método a palavra mais adequada ou *atitude* de carinho? De toda forma, não deixa de insinuar a “*maneira de*” construção do seu *diário-coleção*. Modéstia? Retórica? Que estranha relação esse homem-colecionador estabelece com seu *leitor-visitante* de sua *coleção-memória*? Que necessidade de especular sobre a recepção de um texto que porta representações de um passado que aparentemente só interessaria a ele e a seus pais? Que pressuposta ingenuidade atribui aos seus leitores?! Que controle procura estabelecer na leitura desse passado? O que faz um colecionador, cuidadoso, carinhoso, repartir sua coleção, seus *fragmentos da própria existência* e esperar a indiferença? O ato do colecionador é o de juntar e guardar egoisticamente os seus objetos de desejo, não o de reparti-lo e doá-lo. O colecionador se inscreve em seus objetos,

²³⁵ INOJOSA, J. *Diário de um estudante*. P. 8.

construir uma coleção é construir uma narrativa. O que dizer de uma coleção que é a própria narrativa da vida? O que pensar sobre uma narrativa colecionada para ser doada?

A coleção se constitui graças aos limites de sua circunscrição, tendo a função de desafiar o caos e empreender a luta contra a dispersão, visto que o colecionador, ao registrar/catalogar as coisas, retira-as do estado dispersivo em que se encontram no mundo e as recontextualiza num outro espaço, regido por leis próprias.²³⁶ Nada mais apropriado para uma coleção de fragmentos da própria existência. Provavelmente, ao escrever suas experiências nos diários, Inojosa encontrava sua maneira de organizar o caos e a dispersão da vida, ordenando tudo como lhe convinha. A história do ato de colecionar é, conforme Maria Esther Maciel, a narrativa de como os seres humanos se apropriam, na esfera particular, dos sistemas de classificação que herdaram. Podendo tomar distintas funções, desde o acúmulo até a ordenação simétrica, de feição estética, o colecionismo é amplo e complexo. E mesmo quando tomado como prática individual, acomodado nos limites da intimidade, o gesto colecionador não é fácil de ser abordado em sua complexidade, visto que pode ser tomado como pulsão patológica, fetiche, quanto como exercício efetivo e/ou estético.²³⁷ Com a potencialidade de recolher as coisas e salvá-las da dispersão através do deslocamento, a coleção assume inclusive a função de arquivo, de dimensão memorialística, convertendo-se numa espécie de antídoto contra o esquecimento ou de teatro da memória numa “dramatização e uma *mise-em-scène* de passados pessoais e coletivos, de uma infância lembrada e da lembrança após a morte.”²³⁸

²³⁶ MACIEL, Maria Esther. As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009. P. 26.

²³⁷ Idem.

²³⁸ BLOM, Philipp. Ter e Manter: a história íntima de colecionadores e coleções. Apud. MACIEL. M. E. Op. Cit. P. 28.

Pensemos com a historiadora Carolina Ruoso que, embora o colecionar seja uma atitude individual, *qualquer coleção só pode existir na sua relação com o outro, seja na existência de uma competição pela quantidade de itens, seja pela qualidade e originalidade de cada coisa preservada. Esconder ou mostrar são atos de extensão do corpo do colecionador* (grifo nosso).²³⁹ Se pensarmos assim, a publicação dos textos, das narrativas do eu, que emergem do diário de Inojosa, que se personifica em livro, não deixa de ser um desnudar-se, um mostrar-se ao mundo, um exhibir um corpo, mesmo que numa penumbra, de um jovem e de um adulto em movimentos precisos e ágeis. Um corpo inscrito nas páginas em branco, colecionado. Peter Gay, analisando o florescimento do colecionismo nas classes médias vitorianas, destaca que o ato de colecionar é um emblema do individualismo triunfante²⁴⁰. Seguindo esse historiador podemos afirmar ainda que há uma enorme vontade de existir, de se singularizar pulsando nas páginas do *Livro Íntimo*, tanto nos publicados quanto nos “interditados” pelo autor.

Sabemos que ninguém diz a um colecionar o que deve colecionar, quanto tempo, dinheiro ou energia deve empregar para satisfazer a sua inclinação. Conforme o historiador Peter Gay, as origens do colecionar são bastante inocentes. Tudo começa normalmente na infância, com objetos como seixos, insetos ou pedaços de cordão, que tem significado e valor apenas para o colecionador. O desejo de colecionar é, freqüentemente, carregado para a vida adulta com maior sofisticação, mais gastos e incentivos mais emaranhados. Os *hobbies* infantis se tornam fixações adultas. A coleção de Inojosa começou aos nove anos. O menino que despertava a curiosidade pela leitura se deparou com o jornal *Imparcial* que chegava do Rio de Janeiro à distante aldeia de São Vicente Ferrer. Recortou e guardou um

²³⁹RUOSO, Carolina. O Museu do Ceará e a Linguagem Poética das Coisas (1971-1990). Fortaleza: Museu do Ceará, Secult, 2009. P. 88.

²⁴⁰GAY, Peter. Guerras do Prazer: a experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. P. 159.

artigo de Ferdinando Borla sobre o *Monroísmo*, dando início em 1910 à prática de construção de arquivo pessoal por meio de uma miscelânea de prosa e poesia²⁴¹. Na esteira do pensamento freudiano, segundo Gay, qualquer que seja o seu lado sombrio, as recompensas psicológicas de colecionar podem ser imensas:

*Proporciona controle, isto é, domínio sobre um domínio selecionado. Atrai lembranças e fantasias vagas. Serve para estabelecer uma fraternidade bem unida entre colegas especialistas. No outro extremo, oferece oportunidades para que alguém se vanglorie de que sua coleção é superior à dos companheiros: maior, mais completa, mais refinada, mais seleta, mais dispendiosa.(...) Para aqueles que magicamente convertem os seus haveres em companheiros afetuosos e pacientes, colecionar pode aliviar os terrores da solidão. Pode ser um sinal de respeitabilidade social ou ingresso para essa condição desejável.*²⁴²

O *Livro Íntimo* é uma pequena parte da coleção construída pelo indivíduo Joaquim Inojosa. Cadernos de notas de suas pesquisas sobre o Movimento Modernista, originais de seus livros, blocos de anotações pessoais, recortes de jornais, correspondência passiva pessoal e familiar, coleções dos jornais “Meio-Dia” e “A Nação” de sua propriedade, documentos das empresas “Companhia de Fiação e Tecelagem Mineira” e “Mundial Turismo” fundadas por ele nos anos 1934 e 1951 respectivamente, documentos riscados, textos corrigidos, contas de despesas cotidianas, receituários médicos, fotos de amantes e familiares, discursos e conferências, vinte e quatro cadernos que compõem o *Livro Íntimo- diários* e os mais de dez livros de sua autoria publicados, filmes, fitas sonoras e produção intelectual de terceiros dão materialidade ao *Arquivo Joaquim Inojosa*. Registros do tempo de juventude, marcas do homem que viveu e envelheceu guardando

²⁴¹ As informações acima foram apreendidas do relato construído por Inojosa na apresentação de seu livro *60 anos de jornalismo (1917-1977)*, Rio de Janeiro: Editora Meio-Dia, 1978. No contexto daquele texto, o autor procura mostrar *instinto, ideal, inclinação* para o jornalismo, contando sobre a edição de seu jornalzinho *O Vicentino*. Evidenciando certo fatalismo e a construção de linearidade na sua carreira.

²⁴²Idem. P. 160

tudo, ou quase tudo, com muito apreço. Um homem que desejava ser lembrado! Um homem que tinha medo do esquecimento!

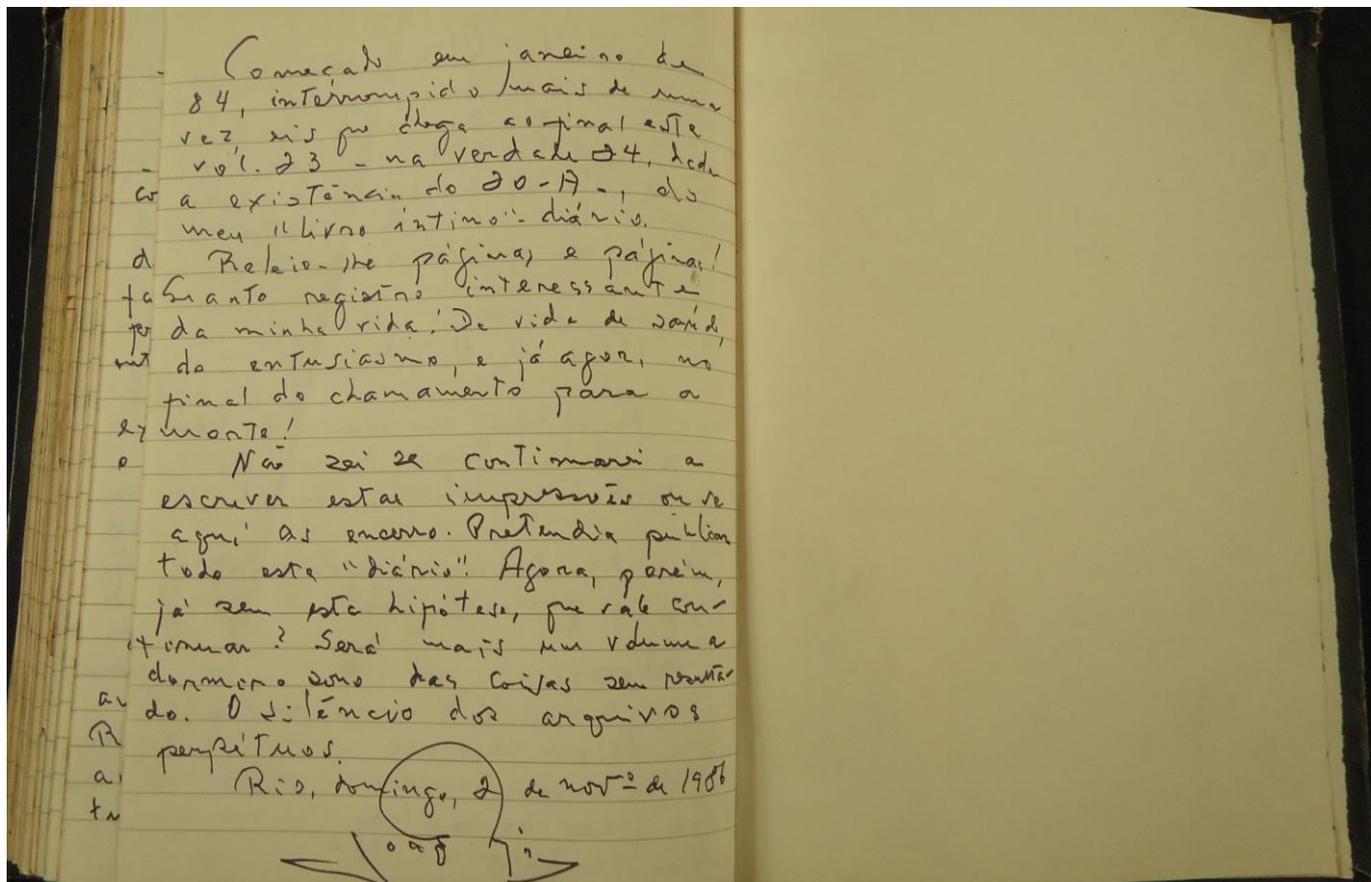


Figura 12. Livro Íntimo 1986

Em 2 de novembro de 1986, que poderia ter sido só mais um daqueles dias cheios de memórias e de expectativas, Joaquim Inojosa colocou um ponto final no seu *Livro Íntimo*. Não registrou mais nada sobre seus dias, sobre encontros, conversas, impressões sobre livros, política e futebol. Não escreveu sobre seus projetos futuros. Não registrou mais nenhuma das lembranças do passado que visitavam recorrentemente seu presente. As páginas em branco que restavam no caderno não mais lhe interessavam. Calou-se para elas. Quis morrer a sua maneira. Entretanto, hoje, mesmo amareladas pela força do tempo, mesmo vazias daquelas letras trêmulas e disformes, repletas do silêncio de Inojosa, as

páginas não escritas tagarelam para os historiadores que entendem que vazios, silêncios, esquecimentos e morte podem contar mais do que imaginamos sobre a vida dos sujeitos na história.

CAPÍTULO 5: O MÍNIMO DO MUNDO DE JOAQUIM INOJOSA

No dia de finados de 1986²⁴³, aos oitenta e cinco anos, o advogado, jornalista e escritor Joaquim Inojosa (1901-1987), nascido no município de São Vicente Ferrer, interior de Pernambuco, lembrou seus mortos, rememorou a mãe, o pai, quatro irmãos e três irmãs falecidos. No mesmo dia, em seu apartamento no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro, onde residia desde 1930, releu as páginas do volume vinte e quatro do seu diário, intitulado *Livro Íntimo*. Esse volume, iniciado em janeiro de 1984, foi interrompido várias vezes, obedecendo ao tempo do octogenário, com registros intermitentes ritmados pelas possibilidades permitidas por um corpo frágil, doente, terminal a um indivíduo lúcido de sua partida do mundo: *releio páginas e páginas e quanto registro interessante da minha vida. De vida, de saúde, do entusiasmo, e já agora, no final do chamamento para a morte!*²⁴⁴ Quando iniciou a escrita em diário, aos dezoito anos, sua intenção, reiteradamente expressa na apresentação e nas páginas que se seguiram, era a de que se tratasse de um livro íntimo que somente ele poderia ler, pois só ele o compreenderia. As páginas em branco seriam espaços preenchidos por *cada vibração de sua alma, cada latejar de suas veias, cada sensação de seu ser.*²⁴⁵

Em 1920, com a mesma intensidade com que se convencia de que as impressões sobre as leituras, conversas, passeios, “flirt” ou contrariedades mereceriam ser guardadas por escrito, também tentava se convencer (e nos convencer) da não necessidade (ou não desejo) de um pretenso interlocutor, negando a possibilidade de pacto com um futuro leitor. Procurava aprisionar um presente que já sabia que no futuro seria passado: *resumo do que se passa de assinalável em minha vida, serve para no futuro eu saber de meu*

²⁴³ No Brasil, o dia dedicado aos mortos é o 02 de novembro de cada ano.

²⁴⁴ INOJOSA, Joaquim. Livro Íntimo- Diário. Volume 24. Caixa 1: Caderno de Notas. Arquivo Joaquim Inojosa. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro.

²⁴⁵ Idem. Diário de um Estudante (1920-1921). Rio de Janeiro: Editora Férias, 1959. Único dos volumes publicados pelo autor, contendo notas explicativas e atualização da ortografia.

*passado com mais nitidez e atualidade do que as recordações da própria memória.*²⁴⁶ Seguindo o crítico literário Philippe Lejeune, não passamos incólume à suposta indiferença ao leitor que o autor do diário procurava instituir por meio da ênfase no “eu”, na individualidade de sua escrita e no teor privado da mesma. A expressão “*para no futuro eu saber*” estabelece uma espécie de “pacto de leitura” que institui a crença na coincidência das identidades do *autor, narrador e protagonista*²⁴⁷. Como leitores, acreditamos que o autor, narrador e o personagem principal desse relato são a mesma pessoa, tratando-se então de uma obra autobiográfica, uma narrativa do eu. Entretanto, é necessário lembrarmos que o *eu* de cada um de *nós* é uma construção complexa e vacilante. Para Paula Sibília, o *eu* é uma unidade ilusória construída na linguagem, a partir do fluxo caótico e múltiplo de cada experiência individual:

*(...)se o eu é uma ficção gramatical, um centro de gravidade narrativa, um eixo móvel e instável onde convergem todos os relatos de si, também é inegável que se trata de um tipo muito especial de ficção. Pois além de se desprender do magma real da própria existência, acaba provocando um forte efeito no mundo: nada menos que eu, um efeito-sujeito. É uma ficção necessária, pois somos feitos desses relatos: eles são a matéria que nos constitui enquanto sujeitos. A linguagem nos dá consistência e relevos próprios, pessoais, singulares, e a substância que resulta desse cruzamento de narrativas se (auto) denomina eu.*²⁴⁸

Assim, é na experiência de si como *eu*, na condição de narrador do sujeito, capaz de organizar suas experiências na primeira pessoa do singular que seguimos Joaquim Inojosa dentro e fora de seu diário, pois, *muitos dos relatos que dão espessura ao eu são inconscientes ou se originam fora de si: nos outros; aqueles que, além de serem o inferno,*

²⁴⁶ Idem.

²⁴⁷ LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Humanitas, 2008.

²⁴⁸ SIBILIA, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. P. 30

*são também espelho e possuem a capacidade de afetar a própria subjetividade.*²⁴⁹ É na experiência de si com o outro que os sujeitos se constituem continuamente e no confronto consigo mesmo, por meio das narrativas sobre suas experiências que podem instituir imagens e auto-representações.

Não deixa de ser intrigante o interesse tão precoce do *jovem Inojosa*²⁵⁰ por experiências e tempos que nem mesmo haviam se constituído e a percepção do quão insuficientes seriam suas lembranças, a ponto de recorrer a esta milenar prática mnemônica do registro na forma de diário. Parece-nos interessante como articula o termo “*assinalável*” no acordo com seu *Livro Íntimo*. Ou seja, o jovem de dezoito anos terá seus próprios critérios de construção e elaboração das suas experiências no mundo, e a escrita surge como sua cúmplice no pacto com o tempo, responsável por encenar uma desejada, no entanto, precária *nitidez e atualidade ao passado, ao seu passado* que tenta aprisionar na narrativa íntima e torná-lo tão homogêneo, linear e previsível quanto o deslizar da caneta na página em branco.

Em novembro de 1986, era um homem velho e doente que dialogava com o tempo, que o arrastava do convívio com sua escrivaniha. Desde agosto que Inojosa ficava entre a casa e o hospital, chegando mesmo a ficar um mês internado. Seu estado de saúde se

²⁴⁹ Idem. P. 32.

²⁵⁰ Ao longo dessa escrita, faremos uso das expressões jovem, maduro, velho e idoso. Os critérios cronológicos atuais adotados no nosso país são: jovem, pessoa de faixa de idade de 16 a 29 anos; adulto, pessoa dos 30 aos 59 anos; idoso, pessoa de mais de 60 anos. Embora as descrições da trajetória de vida de Inojosa contemplem e estejam assentadas nesses critérios, entendemos que são limitantes para darem conta da densidade dos aprendizados e experiências desse sujeito. A expressão “maduro”, por exemplo, é mobilizada para marcar o tempo das vivências múltiplas de um homem antes dos sessenta anos. O termo *Jovem Inojosa* se refere principalmente ao período de formação acadêmica e de vivência de Inojosa em Pernambuco e Paraíba, entre 1920-1930. Compreendemos por meio da documentação que a partir da ida para o Rio de Janeiro, em 1930, e do ingresso no mercado de trabalho na então capital do país, Inojosa se compreenderá como adulto. No entanto, é importante pontuar que, nas suas memórias e nos depoimentos mobilizados, sobretudo depois dos setenta anos, a ideia de juventude e a expressão “*jovem*” serão tática e estrategicamente acionadas, rompendo com os critérios de definição cronológica, procurando referir-se principalmente a experiência vivida entre 1922 e 1928, período de seu encontro com os articuladores da Semana de Arte Moderna de 1922 e de difusão do Modernismo em Pernambuco. Portanto, pedimos ao leitor que compreenda o limite da nossa linguagem e as astúcias da linguagem de Joaquim Inojosa.

agravava cada dia. Além de uma pneumonia, lutava contra um câncer de intestino. As recorrentes cirurgias, a transfusão de sangue, bem como a colostomia, eram tentativas de salvá-lo. Uma expectativa perambulava nas páginas do diário:

Não tenho dúvida do meu destino. Outros tem ido antes. Origens Lessa e Jaime de Barros e Magalhães Gomes, recentemente. Não faz muito Adherbal Jurema, em Brasília e o ex-governador da Paraíba(sic), deputado, poeta e ficcionista Pereira Lira, velho amigo. Pedro Nava Alvarus... Outros e outros. Que me esperem. Não tardarei muito²⁵¹.

Na velhice, a reflexão sobre o tempo, sobretudo sobre o futuro, transfigurava-se em melancolia, desânimo e resignação diante da única previsibilidade da vida humana. A ironia e o gracejo final da citação, provavelmente, encobrem o lamento de Inojosa ao perceber o tempo que lhe resta no vazio deixado pelos ilustres homens considerados amigos. Sua escrita no livro íntimo, com letras finas e desalinhadas, produzida algumas vezes na cama do hospital, passava a registrar a sombra da vida. No caderno, guardava pedaços da tão temida e dolorosa experiência humana com o tempo: a certeza da finitude. Para o filósofo Michel Serres,

tornamo-nos os homens que somos porque, indubitavelmente, aprendemos que iríamos morrer, mesmo que jamais soubéssemos como. (...) Este temido fim nos pertence com exclusividade, portanto, duplamente: enquanto homens e enquanto indivíduos singulares; ele nos espera e nos atinge em nossa definição genérica e em nossa solidão singular.²⁵²

A singularidade do encontro com a dor, com o sofrimento, com as percepções de tempo engendradas pela experiência da trajetória, do desgaste do corpo e da exaustão do espírito, ganha seu espaço no *Livro Íntimo*:

²⁵¹ INOJOSA, Joaquim. 30.10.1986. Livro Íntimo- Diário. Volume 24. Caixa 1: Caderno de Notas.

²⁵² SERRES, Michel. Hominescências: o começo de uma outra humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. P. 10

*Noite péssima. Dores abdominais agudas. Vomitei 8 vezes. Somente de madrugada consegui conciliar o sono. Para o dr.Kanti, trata-se de adaptação. Deus queira que seja isto.*²⁵³

*Vida descuidada a minha, sem cuidar de mim próprio, o que deu no desgaste de agora. Não adianta, é certo, lamentar o passado. Bastam as agruras do presente, sem qualquer perspectiva de futuro. Estes se confundem na previsão da morte.*²⁵⁴

O quanto de objetividade, controle e previsibilidade habita nas narrativas pintadas em cores de dor e sofrimento?! O quanto a experiência da dor de um indivíduo nos insinua do incontrolável da vida? O quanto podemos explicar dessa experiência?! Como entrar na dor desse outro, mesmo temporalmente distante?! Aproximarmo-nos para compreender pode ser um caminho para não construirmos explicações rígidas. Como sabemos, “*o homem nunca sofre apenas em seu corpo, ele sofre com todo o seu ser.*”²⁵⁵ Provavelmente, por isso, percebemos como a dor tornava-se, algumas vezes, o pincel da memória de Inojosa. Sentimos que são registros que procuravam materializar para o leitor a dor no corpo e o sofrimento da alma desse sujeito. Elas mostram uma intencionalidade; uma razão de ser. No registro acima ele se responsabiliza pela doença que não lhe deixa dormir e que aflige seu corpo. É uma narrativa em que sentencia seu descuido com o corpo e com a vida. Negando a lamentação, continua lamentando. Como uma experiência tão íntima pode ser alcançada pelo olhar do historiador? Que sentimentos são mobilizados pelo escritor e que sentimentos são acionados no leitor que acolhe esse tipo de experiência tão singular? Que efeitos tais registros podem produzir?

Para Alain Corbin, a dor é uma experiência subjetiva, um “evento psicológico”, que se inscreve no corpo e modela a memória. As práticas de dor pessoal, as maneiras de

²⁵³ INOJOSA, Joaquim. 24.10.86. Livro Íntim- Diário. Volume 24. Caixa 1: Caderno de Notas

²⁵⁴ INOJOSA, Joaquim. 20.11.86. Livro Íntimo- Diário. Volume 24. Caixa 1: Caderno de Notas.

²⁵⁵ CORBIN, Alain. Dores, sofrimentos e misérias do corpo. In: Corbin, A; COURTINE, J; VIGARELLI, G. História do Corpo. Volume. 2. Petrópolis: RJ, 2008. P. 328.

escutá-la, o modo como é acolhida e exprimida formam aos poucos a identidade. Através dela, lê-se a história do indivíduo. Para esse historiador, a dor crônica chega, inclusive, a estruturar a vida. É possível que o paciente tire vantagem de uma carga dolorosa quando sabe adotar um código de expressão do lamento suscetível de buscar compaixão²⁵⁶.

O que Joaquim Inojosa expressava nesse lamento de dor? A dor e a percepção de um corpo “mal-tratado” teriam espaço na construção da imagem de si engendrada por esse escritor em outras narrativas? O *espetáculo da dor* representado por Inojosa conduz nossa análise a uma fronteira sutil que se move entre aceitar a dor no que há de mais íntimo a ser partilhado pelo sujeito no seu caderno e vê-la no sentido estratégico como mais uma maneira de esse escritor construir-se na experiência legada aos futuros leitores por meio do diário. Será que não foi essa imagem - velho e doente – que esse indivíduo procurou manter preservada de seus contemporâneos? Quantos dramas e quantas tramas revelam escondem as escritas nos vinte quatro volumes do diário!

Seguindo Corbin, pensamos que no campo da experiência da dor, a história está condenada a trabalhar com indícios evanescentes, vestígios de uma experiência quase indescritível. É que a presença da dor no corpo pode ser muito marcante para que possamos verbalizá-la. Os sinais que tentam revelá-la – mutismo, lamentos, soluços ou gemidos, gestos, mímicas, caretas – não permitem medir a experiência dolorosa, pois esta pode se expressar de inúmeras maneiras e servir a muitos interesses. Se pudermos falar em “verdade” da dor, ela reside naquele que sofre. Embora, conforme Corbin, possamos pensá-la também como uma construção social, psicocultural, formalizada desde a mais tenra idade, constituindo-se, portanto, num rito de passagem, já que *as tradições*

²⁵⁶ Idem.

*estruturamo ser social pela prova do corpo*²⁵⁷. Portanto, nosso interesse nos *registros da dor, dos lamentos e sofrimentos*, ao menos nesse momento, restringe-se a entendê-los como experiências do indivíduo Joaquim Inojosa que estruturam suas reflexões e auto-representações.

A dor, o lamento e pressentimento da morte em Inojosa acionam reflexões sobre o sentido da vida, despertam seus conflitos entre o vivido e o desejado e insinuam suas tentativas de controle do tempo e da história. Ao mesmo tempo, demonstram a provável escolha escriturística daquele sujeito. Insinuam um conjunto de intenções daquele autor-narrador ao escolher e mobilizar tais sentimentos como estratégia narrativa para se representar.

No exercício de olhar para si, para suas experiências e pensá-las dentro de uma temporalidade que, tanto na juventude quanto na velhice, pressentia fugidia, Joaquim Inojosa se insere numa longa tradição de pessoas que se encontravam com *Chronos*,²⁵⁸ que permite a construção de experiências no que há de singular e de histórico. Homens e mulheres que por meio da escrita tentaram compreender as mudanças e permanências em seus corpos e na vida ao seu redor. Alguns desses indivíduos adotaram a ironia e o bom-humor nas suas escritas sobre a velhice e a percepção da finitude. Valdemar de Oliveira,

²⁵⁷ LE BRETON, D. *Anthropologie de La douleur*. Paris: Métailié, 1995. Apud Corbin, A. Op. Cit. P. 329.

²⁵⁸ Difere de Kairos, que para os gregos era o tempo indeterminado, e do Titã Chronos que devorou seus filhos. Na mitologia grega representava o tempo cronológico, seqüencial, aquele que pode ser medido. De acordo com a teogonia órfica, Chronos surgiu no princípio dos tempos, formado por si mesmo. Era um ser incorpóreo e serpentino possuindo três cabeças, uma de homem, uma de touro e outra de leão. Uniu-se à sua companheira Ananke (a inevitabilidade) numa espiral em volta do ovoprimogênito separando-o, formando então o Universo ordenado com a Terra, o mar e o céu. Permaneceu como um deus remoto e sem corpo, do tempo, que rodeava o Universo, conduzindo a rotação dos céus e o caminhar eterno do tempo, aparecendo ocasionalmente perante Zeus sobre a forma de um homem idoso de longos cabelos e barbabranços, embora permanecesse a maior parte do tempo em forma de uma força para além do alcance e do poder dos deuses mais jovens. Já os romanos personificaram o tempo em Saturno, filho do Céu e da Terra. Saturno, depois de ter sido expulso do trono pelo Titã, foi acolhido no Lácio por Jano, organizador e regulador do mundo, que representa a transição e a passagem. Saturno ali fez reinar a prosperidade e a abundância, pois ensinou aos homens a agricultura. Esse aprendizado sobre os deuses pode ser ampliado por meio da leitura de: MÉNARD, RENÉ. *Mitologia Greco-Romana*. Vol. 1. São Paulo: Opus, 1991.

teatrólogo, médico, contemporâneo de Inojosa nos tempos de juventude no Recife das primeiras décadas do século XX, com quem manteve sempre contato, é um desses que se representa como que gozando com a proximidade da morte:

Nunca me preocuparam os cabelos brancos, nem as rugas da face: o Tempo os alterou sem que eu percebesse. Hoje, vou cuidadosamente arrimando o mocambo que abriga minha alma. Se pende para um lado, meto-lhe uma escora; se arria de outro, ponho-lhe um reforço. Um remendo de alvenaria evita que nele penetre algum vento mau de inverno; duas ou três telhas novas impedem que chuva escorra pra dentro.(...) Vou pedalando, firme, a bicicleta de minha vida, não muito certo de vencer, ainda, ladeiras que outrora subia em disparada. Cuido, somente, em não parar, tão certa será a queda, para um lado ou para o outro. Bicicleta ou movimenta ou se encosta, seu melancólico destino²⁵⁹.

Valdemar de Oliveira, nascido em 2 de maio de 1900, morreu aos 77 anos. A primeira edição de seu livro de memórias, intitulado *Mundo Submerso*, é de 1966. Além desse livro, insere-se na tradição memorialística com *Valdemar Setentão* (1971), *Quando eu era professor* (1973) e *Um rotariano fala do Rotary* (1974). Como Inojosa, Valdemar é um desses homens que atravessaram o século XX quase por completo. Ao perceberem a passagem do tempo nas suas rugas ou na dos seus contemporâneos, estes homens se põem a partilhar suas experiências a contar seus encontros, lugares e, quase sempre, começam a nos dar conselhos, fazendo lembrar os escritos de W. Benjamin acerca dos narradores e a dimensão utilitária, mesmo que, às vezes, latente, da narrativa²⁶⁰. Ecléia Bosi, quando analisou a desvalorização e a indiferença da nossa sociedade para com a velhice, escutou as experiências de pessoas de mais de sessenta anos, consideradas inadequadas para

²⁵⁹ OLIVEIRA, Valdemar. *Mundo Submerso: memórias*. 3ª edição. Recife: FCCR, 1985.

²⁶⁰ BENJAMIN, Walter. *O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras Escolhidas. Vol. 1) São Paulo: Brasiliense, 1994.

atuarem por meio do trabalho, mas que continuavam significando sua existência por meio das elaborações da memória e, sobretudo, pela função de conselheiros que passaram a desempenhar. Surpreendida com a riqueza das lembranças dos velhos que fazem (re) aparecer brincadeiras, espaços sociais, práticas de trabalho, relações afetivas, há muito desaparecidos, afirma: *o velho, de um lado, busca a confirmação do que se passou com seus coetâneos, em testemunhos escritos ou orais, investiga, pesquisa, confronta esse tesouro de que é guardião. De outro lado, recupera o tempo que correu e aquelas coisas que, quando as perdemos, nos fazem sentir diminuir e morrer. Ele nos aborrece com o excesso de experiência que quer aconselhar, providenciar, prever.*²⁶¹

Em sua autobiografia intitulada *Retratos de Memória e outros ensaios*, publicada em 1959, o filósofo Bertrand Russell, no capítulo *Envelhecer*, aconselha os sujeitos a se afastarem do passado, embora ele mesmo, aos oitenta e sete anos, não conseguisse fazê-lo por completo. No entanto, suas orientações nos mostram uma disposição para encarar o envelhecer e a relação com o passado, bem diferente da que foi adotada por Joaquim Inojosa:

Psicologicamente, há dois perigos contra os quais a gente precisa guardar-se, na velhice. Um deles, é deixar-se a gente absorver indevidamente pelo passado. Não é bom viver-se de recordações, a lamentar os bons dias de antanho, ou em meio à tristeza pelos amigos que já se foram. Nossos pensamentos devem voltar-se para o futuro – para coisas em que há algo a ser feito. Isto nem sempre é fácil: nosso passado é uma coisa que pesa cada vez mais. É-nos fácil pensar que nossas emoções costumavam ser mais vivas, e que nosso espírito mais penetrante. Se isso é verdade, deveria ser esquecido e, se for esquecido, não será provavelmente, verdade. (...) Penso que uma velhice satisfatória é mais fácil para aqueles que tem fortes interesses pessoais, envolvendo atividades

²⁶¹ BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

*adequadas. É nesta esfera que a longa experiência se torna realmente proveitosa, e é nessa esfera que a sabedoria nascida da experiência pode ser exercida sem que seja opressiva.*²⁶²

Joaquim Inojosa, na velhice, era um homem absorvido pelo passado, cheio de memórias, sentindo-se ameaçado pelo tempo Titã, aquele que devora seus filhos. Sua percepção sobre o tempo da vida não se aproximava da representação latina do Chronos – Saturno que ensina a produzir e ajuda a ceifar. Assim, podemos dizer que era um homem invadido pelo tempo e pelas memórias. O seu amigo, contemporâneo do Rio de Janeiro e poeta preferido, Carlos Drummond de Andrade, constrói por meio da poesia, uma imagem que parece muito precisa quando delineamos as atitudes de Inojosa com o passado:

*E as memórias escorrem do pescoço,
do paletó, da guerra, do arco-íris;
enroscam-se no sono e te perseguem,
à busca de pupila que as reflita.*

*E depois das memórias vem o tempo
Trazer novo sortimento de memórias,
Até que fatigado, te recuses
E não saibas se a vida é ou foi.*²⁶³

O futuro para Joaquim Inojosa era o passado, a construção de narrativas que representassem suas experiências vividas. Suas frustrações, angústias e ressentimentos giravam em torno da definição do que representava ou poderia representar a sua história de vida. As considerações feitas pelo crítico Walter Benjamim sobre o escritor Marcel Proust nos interessam nesse sentido. Ao analisar a construção da obra *Em busca do Tempo*

²⁶² RUSSELL, Bertrand. Retratos da Memória e outros ensaios. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1958. P. 47.

²⁶³ ANDRADE, Carlos Drummond de. Versos à boca da noite. IN: Antologia Poética. 51ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2002. P. 43

Perdido, cuja criação é assentada na solidão, na doença, num exercício radical de auto-absorção de seu autor, fruto das reminiscências de sua existência, Benjamin diz: *um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.*²⁶⁴ É nesse sentido de possível *chave explicativa*, nessa dimensão estratégica das reminiscências que podemos nos aproximar dos textos de Joaquim Inojosa, sobretudo dos diários e das memórias de sua participação no campo da cultura da década de 1920.

Os pensamentos desse homem, por mais que tentasse disfarçar, não eram, como aconselha Russell, voltados aos interesses impessoais. Não que ele devesse seguir o conselho acima citado, desse filósofo. No entanto, ao fazermos uma analogia entre esses escritos sobre a velhice, percebemos na escritura de Inojosa, emergir um homem de *longa experiência*, que estava enroscado em suas lembranças e esquecimentos, procurando estrategicamente a construção de um presente menos incômodo material e afetivamente:

*Cuidei de tudo, menos da minha velhice. Não sabia o que significava essa palavra. Somente agora é que lhe sinto o peso da realidade. Tarde para muita coisa.*²⁶⁵

Deixando latências, subentendidos, silenciando sobre dimensões de sua vida e, algumas vezes, procurando apagar marcas de sua trajetória, Inojosa se autoriza a nos dar conselhos nos seus diários da velhice: *Eis o conselho que dou hoje a todos os jovens: pensem sempre na velhice e tratem de resguardá-la de contratempos e incertezas. Antes de tudo - o dia de amanhã... depois gozar a vida.*²⁶⁶ Tais palavras não deixam de nos afetar, a nós, habitantes do “presente eterno”, de um tempo que valoriza o imediato e o *querer-viver* tudo até às últimas conseqüências, de uma época marcada pela tão potente quanto irônica

²⁶⁴ BENJAMIN, Walter. A Imagem de Proust. In: Op. Cit. P. 37.

²⁶⁵ INOJOSA, J. 20.11. 86. Diário Íntimo.

²⁶⁶ INOJOSA, Joaquim. 20.10.1986. p. 83.

“certeza da incerteza” e da relatividade.²⁶⁷ No solo do *presenteísmo brasileiro*²⁶⁸, envoltos numa atmosfera de intensa relação com o presente e de gradativa desvalorização do tempo dedicado à escuta do outro, como nos aproximarmos dessa tagarelice de velho e dessa aparente generosidade do conselho?

Nessa relação de “*escrita – leitura – escuta*” que proporciona o encontro de sujeitos de gerações diferentes – Benjamin, Inojosa, Valdemar, Russell e nós–, de partilha de experiências, de escrituras e inscrições identitárias, nossa percepção da fragilidade da narrativa, da indisponibilidade dos sujeitos do contemporâneo à escuta e à troca de suas histórias, se adensa e, às vezes, desestabiliza, pois as práticas comunicativas e formativas desses homens, suas maneiras de viver e de se relacionar com o presente e o passado aguçam nossas distâncias e diferenças, deixando-nos, em algumas ocasiões, como ouvintes curiosos e disponíveis. É necessário um enorme esforço para o necessário *deslocamento analítico*, pois são vozes masculinas fortes, repletas de autoridade e aparente sabedoria. Ficamos, em alguns momentos, vulneráveis às dobras de produção de subjetividades que emergem dos relatos autobiográficos desses intelectuais. Apesar de todas as diferenças, são conversas entre intelectuais, mediadas pela materialidade dos documentos, tecidas no frágil equilíbrio entre a objetividade e a subjetividade desse tipo de encontro.

Não há motivos para sussurrarmos sobre a subjetividade na nossa escrita. A objetividade é uma busca vã, que não nos atija mais. Somos sujeitos de sentimentos,

²⁶⁷Partilhamos com o leitor nos comentários acima nossa maneira de perceber as relações dos sujeitos na contemporaneidade. No entanto, há muitos autores que teorizam sobre o que estamos vivendo, sobre o que estamos sentindo. Entre eles: BAUDRILLARD, Jean. *A troca impossível*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002; BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

²⁶⁸ Expressão que o sociólogo Michel Maffesoli utilizou em 2001 no prefácio da nova edição brasileira do seu livro “*A Conquista do Presente*”, de 1979, ao dizer que o nosso país foi o grande inspirador de suas análises por perceber aqui o “dizer sim à vida, apesar de tudo”. Para ele o Brasil é a pátria do “*pensar afirmativo, nietzscheano em sua essência*”. Embora tenhamos críticas às generalizações e naturalizações instituídas nesse pensamento do sociólogo, gostamos da expressão por localizar espacialmente nossas próprias percepções sobre o contemporâneo e sobre nossa documentação. É nesse sentido geográfico que a usamos nessa escrita. Para conhecer essa sociologia do cotidiano segue a indicação: MAFFESOLI, Michel. *A Conquista do Presente*. Edição Revista e Atualizada. Natal (RN): Argos, 2001.

lidando com sentimentos. E não pensemos que tudo é leve nessa história. Afinal, o desafio do deslocamento analítico deve sempre ser o nosso horizonte.²⁶⁹ No entanto, quando posicionamos cada sujeito em seu chão histórico (e nisso nos posicionamos!) e entendemos que o conselho, para ser entendido como sabedoria, deve ser *tecido na substância vida da existência*, vamos nos desenfeitando das astúcias desses narradores-intelectuais. Compreendemos que a narrativa é potente para construir significados sobre as práticas de memória. Quando se escuta a memória do velho nessa experiência de escrita, não podemos deixar de suspeitar e, às vezes, rejeitar sua autoridade e seu conselho. Pois, não se trata de conselhos de velhos quaisquer, daqueles “oprimidos” ouvidos por Ecléia Bosi. Seus conselhos são posicionamentos, são elaborações mnemônicas de homens que pensaram, intervieram e mediaram percepções do passado e do presente de seus contemporâneos e que insistem na posição de mediadores de percepções temporais, individuais e históricas. São autorizados e se autorizam por meio da escritura. Seus conselhos, muitas vezes, são práticas de poder. É o pensamento do jovem Inojosa, aquele que ocupa quase sempre mudo as páginas de seu diário que, ironicamente, nos permite pensar essas tensões geracionais:

Andar com os velhos é envelhecer com eles. Prefiro, até esmagá-los a sujeitar-me aos seus caprichos injustificáveis. O único exemplo que nos

²⁶⁹Além das posições teóricas, metodológicas e políticas do meu orientador Antonio Paulo Rezende, a experiência das historiadoras Regina Beatriz Guimarães Neto e Maria do Socorro de Souza Araújo, ao compartilharem seus percursos de pesquisa e escrita na construção de fragmentos da trajetória da militante JaniVanini, expondo suas subjetividades e mostrando os limites e ilusões da outrora desejada objetividade acadêmica, foram fundamentais para nos fortalecermos na construção teórico-metodológica desse trabalho, após a qualificação da primeira versão dessa tese. Não há como calarmos sobre nosso lugar de produção historiográfica, o historiador Michel De Certeau nos ensina desde os anos 1970 sobre essas tramas na operação historiográfica. REZENDE, Antonio Paulo. Ruídos do Efêmero: histórias de dentro e de fora. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010; GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz; ARAÚJO, Maria do Socorro de Souza. Cartas ao Chile: os encantos revolucionários e a luta armada no tempo de Jane Vanini. In: GOMES, Angela de Castro (org.). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

*podem dar é o da experiência. Nós, no entanto, sabemos que a experiência é inimiga da mocidade, porque é filha da velhice.*²⁷⁰

As estratégias de memória de Inojosa, produzidas no âmbito dos diários, não se destinavam unicamente à construção de uma imagem para os futuros pesquisadores de sua vida. Construir-se como um homem que passou pela vida sem sentir –lhe o peso, sem criar expectativas quanto à incerteza de seu futuro, possivelmente era uma maneira de tentar se reconciliar com as escolhas feitas ao longo de sua trajetória e uma maneira de afastar a imagem de possível fracassado ou perdedor nas disputas que procurou travar dentro de relações históricas que, algumas vezes, não se configuraram como ele desejava.

É o que interpretamos do seu esforço em manter o envio de crônicas semanais para *O Jornal*, prática que nomeava de “desenferrujar a máquina parada.”²⁷¹ Sem ser remunerado por esse serviço e já incapaz de datilografar seus textos, ditava os pensamentos e ideias a sua secretária Maria Clara, responsável também por datilografar as cartas enviadas pelo “Dr. Inojosa.”²⁷² Em outubro de 1986, além de mencionar o artigo *Eleições à vista*, escreve no diário seu interesse em ditar um próximo texto intitulado *Um desfile de sensações diversas*, com a intenção de falar do Brasil de 1922 até aquele momento de sua vida. É um fragmento interessante da experiência de velhice por nos apontar sua vontade de ser incluído no que nomeava “*vida pública brasileira*” e sua ação dupla para que isso se concretizasse: encenando a escrita na imprensa e elaborando a memória dessa mesma prática jornalística e de seus campos de atuação, sendo o *Jornal do Commercio*, mais uma vez apontado como marco da vida pública desse homem. Destaca sua participação como

²⁷⁰ INOJOSA, Joaquim. 5/7/1924. *A Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra. 1984.

²⁷¹ Expressão de Inojosa. *Diário Íntimo*. 30.10.86.

²⁷² Expressão de Rosa Garcia nas descrições do cotidiano do escritor na biografia produzida no ano seguinte a sua morte. Denota, além de respeito, a autoridade exercida por esse homem no espaço público e doméstico. O apartamento de Inojosa em 1986 era um ambiente predominantemente feminino. Cotejamos as informações do diário com o material biográfico e ambos apontam que no final da vida, além da irmã Carminha, Inojosatinha uma secretária e duas enfermeiras cuidando de sua saúde e de sua rotina. GARCIA, Rosa. *Joaquim Inojosa: diálogos e comentários*. Rio de Janeiro: Erca Editora e Gráfica Ltda, 1987. P. 48-50.

orador *veemente* nos comícios anti-Borba e lamenta a ausência de história sobre esse período de sua atuação em Pernambuco: “*sei que essa fase se acha perdida nos arquivos daquele jornal e da imprensa do Recife*”. No entanto, aponta de imediato a que nomeia de sua *batalha maior*, a *luta* em favor do Futurismo e logo depois do Modernismo. Como já indicamos, as lembranças que emergem da escrita desse velho, não são simples narrativas de apaziguamento e construção de fragmentos do passado, são táticas e disputam a conquista de lugares de história e de memória.

No entanto, é fundamental entendermos quando e por que razões certas batalhas emergem como as mais importantes na vida dos indivíduos. É necessário desconfiarmos desses discursos lineares que se colocam imóveis no tempo. Inojosa é hábil arquiteto da memória e muitas vezes o que nos parece pistas podem ser propositados desvios.

Durval Muniz quando analisa os textos de teor autobiográfico de escritores da primeira metade do século XX como Câmara Cascudo, Manuel Bandeira e José Lins do Rego enfatiza que o

trabalho literário, a erudição histórica, a pesquisa etnográfica e folclórica, o texto memorialístico, o ensaio sociológico passam a ser não somente uma estratégia de compreensão do mundo, das mudanças que estão correndo a sua volta, como um remédio para curar as feridas subjetivas e físicas deixadas pelo desabar do “mundo de suas infâncias (...) que ainda se encontrava gravada em suas “almas”, do sertão típico, do bangüê eterno, que vai alimentar não somente seus escritos, mas vai servir de bálsamo para vidas, identidade e subjetividades descosidas, divididas, cindidas entre o tradicional e o moderno, entre o velho e o novo, entre o campo e a cidade (...)”²⁷³

²⁷³ ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional. Recife: Bagaço 2008.

Os textos produzidos por Joaquim Inojosa na segunda metade do século XX, sobretudo os últimos diários da década de 1980 aproximam-se desse tipo de escrita que procura construir um tempo referencial para um sujeito que percebia transformações espaciais e históricas nos seus espaços, alterações que mexiam com suas subjetividades. Não era apenas espaço geográfico modificado. Eram mudanças políticas, econômicas, nas relações de amizade e mesmo amorosas. Era todo um ser impactado pelos novos tempos e tensionado por muitas dessas mudanças.

Podemos estabelecer algumas aproximações com Beatriz Sarlo, quando esta põe em relevo que, *escreve-se para esquecer, e o efeito da escritura é fazer com os outros não esqueçam. Escreve-se para lembrar, e amanhã outros vão ler essa lembrança. Esquecimento e lembrança, essa oscilação permanentemente produzida por impulsos contrários: escrever para que se fique sabendo/apagar marcas, sinais, rastros, disfarçar o presente, a pessoa, os sentimentos*²⁷⁴. No esquecer e no lembrar da escrita, Inojosa delinea um Rio de Janeiro nos anos 1980 muito diferente daquele que recebeu o jovem pernambucano no começo da década de 1930.

Numa crônica produzida aos setenta anos no *O Jornal dos Diários Associados*, acionava suas lembranças da outrora Capital Federal. É um texto longo que apresenta as impressões de um sujeito que viveu, observou e registrou as alterações na dinâmica da política e economia do Brasil. Mostra-nos que a memória produzida no seu diário pertence a uma experiência histórica ampla e como estas memórias, algumas vezes, procuram explicações não apenas para seus dilemas íntimos, mas para as encruzilhadas da história do Brasil. Mesmo extensa, a citação seguinte, merece atenção pelos indícios que apontam das

²⁷⁴SARLO, Beatriz. Paisagens Imaginárias. São Paulo: Editora da Universidade de Paulo, 1997. P. 26.

estratégias de escrita de Inojosa como indicadores de suas percepções políticas, à época, bem como dos processos seletivos da memória:

(...) Lembrei do Rio de Janeiro da década de 30; Getúlio no poder, esforçando-se, de braços abertos, a inspirar o futuro autor da estátua do Cristo-Rei, para não ser engolido pelos tenentes, e o Brasil inquieto, na tentativa de acertar o passo, sem um timoneiro à altura dos seus destinos. (...) Era ainda a capital cultural do País, a exportadora de modelos na moda de trajes para ambos os sexos; logo depois com a “gaiola de ouro” efervescente e Câmara do Senado em berros mais discretos. A imprensa, revistas e jornais, de sabor diferente, se não atingia os Estados pelos órgãos materiais de divulgação, transmitia a palavra de ordem através das agências de notícias todas brasileirinhas de fazer inveja aos nacionalistas de hoje (...) Depois começou o progresso a arreganhar os dentes: e surgiram o avião, o rádio, a tevê; mas a imagem do Rio de Janeiro, Capital da República, continuava a mesma (...) poucos turistas, hotéis baratos; um eldorado ambicionado de todos os brasileiros. (...) até que veio a Constituinte, mensagem da Guanabara para um Brasil ansioso de liberdade e ordem jurídica – governo constitucional por algum tempo; golpe de 37, com a criação de um DIP de energúmenos; Dutra, ordem pública; Juscelino, sonhos faraônicos (...) Até por aí, mesmo com o suicídio de Vargas, nada essencialmente mudara nas imagens da Guanabara – Rio de Janeiro- transmitida ao Brasil. Surgiu a quimera de Brasília, não a de 20 anos de correta prudência mineira, mas de uma investidura alucinante, em concorrência com a própria filiação que desencadeava. (...) Começou então a modificar-se a Guanabara. Deixaram de partir do Rio as vozes do patriotismo parlamentar; deslocou-se o eixo do oficialismo federal; perdeu-se o contato de influência com o Brasil. Sim, porque antes, todo o Brasil permanecia de cócoras, aguardando a senha do Rio de Janeiro; e hoje em dia voz de Brasília comanda o espetáculo, enquanto imprevisto crescimento dos Estados os movimenta no sentido de criações próprias, na cultura, na economia, nos costumes; fixa o homem, evitando-lhe o

*êxodo...fenômeno que supriu sempre a Guanabara de destacados valores provincianos.(...)*²⁷⁵

É o lamento por morar numa cidade que outrora havia sido o centro de efusão política do Brasil. É o lamento de um homem que havia atuado profissionalmente numa época em que o bacharel em direito e o jornalista eram vozes ouvidas, respeitadas e seguidas não só pela população como também pelos poderes públicos. As percepções de Inojosa sobre a capital do país carregam as marcas de sua própria história. Ao apontar as alterações no cenário político, ele emite alguns signos carregados de significados.

A imagem do *timoneiro* que conduziria o destino do país, por exemplo, parece uma interessante forma de nos aproximarmos de sua concepção de poder e do tipo de política que apoiará em alguns momentos de sua trajetória. É um poder forte, personalista e centralizador que controla *os berros* do Senado. Getúlio aparece como o homem de braços abertos. Dutra como *ordem pública* e Juscelino como *faraônico*. Cada imagem desses homens, cada representação desses momentos da história política do país estão atrelados às maneiras de Inojosa se posicionar, de definir-se politicamente. São percepções que carregam fios capazes de mostrar as sombras e os silêncios que compõem a sua trajetória. São lentes que lapidaram formas de percepção, com as quais, Inojosa passou e ver o mundo. Pois, conforme Henri Bergson, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. *Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada.* Para esse filósofo, em geral, as lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais não conservamos então mais que algumas indicações, simples “sinais” destinados a nos lembrar antigas imagens.²⁷⁶

²⁷⁵ INOJOSA, Joaquim. A tragédia da Rosa dos Alkimins (crônicas). Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1985.

²⁷⁶ BERGSON, Henri. Memória e Vida. São Paulo: Martins Fontes, 2011. P. 86.

Política e imprensa são, nessa crônica, os eixos das lembranças de Joaquim Inojosa por terem sido territórios de sua atuação. A crônica carrega as marcas de seu engajamento político e ideológico e de como, na maioria das vezes, os mobilizou a serviço dos interesses pessoais. Seguindo os fragmentos acessíveis de sua trajetória nos anos trinta percebemos que suas relações eram provisórias e frágeis. Parece-nos que o sentimento de crítica e insatisfação que o habitava tornava sua permanência muito rápida em certos espaços de convivência e trabalho, certamente fundamentais a um homem no início de carreira e longe da terra natal.

Chegara ao Rio de Janeiro em 14 de dezembro de 1930 vindo de complicadas relações políticas nos Estados de Pernambuco e Paraíba. Sua trajetória de estudante e jovem jornalista no Recife foi construída por meio de tensas relações de trocas de favores com a oligarquia local. Em 1928 havia casado com a filha de João Pessoa de Queiroz, primo de João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, governador eleito da Paraíba em 1927. No entanto, no final de 1930, Inojosa apoiou o “coronel” José Pereira Lima na tentativa de desmembrar o município de Princesa do restante do Estado da Paraíba²⁷⁷. Em fevereiro daquele ano, José Pereira, julgando-se desprestigiado com a chapa de deputados federais que acabara de ser formada, rompeu com o governador João Pessoa, candidato a vice-presidência da República na chapa de Getúlio Vargas. Ato contínuo, ele declarou apoio os adversários de Pessoa no plano nacional. Em represália, o governador ordenou a retirada dos funcionários estaduais de Princesa e destituiu o prefeito, o vice-prefeito e o promotor, ligados ao “coronel” e mandou tropas da Polícia Militar convergirem para o município de

²⁷⁷ Atualmente renomeado de Princesa Isabel, o município faz fronteira com Pernambuco. Localiza-se a aproximadamente 307 quilômetros João Pessoa, capital da Paraíba. Não encontramos estudos acadêmicos sobre “A Revolta de Princesa”, sendo as informações apresentadas uma síntese de leituras de sites de comentários políticos e das menções ao acontecimento feitas pelo pesquisador Manuel Correia de Andrade e pelo próprio Joaquim Inojosa. ANDRADE, Manuel Correia. Coimbra e A Revolução de 1930. In: Pernambuco Imortal: os caminhos da modernidade. Suplemento do Jornal do Comércio. Recife, 1995; INOJOSA, Joaquim. República de Princesa. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/Brasília, INL, 1980.

Teixeira, perto de Princesa, com o objetivo de sufocar a rebelião. Começou movimento de revolta e contestação. José Pereira enviou 120 homens armados para Teixeira, que foi retomada pelos rebeldes. Em março, nova vitória das forças de José Pereira. Em maio, 220 soldados e jagunços a serviço do governo estadual tentam entrar em Princesa, mas caem numa emboscada, na qual morrem mais de cem pessoas. Em junho, os princesenses proclamam-se independentes da Paraíba e criam o Território da Princesa, com bandeira, hino e leis próprias.²⁷⁸

No âmbito da história política brasileira, a Revolta de Princesa insinua indícios das delicadas relações de poder praticadas na chamada República Velha entre os “coronéis” e as autoridades governamentais. Os acontecimentos de Princesa mostram as tensões políticas em Pernambuco e Paraíba presentes no contexto de preparação para o Golpe de Outubro de 1930.²⁷⁹ No âmbito das memórias de Inojosa, significou sua colaboração na imprensa favorável ao *Território Livre de Princesa*, a criação clandestina do *O Jornal de Princesa*, “órgão oficial” daquele território provisoriamente desmembrado do Estado da Paraíba e mobilização dos amigos Autro-Costa e Nelson Ferreira para a elaboração, respectivamente, da letra do hino e da música de Princesa. Segundo conta, sua partida de

²⁷⁸ João Pessoa tenta nova investida. Incapaz de dominar a cidade rebelde, apela para a guerra psicológica. Uma avionetalança panfletos sobre Princesa, exortando a população a depor as armas. Caso contrário, haveria bombardeio aéreo. Mas a resistência continuava e as bombas não vêm. Nas semanas seguintes, os homens do "coronel" José Pereira, usando táticas de guerrilha, espalham sua ação pelo sertão, dando a entender que o conflito seria longo. Mas a luta estava para terminar, com um desfecho imprevisto. No dia 26 de julho, João Pessoa foi assassinado no Recife por um desafeto, João Dantas, por motivos mais pessoais do que políticos. Com a morte do chefe inimigo, José Pereira chegou à conclusão que não tinha mais razões para lutar. Deixou sua terra, Princesa, e foi para Serra Talhada, em Pernambuco. Em agosto, soldados do 21º Batalhão de Caçadores, obedecendo a uma determinação do presidente Washington Luís, entraram em Princesa. Dois meses depois, foram substituídos por tropas da PM. O município voltou a fazer parte da Paraíba. A luta deixara um saldo de cerca de 600 mortos.

²⁷⁹ A expressão golpe e não revolução é tributária das pesquisas nesse campo que mostram que os vitoriosos de 1930 formavam um grupo bem heterogêneo e que as mudanças propostas não foram tão radicais. O que se observa no pós-1930 é um *Estado de Compromisso*, com um reajuste das relações internas dos setores dominantes. Aprofundamento sobre esse debate em: FERREIRA, Marieta de Moraes; SÁ PINTO, Surama Conde. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. P- 389-415.

Pernambuco só foi cedida pelo interventor Carlos de Lima Cavalcanti após a assinatura de um *Compromisso* de não “*prestar-se ao papel de “boateiro” anti-revolução.*”²⁸⁰

Quando publica em 1975 episódios de sua vida, a história de Princesa ocupa apenas poucas linhas, mas, em 1980, publica um livro sobre o tema, tentando “provar” que João Dantas, assassino de João Pessoa foi morto na prisão pelo governo revolucionário.²⁸¹ A sua versão da história e sua participação e envolvimento no caso podem não ter vindo à tona logo após o episódio por estar ainda dentro das redes de compromissos políticos. Mas, também, podemos pensar que o embate não foi travado pelo jovem Inojosa por não ser o Nordeste o espaço geográfico em que ambicionava ser reconhecido. Pensemos que para o velho Inojosa, gradativamente a geografia dos seus interesses começa a perder importância. Ao narrar o episódio de Princesa, o Nordeste pode ser pensando como o espaço a ser conquistado.

Não abordaremos as interpretações que Inojosa, ao se empoderar na figura de historiador da Revolta de Princesa, constrói sobre João Pessoa. Mas, trata-se de uma batalha dura no campo das representações,²⁸² assentada numa concepção positivista de história, com a valorização do documento como verdade, e na crença no poder de testemunha que Inojosa se autorizava: *alguns aspectos dessa revolta serão descritos neste livro com imparcialidade e documentadamente, todavia em mais depoimento que história.*²⁸³

²⁸⁰ INOJOSA, J. Notícias Biobibliográficas. P. 38.

²⁸¹ João Dantas era adversário político de João Pessoa e aliado de José Pereira, o qual liderava uma intensa oposição às medidas governistas contra os interesses comerciais do grupo sertanejo. José Pereira recebia apoio dos irmãos Pessoa de Queirós, de Pernambuco, primos de João Pessoa e proprietários do Jornal do Commercio.

²⁸² Já na introdução, procura explicar as condutas políticas e administrativas de João Pessoa, que considera equivocadas, insinuando seu estado doentio e, num discurso eugenista, ora aponta a epilepsia ora as *doentias impulsividades temperamentais* do então presidente da Paraíba.

²⁸³ INOJOSA, Joaquim. República de Princesa (José Pereira X João Pessoa – 1930). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. P. 13

São muitas as possibilidades interpretativas para a publicação do livro “A Revolta de Princesa.” Pode ter sido uma mudança de lugar de produção intelectual, pois dessa forma seu autor deixava de ser homem-memória do Modernismo e ocupava o meio intelectual como historiador. Mas, possivelmente, não se tratava apenas de uma conquista de território de leitores, de atuação, de novas/velhas redes de sociabilidade. Em 1980, o escritor José Américo de Almeida, autor do livro *A bagaceira*, alvo de disputa de influência entre regionalistas e modernistas, havia falecido, deixando em aberto a cadeira de número 38 na Academia Brasileira de Letras. Nesse mesmo ano, Joaquim Inojosa publicou, de maneira independente, a coletânea “*José Américo: Algumas Cartas.*” Na contracapa do livrinho uma citação com assinatura do escritor paraibano: *A Joaquim Inojosa, uma inteligência que sempre me afeiçoei.*” Nas primeiras

Acompanhar as produções da memória de Joaquim Inojosa representa caminhar entre discursos, práticas, representações e temporalidades variadas. São relatos produzidos atendendo a interesses de momentos presentes e momentos representados temporalmente como passado em sua vida²⁸⁴. Uma citação do artista plástico pernambucano José Cláudio parece pertinente nessa trilha: “*Geralmente as histórias são contadas depois de acontecidas, mas nem sempre quer dizer que terminaram: podem ter terminado para uns e não para outros, e para alguns nem existiram.*”²⁸⁵ Operação fundamental da consciência e da ciência históricas, a distinção entre passado e presente é um elemento essencial da concepção de tempo, mesmo que esta separação seja bastante tênue, pois essas temporalidades não se constituem apenas em sua dimensão cronológica. Portanto, presente, passado e futuro estão entrelaçados e inseparáveis. Conforme Jacques Le Goff, como o

²⁸⁴ Entramos no campo da memória com Jacques Le Goff que afirma a memória como propriedade de conservar certas informações e que nos remete em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. In: LE GOFF, História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. P. 419

²⁸⁵ Tratos da Arte de Pernambuco. Recife: FUNDARPE, 1984. P. 12

presente não pode se limitar a um instante, a um ponto, a definição da estrutura do presente, seja ou não consciente, é um problema primordial da operação histórica.²⁸⁶ Dessa forma, a percepção sobre as *experiências com o tempo* mantidas por Joaquim Inojosa na produção de seus escritos conduz a necessária reflexão sobre o *tempo das experiências* desse sujeito na nossa operação historiográfica.

É desafiador construir diálogos entre essas dimensões temporais. O encontro com os diários e demais escritos de Inojosa insinua não apenas práticas de escrita no tempo, localizadas num tempo histórico, vasto, amplo, mas, também indica *práticas, maneiras* de construir experiências temporais e espaciais no âmbito dos próprios diários, experiências de viver com e no diário, alterando temporalidade e espacialidades, mas, dialeticamente, inextricavelmente situadas no tempo histórico. É nessa perspectiva de impossível dissociação entre tempo vivido, sentido e criado que nos moveremos nos *tempos do diário* de Inojosa.

No encontro com os tempos e espaços dos diários – entre 1920 e 1986 – buscamos entender as experiências construídas como significativas para esse indivíduo, na sua busca por legitimação e reconhecimento intelectual. A emergência dessas experiências não implica aceitá-las como naturais ou destituídas de sentido no jogo escriturístico de Inojosa. Parece-nos que não há espaço para a ingenuidade nesses textos. No diálogo com outras fontes, algumas vezes produzidas por ele mesmo, geramos questionamentos, indicamos possibilidades investigativas, procurando romper com as narrativas que o circunscreveram a existir apenas na década de 1920 e em sua experiência com o Movimento Modernista no Brasil. Nesse nosso exercício de investigar a construção dessas narrativas de si, enfatizando as estratégias de construção da memória do indivíduo Joaquim Inojosa,

²⁸⁶ LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. P. 207.

caminhamos com Miriam Goldenberg, acreditando que o pesquisador não deve se fixar na busca de uma coerência linear e fechada para a vida de seus personagens. É preciso apreender facetas variadas de suas existências, transitando do social ao individual, do inconsciente ao consciente, do público ao privado, do pessoal ao profissional, e assim por diante, sem tentar reduzir todos os aspectos da biografia a um denominador comum.²⁸⁷

O tempo histórico dos diários de Inojosa é o século XX. Tão amplo quanto esse tempo é o espaço das experiências. Pernambuco, Paraíba, Rio de Janeiro, Minas Gerais, lugares de moradia, de experiências de pouso geográfico. Os de passagens foram muitos, entre eles São Paulo, Buenos Aires, Santiago, Milão e Roma. Os diários, portanto, mostram uma cartografia geográfica e política de seus caminhos, percursos, escolhas e deslocamentos. Apresentam um sujeito que se lança no mundo, que é de passagem no mundo e que sofre quando esses trânsitos tornam-se cada vez menos possíveis.

Mas, enquanto escreve, Inojosa continua atuando, pois, usar palavras e imagens é agir. *Graças às palavras e imagens podemos criar universos e com elas construímos nossas subjetividades, nutrindo o mundo com um rico acervo de significações. Afinal, a linguagem não só ajuda a organizar o tumultuado fluir da própria experiência e a dar sentido ao mundo, mas também estabiliza o espaço e ordena o tempo, em diálogo constante com uma multidão de outras vozes que também nos modela, coloreiam e recheiam.*²⁸⁸ No diálogo com os diários, pensamos e sentimos as incoerências, as dialéticas, as discontinuidades, o que há de histórico e anacrônico, de incompleto e insuficiente na vida desse sujeito. Como aponta a historiadora Vavy Borges, *os problemas de interpretação de uma vida são riquíssimos, pois nos defrontam com tudo o que constitui*

²⁸⁷ GOLDEMBERG, Miriam. Apud: Schmidt, Benito. Luz e Papel, Realidade e Imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: SCHMIDT, B. (org.). O biográfico: perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000. P. 60

²⁸⁸ SIBILIA, Paula. Op. Cit. P. 31

*nossa própria vida e as daqueles que nos cercam. Em um círculo vicioso, exigem de nós autoconhecimento e preocupação com a compreensão dos outros seres humanos; mas, ao mesmo tempo, podem acabar por forçar em nós tudo isso.*²⁸⁹

Muitos temas, tempos e personagens habitarão as páginas dos diários, cujo primeiro foi escrito entre 1920 e 1921 pelo estudante de direito da Faculdade do Recife. Provavelmente, este diário poderia ser um significativo companheiro para o jovem que havia saído da casa paterna aos onze anos para estudar no internato na cidade de Timbaúba, vizinha a sua cidade natal. Será o *Livro Íntimo* o guardião dos dilemas religiosos de um rapaz que na adolescência tentou convencer o pai de sua vocação religiosa e buscou a permissão para segui-la. Conservado por seu autor, foi publicado em 1959 sob o título de *Diário de um estudante*, dedicado à memória do pai e da mãe:

*É possível que apenas aos dois entes queridos – Ele do seu túmulo e Ela, ainda viva, aos 83 anos – pudesse ou possa interessar o conhecimento dessas páginas, que eles mesmos jamais viram; porque somente eles souberam compreender as lutas travadas vida em fora por um filho que aos dezoito anos inscrevia no pórtico do seu “livro íntimo” esta sentença, como símbolo de um ideal que procurou sempre não desmentir: HEI DE VENCER PORQUE TRABALHO”*²⁹⁰

A publicação dos escritos da juventude assinala, portanto, o repensar do seu autor sobre a pertença de *seu passado*, refazendo o acordo de exclusivo interlocutor, firmado com seu diário, nos distantes anos vinte. Embora dedicando suas experiências de estudante aos pais e procurando se convencer (ou nos convencer) desses como os potenciais interessados em sua história, naquele momento o homem de cinquenta e nove anos partilhava com o mundo suas experiências, socializava *seu passado*, que já não era apenas

²⁸⁹BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005. P. 225

²⁹⁰INOJOSA, Joaquim. Diário de um Estudante.

seu, e com esse ato, aparentemente generoso, tornava o “*seu passado*” *nosso* passado, na medida em que podemos acessá-lo na forma de um livro. Com a publicação, que solta suas narrativas ao mundo, no *continuum* do presente, reafirma dialeticamente seu apego ao passado, pois, tratava-se de uma narrativa não sobre o morador do Rio de Janeiro, o homem quase idoso, mas sobre o cotidiano de estudos e formação de um jovem do distante Pernambuco.

O Rio de Janeiro que recebe Inojosa é a capital de um país de 30 milhões de habitantes com um Governo Provisório liderado pelo gaúcho Getúlio Vargas, aparentemente pouco disposto a conciliar com os adversários da véspera²⁹¹. Era a capital de um país, onde 25% da população vivia na zona urbana, com a sua Constituição (1891) nula, de Congresso Nacional e Assembléias Legislativas estaduais e municipais fechadas e de Estados governados por interventores, pessoas de confiança do presidente. Era a cidade que recebia um jovem advogado, ansioso para construir a vida na tão sonhada “cidade maravilhosa”, na expressão de Coelho Neto, escritor maranhense admirado por ele.

Inojosa presenciou durante o Governo Vargas, muitos intelectuais, em sua maioria bacharéis e homens de imprensa, serem recrutados e assumirem diversas tarefas políticas e ideológicas determinadas pela crescente intervenção do Estado nos mais diferentes domínios da atividade. Com a expansão da estrutura burocrática do Estado, homens na condição de Joaquim Inojosa, tiveram facultado o acesso às carreiras e postos burocráticos em quase todas as áreas do serviço público (educação, cultura, justiça, serviços de

²⁹¹Em Novembro de 1930, Getúlio Vargas, líder do movimento armado de oposição ao governo do presidente Washington Luís, tornou-se presidente provisório do Brasil, pela ação de uma cúpula militar que depusera o presidente e impediu candidato eleito Júlio Prestes de assumir o poder. Sobre a Era Vargas há uma vasta bibliografia. Como nosso interesse não reside no debate historiográfico do tema restringimos nossa pesquisa a alguns autores como: SKIDMORE, Thomas E. Brasil: de Getúlio a Castello (1930-64). São Paulo: Companhia das Letras, 2010; FERREIRA, Marieta de Moraes; SÁ PINTO, Surama Conde. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

segurança etc).²⁹² No entanto, sua trajetória profissional seguiu outra direção, aproximando-se da iniciativa privada, nos começos e, depois, procurando “fazer-se” de maneira independente.

Entre 1931 e 1934 suas atividades no campo jurídico foram intensas e paralelas a atividade de jornalista. Sua vida profissional no Rio de Janeiro começou em 1931, como cronista judiciário do “O Jornal” de Assis Chateaubriand. Nas suas memórias, Inojosa diz que se tratou de um convite²⁹³. Por intermédio de Chateaubriand ingressou num escritório de advocacia do jurista Alfredo Bernardes e, provavelmente, por influência desse importante homem de negócios²⁹⁴ também conseguiu ser nomeado como Adjunto de Promotor Público Interino do então Distrito Federal. Neste mesmo ano ingressou como sócio dos Advogados Brasileiros e da Associação Brasileira de Imprensa.

Nos seus textos autobiográficos Inojosa se autorepresenta como um advogado comprometido com as causas socialistas e com os temas do direito público, tendo proferido em 1932 uma conferência defendendo a internacionalização da aviação civil, segundo ele uma *advertência ao Bombardeio Aéreo de São Paulo autorizado por Getúlio Vargas* no contexto da Revolução Constitucionalista²⁹⁵. Haveria também sido um atuante defensor da nova Constituição para o Brasil (em substituição a de 1891), lutando pela socialização das

²⁹² MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. P. 197.

²⁹³ *Notícias Biobibliográficas de Joaquim Inojosa*. Rio de Janeiro: Editora Meio-Dia. 1975. Os relatos biográficos que se seguem, em sua maioria, são fundamentados nesse texto autobiográfico.

²⁹⁴ Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, mais conhecido como Chateaubriand ou Chatô, foi um dos homens públicos mais influentes do Brasil nas décadas de 1940 e 1960, destacando-se como jornalista, empresário, mecenas e político. Foi também advogado, professor de direito, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras. Era dono dos Diários Associados maior conglomerado de mídia na América Latina, que em seu auge contou com mais de cem jornais, emissoras de rádio e televisão, revistas e agências telegráficas. Recomendo o livro de MORAIS, Fernando. *Chatô - o Rei do Brasil*. Cia das Letras: São Paulo, 1994.

²⁹⁵ A Revolução Constitucionalista de 1932, considerada uma *revolta paulista* pelo historiador José Murilo de Carvalho, durou três meses e é considerada a mais importante guerra civil brasileira do século XX. Os paulistas pediam o fim do governo provisório de Getúlio Vargas e a convocação de eleições para escolher uma Assembléia Constituinte. CARVALHO, J. M. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. P 100

terras, defendendo o fim do latifúndio e propondo a completa separação entre Igreja e Estado. Sabemos o quanto estas bandeiras tiveram outros idealizadores e são demandas de muitos grupos sociais, no entanto, o escritor, em geral, se constrói como se dele emanasse a originalidade e pertinência das propostas.

A excessiva busca pelo pioneirismo e a recusa do valor do outro são traços que identificamos nas estratégias de Inojosa narrar sua história, procurando mostrá-la à sua maneira. Na carreira de advogado ressalta sua defesa da eutanásia e sua demanda no foro carioca sobre direitos autorais em gravações de disco. Ao descrever sua atuação percebemos a intenção de representar-se como polêmico, avançado, pertinente e um constante combate. Ser “*contra*” emerge como a atitude do intelectual. Se acreditarmos nos seus relatos, estaria ele distante do perfil da maioria de escritores e jornalistas que foram cooptados pela administração federal dos anos 1930. Quando se representa profissionalmente no direito, no jornalismo e na carreira de escritor percebemos a ânsia em reforçar a imagem de um sujeito autônomo. Homem com quase sessenta anos, quando abre seus arquivos e apresenta e representa suas histórias, Inojosa não tinha a sorte da aposentadoria conseguida por alguns de seus amigos, como Drummond e Plínio Doyle que conseguiram posições na máquina burocrática do Estado Novo.

Segundo Antonio Torres Montenegro, *a prática de ressignificar ou de não ressignificar o passado não é indissociável das lutas ou dos combates da história do presente*.²⁹⁶ Quais eram as frentes de luta de Joaquim Inojosa nos anos 1970 e 1980 quando resolve publicar parte de seus arquivos? O que representava seu presente? Seguindo as narrativas de si, nas quais se representava e representava o passado, provavelmente, delinearemos algumas respostas nessa prática de resignificação que delineia o lugar desse

²⁹⁶ MONTENEGRO, Antonio Torres. Memória, Percursos e Reflexões. Entrevista com Elio Chaves Flores e Regina Behar. In: Saeculum Revista de História. N. 18. João Pessoa: Jan/Jun 2008.

autor-narrador-editor dos seus tempos. Portanto, seguimos os fragmentos de seus relatos do passado como meio de entendermos os fragmentos daquele que era o seu presente potente o suficiente para que se produzisse à sua maneira.

A permanência no Grupo Bernardes de Juristas não foi duradoura. No final de 1932 Inojosa separou-se para abrir seu próprio escritório de advocacia e abandonou o cargo de Adjunto de Promotor Público. No ano seguinte, na 1ª Conferência Nacional de Juristas, realizada no Rio de Janeiro, *combateu* a Tese pró-presidencialismo do jurista, legislador Clóvis Beviláqua, propondo uma *República Socialista*. Mas, antes de apresentar seus argumentos, expressou duramente as diferenças entre ele e Beviláqua:

Sr. Presidente,

Srs. Juristas:

Antes de analisar as conclusões da “Tese nº 2”, permiti-me uma nota preliminar sobre o espírito que está predominando nesta 1ª CONFERÊNCIA NACIONAL DE JURISTAS, e que se traduz no discurso inaugural do ilustre presidente. Refiro-me ao conservadorismo jurídico, ao elogio de teorias decadentes, sem visar desenaltecer as brilhantes inteligências que se vêm enlizando nas calorosas discussões aqui desenroladas. Sobretudo, com esta afirmativa, longe de mim estaria o enrustar contra a personalidade do presidente, a cujo caráter, inteligência e cultura tenho rendido sempre as homenagens mais sinceras. Achamo-nos, porém, nas orladuras opostas de um mesmo rio, que cada um procura transpor a seu modo: nós com o feixe de teorias novas; ele com a experiências de longos anos atrelada ao carro do liberalismo do Século XIX. Não vive diversamente a humanidade atual, nesta ânsia incontida de renovação, que abala os alicerces das instituições mais resistentes. De maneira que o divergirmos, em ideias, do grande jurista brasileiro, é um louvor à sua obra, pelo interesse que ela nos desperta.(...) Pelo dogmatismo de suas conclusões, teríamos simplesmente de enfunar as velas, e, rota

*batida, singrar ao porto mais próximo e remansado. Os primeiros debates confirmaram a profecia: o espírito conservador predominava.(...)*²⁹⁷

É importante pensarmos que Clóvis Beviláqua era um homem de mais de setenta anos e um respeitadíssimo intelectual cearense que havia construído uma sólida carreira no Rio de Janeiro. Utilizando habilmente sua retórica, presente em muitos dos bacharéis formados no começo do século XX, Inojosa ataca o jurista de conservador e desqualifica seu pensamento, embora queira mostrar o contrário. Pensamos o quanto sua intervenção no Congresso era movida pelo interesse na defesa da República Socialista e o quanto, talvez mais forte do que possa parecer, pelo desejo de ser visto. Os seus adversários eram meticulosamente escolhidos ou tratava-se apenas das ousadias da juventude? Para um jovem advogado colocar-se no embate com um intelectual daquela envergadura poderia ser uma boa estratégia de visibilidade. No entanto, não sabemos ao certo, mas, essa postura pode ter sido responsável pelo isolamento que terá sofrido nas décadas de 1940 e 1950 no meio jurídico. Pensamos que, tanto se posicionar contrário ao Presidente da Conferência nos anos trinta, quanto publicar essa documentação em 1962, podem ser consideradas práticas de busca de legitimação e destaque intelectual e de busca por territórios perdidos no movimento da história. Percebemos que Inojosa selecionava astutamente não só os amigos, mas, sobretudo os seus opositores. Dessa maneira, autorizava seu ingresso em episódios de destaque no cenário político e cultural brasileiro; ou autorizava sua memória a inseri-lo de maneira destacada nesses episódios? Ademais, a publicação da conferência em defesa do socialismo, o afastava da representação de homem de direita e conservador. Imagem, à sua revelia, que emergia da década de 1940, como veremos adiante, em

²⁹⁷ INOJOSA, Joaquim. República Socialista. Discurso proferido em 24 de abril de 1933, na sede do Instituto dos Advogados Brasileiros, no Rio de Janeiro. In: Escritos Diversos: Discursos e conferências. Vol. III. Rio de Janeiro: Editora Férias, 1962. P. 191-193.

decorrência dos posicionamentos políticos do seu Jornal Meio-Dia e de suas relações com o governo Eurico Gaspar Dutra.

É interessante também acompanharmos o quanto Inojosa, nas elaborações de suas memórias públicas e privadas adota metodologias diferentes. Enquanto nos diários há um amplo espaço para os arrependimentos e os *sis* da vida, nas crônicas da imprensa, produzidas a partir de 1968, quando reingressa no jornalismo, quase todas tendo o passado como tema, não abre espaço para uma reflexão que o mostre como hesitante ou vacilante dos caminhos que tomou em sua trajetória de vida. Percebemos o seu apego por uma identidade firme e organizada. Procurou nos textos públicos ocupar um lugar extático, inabalável, de alguém que não duvidou ou se arrependeu da carreira que seguiu: um homem das letras, um homem que soube viver:

*ao transpor, ontem, a barra dos 70, bem vividos, dos quais 40 passados na Guanabara, não fiquei a pensar naquilo que fiz e deveria ter feito ou no que realizei de inútil, mas no longo tempo de amor e paciência dedicados a esta cidade de encantos mil.*²⁹⁸

Rio, 23-07-69

Por que tanto desânimo? Vivo sempre assim. Saio, porque tenho que sair. Converso porque tenho que conversar. Não sorrio. Não tenho satisfações. (...) Tudo parece vazio, sem sentido. Mesmo os dois almoços semanais, a que me acostumei, no “O Jornal” ou o do Elos Clube. Vivo a fingir que me sinto bem. Li, hoje, que se pode atribuir a males dos rins, esse estado de depressão- que em mim, então é crônico; cronicíssimo. Mas eu creio que é outra coisa; e que somente uma boa aposentadoria poderia resolver: tranqüilidade de vida. Saber que, mesmo não ganhando nada terei as despesas pagas...não vejo outra saída senão desmobilizar; vender patrimônio; torrar no cobre...Fazer dinheiro, empregá-lo;

²⁹⁸ INOJOSA, J. Imagens da Guanabara. P. 111.

*obter renda certa. Vida medíocre? Sei lá...pelo menos dias menos afanosos*²⁹⁹.

Percebemos os contrapontos, os dilemas nas práticas de representação, de construção de significados que estão sendo instituídos por esse sujeito. Não se trata de invalidar um posicionamento ou outro, de buscar o verdadeiro ou falso nessa escrita íntima em confronto com a escrita pública. São as incoerências, as disputas, as hesitações e ousadias na maneira de se construir no presente e se reconciliar com o passado. Os lamentos de Inojosa, ele próprio os interditava no mundo público. Como se pergunta a antropóloga Paula Sibilia, ao analisar os blogs e as narrativas confessionais nas redes sociais digitais (como facebook e Orkut): *vida ou obra*³⁰⁰, encontramos nas narrativas de Joaquim Inojosa? Será que podemos gerar esse questionamento ao nos depararmos com essas versões sobre si nos relatos desse homem?

Pensamos que as narrativas íntimas, produzidas no âmbito dos diários, no entanto, não podem ser pensadas como as mais seguras para alcançarmos um Inojosa pretensamente verdadeiro. Seria uma falsa questão, este não existe. O quanto de devaneios, sonhos, desejos e projeções não carregam suas narrativas íntimas? O quanto de frustrações, arrependimentos e ressentimentos não são silenciados? É tentador querermos encontrar a “essência” de Joaquim Inojosa. Mas, é um percurso vão. Esse sujeito é tão complexo quanto alguns de seus posicionamentos. No entanto, o que investigamos são as maneiras como esse sujeito procurou narrar-se, como procurou controlar suas narrativas de si, ora se exibindo, ora se preservando, relacionando-se de maneira tensa com a história, ora sua cúmplice, ora sua algoz. Perceberemos, no velho Inojosa, as inquietudes e dificuldades de

²⁹⁹ Diário Íntimo. Caderno 13. 1969.

³⁰⁰ SIBILIA, Paula. Eu *narrador* e a vida como relato. In: O show do eu: a intimidade como espetáculo. P. 29

aceitar as transformações históricas e as reconfigurações que elas provocam na vida dos indivíduos.

É significativa sua insatisfação com a ausência de uma aposentadoria. Em seus relatos percebemos como busca significados, justificativas para essa sua condição presente, ora se auto-representando como um homem que na juventude e na maturidade manteve anseios de autonomia profissional ora como um homem que adotou a imprevidência, a despreocupação com o futuro como princípio. De toda forma, se autorepresenta como um sujeito de escolha. No entanto, ao nos imiscuirmos nos diários, ao aguçarmos nossa leitura, procurando construir outros sentidos para as histórias de Inojosa, deparamo-nos com as fragilidades das suas auto-representações e sua dificuldade de admitir que havia algo fora do seu controle. Se, nos anos 1930, quando chega ao Rio de Janeiro, o jovem Inojosa “escolheu” ser autônomo, não ter patrão, nem ser funcionário público, o Inojosa de mais de sessenta anos, parece que procurou rever essa escolha, mas o jogo político era outro, as forças que atuavam eram bem diferentes da oligarquia dos anos 1930. De toda forma, mesmo sem querer admitir para si mesmo, Inojosa tentou. Em março de 1967, nos encontros com seus amigos militares ou por meio de cartas, procurou alcançar a tal *tranqüilidade de vida* por meio de cargo ou emprego público:

Escrevo ao Gen. Mario Gomesuma carta, lembrando-lhe o convite que me fez, caso assumisse a presidência da “Coderbrás”, de levar-me a ajudá-lo na administração. Acontece que o Amiº já se acha instalado no cargo. Isso me obrigaria a transferir-me para Brasília... Sinceramente, não me sinto inclinado a mudar de residência. Quero mesmo é tirar a limpo a sinceridade do Gen. Pois quando precisou que eu falasse ao Dutra – o que fiz – para que este fosse ao Costa e Silva – o que fez – pleitear sua nomeação

*– o que obteve -, soube insistir para que o acompanhasse...Agora, na presidência, silêncio completo (...)*³⁰¹

Trata-se de um registro carregado de significados para Inojosa e para os historiadores interessados em suas escritas de si e em sua trajetória. Ele procura mostrar que se tratava de um “convite” e que estava “apenas lembrando”, “testando” o amigo. Procura já construir sua indiferença e mesmo recusa quanto a transferir-se para Brasília que, desde os anos 50 era a capital política do Brasil, em detrimento do Rio de Janeiro, onde Inojosa havia construído suas relações políticas. Sentimos como procura representar-se na posição de alguém privilegiado, no passado, por ser mediador de trocas de favores entre os militares e, no presente, por dar-se ao direito de escolher morar ou não no Rio de Janeiro, aceitar ou não o cargo na empresa de despachos do Brasil, Coderbrás.

O relato acima ainda mostra que, provavelmente, nos anos sessenta, os seus antigos amigos políticos que, certamente, procuraram se manter nos cargos durante o governo militar, não estavam morando no Rio de Janeiro. Para entendermos algumas das estratégias de busca por reconhecimento e legitimação adotadas por Inojosa, esse fato é significativo, pois entendemos que será a partir daí, do seu isolamento político, que redes de relações ligadas à sua antiga prática jornalística e ao mundo das letras começarão a ser refeitas. Talvez, seja por meio dessa percepção dos silêncios dos antigos interlocutores que Joaquim Inojosa buscará construir-se como um vocacionado homem das letras, como o eterno jovem difusor do modernismo dos anos 1920.

Da dispersão das fontes, percebemos que do final da década de 1930 até meados da década de 1960, Inojosa, à reboque do desenvolvimentismo predominante na economia brasileira, procurou como industrial e empresário construir sua vida material. Além das

³⁰¹INOJOSA, Joaquim. Diário Íntimo. 17/04/67.

oportunidades no crescimento do país, tentou tirar proveito, inclusive, das crises. Em 1943, com o amigo médico Jurandir Magalhães, chegou a organizar uma empresa de transporte de cargas e fornecedora ao comércio do Rio de Janeiro de carvão vegetal para gasogênio, usado em automóveis durante a Segunda Guerra³⁰². Em decorrência da crise do petróleo no contexto da Guerra (1939-1945), diante do racionamento de gasolina imposto pelo governo, o gasogênio, gás obtido por meio da queima de carvão, tornou-se o principal combustível do país. Não só veículos particulares, mas ônibus, caminhões e até veículos de corrida eram abastecidos com o gasogênio³⁰³. Provavelmente, um momento da vida de Inojosa em que ganhou muito dinheiro.

Inojosa manteve-se até a década de 1960 em redes políticas e econômicas privilegiadas. Por meio dos fragmentos de relatos sabemos que construiu com o General Eurico Gaspar Dutra uma relação de amizade que perdurou até a morte do ex-presidente. Percebemos como se envaidece ao lembrar que freqüentou a casa particular de Dutra por mais de 20 anos, a chamada “Casa da Amizade”³⁰⁴. Em várias de suas narrativas, procura ressaltar além da amizade, seu importante papel durante o governo. Uma interessante parte de sua trajetória que merece ainda ser investigada de maneira aprofundada. Entender as relações profissionais e políticas de Inojosa nos anos 1940, provavelmente, será fundamental para compreendermos muitas dos rumos que sua vida tomou posteriormente e muitos dos lamentos e arrependimentos que o assombram na velhice.

Sabemos que participou ativamente da campanha política em favor da candidatura do General Dutra à Presidência da República, que foi eleito em dezembro de 1945 e permaneceu no poder até 1951. Dutra, candidato do Partido Social Democrático (PSD) em

³⁰² Joaquim Inojosa. Notícias Biobibliográficas. Rio de Janeiro: Editora Meio-Dia. P. 45

³⁰³ Consulta realizada no site <http://www.brasilecola.com/quimica/gasogenio.htm>.

³⁰⁴ INOJOSA, Joaquim. Notícia Biobibliográfica. P. 45

coligação com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) teve como vice-presidente Nereu Ramos. Seu governo, transcorrido dentro do contexto da Guerra Fria, do ponto de vista político foi marcado por posicionamento conservadores como o rompimento das relações do Brasil com a União Soviética, fechamento do Partido Comunista e perseguição e prisão de sindicalistas que faziam oposição ao governo. É nesse governo que, entre os anos de 1946 e 1947, Inojosa atua, por meio de nomeação, como Conselheiro do Ministério do Comércio, Indústria e do Trabalho. Será como defensor do Dutra que funda o semanário *A Nação*, órgão de feição política, integrado a propaganda desse governo.³⁰⁵

Além disso, participará, em 1949, como representante do Território Federal do Rio Branco (Roraima) na 1ª Conferência Brasileira de Colonização e Imigração, realizada em Goiânia, segundo ele, criando a 6ª Comissão destinada aos estudos de Valorização da Amazônia, para a qual é designado relator. Certamente nos Arquivos do Congresso Nacional e do Senado teríamos mais informações sobre a participação de Inojosa nesse debate. De toda forma, são teias interessantes para pensarmos sua trajetória e também insinuar o quanto práticas e discursos aparentemente contemporâneos, como os de valorização da Amazônia, são mais antigos do que imaginávamos. Nas suas memórias sobre a 1ª Conferência Brasileira de Colonização e Imigração, Inojosa procura apresentar-se como o autor de uma tese que propunha a criação de novos territórios federais, além dos então existentes, o que significaria: *valorizar a Amazônia, colonizando-a e explorando-lhe as imensas riquezas existentes.*³⁰⁶ O quanto hoje, depois de tantas práticas e discursos, de tantas disputas em torno dessa parte do território nacional, tais palavras nos soam repletas de ruídos!

³⁰⁵ Além dos recortes localizados no arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa e das menções nos textos autobiográficos, não encontramos pesquisas específicas sobre esse periódico.

³⁰⁶INOJOSA, Joaquim. Notícia Biobibliográfica. P. 46.

Na década de 1940, o interesse científico e econômico pela a Amazônia configurou-se no interesse da Unesco em implantar um “Centro de Pesquisa na Amazônia de Caráter Legal”. Esse Centro de Pesquisa englobaria os países fronteiriços, além da Inglaterra e França devido a suas possessões coloniais, junto com EUA e a Itália que *a priori* participaria com ajuda financeira e tecnológica.³⁰⁷ Essa ideia gerou discussões nos centros acadêmicos e no Congresso Brasileiro, que na sua maioria se mostrou contrário.³⁰⁸ No seu texto autobiográfico, *Notícia Biobibliográfica de Joaquim Inojosa*, a narrativa sobre sua participação é construída ofuscando o que há de coletivo, de social no debate. Parece que toda história é apenas sua. É essa a imagem que procura construir quando afirma:

*Consegue a criação da 6ª Comissão, destinada aos estudos de Valorização da Amazônia, para o qual é designado Relator. Nesta qualidade dá parecer contrário à criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica, parecer que o plenário aprova.*³⁰⁹

Até onde sabemos, o relator é o sujeito que sintetiza as discussões, que organiza o texto, as posições dos demais participantes do debate. Juridicamente falando, dentro de qualquer comissão, relator é a pessoa encarregada de transcrever para o papel e ler em plenário o que foi decidido, inclusive com direito de voto. Parece-nos que é a expressão “*nesta qualidade*” no texto publicado em 1975, narrado em terceira pessoa que emite os signos de autoridade, de poder e de controle, lugares e posições que Inojosa buscou ocupar, no presente e no passado.

São narrativas carregadas de individualismo, são narrativas que produzem a *espetacularização do eu*. No entanto, sabemos como as experiências individuais são

³⁰⁷ OLIVEIRA, Robson Souza de; Arguelles, Delmo de Oliveira. Instituto Internacional da Hiléia Amazônica. Disponível em In: <http://www.uniceub.br/Pdf/2%C2%B0PIC%202003>.

³⁰⁸ Idem.

³⁰⁹ Notícias Biobibliográfica de Joaquim Inojosa. P. 45.

produzidas dentro da história, que no mundo e, ainda mais no campo da política, ninguém constrói nada sozinho. Os sujeitos estão imersos em redes de tensões, de afetos, de lutas e conquistas, ora recuando, ora avançado. Toda trajetória é feita de sombras e luzes. A questão é a maneira de significarmos nossas experiências. Como ensina Antonio Montenegro, *a atividade de rememorar voluntária ou involuntária é uma elaboração que contempla mediações e transformações. Passado e presente, memória e percepção instituem uma relação tensa em que se abrem ou não possibilidades de novas redes de significação.*³¹⁰

Percebemos como lamentos, tristeza, solidão, às vezes, raiva e ressentimento são sentimentos mobilizados nas narrativas produzidas por Inojosa, no âmbito público e privado, como estratégia de significação do passado:

*Penso, às vezes, que o fim será para mim o supremo alívio, embora leve a grande dor de não haver terminado a minha obra literária. Dez anos seriam necessários para isto. Não quis Deus, não quer a natureza que isto aconteça. Não a quis a minha imperdoável previsão de vida, em que de tudo cuidei, menos de preparar a base de segurança da velhice.*³¹¹

Na experiência da escrita de si e na vida, Inojosa equilibrava-se entre o apaziguamento e o não – apaziguamento com sua história. São muitas as suas tentativas de ordenamento do passado e do presente, tentativas de encontrar o *supremo alívio*. Até a morte, ou o pressentimento da morte, será taticamente mobilizada na construção de sua memória. Como o guerreiro medieval de Ingmar Bergman, Inojosa parece jogar com a morte, lamentando não ter terminado sua obra, faz-lhe promessas, estabelece prazos: *dez anos seriam necessários para isso*.

³¹⁰MONTENEGRO, Antonio. Rachar as palavras: uma história a contrapelo. In: História, Metodologia, Memória. São Paulo: Contexto, 2010. 40.

³¹¹

Mas que obra a ser construída por um homem de mais de oitenta anos? O filósofo Bertrand Russell, no seu texto autobiográfico, dá-nos um interessante testemunho de sua experiência de velhointelectual: *ao atingirmos os oitenta anos de idade, é razoável supor que o grosso do nosso trabalho já está feito, e que aquilo que resta por fazer será menos importante*³¹². Parece que a razoabilidade não era o critério de Joaquim Inojosa. Ao longo da pesquisa, percebemos que, diferente do que algumas de suas narrativas querem mostrar, foi só a partir dos sessenta anos que a construção dessa possível obra começou a lhe incomodar, que o investimento na carreira de “arauto modernista no Nordeste”, de escritor, do lugar de intelectual, se torna sua principal aposta na vida. Principalmente, será a partir dos setenta anos que passa a registrar o desejo de construir sua obra e que perceberemos seu esforço em ocupar espaços de consagração intelectual.

A morte foi generosa com ele, muitas vezes. Por que não construiu sua obra? Será que ela não foi construída? Ou será que ela não foi reconhecida a altura das suas exigentes expectativas? Ou será que ele não foi hábil o bastante ou forte o bastante na construção de redes intelectuais capazes de assegurar a medida das suas ambições de legitimação?

Vemos que a história e a vida são territórios de possibilidades, de possíveis, de dúvidas e incertezas. Na experiência de construção de sua imagem por meio da escrita, percebemos o quanto Inojosa procura afastar seus posicionamentos políticos, suas teias de interesses materiais e de busca de prestígio no ordenamento de sua história de vida. Responsabilizar o acaso, o destino e mesmo a imprudência na maneira de gerenciar sua vida, como consolo para suas expectativas frustradas, é ainda manter-se estratégico, pois afasta de sua escrita o peso dos jogos políticos, dos campos de interesses ideológicos e

³¹² RUSSELL, Bertrand. Op. Cit. P. 47

econômicos em que foi se posicionamento ao longo da vida, não admitindo o movimento, o dinamismo e a imprevisibilidade da História.

É o controle sobre a Memória e a História que procura exercer nos e por meio dos seus textos. É a ausência de sossego e a não aceitação das experiências vividas, da responsabilidade das escolhas feitas e da ausência de controle das situações históricas onde os sujeitos se movem. Parece que sua maior assombração – o medo do esquecimento – poderia ter sido o seu remédio. Como Funes, o memorioso homem de Jorge Luis Borges, que nada esquece, Inojosa sofria e se atormentava. É um homem apegado demasiadamente ao passado, pois fez dele sua promessa de futuro. Em suas narrativas, nos encontramos com a sua dificuldade, às vezes nossa e de cada um de nós, de entender que a História é um território largo, profundo, propício às aventuras, às rotas alternativas, lugar de tudo, inclusive, de recomeço.

AS POSSIBILIDADES DA HISTÓRIA: À GUIA DE CONCLUSÃO

Entrava e saía dos relatos, circulava pela cidade,
 procurava orientar-se nessa trama de esperas
 e de protelações da qual já não podia sair.
 Era difícil acreditar no que estava vendo,
 mas encontrava efeitos na realidade.
 Parecia uma rede, como um mapa do metrô.
 Viajou de um lado para o outro, cruzando as histórias,
 e deslocando-se em vários registros ao mesmo tempo.³¹³

Compreendermos como esse intelectual procurou representar-se em sua escrita de si e acompanharmos suas estratégias de usos da memória do modernismo implicou em navegarmos em dúvidas, incertezas, em veredas tão fluidas quanto o são as memórias e as narrativas. Ao longo da pesquisa e escrita desta tese, cruzamos territórios e trajetórias de diferentes sujeitos. Seguindo as elaborações das memórias e dos escritos de Joaquim Inojosa expandimos os objetivos, os arquivos e nossas histórias. As fontes – diários, livros, memórias, poesias, crônicas – fragmentárias, dispersas, estilhaçadas insistiam em desdobrar histórias e, ao mesmo tempo, narrar a trajetória de um homem de uma história aparentemente única e linear. Parecia que estávamos dentro do romance *A cidade ausente* de Ricardo Piglia. Nesse romance, que gira em torno de Macedônio Fernandez, sobre as lacunas e incertezas que existem em sua biografia e bibliografia, existe uma máquina, operada pelo jornalista Júnior, capaz de gerar relatos, com informação programada e manipulada. As realidades artificialmente produzidas e os dados suprimidos constituem matéria importante na tessitura do romance que prima pelo discurso intertextual. Por meio de seus atos biográficos – publicações, palestras, cartas, participação em acadêmicas e confrarias literárias – Inojosa nos conduziu muitas vezes a mundo de intertextos e personagens de limites, tempos e individualidades imprecisos, no entanto,

³¹³ Personagem Júnior no romance *A Cidade Ausente* do argentino Ricardo Piglia. São Paulo: Iluminuras, 1997.

mantendo a programação e controle de seus relatos que, em vez de escassos, são abundantes. O deslocamento analítico e o desvencilhar-se das tramas da subjetividade foram nossos desafios frente às redes discursivas produzidas pelo velho Joaquim Inojosa, no Rio de Janeiro.

Com uma leitura e uma escrita que nomeamos de aproximação e com a intenção de não (re) construirmos uma identidade fixa para o indivíduo Joaquim Inojosa, iniciamos nossa história com as experiências do jovem estudante da Faculdade de Direito do Recife. Por meio de seus diários de 1920 e 1921 abordamos as práticas de leituras, as primeiras aventuras no mundo do jornalismo, do direito e da literatura. No momento de produção do capítulo primeiro da tese, não tínhamos conhecimento do *Arquivo Joaquim Inojosa* na Fundação Casa de Rui Barbosa e não fomos capazes de dimensionar, naquela narrativa, o sentido estratégico da publicação em 1959. No *Diário de um Estudante* percebemos como o entrelaçamento da vida de estudante e da atividade política é uma tônica. No mais das vezes, se esvai a imagem do estudante e aparece o sujeito mergulhado na política. É necessário lembrarmos o capítulo segundo, quando reencontramos Inojosa dividido entre a carreira de escritor e a candidatura política. Não temos como assegurar a relação precisa entre a publicação e as experiências do homem de meia-idade no Rio de Janeiro de final dos anos 1950, mas possivelmente se tratou de uma política de memória anterior ao projeto de construir-se como *arauto do modernismo*. Ademais, no capítulo *Tempo de Estudante* percebemos como as figuras de Clóvis Bevilacqua e Rui Barbosa emergem como modelos de *intelectuais do Norte* e como posteriormente são mobilizados nas suas estratégias de construção de genealogias e espaços de legitimação intelectual. Seguindo ainda as experiências do estudante, percebemos como a leitura de Arthur Schopenhauer pode ter sido fundamental na construção do modelo de escritor defendido por Joaquim Inojosa.

Manter-se solteiro, avesso às relações com mulheres, por entender que o casamento não era compatível com a carreira literária e estruturar suas memórias carregadas de pessimismo, angústia e ressentimento, delineando o sofrimento como território de suas experiências são traços característicos do temperamento e filosofia do aristocrático *solteirão de Frankfurt*³¹⁴ que podem ter sido subjetivados por Joaquim Inojosa.

Após as experiências de estudantes em Pernambuco e Paraíba entre 1920 e 1921, as demais narrativas foram construídas abordando as práticas e estratégias de elaboração da memória do escritor, homem de mais de sessenta anos, morador da cidade do Rio de Janeiro. Tratou-se de o entendermos como *intelectual*, movendo-se em redes complexas da cultura e da política. Percebemos que por meio da memória do modernismo de 1922 e de escritores ilustres como José Américo de Almeida e Carlos Drummond de Andrade pode se inserir em redes de sociabilidades legitimadoras de sua condição de escritor. Cada um dos livros publicados entre as décadas de 1950 e 1980 deve ser entendido como *arma*, como vetor de ação do intelectual.

Dentre todas as publicações, *Cartas a José Américo de Almeida* (1980) é a mais significativa por nos indicar o provável motivo de tanta tristeza, lamento e percepção de obra incompleta que vagueia nos últimos relatos do *Livro Íntimo*. O autor de *A Bagaceira*, paraibano, homem de literatura e de política, manteve nos anos 1920 troca intelectual com o jovem Inojosa. Na década de 1930, as divergências políticas após a Revolta de Princesa acabaram afastando os amigos. No entanto, nos anos 1960 quando decide publicar seus volumes *O Movimento Modernista em Pernambuco* Joaquim Inojosa constrói o

³¹⁴ A expressão é de Russell. Sobre a vida e o pensamento de Arthur Schopenhauer: RUSSELL, Bertrand. História da Filosofia Ocidental: Filosofia Moderna. Livro Quatro. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1967. P. 300-307.

debate entre modernistas e regionalistas colocando *A Bagaceira* como elemento de disputa de influência.

Para compreendermos essa reaproximação devemos destacar que em 1967 José Américo de Almeida tornou-se *imortal* da Academia Brasileira de Letras e em 1976 foi eleito o Intelectual do Ano. Em carta de 1976, Joaquim Inojosa, ocupante de uma cadeira na Academia Carioca de Letras, vice-presidente da Ordem dos Velhos Jornalistas, diretor-secretário do Sindicato dos Escritores da Guanabara, expressa ao *amigo* sua aspiração de concorrer a uma vaga na Academia Brasileira de Letras e pede apoio e voto.³¹⁵ Lembremos que o livro *Notícia Biobibliográfica* foi publicado em 1975. Ao cruzarmos com essas informações podemos pensá-lo como um potente currículo produzido por seu autor. O esforço autobiográfico que percebemos nas décadas de 1960 e 1970 em Joaquim Inojosa, seus usos do movimentos modernista, possivelmente, tinham um alvo definido: *tornar-se acadêmico imortal*. A resposta de José Américo em 1976, certamente, foi um motor para seus ideais: *Recebi sua carta. É muito legítima sua aspiração, quando não fosse por suas credencias de escritor, pela parte que tomou no Movimento Modernista. Assim não lhe faltam títulos para entrar na Academia.*³¹⁶

Em 1980, José Américo, afastado da vida pública e morador da Praia de Tambaú na Paraíba, faleceu deixando vaga a cadeira número 38 na Academia Brasileira de Letras. É essa vaga que Joaquim Inojosa disputará e perderá para o ex-presidente José Sarney. O livro *José Américo de Almeida: algumas cartas* deve, portanto, ser visto como estratégico instrumento para construir a ideia de uma amizade de vida inteira com esse *imortal*. O livro começa com um texto intitulado *De um humilde discípulo ao mestre insigne* e apresenta

³¹⁵ Na carta de 10.10.1976 endereçada a José Américo de Almeida e as notas do autor nos permitem construir essa interpretação. INOJOSA, Joaquim. *José Américo de Almeida: algumas cartas*. Rio de Janeiro, s/editora, 1980. P. 46.

³¹⁶ Carta de José Américo de Almeida. 10-10-1976.

cartas trocadas em 1920 (3cartas) e depois as trocadas nas décadas de 1960 e 1970 (18 cartas). Afirma Inojosa nesse livro:

As cartas que vão se ler (...) revelam admiráveis facetas da invulgar personalidade de José Américo de Almeida: a do escritor e a do amigo. Da primeira aí está clara confissão de se haver integrado com o movimento modernista de 1922, iniciado em São Paulo com a Semana de Arte Moderna e no mesmo ano divulgado em Pernambuco. (...) Da segunda, a confissão íntima de que estava comprometido com alguns nomes para uma vaga na Academia Brasileira de Letras, mas se o amigo, na sua “legítima aspiração”, viesse a candidatar-se, saberia explicar como se achava obrigado a apoiá-lo.”³¹⁷

Pensamos que o trecho acima mostra como Joaquim Inojosa procurou construir sua carreira de escritor. Apropriou-se da memória do movimento modernista, usando e abusando da autoridade e legitimação de seu papel de divulgador no Nordeste dos anos 1920; Construiu e reconstruiu relações de *amizades* que lhe permitiram adentrar e permanecer em alguns espaços de reconhecimento intelectual e político. Embora seus discursos, seus adversários e seus interesses aparentemente os ligassem a Pernambuco, ao Nordeste, era o Rio de Janeiro e a Academia Brasileira de Letras os espaços de sua desejada consagração. É sintomático que publique as cartas de José Américo de Almeida como meio de construir sua genealogia e para mostrar-se autorizado pelo *dono da cadeira* a ocupá-la. É um ato que nos remete às suas memórias de estudante, quando destacou que em 1918, aos 18 anos, entrou no Liceu Paraibano com uma carta de Assis Chateaubriand. A carta de recomendação, a carta de amizade, a carta como instrumento de troca de favores emerge das memórias desse indivíduo como maneira de articular-se política e intelectualmente. São cartas, publicações e amizades estratégicas que pululam das leituras e análises da documentação e trajetória desse intelectual.

Nesta tese descobrimos uma emaranhada e complexa rede de relações políticas no campo da cultura, desafiando o tempo inteiro a interpretá-las. O Jornal Meio-Dia e a

³¹⁷ INOJOSA, Joaquim. Op. Cit. P. 18.

participação no governo Eurico Gaspar Dutra são exemplos da densidade da trajetória desse indivíduo. Os anos 1930 e 1940, lacunares nos diários, apresentam-se como períodos desafiadores e profícuos a novas pesquisas sobre a trajetória desse sujeito. Percorrer as memórias de Joaquim Inojosa possibilitou a compreensão das amplas vinculações do campo intelectual com a economia e política e o esforço desse sujeito para reunir e demarcar sua identidade e seu lugar na história cultural do país. Acreditamos que os livros e os arquivos desse homem podem ser potenciais produtores de história, mostrando a complexidade das relações entre o meio intelectual e a política entre as décadas de 1960 e 1980.

No entanto, além de tentarmos contribuir com a historiografia do modernismo, ressaltando a relevância de situarmos os produtores dos discursos, suas redes de relações e os sentidos que procuram instituir por meio de e nos seus livros, pensamos que nossa tese colabora metodologicamente no campo da história dos sentimentos e dos estudos sobre memória. A leitura do diário, análise da escrita de si de um velho intelectual mostrou-se tensa, permeada de subjetividades e jogos de forças geracionais e de gênero. Percebermos os sentimentos e atitudes— solidão, tristeza, lamento, dor, sofrimento - como possíveis estruturadores da memória de Joaquim Inojosa foi fundamental para uma compreensão analítica mais densa e capaz de romper o controle interpretativo que permeia todos os diários e a doação do acervo a Fundação Casa de Rui Barbosa. Ademais, no diálogo com a psicanálise, mostramos como os historiadores são capazes de criar outras pertinências e sentidos no campo da história dos intelectuais e o quanto a história interpretativa é capaz de instituir arbitrariamente identidades. Certamente, a nossa escolha por uma pesquisa ampla, sem uma delimitação temporal e geográfica e uma escrita panorâmica e de aproximação colocaram limites, sobretudo no campo da historiografia. Tornou-se

praticamente impossível o diálogo historiográfico consistente referente a cada âmbito geográfico, político e literário por onde nosso sujeito transitou. Assumimos que nosso interesse maior nesta tese, por meio da análise dos usos da memória do modernismo elaborados por Joaquim Inojosa, foi apresentar as possibilidades de pesquisas com as fontes do Arquivo Joaquim Inojosa localizado na Fundação Casa de Rui Barbosa e a necessidade de narrativas e interpretações sobre outras dimensões da vida desse indivíduo que ainda carecem de estudos e podem revelar interessantes questões sobre política e meio intelectual no Brasil Contemporâneo.

Precisamos dizer que um comentário do jornalista e pesquisador Mário Hélio nos acompanhou ao longo desta pesquisa e, gradativamente, foi sendo ressignificada no correr dessa escrita. Nos oitenta anos do *Jornal do Commercio*, numa matéria sobre a Crítica Literária nesse jornal, ao comentar sobre a participação de Joaquim Inojosa na década de 1920 e sua polêmica literária com José Lins do Rêgo, o que percebemos como brigas entre colegas de Faculdade, e o que Mário Hélio considera expressão da *inutilidade* da crítica literária de então, destaca:

“Por essas e outras dá pra fazer idéia sobre a inutilidade completa das polêmicas literárias. José Lins do Rego é romancista até hoje consagrado. Ninguém se lembra mais de Inojosa, exceto pela polêmicas que travou com Gilberto Freyre e de sua atuação como divulgador do movimento modernista em Pernambuco. Da expressão local do movimento parece somente restar hoje Ascenso Ferreira.”³¹⁸

A frase *Ninguém se lembra mais de Joaquim Inojosa* nos incomodava e, algumas vezes, chegamos a pensar que nosso objetivo fosse confrontar tal afirmação no crítico literário, mostrando seu equívoco ou mesmo dando visibilidade a Joaquim Inojosa. Hoje, entendemos essa frase como significativo indício da política de memória que permeia o

³¹⁸ A Literatura nas páginas do JC por Mário Hélio. Especial 80 anos. *Jornal do Commercio Online*. http://www2.uol.com.br/JC/_1999/80anos/80c_21.htm

meio cultural e intelectual do nosso país, a percebemos como expressão das disputas que permeiam e movimentam a história, inclusive, a história literária. No entanto, sobretudo, passamos considerá-la como fundamental para a prática historiográfica que não deve ser naturalizante e cristalizadora. O esquecimento, dimensão essencial da memória, é absolutamente necessário na nossa vida e na história. Por meio do esquecimento somos capazes de seguir adiante e não nos petrificarmos diante de erros, equívocos, limites. O esquecimento que atormentava Joaquim Inojosa pode ser o remédio para que sua trajetória possa ser reescrita com novos personagens e enredos, até mesmo com aqueles que nos tiram o fôlego.

Gostaríamos de apresentar esta tese como uma maneira de partilharmos nossa experiência de jovem historiadora, imersa num campo acadêmico no Nordeste do Brasil, entrecruzada por práticas e discursos sedentos por instituir identidades, inclusive sobre a nossa escrita. Desejaríamos dividi-la como a experiência de alguém que pesquisa e escreve imerso no campo da arte contemporânea, desafiada a lidar com os persistentes discursos sobre regionalismo e modernismo; Gostaríamos de compartilhá-la como pesquisadora estimulada por seus professores a pensar a História como criação, invenção, potente para transformar o presente e o passado e maneira de estabelecermos diálogos carregados de leveza e boniteza. Sabemos de todos os nossos limites e dificuldades na construção do conhecimento, na produção desta pesquisa, desta escrita e na vivência deste ofício que escolhemos, no entanto, com Freud e o poeta Ruckert nos consolamos a respeito do nosso lento avanço: *“Aquilo que não podemos chegar voando, temos de alcançar mancando. A escritura diz que: mancar não é pecado.”*³¹⁹

³¹⁹ FREUD, S. Além do Princípio do Prazer. In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago Ed.2006. p. 182.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

1. INSTITUIÇÕES DE PESQUISA:

Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)

Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo – IEB-USP

Arquivo-Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa

Bibliotecas da Universidade Federal de Pernambuco

2. FONTES DOCUMENTAIS

2.1 Biografias e Memórias

ATHANÁZIO, José Enéas Cezar. *Presença de Inojosa*. Blumenau: Gráfica 43; Casa Dr. Blumenau, 1985.

DOYLE, Plínio. *Uma vida. Rio de Janeiro*: Casa da Palavra; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999.

FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade*. São Paulo: Global; Recife: Fundação Freyre, 2006.

GARCIA, Rosa. *Joaquim Inojosa: diálogos e comentários*. Rio de Janeiro: Erca Editora 1987.

OLIVEIRA, Valdemar de. *Mundo submerso: memórias*. 3. ed. Recife, 1985.

RUSSEL, Bertrand. *Retratos de memória e outros ensaios*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

SENNA, Homero. *O Sabadoyle: histórias de uma confraria literária*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

2.2 Publicações de Joaquim Inojosa

INOJOSA, Joaquim. *Diário de um estudante, 1920-1921*. Rio de Janeiro: Editora Férias, 1959.

_____. *Diário de um turista apressado*. Rio de Janeiro: Editora Livros Organização Simões, 1960.

_____. *Escritos diversos: discursos e conferências*. Rio de Janeiro: Editora Férias, 1963. v. II.

_____. *Escritos diversos: crítica e polêmica*. Rio de Janeiro: Editora Férias, 1963. v. III.

_____. *O movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Editora Tupy, 1968. v. 1.

_____. *O movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Editora Tupy, 1969. v. 2.

_____. *O movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Editora Tupy, 1969. v. 3.

_____. *Um movimento imaginário: resposta a Gilberto Freire*. Rio de Janeiro: s/e 1972.

_____. *Malba Tahan: o mercador de esperança*. Rio de Janeiro: Academia Carioca de Letras, 1975.

_____. *Os Andrades e outros aspectos do modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, 1975.

_____. *60 anos de jornalismo (1917-1977)*. Rio de Janeiro: Editora Meio-Dia, 1978.

_____. *Pá de cal*. Rio de Janeiro: Editora Meio-Dia, 1978.

_____. *70 atas sabadoyleanas*. Rio de Janeiro: Edições Sabadoyle, 1980.

_____. *José Américo de Almeida: algumas cartas*. Rio de Janeiro: s/e, 1980.

_____. *Sursum corda!:* desfaz-se o “equivoco” do manifesto regionalista de 1926. Rio de Janeiro: s/e, 1981.

_____. *Em casa mineira nunca faltou um lugar...* Minas Gerais: Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, 1982.

_____. *A arte moderna: 60 anos de um manifesto modernista*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1984.

3. Livros, Artigos, Dissertações e Teses

ALAMBERT, Francisco. *A semana de 22: a aventura modernista no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: EDUSC, 2007.

_____. *Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

AMARAL, Aracy. *Artes Plásticas na Semana de 22*. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. *Arte para quê?, a preocupação social na arte brasileira, 1930-1970: subsídios para uma história social da arte no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2003.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 51. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. *As impurezas do branco*. 10. ed. Rio de Janeiro, Record, 2005.

_____. *Claro enigma*. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1984.

ANDRADE, Oswald de. *Estética e política*. São Paulo: Globo, 1992.

_____. *Ponta de lança*. 5. ed. São Paulo: Globo, 2004.

_____. *Escritos antropófagos*. Buenos Aires: Corregidor, 2008.

ANJOS, Moacir dos. *Local/global: arte em trânsito*: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. *Mário Pedrosa: itinerário crítico*. São Paulo: Editora Página Aberta, 1991.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte e crítica de arte*. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

ARGAN, Giulio Carlo; FAGIOLO, Maurizio. *Guia de História da Arte*. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

ARTIÈRE, Philippe. *Arquivar a própria vida*. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, vol. 11, número 21, 1998.

AZEVÊDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura, 1984.

BARBOSA, Bartira Ferraz; FERRAZ, Socorro (Orgs.). *República brasileira em debate*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.

BARBOSA, Francisco Assis. *Intelectuais na encruzilhada: correspondência de Alceu Amoroso Lima e António de Alcântara Machado*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.

BARROS, Fernando de Moraes. *Nietzsche: sobre verdade e mentira*. São Paulo: Hedra, 2008.

BARROS, Souza. *A década 20 em Pernambuco: uma interpretação*. Rio de Janeiro, s/e. 1972.

BASTAZIN, Vera (Org.). *A semana de arte moderna: desdobramentos (1922-1992)*: EDUC, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BERGSON, Henri. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *Memória e vida*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BERTOLI, Mariza; STIGGER, Veronica (Orgs.). *Arte, crítica e mundialização*. São Paulo: ABCD; Imprensa Oficial do Estado, 2008.

BERTONHA, João Fábio. *A construção da memória através de um acervo pessoal: o caso do Fundo Plínio Salgado em Rio Claro (SP)*. Patrimônio e Memória. UNESP, FCLAs-CEDAP, v.3, n.1, 2007. P. 121.

BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian (Orgs.). *A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BLOCH, Marc. *Apologia da história: ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORGES, Jorge Luis. *Ficção*. 3. ed. São Paulo: Globo, 2001.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo, Martins Fontes, 2009.

_____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2008.

BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: UNESP, 2010.

BRANDINI, Laura Taddei Brandini (Org.). *Crônicas e outros escritos de Tarsila do Amaral*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CALVINO, Ítalo. *O Cavaleiro inexistente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas: fantasma de uma geração (1930-1945)*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CAUQUELIN, Anne. *Teorias da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002.

CHIAPPINI, Ligia e BRESCIANI, Maria Stella (Orgs.). *Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002.

CICERO, Antônio; FERRAZ, Eucanaã. *Nova antologia poética: Vinicius de Moraes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CORBIN, Alain (Org.). *História do corpo: da Revolução à Grande Guerra*. Petrópolis: Vozes, 2008.

COUTO, Maria de Fátima Morethy. *Por uma vanguarda nacional: a crítica brasileira em busca de uma identidade artística (1940-1960)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

COUTO, Ronaldo Costa. *História indiscreta da ditadura e da abertura: Brasil 1964-1985*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.

DANTO, Arthur C. *Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história*. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

D'ARAUJO, Maria Celina. *A Era Vargas*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

DAVIS, Natalie Zemon. *O Retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DIEHL, Astor Antônio. *A cultura historiográfica brasileira nos anos 1980: experiências e horizontes*. 2. ed. Passo Fundo: UPE, 2004.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FABRIS, Annateresa (Org.). *Modernidade no Brasil*. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2010.

_____. *Crítica e modernidade*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira (Orgs.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus, 1998.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs). *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente, da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *A arqueologia do Saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade*. São Paulo: Global; Recife: Fundação Freyre, 2006.

FRAIZ, Priscila. *A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema*. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV,CPDOC, vol. 11, número 21, 1998.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. 13. ed. São Paulo Paz e Terra, 2011.

FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. *O mal-estar da cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

FUNARTE/INSTITUTO NACIONAL DE ARTES PLÁSTICAS. *Academismo: projeto arte brasileira*. Rio de Janeiro: FUNARTE/MINISTÉRIO DA CULTURA, 1986.

FUNARTE/INSTITUTO NACIONAL DE ARTES PLÁSTICAS. *Modernismo: projeto arte brasileira*. Rio de Janeiro: FUNARTE/MINISTÉRIO DA CULTURA, 1986.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

_____. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. Companhia das Letras, 1988.

_____. *Freud para historiadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: o coração desvelado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: guerras do prazer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.

_____. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. *Nas Malhas do Feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos pessoais*. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, vol. 11, número 21, 1998.

GOMES, Ângela Maria de Castro [et al.]. *Históriageral da civilização brasileira, o Brasil Republicano: sociedade e política (1930-1964)*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

GOMES, Ângela de Castro Gomes; BISSO, Benito (Orgs.). *Memórias e narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo (Org.). *Arte brasileira no século XX*. São Paulo: ABCA; MAC USP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo; FABRIS, Annateresa (Orgs.). *Os lugares da crítica de arte*. São Paulo: ABCA; Imprensa Oficial do Estado, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LEVI, Giovanni. *A herança material: trajetória de um exorcista no Piemonte no século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Humanitas, 2008.

LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. In: Projeto História 17, São Paulo: PUCSP, p. 90-91, nov. 1998.

LUSTOSA, Isabel (Org.). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

MACIEL, Maria Esther. *As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Natal: Argos, 2001.

MENESES, Diogo de Mello. *Gilberto Freire*. 2. ed. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1991.

MEZAN, Renato. *Sigmund Freud: a conquista do proibido*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1982.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2010.
- MORAIS, Eduardo Jardim de. *Limites do moderno: o pensamento estético de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1999.
- MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio (Orgs.). *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2002.
- MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta, a experiência brasileira: a grande transição*. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- NEVES, Frederico de Castro; SOUZA, Simone de (Orgs.). *Intelectuais*. Fortaleza: Coesões Demócrito Rocha, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: como cheguei a ser o que sou*. São Paulo: Martin Claret, 2000.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP, 1981.
- NOVAES, Adauto (Org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ORTIZ, Renato. *Trajetos e memórias*. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- PALHARES-BURKE, Maria Lúcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.
- PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira [et al.]. *História geral da civilização brasileira, o Brasil Republicano: economia e cultura, 1930-1964*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PRADO, Antonio Arnoni. *Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana de 22 e o Integralismo*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.

_____. *Ruídos do efêmero: história de dentro e de fora*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2010.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; Rolland, Denis (Orgs.). *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

RUOSO, Carolina. *O museu do Ceará e a linguagem poética das coisas (1971-1990)*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secult, 2009.

SANTOS, Derivaldo dos; HOLANDA, Lourival; CABRAL, Valdenides; DUARTE, Zuleide. *Trama de um cego labirinto: ensaios de literatura e sociedade*. João Pessoa: ideia, 2010.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o ofício do escritor*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A arte de conhecer a si mesmo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SÊNECA, Lúcio Anneo. *Aprendendo a viver*. Porto Alegre: P&PM, 2010.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIGMUND, Freud. *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância: o Moisés de Michelangelo*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 2.

_____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 3.

_____. *O futuro de uma ilusão*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

SILVA, José Cláudio da. *Tratos da arte de Pernambuco*. Recife: Governo do Estado, Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, 1984.

SILVEIRA, Joel; MORAES NETO, Geneton. *Hitler-Stalin: o pacto maldito*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos; CAIRO, Luiz Roberto; RAPUCCI, Cleide Antonia (Orgs.). *Intelectuais e imprensa: aspectos de uma complexa relação*. São Paulo: Nankin, 2009.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castello*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia & modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas de 1857 a 1972*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e História Contemporânea do Brasil, 1987.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

VILAS BOAS, Sergio. *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*. São Paulo: UNESP, 2008.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

ANEXO

ARQUIVO JOAQUIM INOJOSA³²⁰

Arquivo – Museu Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro

1. CORRESPONDÊNCIA PESSOAL

ABREU, Modesto de

ACADEMIA Alagoana de Letras

ACADEMIA Amazonense de Letras

ACADEMIA Brasileira de Arte

ACADEMIA Brasileira de Jornalismo

ACADEMIA Brasileira de Letras

ACADEMIA Brasileira de Letras Jurídicas

ACADEMIA Carioca de Letras

ACADEMIA Luso Brasileira de Letras

ACADEMIA Maçônica de Letras

ACADEMIA Municipalista de Letras de Minas Gerais

ACADEMIA Guanabarina de Letras

ACADEMIA Internacional de Letras

ACADEMIA de Letras da Bahia

ACADEMIA de Letras do Estado do Rio de Janeiro

ACADEMIA Paranaense de Letras

ACADEMIA Paraibana de Letras

ACADEMIA Paulista de Letras

ACADEMIA Pernambucana de Letras

ACADEMIA Piracicabana de Letras

ACADEMIA Santista de Letras

ACADEMIA Sergipana de Letras

ACADEMIA Teresopolitana de Letras

³²⁰ A lista reproduz integralmente o documento que é entregue impresso aos pesquisadores.

ACCIOLY, Isalva
ACQUARONE, Orestes
ADONIAS FILHO
AGUIAR, Pinto de
AGUIAR, Wellington de
AIRES, Lula Cardoso
ALBURQUERQUE, Ernesto de
ALBURQUERQUE, Irene de
ALBURQUERQUE, Paulo de Medeiros e
ALENCAR, Vieira de
ALMEIDA, Átila Augusto Freitas de –
ALMEIDA, Guilherme de
ALMEIDA, José Américo de
ALTAVILA, Jaime de
ALVARENGA, Otávio de Melo
ALVARENGA, Oneida
ALVES, Henrique L
ALVORADA (revista)
AMADO, Gilberto
AMADO, Jorge
AMARAL, Araci
AMARAL, Paulo
AMARAL, Tarsila do
AMORA, Antonio Augusto Soares de
ANDRADE, Carlos Drummond de
ANDRADE, Geraldo
ANDRADE, Gilberto Osório de
ANDRADE, Maria Julieta Drummond de
ANDRADE, Teófilo de

ANJOS, Ciro dos
ARANHA, Graça
ARAÚJO, Murilo
ARROIDO, Leonardo
ARRUDA, Marieta
ASFORA, Perminio
ASSEMBLÉIA Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
ASSOCIAÇÃO Brasileira de Imprensa
ATAÍDE, Austregésilo de
ATAÍDE, Belchior M de
ATHANÁZIO, Enéas
ATLANTIS Livros Ltda
AVERBUCH, Lígia
AZEVEDO, Fernando de
AZEVEDO, Jorge
AZEVEDO, Neroaldo Pontes de
AZEVEDO, Sanzio de
AZEVEDO, Tales de
AZEVEDO, Vicente de Paula Vicente de
AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de
BACIU, Stefan –
BAÉZ, Renato
BANDECCHI, Brasil
BANDEIRA, Manuel
BARATA, Hamilton
BARATA, Mário
BARBALHO, Nelson
BARBOSA, Milton
BARBOSA, Rui

BARDI, Pietro Maria
BARRETO, Gilberto Tamiarana de Sá
BARRETO, Guimarães
BARROS, Adhemar de
BARROS, Eudes
BARROS, Rego
BARROS, Gabriel Vandoni de
BARROSO, Antonio Girão
BASTOS, Abguar
BASTOS, Maria Teresa Cristina Dala Riva da Nóbrega
BATISTA, Juarez da Gama
BELTRÃO, Maria
BENCHIMOL, Samuel
BENEVIDES, Artur Eduardo
BENEVIDES, Walter
BERNARDES, Alfredo
BEZERRA, Aloisio
BIBLIOTECA Nacional
BICHARA, Ivan (Ivan Bichara Sobreira)
BLOCK, Adolfo
BOAVENTURA, Maria Eugênia
BONFIM, Paulo
BOPP, Raul
BORGES, Artur de Castro
BOSCOLI, Geysa
BRAGA, Genesino
BRAGA, Serafim Santiago
BRAGANÇA, Pedro de Orleans e, Dom
BRAINER, Cristóvão

BRAINER, Sônia
BRASIL, Assis
BRAVO, Nelson --
BRITO, Consuelo Chermont de
BRITO, Mário da Silva
BULHÕES, Aristeu
CALMOM, João
CALMOM, Pedro
CÂMARA Municipal do Rio de Janeiro
CAMARGO, Laudo de Almeida
CAMELO, Antonio
CAMORIN, Botira
CAMPOFIORITO, Quirino
CAMPOMIZI FILHO
CAMPOS, Eduardo
CAMPOS, Milton
CAPISTRANO, Martins
CARDIM, Elmano
CARLOS, Antonio
CANDELÁRIA, Inocêncio
CARNEIRO, Edgar Ribas
CARNEIRO, Levi
CARNEIRO, Nelson
CARVALHO, Afonso, Coronel
CARVALHO, Milton Ferreira de
CARVALHO, Napoleão de
CARVALHO, Ricardo de
CARVALHO FILHO, Aloisio de
CASCUDO, Luís da Câmara
CASTELO BRANCO, Carlos Heitor

CASTRO, Augusto Francisco de
CASTRO, Carlos Granado Vieira de
CASTRO, Ferreira de
CASTRO, Maria Celeste Paroni
CÁTEDRA Editora
CATUNDA, Márcio
CAVALCANTI, Cláudia
CAVALCANTI, Paulo
CAVALCANTI, Rodolfo
CAVALCANTI, Waldemar
CÉLIA, Maria
CHAGAS, Heloísa –
CHALOUPE SOBRINHO, Jorge João
CHAMILETE, José
CHATEAUBRIAND, Assis
CHAVES, Dagmar
CHAVES, Eliana Ribeiro
CHAVES, Maria Anunciada
COIMBRA, Estácio
CONGILIO, Mariazinha
CONGRESSO Nacionalista do Nordeste
CLUBE de Aeronáutica do Rio de Janeiro
CONRADO, Benoni
CONSELHO Estadual de Cultura do Ceará
CONSELHO Federal de Cultura
CORDEIRO, Leite
CORREA, Jonas
CORREA, Oscar
CORREA, Nereu
CORREA, Rossini

COSTA, Austro
COSTA, Josefa Guedes
COSTA JUNIOR, Olímpio
COUTINHO, Afrânio
COUTINHO, Alfredo Morais (Morais Coutinho)
COUTINHO, Sônia
CRESPO
CRUZ, Manoel Martins
CUNHA, Fernando Whitaker da
CUNHA, Haroldo Lisboa da
CUNHA, Ovídio
DANTAS, Arruda
DANTAS, Leonardo
DANTAS, Olavo
DELGADO, Luís
DIÁRIO de Pernambuco
DIAS, Cícero
DIAS, Milton
DI CAVALCANTI, Emiliano
DINIZ, Valetim Ferreira
DONATO, Ernani --
DOURADO, Kori Carrasco
DOYLE, Plínio
DRUMMOND, José Eduardo Pizarro
EDIFÍCIO Thedim Costa
ELISON, Fred
EMPRESA de Publicações Técnicas AS
ENCICLOPÉDIA Britânica do Brasil
ENCICLOPÉDIA Russa
ESSENFELDER, Ester

EULÁLIO, Alexandre
FALCÃO, Américo
FARIA, Albair de Carvalho
FARIA, Álvaro
FAVILA, Hildeth
FEDERAÇÃO Israelita do Rio de Janeiro
FERNANDES, Nabor
FERNANDES, Wilson do Vale
FERREIRA, Ascenso
FERREIRA, Jurandir
FERREIRA, Rocha
FERREIRA, Tito Lívio
FIALHO, Sílvio de Abreu
FIGUEIREDO, Guilherme
FIGUEIREDO, João
FIGUEIREDO, Maximiano
FILGUEIRAS, Salomão
FONSECA, Edson Neri da
FONSECA, Herculano Borfes da
FONSECA, João Justiniano da
FONTES, Hermes
FONTES, Murilo Cardoso
FONTOURA, João Neves da
FRANCISCO, João
FRANCO, Afonso Arinos de Melo
FRANCO, Georgenor
FRANCO, Nilo
FRANCO, Tito
FRAGA, Clementino –
FRAGA, Miriam

FRALETTI, Paulo
FREIRE, Carlos
FREIRE, Gilberto
FUNDAÇÃO Casa José Américo
FUNDAÇÃO Getúlio Vargas
FUNDAÇÃO Joaquim Nabuco
FULGÊNCIO, Pedro
FURTADO, Aquino
GADELHA, Marcondes
GAIOSO, Armando
GALOTI, Luís
GALVÃO, Anísio
GEORGES, Georges
O GLOBO
GESZTI, Klara
GOES, Fernando
GOMES, Carlos
GOMES, Danilo
GOMES, Osias
GOUVEA, Fernando Cruz
GOVERNO do Estado do Pará
GRÁFICA Olímpica Editora Ltda
GUERRA, Flávio
GUIMARÃES, João Marques
GUIMARÃES, Oswaldo Queiroz
GUIMARÃES, Vicente
GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de
GUIMARÃES SOBRINHO, S
GUSMÃO, Clóvis
HILEIA Amazônica

HESSEL, Lothar
HOMEM, Homero
IMPOSTO Sindical
IMPERIAL Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro
INSTITUTO Cultural do Vale Cariense
INSTITUTO dos Advogados Brasileiros --
INSTITUTO dos Centenários
INSTITUTO Histórico Geográfico Brasileiro
INSTITUTO Histórico e Geográfico de Minas Gerais
INSTITUTO Histórico e Geográfico de São Paulo
INSTITUTO Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte
INSTITUTO Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
IVO, Ledo
JACQUES, Paulino
JOCKEY Clube Brasileiro
JOFFILY, José
JORNAL do Comércio
JOSEF, Bela
JULIO, Sílvio
JURANDIR, Dalcídio
JUREMA, Abelardo
JUREMA, Aderbal
KELLI, Celso
KOSOVSKI, Ester
KUBITSCHEK, Juscelino
LACERDA, Carlos
LACOMBE, Américo
LAFER, Horácio
LAGRECA, Francisco
LAITANO, Dante de

LARA, Cecília de
LEITE, Ascendino
LEITE, Edgar Teixeira
LEITE FILHO, Aleixo
LEONARDOS, Stella
LEONARDOS, Tomas
LICEU Literário Português
LIDMILOVA, Paula
LIMA, Alceu Amoroso
LIMA, Aloisio Pereira
LIMA, Augusto Saboia
LIMA, Carlos de Araújo
LIMA, Fernando José de Andrade –
LIMA, Francisco Negrão de
LIMA, Hermes
LIMA, Maria Rosa Moreira
LIMA, Margarida Mateus de
LIMA, Vera Moreira
LIMA, Raul
LINHARES, José
LINHARES, Temístocles
LINS, Ivan
LIRA, José Pereira
LIRA, Júlio
LIRA, Roberto
LIRA FILHO, João
LISBOA, Henriqueta
LIVRARIA Agir
LOPES, Carlos
LOPES, Fúlvia de Carvalho

LOPES, Israel
LOPES, Mercedes Maria Moreira
LOPES, Tele Porto Ancona
LOPES, Waldemar
LUCAS, Fábio
LÚCIA, Regina
LUZ, Carlos
MACHADO, Hugo da Cunha
MMACHADO, Rui
MACIEL, João Fernando
MACIEL, Marco
MAGALHÃES, Agamenon
MAGALHÃES, Aloisio
MAGESSI, Augusto
MAIA, Antonio
MAIA, Pedro Anísio
MAIA, Sabiniano
MAIOR, Mário Souto
MALATO, João
MAMEDE, Zilá
MAMEDE JÚNIOR, Otávio
MARACANA (Revista) –
MARANHÃO, Heloísa
MARDELO, Vicente
MARIALVA, Luis de
MARIANO, Olegário
MARINHEIRO, Elizabeth
MARINHO, Artur
MARINHO, Roberto
MAROJA, Odilon

MARONE, Sílvio
MARQUES, Rúbia
MARQUES, Rebelo
MARTINS, Eduardo
MARTINS, Fran
MARTINS, Neide
MARTINS, Wilson
MATOS, Odilon Nogueira de
MAURICÉIA (Revista)
MEIRA, Sílvio
MELO, Antonio da Silva
MELO, Cláudio
MELO, João Alves de
MELO, José Otávio de A
MELO, Jurandir José de
MELO, Manoel Caetano Bandeira de
MELO, Melilo Moreira de
MELO, Veríssimo de
MELO NETO, João Cabral de
MENDES, Oscar
MENEGALI, Eli
MENEZES, Bruno de
MENEZES, Maria de Belém
MENEZES, Raimundo de
MESQUISTA, Alfredo
MEYER, Paulo Duque Estrada
MICHAELE, Faris Antonio
MILIET, Sérgio
MIRANDA, Emigdio de
MIRANDA, Floresta de

MIRANDA, Jorge Angelo de
MIRANDA, Pontes de --
MONIZ, Heitor
MOOG, Viana
MORAIS, Rubens Borba de
MONTELO, Josué
MONTE-MOR, Janice
MORAIS, Benjamin
MORAIS, Vinícius de
MORAIS FILHO, Evaristo de
MORAIS NETO, Prudente de
MOREIRA, Virgílio Moretzohn
MOREIRA, Vivaldi
MOSCOSO, Silvia
MOTA, Mauro
MOTA, Orlando
MOTA FILHO, Cândido
MUZART, Zahidé Lupinacci
A NAÇÃO (jornal)
NASCIMENTO, Bibi
NASCIMENTO, Luís
NAVA, Pedro
NEJAR, Carlos
NERY, Lincon
NERY, Ismael
NESTOR, Odilon
NEVES, Levi
NEVES SOBRINHO, Farias
NEVES, Tancredo
NEVES, Tarcísio

NISKIER, Arnaldo
NOBREGA, Humberto de Melo
NOBREGA, Nísia
NOSSA REVISTA
NOSSA TERRA...OUTRAS TERRAS
NUNES, Cassiano
NUNES, Danilo
NUNES, Raimundo
OLIVEIRA, Aldina de Araújo --
OLIVEIRA, Severino Perylo
OLIVEIRA, Manoel Caetano de
OLIVEIRA, Waldemar de
ORICO, Oswaldo
OSCAR, João
OTÁVIO FILHO, Rodrigo
PACHECO, Álvaro
PADILHA, Moacyr
PALMA, J C de M Perianes
PANICHI, Edina
PARAHIM, Orlando
PASSOS, Carlos Alberto
PASSOS, Claribalte
PATRIOTA, Nilson
PEDROSA, Alves
PEN Clube do Brasil
PEREGRINO JUNIOR, João
PEREIRA, Aloísio
PEREIRA, Maura Sena
PEREIRA, Nilo
PESSOA, Epitácio

PETROVICH, Enélio Lima
PICCHIA, Menotti Del
PILLA, Raul
PIMENTA, Joaquim
PINHEIRO, Alves
PIÑON, Nélide
PINTO, Edite Pimentel
PINTO, José Alcides
PINTO, Sérgio de Castro
PIO, Azevedo
PIO, Fernando
PIRES, Mário
PIRES, Vitória Maria
PONZI, Mônica Maria Alfio
PORTELA, Eduardo
PORTELA, Roberto
PORTO, Passos –
POZZOLI, Marilita
PRESTES, Júlio
QUEIROZ, Diná Silveira de
QUEIROZ, Jovina Valente Pessoa de
QUEIROZ, Maria José de
QUEIROZ, Raquel de
QUINTAS, Amaro
RAMALHETE, Clóvis
RAMOS, Carlos de Oliveira
RAMOS, Ribeiro
RAMOS FILHO, Hugo
RAPOSO, Galvão
REGO, Clóvis Morais

REIS, Alcino Alves do
REIS, Artur César Ferreira
REIS, Maria de Lourdes
RENASCENÇA, A (Revista)
RENAULT, Abgar
RENOVAÇÃO (Revista)
RESENDE, Enrique de
RESENDE, Oto Lara
REVISTA Continente Editorial LTDA
RIBEIRO, Campos de
RICARDO, Cassiano
RIEDEL, Diaulas
RIVAS, Leda
RIVAS, Pierre
ROCHA, Cândido Mariano da
ROCHA, Leudar de Assis
RODRIGUES, Cláudio José Lopes
RODRIGUES, José Honório
RODRIGUES, Laélia
RONSI, Paulo
ROSA, Vilma Guimarães
ROSADO, Júlio
ROTARY CLUBE --
SÁ, Luís
SABADOYLE
SACCONI, Artur Eugênio
SAEZ, B Sanchez
SALDANHA, Nelson
SALES, David
SALES, Eugênio de Araújo, Dom

SALES, Herberto
SANTA Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro
SANTIAGO, Oswaldo
SANTOS, Durvalina
SANTOS, Francelino Pereira dos
SANTOS, Sueli dos
SANTOS, Teófilo de Azevedo
SANTOS FILHO, Licurgo de Castro
SARAIVA, Gumercindo
SANRENTO, Evandro
SARNEI, José
SATIRO, Ernani
SCALZO, Nilo
SEMANA de Arte Moderna
SEREJO, Hélio
SETE, Mário
SETUBAL, Laerte
SIGAUD, Mário Gomide
SILVA, Ari Cassiano
SILVA, Demócrito de Castro e
SILVA, Domingos Carvalho da
SILVA, Hélio
SILVA, Leonardo Dantas
SILVA, Luís Antonio Gama e
SILVA, Maximiano de Carvalho e
SILVA, Roberto
SILVEIRA, Donísio
SILVEIRA, Enio
SILVESTRE, J
SINDICATO dos Escritores --

SIQUEIRA, Nóbrega de
SIQUEIRA, Walter
SIQUEIRA NETO, Henrique
SOARES, Álvaro Teixeira
SODRÉ, Nelson Werneck
SOTO, Luís Emílio
SOUZA, Angela Leite de
SOUZA, Saul Mariano de
STACCHINI, José
SUASSUANA, Ariano
TABORDA, Vasco José
TAHAN, Malba (Júlio César de Melo e Sousa)
TAVARES, Aldemar
TAVARES, Aurélio de Lira
TAVARES, Hekel
TAVORA, Juarez
TECELAGEM de Seda e Algodão de Pernambuco
TEIXEIRA, Maria de Lourdes
TELES, Gilberto Mendonça
TELES, Lígia Fagundes
TITO FILHO, José de Arimatéia
TORRES, Maria C T Mendes
TORRES, Moisés Augusto
TORRES, Paulo
TOVAR, J Vicente
TRAVASSOS, Nelson de Palma
TRIGUEIRO, Oswaldo
TRINDADE, Boris
TUPINAMBÁ, Pedro
UNIÃO Brasileira de Escritores

UNIVERSIDADE Federal de Ouro Preto
UNIVERSIDADE Federal do Rio Grande do Norte
VALADÃO, Haroldo Teixeira
VALDEMAR, Antonio
VALE, Oswaldo de Sousa
VALVERDE, Zélio --
VAREJÃO FILHO, Lucilo
VASCONCELOS, Valdemar de
VERGUEIRO, Maria Helena
VERÍSSIMO, Inácio José
VIANA FILHO, Luís
VIEIRA, Agenor
VIEIRA, Geraldo de Sousa
VILAÇA, Antonio Carlos
VILAÇA, Marcos Vinícios
VILA-LOBOS, Heitor
VITOR, E d'Almeida
WAMBERTO, José
WANDERLEY, Nelson Freire Lavenère
WANKE, Eno Teodoro
WENGEL, Adele Elze
ZANINI, Walter
ZARUR, Alziro
ZARUR, Dahas C
ZIRALDO

2. CORRESPONDÊNCIA FAMILIAR

ANDRADE, Manoel Onofre de
INOJOSA, Aloisio
INOJOSA, Assis
INOJOSA, Consuelo
INOJOSA, Cristina
INOJOSA, Diógena
INOJOSA, Evaldo
INOJOSA, Gina
INOJOSA, João
INOJOSA, Lourdes
INOJOSA, Maria Do Carmo
INOJOSA, Ninfa
INOJOSA, Ricardo

3. CARTÕES DE NATAL

SCHONEWEG, Dora
SHONEWEG, Luci
HENZEL, Adele

4. CADERNOS DE NOTA – Caixa 1:

Bloco de notas 1 e 2 – 1928 a 1930
Caderno de notas – 1928
Cadernos com poemas
Cadernos Tropicais – em branco
Cartas copiadas e estudos de gramática – 1920
Curriculum Vitae – 1967
Dados Biográficos

Diário – 1928 a 1984

Episódio: a fórmula mineira – 1958

Frases aplicadas (estudos de gramática) – 1921

Livro Íntimo III – 1925

Modernismo em São Paulo – 1922

5. CADERNOS DE NOTAS – Caixa 2:

Cadernos de notas 1 e 2 – anotações

Cadernos de notas 1 a 4 – artigos

Cadernos de notas – notas avulsas

Cadernos de notas – o modernismo no nordeste, Gilberto Freire, e Luís Pinto, o ensaísta – 1969

Crônicas e artigos – 1971

Epopéia de Princesa

Estudos de leis sobre os mares

Futurismo

Gilberto Freire 1 e 2

Há quarenta anos José Pereira desafiava João Pessoa

Modernismo 1 e 2 – pesquisas

Notas diversas de artigos – 1971

RN 1 e 2

60 anos de jornalismo 1 e 2

6. CADERNOS DE NOTAS – caixa 3

Cadernos de notas – 1972

Cadernos auxiliar, modernismo - 1972

Discurso na Sociedade Amigos de São Paulo pra Menotti Del Picchia – 1972

Conferência “Visão geral do modernismo brasileiro” na Academia Pernambucana de Letras, 1 e 2 – 1972

Artigos – 1971 a 193

Artigos e Conferências – 1971 a 1972

Carta aberta a Menotti Del Picchia – 1973

Artigos – 1973

Notas diversas de artigos – 1973

Notas avulsas – 1973

Discurso para Luís Ivani de Amorim Araújo, na Academia Luso-Brasileira de Letras – 1974

Conferência “Duas revoluções nacionalistas 1922-1964”, na Sociedade Brasileira de Direito Aeroespacial, 1 e 2 - 1974

Discurso de agradecimento como Cidadão do Estado da Guanabara – 1975

Artigos – 1975

Discurso para Theóphilo de Andrade na Academia Carioca de Letras – 1979

Discurso na Academia Carioca de Letras

7. CADERNOS DE NOTAS – Caixa 4:

Discurso para Gilberto Mendonça Teles, na Academia Carioca de Letras – 1981

Discurso como sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais – 1981

Relação de livros – 1982

Conferência “Duas faces do movimento modernista” – 1982

A marcha nordestina do modernismo para o RN – 1984

Conferência “Alceu, o crítico do modernismo”, 1 a 5 – 1984

Conferência para o Instituto dos Centenários “Getúlio Vargas e o Brasil novo de 1930”, 1 e 2 – 1983

Conferência “A epopéia sertaneja de 1930 – Princesa – Paraíba”, 1 e 2 – 1981

Conferência “A Sociedade a época de Lobato” – 1982

Conferência para o conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro “O modernismo no Rio de Janeiro” – 1982

8. PRODUÇÃO INTELECTUAL DE TERCEIROS

CARVALHO, Ildefonso Silveira de. Discurso na Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, 1983.

CIPRIANO, Gladys. Entrevista.

COSTA, Austro. Poemas impossíveis e hino de Princesa (partitura)

FORTUNA, Crítica sobre Tentames.

GRIECO, Agripino e SILVEIRA, Paulo. Artigos.

JORNAL do Commercio.

INOJOSA, Gina. Poesia menina.

INOJOSA, Ricardo. Cobra Grande: causos da Amazônia.

MARCOS, Ivo. Martins Fontes: também modernista? (JI julgador do concurso)

MEIRA, Sílvio. Saudação a Joaquim Inosoja no Conselho Estadual de Cultura do Pará.

MELLO, Jurandyr José de (Jura)

MENEZES, Bruno de

MORAIS NETO, Prudente de. A arte moderna

NÓBREGA, Nísia

9. DOCUMENTOS PESSOAIS

Caixa 1 – Agendas Pessoais

Caixa 2 – Cadernetas

Caixa 3 – Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira (Juiz de Fora), Imposto de Renda, Documentos de Família, Meio dia (jornal), A Nação (jornal), Recibos e exames médicos, Diários Associados – Condomínio, Imposto sindical.

10. DIVERSOS

Contabilidade

Currículos diversos

Dedicatórias (fotocópias)

Pinturas de Diogenes Inojosa (irmã de JI)

11. PRODUÇÃO DA IMPRENSA

Conferência para a Faculdade De Filosofia de Sobral – CE “A semana de arte moderna e o modernismo” – 1982

Conferência para a Academia Paulista de Letras “Itinerário nacional do modernismo” – 1982

Conferência para a Academia de Letras “ O modernismo no Brasil” – 1982

Conferência de Belo Horizonte “Gilberto Amado – cidadão do mundo” – 1983

A arte moderna – 60 anos

DIÁRIO ÍNTIMO – De 1917 a 1973. Caixa 1 com 11 cadernos e Caixa 2 com 13 cadernos, mais 2 cadernos universitários grandes.

REPÚBLICA DE PRINCESA – originais datilografados

ORDEM DOS VELHOS JORNALISTAS, SABADOYLE E DISCURSOS – originais

CONFERÊNCIAS: A semana de arte moderna e o modernismo, sobre Tito Franco de Almeida, O regionalismo na literatura brasileira e Duas fases do modernismo brasileiro.

ARTIGOS DE JORNAIS: 1940 e 1942

PI – CAIXA 1: Ensaio Modernismo e modernistas, Entrevistas a UFPB 1982, Entrevista por Moacir Vaz De Almeida, Palestra sobre Monteiro Lobato 1982, Prefácio 50 anos do manifesto modernista e Verbete para Enciclopédia soviética sobre a literatura brasileira.

PI – CAIXA 2:

PI – CAIXA 3: Amores e infortúnios de Camões, Os Andradas e outros aspectos do modernismo, A arte moderna, Le Bombardement Aerien, Cinema brasileira nos anos 20, Daqui parti de cabelos loiros e volto de cabelos brancos, Um jornalista de problemas brasileiros, Modernismo e ação – Mário de Andrade, O modernismo em Juiz de Fora, Professor Jotaí, O regionalismo em Pernambuco, Santos Dumont, 60 anos da semana de arte moderna, Versos curtos de PIM sobre textos.

Caixa 2 –

Caixa 3 –

Caixa 4 –

Caixa 5 –

Recortes com data inicial de 18 de outubro de 1916

Recortes de A Nação, Meio dia e outros jornais

Os Andradas

12. IMPRESSOS

Caixa 1

Caixa 2

13. DOCUMENTOS ESPECIAIS DE ARQUIVO

Fitas sonoras

Filmes

14. NOTAS DE PD SOBRE O ARQUIVO DE JI:

Nos bastidores do Catete – governo Dutra. Livro que pretendia publicar conforme a carta a Valetim Ferreira Diniz de 24/3/83.

Coleção *José*, em carta a Girão Barroso de 29/7/82, pedindo para completar a minha coleção, onde faltam os nº 9 e 15.

Sabadoye e PD, em carta de Fernando Pio de 13/7/83.